



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ANA ELISABETH SOUZA DA ROCHA CARVALHO

**A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO PARA O ENVELHECIMENTO SAUDÁVEL
EM IDOSOS LONGEVOS**

Recife
2016

ANA ELISABETH SOUZA DA ROCHA CARVALHO

**A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO PARA O ENVELHECIMENTO SAUDÁVEL EM
IDOSOS LONGEVOS**

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação do Centro da Educação da Universidade Federal de Pernambuco, como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título de doutora em Educação.

Linha de Pesquisa: Teoria e História da Educação.

Orientador: Prof. Dr. José Luís Simões.

Coorientador: Prof. PhD. Edilson Fernandes de Souza.

Recife

2016

Catálogo na fonte
Bibliotecária Andréia Alcântara, CRB-4/1460

C331i Carvalho, Ana Elisabeth Souza da Rocha.
A importância da educação para o envelhecimento saudável em idosos longevos / Ana Elisabeth Souza da Rocha Carvalho. – 2016.
254 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: José Luís Simões.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CE.
Programa de Pós-graduação em Educação, 2016.
Inclui Referências, Apêndices e Anexos.

1. Idosos - Educação. 2. Envelhecimento. 3. Universidade Aberta à Terceira Idade. 4. UFPE - Pós-graduação. I. Simões, José Luís. II. Título.

371.8246 CDD (23. ed.) UFPE (CE2017-33)

ANA ELISABETH SOUZA DA ROCHA CARVALHO

**A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO PARA O ENVELHECIMENTO SAUDÁVEL
EM IDOSOS LONGEVOS**

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação do Centro da Educação da Universidade Federal de Pernambuco, como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título de doutora em Educação.

Aprovada em: 12/12/2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Luiz Simões (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edilson Fernandes de Souza (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Olivia Morais de Medeiros Neta (Examinador Externo)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Henrique Gerson Kohl (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Bruno Rodrigo da Silva Lippo (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

Ao meu grande amigo, pelo seu habitual e incondicional apoio dado a todos os momentos da minha formação e da minha vida. Meu grande incentivador, e companheiro dos sonhos, das conquistas e dos meus ideais. Em tempo algum, duvidou da minha capacidade ou deixou de acreditar na minha pessoa, nunca deixou me abater nas desventuras da vida, encorajava-me sempre a seguir adiante. Homem simples, de coração grandioso, originário de uma família de dezoito irmãos e que pelo seu esforço conquistou seu espaço no mundo, recebeu premiações de desempenho profissional e galgou as mais diversas posições de destaque. Entretanto, nunca valorizou as coisas materiais ou deixou a sua simplicidade, a alegria de viver, o amor à família e ao próximo, em especial ao sofrimento alheio e a correção das imperfeições anatômicas, com o que fez de seu trabalho de médico um sacerdócio. Um dos seus muitos exemplos de dedicação à família, o qual não posso esquecer, foi quando, ao passar no vestibular de medicina, eu e meu irmão, na Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco (FESP) a atual Universidade de Pernambuco (UPE), ele exaltava de felicidade com essa vitória. Contudo, na época se pagava o curso da FESP e seu valor era considerável, por não dispor desse montante, foi dar plantão no seu único dia de folga o domingo e assim, pode custear nosso estudo. É importante referir que jamais teceu qualquer comentário ou referência sobre tal fato. Exemplo de integridade, de honradez, de competência, de dedicação, de saber viver inclusive a sua velhice saudável, era admirado e querido por todos com quem convivia. Possuidor de uma alegria contagiante, um apaixonado pela vida como jamais conheci alguém, não se cansava de dizer que: ãa vida é boaö e assim continuava sempre feliz vivendo, amando o mundo, a natureza e a vida. Esse homem que todos gostariam de conhecê-lo foi o meu pai, a quem com muito orgulho dedico este trabalho.

Aos meus avós maternos e padrinhos [*in memoriam*], o meu Papaiá e a vovó Judith, que tive o privilégio de usufruir deste aconchego, das reuniões de famílias nos finais de semana e nas férias onde me adotavam como filha. Convivência maravilhosa, histórias e ensinamentos prodigiosos a minha segunda escola de vida.

Enfim,

Obrigada por vocês fazerem parte da minha história de vida!

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa simboliza a realização de um sonho que foi postergado pelas contingências da vida e que agora está sendo concretizado. Reflete uma trajetória de crescimento pessoal ilimitado. Sucessivas lições foram apreendidas, diversas amizades conquistadas, brilhantes momentos vividos e muitos conhecimentos sedimentados nesses quatro anos de estudo. Condições que não seriam possíveis de acontecer sem o envolvimento e colaboração de muitas pessoas amigas. Assim, deixo registrado meu agradecimento a todos que, de alguma forma, foram sobremodo significantes para realização desse trabalho.

Agradeço primeiramente a DEUS o grande criador do universo que é o orientador do meu caminhar e o sustentáculo da minha existência;

A meu marido amigo e companheiro de todos os momentos agradeço o apoio, carinho, paciência e compreensão, essenciais para que eu pudesse estudar e conseguir chegar até aqui. Em especial ao seu respeito por minhas opções que tem sido de fundamental importância nesses 44 anos de casados;

Aos meus filhos: Rodrigo, Juliana e Leonardo que me estimulam a crescer, são incentivos do meu viver e a razão maior do meu caminhar;

Aos netos, meus grandes amores, cada um com sua característica especial vêm dando sentido à minha vida;

Às minhas queridas idosas, por terem confiado o mais profundo dos sentimentos vividos pelo seu ser (suas histórias de vida). Narrativas fundamentais de uma lembrança, de uma vivência, de um momento, de uma vida, sem as quais não seria possível a realização deste estudo. Afirmo que com elas muito aprendi sobre o envelhecimento humano. Foram as flores nascida no meu caminhar, hoje se encontram consolidadas nas minhas lembranças e fazem parte da minha vida;

À Universidade Federal de Pernambuco pela oportunidade que concedeu em poder dar continuidade na minha formação profissional;

Ao corpo docente, coordenação, alunos e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco;

Ao Professor Doutor José Luís Simões pelos ensinamentos, colaboração e empenho em orientar-me a tornar realidade esse trabalho;

Ao Professor Pós-Doutor Edilson Fernandes de Souza que sempre esteve presente colaborando desde o embrião desse projeto, e continuou com suas valiosas contribuições e ensinamentos;

À Professora Doutora Olivia Morais de Medeiros Neta educadora reconhecida na área de História, com ênfase na História da Educação que aceitou contribuir para a avaliação desta tese;

Ao Professor Doutor Henrique Gerson Kohl pelas contribuições, ensinamentos, e por sempre estar disponível a colaborar, assim como por aceitar contribuir para a avaliação desta tese;

Ao Professor Doutor Bruno Rodrigo da Silva Lippo pelas contribuições, ensinamentos, e por sempre estar disponível a colaborar, assim como por aceitar contribuir para a avaliação desta tese;

Aos membros suplentes da banca examinadora, a Professora Doutora Márcia Carrera Campos Leal e o Professor Vilde Gomes Menezes pelo aceite em contribuir para o processo avaliativo desta pesquisa;

Aos Professores (as) José Luís Simões, Edilson Fernandes de Souza, Márcia Carrera Campos Leal e Henrique Gerson Kohl que participaram da banca de qualificação deste projeto de tese pelas valiosas contribuições e ensinamentos;

À Pró-Reitoria de Extensão da UFPE pelo seu apoio que vem dando ao Programa do Idoso em especial a Universidade Aberta da Terceira Idade que possibilitou a execução desta pesquisa;

Aos docentes, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco pelos seus valiosos ensinamentos que contribuíram para execução desta pesquisa. Particularmente: Adriana Maria Paulo da Silva, Alfredo Macedo Gomes, Edilson Fernandes de Souza, Ferdinand Röhr, Flávio Henrique Albert Brayner, José Luís Simões e Rosângela Tenório de Carvalho.

Aos funcionários do PPGE, que me atenderam sempre com boa vontade e dispostos a colaborar:

À Coordenadora do Programa do Idoso (PROIDOSO) da Universidade Federal de Pernambuco, na pessoa da Professora Doutora Ana Paula de Oliveira Marques, que responde pela Universidade Aberta à Terceira Idade e consentiu com a realização da coleta de dados desta pesquisa;

Aos professores, funcionários e idosos do Programa do Idoso (PROIDOSO), da Universidade Aberta da Terceira Idade (UNATI) da Universidade Federal de Pernambuco pela colaboração, atendimento prestado e cordialidade;

Aos colegas do Núcleo de Teoria e História da Educação, orientados pelo Prof. Dr. José Luís Simões, que leram o texto original, pelas suas sugestões e contribuições;

Aos docentes, discentes e funcionários do Departamento de Educação Física UFPE pelo apoio, incentivo e compreensão durante o desenvolvimento desse estudo;

Ao Professor Doutor Bruno Rodrigo da Silva Lippo pela fundamental contribuição, amizade, apoio e incentivo. Colaborando sempre nas atualizações desta temática e em todos os momentos da pesquisa;

Ao Professor Doutor Vilde Gomes de Menezes, pela amizade, apoio, incentivo e empenho em ajudar-me nesse caminhar;

Ao Professor Doutor Ricardo Ferreira das Neves, pelas contribuições e apoio para melhoria desta pesquisa. Em especial, a sua serenidade que me transmitia tranquilidade fazendo com que este trabalho fosse mais suave e agradável;

Aos Professores Márcio Cabral e Gilson Reis, pela cautelosa revisão das normas da língua portuguesa;

À Bibliotecária, Sandra Maria Neri Santiago, pelo excelente trabalho de revisão das normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas desta pesquisa;

Aos funcionários do Núcleo de Educação Física da UFPE pelo estímulo, apoio e colaboração em especial aos amigos Professor Doutor Márcio Eustáquio Lopes Cavalcante [*in memoriam*] e ao Mestre Laudielcio Ferreira Maciel da Silva.

Experimentamos nesse momento emoções contraditórias, a tristeza da despedida e da separação com a alegria dos novos encontros e o nascimento dos amigos que ingressaram. A todos vocês amigos do doutorado, pelos bons momentos de convivência, dos incentivos e apoios nessa jornada, em especial à Zélia, Fernanda, Magna, Enivalda, Jacinto, Nildo e João Zirpolli pelos quais tenho profunda admiração e reconhecimento;

Aos autores referenciados que, pelos seus textos publicados, muito contribuíram para essa tese.

A cada um de vocês, que sempre os terei no coração e de todos lembrarei.

Meu muito obrigado!



Auguste Renoir 1910

Com o passar dos anos, as árvores tornam-se mais fortes e os rios, mais largos. De igual modo, com a idade, os seres humanos adquirem uma profundidade e amplitude incomensurável de experiência e sabedoria. É por isso que os idosos deveriam ser não só respeitados e reverenciados, mas também utilizados como o rico recurso que constituem para a sociedade (ANNAN, 2002, p. 1).

RESUMO

A população idosa, na atualidade, é o segmento que mais cresce e a perspectiva para o Brasil é de ser um dos seis países com maior população de idosos no mundo em 2025. O envelhecimento populacional, uma das maiores conquistas da humanidade, vem causando sérias preocupações aos dirigentes governamentais e à sociedade de um modo geral. Sabe-se que a educação favorece e possibilita ao homem os meios para desenvolver suas potencialidades, ampliar conhecimentos e promover melhor direcionamento à vida. Fatores estes que podem auxiliar o idoso na solução desta situação. Assim sendo, o presente estudo teve como objetivo investigar a influência da educação no processo do envelhecimento saudável em idosos longevos. A investigação foi iniciada estudando-se 15 idosas de oitenta anos e mais, que participavam da Universidade Aberta da Terceira Idade na Universidade Federal de Pernambuco e que apresentavam envelhecimento saudável. O questionamento que norteou esta tese foi: qual a influência da educação para o envelhecimento saudável em idosos longevos. A metodologia utilizada para esta investigação foi a da abordagem qualitativa, visando a estudar a relação entre educação e processo do envelhecimento saudável, buscando aproximá-los dos fenômenos da vida cotidiana para se ter um conhecimento mais aprofundado dos mesmos. Para o seu desenvolvimento foi lançado mão da História Oral, na qual se utilizou como técnica de pesquisa a entrevista semiestruturada no contexto da história de vida dos idosos longevos que apresentavam um envelhecimento bem-sucedido. Algumas considerações, a título de conclusões, apontam que a educação recebida pelas idosas constituiu-se, principalmente da educação informal, apesar da educação não formal e formal terem contribuído no favorecimento da construção dos seus conhecimentos. Ainda se verificou que a formação educacional das entrevistadas beneficiou suas vidas e seus envelhecimentos. Por fim, a importância da educação para o envelhecimento de idosos longevos, mostrou-se de forma relevante nesse estudo.

Palavras-chave: Envelhecimento saudável. Educação para o envelhecimento. Histórias de vida de idosos. Educação e envelhecimento.

ABSTRACT

The elderly population is currently experiencing strong growth in the world and it is estimated that Brazil will be one of the six countries with the largest population of elderly people by 2025. Population aging, one of the greatest achievements of mankind, has been causing serious concern to government leaders and society in general. It is known that education promotes and enables man the means to develop his potential, expand knowledge and provide direction to life. These factors may help the elderly in solving this situation. Therefore, the present study aimed to investigate the influence of education on the process of healthy aging in long-lived elderly. The research began by studying 15 elderly women aged eighty years and over, who attended the Open University of the Third Age at the Federal University of Pernambuco and had healthy aging. The question that guided this thesis was: the influence of education for healthy aging in long-lived elderly. The methodology used for this research was the qualitative approach, aiming to study the relationship between education and the process of healthy aging, seeking to bring them closer to the phenomena of everyday life in order to have a more in-depth knowledge of them. For its development has been made use of Oral History, which used the semi-structured interview as a research technique in the context of life history of the long-lived elderly who had a successful aging. Some considerations by way of conclusions, indicate that the education received by the elderly consisted mainly of informal education, despite the non-formal and formal education which had contributed to the development of their knowledge. It has also been found that the educational background of the interviewees has brought benefits to their lives and their aging. Finally, the importance of education for the aging of long-lived elderly has been relevant in this study.

Keywords: Healthy aging. Education aging. Life stories of elderly. Education and aging.

RESUMEN

La población anciana es el segmento que más crece hoy. La perspectiva para el Brasil es de ser uno de los seis países del mundo con mayor cantidad de ancianos hasta 2025. El envejecimiento poblacional-una de las más grandes conquistas de la humanidad-viene causando serias preocupaciones a los dirigentes gubernamentales y a la sociedad de modo general. Se sabe que la educación favorece y posibilita al hombre los medios para desarrollar sus potencialidades, ampliar conocimientos y promover mejor direccionamiento a la vida. Son factores que pueden ayudar al anciano en la solución de esta situación. Siendo así, El estudio presente tuvo como objetivo investigar la influencia de la educación en el proceso del envejecimiento saludable en ancianos longevos. De ese modo, la investigación fue iniciada con el estudio de 15 mujeres a partir de los ochenta años que participaban de la Universidad Abierta de la Tercera Edad, en la Universidad Federal de Pernambuco, y que tenían envejecimiento saludable. Así, el cuestionamiento que direccionó esta tesis fue: ¿cuál es la influencia de la educación en el envejecimiento saludable en ancianos longevos? La metodología utilizada para esta investigación fue la de la bordaje cualitativa, que pretendió estudiar la relación entre la educación y el proceso del envejecimiento saludable, buscando acercarse a los fenómenos de la vida cotidiana para que se tenga un conocimiento más profundizado de los mismos. Para su desarrollo fue basada en la Historia Oral, en la cual se utilizó como técnica de búsqueda la entrevista semiestructurada en la contextualización de la historia de vida de los ancianos longevos que presentaban un envejecimiento saludable. Algunas consideraciones, a título de conclusiones, muestran que la educación adquirida por las ancianas se constituyó principalmente de la educación informal, a pesar de que la educación no formal y formal contribuyeron para el favorecimiento de la construcción de sus conocimientos. Todavía, se ha verificado que la formación educacional de las mismas ha beneficiado sus vidas y sus envejecimientos. Por fin, la importancia de la educación para el envejecimiento de ancianos longevos se mostró de manera significativa en este estudio.

Palabras-clave: Envejecimiento saludable. Educación para el envejecimiento. Historias de la vida de ancianos. Educación y envejecimiento.

RÉSUMÉ

La population âgée est aujourd'hui en forte croissance au monde et il est estimé que le Brésil sera l'un des six pays avec la plus grande population de personnes âgées d'ici 2025. Le vieillissement démographique, l'une des plus grandes réussites de l'humanité, suscite de graves préoccupations aux dirigeants du gouvernement et de la société dans son ensemble. On sait que l'éducation favorise et permet à l'homme les moyens de développer son potentiel, d'élargir ses connaissances et de donner un sens à la vie. Ces facteurs peuvent aider les personnes âgées dans la solution de cette situation. Par conséquent, cette étude visait à étudier l'influence de l'éducation sur le processus de vieillissement en bonne santé chez les personnes âgées à vie longue. L'enquête a été entreprise par l'étude de 15 femmes âgées de quatre-vingt ans et plus, qui ont fréquenté l'Université Ouverte du Troisième Âge, à l'Université Fédérale de Pernambuco et avaient un vieillissement en bonne santé. La remise en question qui a guidé cette thèse était : l'influence de l'éducation pour le vieillissement en bonne santé chez les personnes âgées à vie longue. La méthodologie utilisée pour cette recherche a été l'approche qualitative, visant à étudier la relation entre l'éducation et le processus de vieillissement en bonne santé, en cherchant à les rapprocher des phénomènes de la vie quotidienne afin de mieux les connaître. Pour son développement a été fait usage de l'Histoire Orale, qui a utilisé l'entrevue semi-structurée comme technique de recherche dans le contexte de l'histoire de vie des personnes âgées à vie longue qui avaient un vieillissement réussi. Quelques considérations, par voie de conclusions, indiquent que l'éducation reçue par les personnes âgées a été constituée notamment de l'éducation informelle, en dépit de l'éducation non-formelle et formelle qui avait contribué au développement de leurs connaissances. Il a également été constaté que le niveau d'instruction des personnes interrogées a bénéficié de leur vie et vieillissement. Enfin, l'importance de l'éducation pour le vieillissement des personnes âgées à vie longue a été pertinente dans cette étude.

Mots-clés: Le vieillissement en bonne santé. L'éducation pour le vieillissement. Histoires de vie des personnes âgées. L'éducation et le vieillissement.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 ó	Taxa de mortalidade no Brasil de 1940-1999	69
Gráfico 2 ó	Taxa de fecundidade total (regiões do Brasil, Suécia e Inglaterra) 1900-2000 filhos por mulher	70
Gráfico 3 ó	População idosa no mundo (1960-2020).....	71
Gráfico 4 ó	Pirâmides etárias 1960, 2000 e 2010: evolução da população brasileira ao longo dos anos e sua distribuição etária	72
Gráfico 5 ó	Evolução do índice de envelhecimento da população brasileira de 1980 a 2050	73
Gráfico 6 ó	Características da transição demográfica o Brasil	74
Figura 1 ó	Percurso da coleta de dados da pesquisa	115
Figura 2 ó	Categorias de análise utilizadas na pesquisa	118

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 ó	Perfil sócio-econômico-cultural das idosas	106
Quadro 2 ó	Matriz geral das categorias	146
Quadro 3 ó	Arguitiva 1 da categoria geral educação	147
Quadro 4 ó	Arguitiva 2 da categoria geral educação	151
Quadro 5 ó	Arguitiva 3 da categoria geral educação	154
Quadro 6 ó	Arguitiva 4 da categoria geral educação	159
Quadro 7 ó	Arguitiva 5 da categoria geral educação	163
Quadro 8 ó	Arguitiva 6 da categoria geral educação	167
Quadro 9 ó	Arguitiva 7 da categoria geral educação	170
Quadro 10 ó	Arguitiva 1 da categoria geral educação para o envelhecimento	173
Quadro 11 ó	Arguitiva 2 da categoria geral educação para o envelhecimento	177
Quadro 12 ó	Arguitiva 3 da categoria geral educação para o envelhecimento	181
Quadro 13 ó	Arguitiva 4 da categoria geral educação para o envelhecimento	184
Quadro 14 ó	Arguitiva 5 da categoria geral educação para o envelhecimento	188
Quadro 15 ó	Arguitiva 6 da categoria geral educação para o envelhecimento	190
Quadro 16 ó	Arguitiva 7 da categoria geral educação para o envelhecimento	194
Quadro 17 ó	Arguitiva 8 da categoria geral educação para o envelhecimento	197

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 ó	Pessoas de 60 anos ou mais de idade com indicação média de anos de estudo e distribuição percentual, por grupos de anos de estudo, segundo as Grandes Regiões ó 2013	45
Tabela 2 ó	Distribuição dos idosos matriculados quanto à faixa etária e evasão na UNATI em 2015.1	102
Tabela 3 ó	Distribuição quanto sua seleção os idosos pesquisados da UNATI em 2015.1	102
Tabela 4 ó	Cursos frequentados pelos idosos pesquisados na UNATI em 2015.1	104
Tabela 5 ó	Caracterização geral das idosas da UNATI em 2015.1	105

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ABG	Associação Brasileira de Gerontologia
AMB	Associação Médica Brasileira
ANG	Associação Nacional de Gerontologia
BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
CAAE	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CCS	Centro de Ciências de Saúde
CDH	Crescimento e Desenvolvimento Humano
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa de Seres Humanos
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DEF	Departamento de Educação Física
EaD	Educação a Distância
EJA	Educação de Jovens, Adultos
EJAI	Educação de Jovens, Adultos e Idosos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação Científica e Tecnológica
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
OPAS	Organização Pan-Americana da Saúde
PARFOR	Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica
PE	Pernambuco
PNE	Plano Nacional da Educação
PNI	Política Nacional do Idoso
PPGE	Programa de Pós-Graduação
PROEXT	Pró-Reitoria de Extensão
PROIDOSO	Programa do Idoso
SBGG	Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia
SESC	Serviço Social do Comércio
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido

UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UNATI	Universidade Aberta à Terceira Idade
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
UPE	Universidade de Pernambuco
UNFPA	United Nations Fund Population (Fundo de População das Nações Unidas)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	22
2	REFERENCIAL TEÓRICO	34
2.1	CONSIDERAÇÕES GERAIS DA EDUCAÇÃO	34
2.2	TRAJETÓRIAS DA EDUCAÇÃO NO BRASIL E O ENVELHECIMENTO: entre 1932 e os dias atuais	39
2.3	EDUCAÇÃO PARA O ENVELHECIMENTO	48
2.4	CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS DO ENVELHECIMENTO E DA VELHICE	61
2.5	CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS DO ENVELHECIMENTO POPULACIONAL	68
2.6	ENVELHECIMENTO E SUAS ALTERAÇÕES BIOLÓGICAS	77
2.7	O DESABROCHAR DO ENVELHECIMENTO: a velhice e o velho na contemporaneidade	84
3	FUNDAMENTOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	96
3.1	INTRODUÇÃO DO MÉTODO	96
3.2	A PESQUISA: história de vida e história oral	97
3.3	CAMPO DA PESQUISA	99
3.4	SUJEITOS DA PESQUISA	101
3.4.1	Caracterização do envelhecimento saudável	110
3.5	COLETA DOS DADOS E INSTRUMENTOS DA PESQUISA	110
3.5.1	A observação	111
3.5.2	Os documentos	111
3.5.3	As entrevistas	112
3.6	ANÁLISE DE CONTEÚDO	116
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	119
4.1	FRAGMENTOS DE HISTÓRIA DE VIDA OU PÉTALAS DE UMA FLOR: quem sou eu?	119
4.2	MATRIZ GERAL DAS CATEGORIAS	145

4.3	CATEGORIA GERAL: educação	147
4.3.1	Lembranças da educação: conhecimento sobre envelhecimento	148
4.3.1.1	Na unidade de análise: conhecimento pela vivência	148
4.3.1.2	Na unidade de análise: conhecimento oriundo de familiares	149
4.3.2	Lembranças das vivências familiares: benefícios entre gerações	152
4.3.2.1	Na unidade de análise: convivência com familiares	152
4.3.3	Lembranças na aprendizagem da escola	156
4.3.3.1	Na unidade de análise: ler, escrever e estudar	156
4.3.3.2	Na unidade de análise: as atividades complementares	157
4.3.3.3	Na unidade de análise: ausência de estudo	158
4.3.4	Lembranças do aprender: conhecimento da vida	160
4.3.4.1	Na unidade de análise: conhecimentos da vida	160
4.3.5	Lembranças da educação: compreensão do tudo da vida	164
4.3.6	Lembranças da educação: perspectivas para uma vida	168
4.3.6.1	Na unidade de análise: perspectivas à vida (com benefício)	168
4.3.6.2	Na unidade de análise: perspectivas à vida (sem benefício)	169
4.3.7	Lembranças da educação: influência no envelhecimento	170
4.3.7.1	Na unidade de análise: conhecimento sobre a velhice	171
4.4	CATEGORIA GERAL: educação para o envelhecimento	172
4.4.1	Lembranças da educação para o envelhecimento: aprendizagens (do tempo, das experiências da vida ou da vida) para um envelhecer	174
4.4.1.1	Na unidade de análise: envelhecer sem ensino	174
4.4.1.2	Na unidade de análise: envelhecer com ensino	175
4.4.2	Lembranças da educação para o envelhecimento: preparação para envelhecer	178
4.4.2.1	Na unidade de análise: envelhecer vivendo e buscando conhecimento (por si mesmo)	178
4.4.2.2	Na unidade de análise: envelhecer pelos ensinamentos (de educadores sociais ou especialistas)	179
4.4.3	Lembranças da educação para o envelhecimento: percepções sobre qualidade de vida	182
4.4.3.1	Na unidade de análise: qualidade de vida (saúde)	182

4.4.3.2	Na unidade de análise: qualidade de vida (viver bem)	182
4.4.3.3	Na unidade de análise: qualidade de vida (valores sociais)	183
4.4.4	Lembranças da educação para o envelhecimento: elementos necessários à qualidade de vida	185
4.4.4.1	Na unidade de análise: cuidar da saúde física e mental	185
4.4.4.2	Na unidade de análise: cuidar da saúde espiritual e das virtudes	186
4.4.5	Lembranças da educação para o envelhecimento: formação como aporte a velhice	188
4.4.5.1	Na unidade de análise: educação (auxiliou a velhice)	189
4.4.5.2	Na unidade de análise: educação (não auxiliou a velhice)	189
4.4.6	Lembranças da educação para o envelhecimento: envelhecimento saudável	191
4.4.6.1	Na unidade de análise: resultado (da aceitação dos limites e viver)	191
4.4.6.2	Na unidade de análise: resultado (da saúde)	192
4.4.6.3	Na unidade de análise: resultado (de valores sociais)	192
4.4.7	Lembranças da educação para o envelhecimento: conhecimento sobre envelhecimento	195
4.4.7.1	A unidade de análise: aquisição de conhecimentos (experiências de vida)	195
4.4.7.2	A unidade de análise: aquisição de conhecimentos (processos educativos)	195
4.4.8	Lembranças da educação para o envelhecimento: valoração da educação para o envelhecimento saudável	198
4.4.8.1	Na unidade de análise: atributo de muita importância	198
4.4.8.2	Na unidade de análise: atributo de importância	199
4.4.8.3	Na unidade de análise: atributo de nenhuma importância	199
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS: ou ponto de partida à novos começos e à novas histórias	201
	REFERÊNCIAS	207
	APÊNDICE A ó Termo de consentimento livre e esclarecido	225
	APÊNDICE B ó Entrevista estruturada	228
	APÊNDICE C ó Entrevista semiestruturada	230
	APÊNDICE D ó Tópico guia da história de vida	234

APÊNDICE E ó Bloco de análise do envelhecimento saudável (questões)	236
APÊNDICE F ó Respostas das idosas sobre o envelhecimento saudável (argutiva 1 da categoria geral envelhecimento saudável)	237
APÊNDICE F ó Respostas das idosas sobre o envelhecimento saudável (argutiva 2 da categoria geral envelhecimento saudável)	238
APÊNDICE F ó Respostas das idosas sobre o envelhecimento saudável (argutiva 3 da categoria geral envelhecimento saudável)	239
APÊNDICE F ó Respostas das idosas sobre o envelhecimento saudável (argutiva 4 da categoria geral envelhecimento saudável)	240
APÊNDICE F ó Respostas das idosas sobre o envelhecimento saudável (argutiva 5 da categoria geral envelhecimento saudável)	241
APÊNDICE F ó Respostas das idosas sobre o envelhecimento saudável (argutiva 6 da categoria geral envelhecimento saudável)	242
APÊNDICE G ó Bloco de análise de educação (questões)	243
APÊNDICE H ó Bloco de análise da educação para o envelhecimento (questões)	244
ANEXO A ó Carta de anuência	245
ANEXO B ó Fontes iconográficas (álbum de fotos antigas)	246
ANEXO C ó Encaminhamento do projeto da pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos (CEP)	253
ANEXO D ó Aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa de Humanos (Plataforma Brasil) ó CAAE-34765514800005208	254

1 INTRODUÇÃO

“Educação é a coisa mais importante que a gente tem na vida. A educação começa desde o momento que se nasce, e vai até o fim da vida” (informação verbal)¹

A educação por estar sempre voltada a formação dos homens é considerada de grande importância para toda a vida. E que sentido ela teria se não estivesse voltada à sua promoção? Partindo-se dessa premissa entende-se ser necessidade básica conhecer o (ser) homem desde a sua origem. Inicialmente, observar o seu caráter de dependência com a natureza, com o espaço físico, o clima, o solo, a vegetação, a fauna, ou seja, locais onde busca. Mas o homem não é só o meio natural, utiliza-se e relaciona-se com o meio cultural que lhe é imposto como: língua, costumes e crenças, uma sociedade definida, uma vida econômica específica e uma forma determinada de governo. É nesse quadro que o homem, ao se deparar com ele, vai precisar se adaptar e se ajustar. Esta é a única condição que dispõe para poder se sustentar, sobreviver e se desenvolver. Dessa forma, passa a ter necessidade de conhecer, atribuir valores quanto ao domínio dos elementos da natureza e os da cultura, a se relacionar com outros homens e, a partir desta dinâmica, começa o sistema de troca.

É desse modo que começa a aquisição dos conhecimentos, ou melhor, a ação da educação (a apropriação dos saberes). Tudo que se sabe se adquiriu pela troca de conhecimentos entre as pessoas, ocorrência encontrada nas mais variadas situações da vida (na família, entre amigos, nos jogos, nas brincadeiras, no trabalho, nos momentos de camaradagem, ou de aconchego entre outros). Freire (1995) referia-se a este fato, dizendo: “meu primeiro mundo foi o quintal de casa, com suas mangueiras, cajueiros, jaqueiras, aquele menino de ontem, ali aprendeu a ler, vendo o mundo e assim foi se transformando”.

Em todos momentos e nos mais diversos lugares os homens se deparam com formas de educação, que os levam a envolver a vida com os seus próprios fragmentos, tanto pelo ato de aprender, de ensinar, como aprender e ensinar simultaneamente. A educação abrange a todos e impede que haja pessoa desprovida dela. A difusão dos saberes faz com que ninguém escape da educação.

Portanto, ao longo do ciclo da vida, o homem se depara com as suas fases de crescimento e com seus graus diferenciados de maturação (infância, adolescência, adultícia e

¹ Depoimento concedido por D. Acácia à doutoranda, em 20/05/2015.

velhice) e, em todas elas, aprende-se e ensina-se, cria-se e recria-se, por meios das trocas que ocorrem em muitas situações e que servem ao homem para o seu aprimoramento e a sua socialização.

É no interior de cada comunidade que construímos a nossa sociabilidade, implicando, por conseguinte, nossa arquitetura subjetiva. É nela que adquirimos os predicados que nos permitirão responder a certas questões cruciais: quem eu sou? Como posso conhecer a realidade em que vivo? E como devo me relacionar com os outros? (BRAYNER, 2008). Pela socialização passa-se a conhecer essas respostas, gerando perspectivas de assumir responsabilmente o seu papel social.

Entretanto, é a escola o lugar apropriado que a socialização encontra para transferência dos conhecimentos entre os homens. A educação escolar está submetida ao controle da pedagogia, ela produz métodos, estabelece regras, tempos e executores especializados (GOHN, 2010).

Assim sendo, a escola é a instituição social responsável pela educação formal, lugar reservado e protegido onde se opera uma relação propriamente pedagógica: a transmissão e o acesso a determinados saberes (uma rede de relações afetivas e intelectuais), um lugar de socialização e individuação. Estes espaços são os do território das escolas, organizadas segundo diretrizes nacionais, com metodologias de trabalho, objetivos e aprendizagens de conteúdos historicamente sistematizados, regulamentados e normatizados por leis como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN). Segundo a LDBEN, a escola objetiva formar o indivíduo como cidadão ativo, desenvolver habilidades e competências várias, desenvolver a criatividade, percepção, motricidade, etc. (GOHN, 2010).

Muito embora Freire e Betto (1988), através das experiências com a educação a grupos populares apresentem uma abordagem educacional diferente, os mesmos priorizam a prática em relação com as teorias pedagógicas. Ou seja, quebra a relação de dominação entre o professor e o aluno, busca pensar a realidade de dentro do universo particular dos educandos, traz a linguagem e a história da coletividade para a prática educacional.

Ao educador é dada a condição de não apenas educar, porém enquanto educa absorve a educação de forma dialógica com o educando, que ao ser educado similarmente se educa. Assim, os dois convertem-se em sujeitos do processo da educação.

Entende-se, que, quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Desse modo, não mais existe quem seja unilateralmente responsável em ser o educador, tampouco apenas educando, o que existe é uma reciprocidade na educação pela qual ambos se

educam enquanto são educados, e a proeza de ensinar e aprender ocorre em todos os locais das relações humanas.

A educação por ser uma atividade exclusivamente humana, faz com que o ser humano se eduque por intermédio de seus relacionamentos sociais, buscando a complementação da sua inconclusão (FREIRE, 1977). A educação contribui durante à vida na redução das imperfeições do homem, tendo como objetivo a formação de um ser humano e cidadão.

Dessa forma, a educação é capaz de fornecer a cada ser humano os meios para desenvolver todas as suas potencialidades, buscar seu desenvolvimento até alcançar sua humanização e assim ter acesso à cidadania (DELORS, 2010).

Propõe-se que no futuro a educação não seja vista apenas como um meio de desenvolvimento, entre outros, mas como um dos elementos constitutivos e uma das finalidades essenciais desse desenvolvimento. Assim, um dos principais papéis reservados à educação consiste, antes de mais nada, em dotar a humanidade da capacidade de dominar o seu próprio desenvolvimento. Ela deve, de fato, fazer com que cada um tome o seu destino nas mãos e contribua para o progresso da sociedade em que vive, baseando o desenvolvimento na participação responsável do indivíduo e as comunidades (WERTHEIN; CUNHA, 2005).

A educação é atividade criadora que visa a levar o ser humano a realizar as suas potencialidades físicas, morais, espirituais e intelectuais, õ[...] é o processo contínuo, que começa nas origens do ser humano e se estende até a morteõ (BRANDÃO, 2011, p. 63-64). Sendo assim, ela é a extensão do aprimoramento dos seus conhecimentos para torná-lo melhor em tudo, aumentando a sua valorização individual durante toda a vida. A educação, portanto, é um acontecimento contínuo e permanente do ser humano e busca a sua complementação durante a vida (da fecundação à morte), desse modo, ela atravessa diferentes fases, inclusive a do envelhecimento.

É importante entender que o envelhecimento é uma etapa natural no processo fisiológico do crescimento e do desenvolvimento do ser humano. Fase que necessita de maiores conhecimentos acerca de seu histórico e de sua evolução, sendo hoje mais conhecida pelo que exterioriza, pelos efeitos determinados pelo tempo (rugas, cabelos brancos, postura, etc.) e por suas limitações (FERREIRA; SILVA, 2012).

Desse modo, o envelhecimento é uma ocorrência universal no homem, nas suas experiências do dia a dia, tanto pelas mudanças percebidas nos outros, com o passar do tempo, bem como, pelas mudanças observadas na própria pessoa (ALENCAR, 2002). Os efeitos impostos pelo tempo caracterizam a imagem da pessoa idosa, e õrefletem

determinados valores culturais que na maioria das vezes protagonizam a inatividade, a exclusão, o afastamento, a doença e os mais diversos olhares pejorativos (FERREIRA; SILVA, 2012, p. 34).

No entendimento de Papaléo Netto et al. (2006), o envelhecimento representa um acontecimento próprio do curso de vida de todos os indivíduos, compreendendo o período de vida que sucede a fase da maturidade, mas que, pela ocorrência das modificações biopsicossociais, afeta a relação com o meio em que vive, refletindo na sua posição ocupada na sociedade e nas suas relações com os outros. Logo, o envelhecimento é uma realidade própria que faz parte da vida do homem, o ponto mais alto do seu desenvolvimento e, no ciclo natural da vida, todos estão propensos a vivenciar a velhice.

Apesar de todos os homens tenderem à deterioração progressiva do organismo e posteriormente à morte, é muito difícil se estabelecer um padrão de envelhecimento que seja aplicável a todas as pessoas (CHOPRA, 1995), pois o envelhecimento, por conseguinte, não se desenvolve de igual modo em todos os homens. Existe uma grande diversidade na evolução dos adultos maiores de 60 anos. Além dessas mudanças psicossociais, o envelhecimento é caracterizado pelas alterações biológicas e pelo declínio das funções orgânicas que acarretam uma maior susceptibilidade à eclosão de doenças e que podem levar o idoso à morte (PAPALÉO NETTO et al., 2006).

Elias (2001, p. 10), diz que só o homem, dentre todos os seres vivos, tem a consciência da sua limitação, da sua finitude de vida e da sua morte. A compreensão dos processos humanos e sociais vai sendo adquirida pelas relações entre os homens na sociedade. Assim, em uma determinada idade, cada um compreende que não é imortal, mas vulnerável à morte, e essa conscientização se torna algo inevitável. Porém, a rapidez dos acontecimentos sociais no mundo globalizado faz com que o homem não se dê conta dela, o tempo passa acelerado comprometendo o cuidado e a preocupação com o futuro (o envelhecimento, a velhice e a morte). Desse modo, não se percebe a morte como uma etapa da passagem pela vida, um fenômeno natural a todos os homens, um acontecimento irrecusável e universal. Mal se compreende o que está acontecendo no presente e por não se ter uma perfeita consciência da longevidade e finitude, portanto, torna-se um desafio enfrentar a velhice e a morte.

A velhice não é um fato estático, é o resultado de um prolongamento de um processo (BEAUVOIR, 1970, p. 17). Tal afirmativa associa a velhice à ideia de continuidade, de transformação, resultado de mudanças na condição humana durante seu processo de vida, ou seja, durante o seu envelhecer.

Na atualidade, a velhice enfrenta grandes desafios (longevidade, envelhecimento e o ser velho), mas que podem ser dizimados pela conscientização da dimensão, do valor e do significado da longevidade (CORTELLETTI; CASARA, 2006b). Dessa forma, resta enfatizar que, para compreender a dimensão da longevidade, faz-se necessário o conhecimento sobre a velhice, a aceitação da sua existência, a conscientização dessa nova realidade social e o conhecimento do processo de envelhecimento no velho.

Neste contexto, ressalta-se que envelhecer é um processo progressivo do desenvolvimento físico normal, entretanto, só durante a passagem da idade adulta para a velhice se percebe tal condição, no momento que ocorre o declínio das funções fisiológicas (do funcionamento dos órgãos) e das alterações psicológicas representadas pela dificuldade de adaptação a essas mudanças e pela aquisição de um novo papel social (KACHAR, 2001).

Destaca-se que na antiguidade não havia preocupação com o envelhecimento humano, pois a vida média dos homens era pequena e limitada pelos predadores mais fortes e pelas pestes da época. Todavia, na atualidade é um assunto de grande importância e relevância a todos os povos, pelo aumento da longevidade e do rápido crescimento desse contingente populacional, aspectos que foram impulsionados pelo avanço dos conhecimentos tecnológicos e biológicos e que promoveram a elevação da expectativa de vida dos indivíduos e o aumento da longevidade (BEAUVOIR, 1970; CORTELLETTI; CASARA, 2006b; ELIAS, 2001; NERI, 1995, 2012; SKINNER; VAUGGHAN, 1985).

Nesse sentido, segundo a Organização Mundial da Saúde (2015, p. 6), a longevidade externa características variáveis. Para alguns adultos maiores de 80 anos apresentam níveis de capacidade física e mental comparáveis aos níveis de muitos jovens de 20 anos, para outros, isso não ocorre.

Desse modo, o envelhecimento passa a ser entendido como uma experiência heterogênea, com uma evolução variável, estando na dependência das escolhas de como viver (do estilo de vida), o que pode levar a um envelhecimento normal (fisiológico), envelhecimento patológico e envelhecimento saudável ou bem-sucedido (NERI, 1995; NERI; CACHIONI, 1999; NERI; YASSUDA, 2013; ROWE; KAHN, 1997).

Várias são as denominações para o envelhecimento saudável ou bem-sucedido. Segundo Oliveira (2013), a escolha entre os termos designados para o envelhecimento bem-sucedido, ativo ou saudável está intimamente ligada à área de formação do pesquisador e que todos têm em comum a busca por dados que auxiliem para um envelhecimento melhor e para a compreensão de sua estrutura multidimensional. Para o contexto do presente estudo, requer-se o conceito de envelhecimento bem-sucedido, denominação frequentemente utilizada e,

mais recentemente, a de envelhecimento saudável (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2015).

Rowe e Kahn (1997) definem envelhecimento bem-sucedido como a habilidade de manter três comportamentos ou características chave: a) probabilidade baixa de doenças e de incapacidades relacionadas às mesmas; b) alta capacidade funcional cognitiva e física e c) engajamento ativo com a vida. Concepção semelhante à referida por Neri e Yassuda (2013, p. 8), quando afirma que o envelhecimento bem-sucedido ou o bom envelhecimento é aquele considerado com baixo nível de doenças e de incapacidades funcionais, mas com excelentes condições físicas e mentais e com ativo envolvimento social. O envelhecimento saudável para Chan (2015) é mais que apenas a ausência de doença. Para os adultos maiores (denominação designada aos idosos), a manutenção da habilidade funcional é bem mais importante dentre as mencionadas.

No relatório mundial de envelhecimento e saúde, denominou o bom envelhecimento como envelhecimento saudável e o definiu como o processo de desenvolvimento e manutenção de capacidade funcional que permite o bem-estar em idade avançada (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2015, p. 13). Definição que foi apoiada em dois conceitos importantes, quais sejam, o da capacidade intrínseca e o da capacidade funcional para enquadrar como saúde e funcionamento.

Sendo, a capacidade intrínseca ao conjunto de todas as capacidades físicas e mentais que o homem pode se apoiar em qualquer fase da vida. Contudo, ela é apenas um dos fatores que irá determinar o que um idoso pode fazer. Sabe-se, que o ser humano se encontra em contínua interação com o ambiente que oferece uma série de recursos ou barreiras, os quais servem de auxílio para que ele mesmo, com um determinado nível de capacidade, possa fazer as coisas que julga importantes. Essa associação entre o homem e o ambiente e a interação entre eles é o que se denomina de capacidade funcional, definida pelo relatório mundial de envelhecimento e saúde como atributos relacionados à saúde que permitem que as pessoas sejam ou façam o que com motivo valorizam (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2015).

Desse modo, entende-se que pessoas maiores, apesar de terem capacidade física limitada, podem fazer uso dos recursos ambientais que as apoiem, e assim serem capazes de desenvolver atividades que avaliam e julgam importantes para suas vidas, ou seja, sua capacidade funcional permite o seu bem-estar nessa idade, portanto, elas possuem um envelhecimento saudável.

Tem-se então, por um lado, a ciência conseguindo aumentar a longevidade do homem com o prolongamento de sua vida e, dessa forma, aumenta o número de idosos. Mas, por outro lado, o suporte para atender a essa população não está evoluindo nas mesmas proporções e velocidade.

Nesse sentido, Barros (2009, p. 329) esclarece que: "O envelhecimento acelerado da população brasileira trouxe um grande desafio para o país, onde mudanças imediatas são necessárias para se lidar com estas dificuldades".

Percebe-se que o governo e a sociedade civil precisam melhor conhecer o envelhecimento para desenvolver mudanças nas políticas públicas, de modo a fomentar e gerar meios voltados para atender esse grupo etário. Precisam assegurar seus direitos básicos por meio da melhoria da saúde, da segurança, do direito à educação e da participação social, estimulando-os a procurar atividades que oportunizem novas aprendizagens e favoreçam sua integração social.

Todavia, diante da extensão deste inconveniente e para o enfrentamento do problema da transição demográfica, a educação pode vir a ser um grande auxiliar, agindo como mediadora e tendo possibilidade de atuar na melhoria deste processo. Salienta-se aqui o papel da educação por meio das vivências e experiências educativas no aprender e no ensinar, permitindo ao ser humano adquirir aprendizados que o prepare para enfrentar as adversidades e para desempenhar seu papel social de maneira responsável. Desse modo, não é por acaso que Both (2001, 2006) refere-se à educação como transformadora das consciências que pode levar o homem a encontrar sua verdadeira natureza e todas as respostas de que precisa para viver em grupo e alcançar "os frutos de sua existência", ou seja, a felicidade.

Diante da expressão "os frutos de sua existência", Cícero (1997, p. 55) refere: "os frutos da velhice, tenho dito e repetido, são todas as lembranças do que anteriormente se adquiriu". Portanto, os frutos são as vivências, os caminhos percorridos dos mais velhos, as lembranças conservadas do passado, as suas memórias que revelam o universo dos velhos (seus hábitos, costumes, dificuldades, superações, entre outros aspectos), representam a educação e a cultura desses idosos. A educação que os permitiu estar bem no momento atual.

Nesta direção, a lembrança dos velhos foi bem retratada nos escritos de nos escritos de Bosi (2009, p. 18) como "a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara". Assim sendo, Baptista (2007, p. 21, 71) diz ser esta "memória a fonte da imortalidade [...]" e que as idas e vindas ao passado nos remetem às situações que visam apenas esclarecer o momento presente.

Observando as afirmações acima, vê-se que os idosos são os detentores que retêm o passado, registrando os fatos e construindo a história do evoluir através do fenômeno do envelhecimento, e que pode auxiliar o presente, sendo também a fonte e a chave da perpetuação de sua história. Maneira pela qual as histórias foram e estão sendo construídas e, ao evoluir, vêm se consolidando. Isto ocorre também na história da educação pelo interesse dos historiadores na sociedade contemporânea e nos seus problemas educacionais.

Do ponto de vista do desenvolvimento histórico da educação que foi sendo construída ao longo dos anos e durante a década de 70 ocorreu à terceira geração dos Annales (ponto de ancoragem da ação inovadora, a responsável pelas modificações na historiografia tradicional). O movimento renovador da historiografia (Nova História), a educação que é aberta a interdisciplinaridade, fazendo surgir abordagens de novos objetos e de problemas relacionados ao cotidiano, às mentalidades e ao imaginário (EVARISTO, 2007).

Possibilitou-se, assim, discutir e compreender questões antes não analisadas. Dessa maneira, o historiador levanta problemas atuais e tenta construir novos objetos de investigação, buscando fontes modernas para servir de base, como as fontes orais, as imagens, entre outras (SOUZA, 2009).

Essa atual fase da historiografia deu um novo impulso à história da educação, emergindo novas interpretações dos fenômenos históricos e educativos. Foi com este horizonte teórico, e tendo à frente as atuais concepções historiográficas, com o aparecimento de novas abordagens temáticas, que teve origem este estudo.

Segundo Oliveira (2013), a temática envolvendo o estudo do envelhecimento teve um crescimento gradativo nos últimos anos tendo-se, em 2000, um registro de 05 Dissertações e 01 Tese e, em 2009, 24 Dissertações e 01 Tese. Posições semelhantes foram encontradas nos dados do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), nas pesquisas sobre envelhecimento humano no Brasil: até 2000 só 4,6% eram da área de educação (PRADO, 2004b). Entre os pesquisadores que atuam em linhas de pesquisa referente ao envelhecimento humano no Brasil, e que obtiveram título de Doutor até 2000, apenas 04 (3,2%) foram de Pernambuco (PRADO, 2004b).

Oliveira (2013), em seu estudo sobre definições de envelhecimento saudável, bem-sucedido ou ativo, refere que há interesse sobre a pesquisa de envelhecimento saudável e ativo, mas os seus esforços são ainda pequenos e isolados. Há carência de estudos experimentais e de amostragens mais amplas.

A autora desse estudo, em julho de 2014, realizou um levantamento na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade Federal de Pernambuco (BDTD/UFPE), que

está integrada à BDTD nacional, e é coordenada pelo Instituto Brasileiro de Informação Científica e Tecnológica (IBICT) desde 2006, usando as palavras-chave (educação e envelhecimento e idoso e envelhecimento), encontrando 836 teses, no entanto, após a leitura, selecionou apenas 39 (4,3%) por serem as que abordavam e relacionavam a educação com o envelhecimento.

Apesar dos dados brasileiros demonstrarem um aumento crescente das pesquisas com a terceira idade, observa-se que o número das Dissertações e Teses sobre educação e envelhecimento ainda não é expressivo, o que reforça o nosso interesse em pesquisar nesse campo e, desta forma, fortalecer esse discurso no âmbito acadêmico. Os dados apresentados aqui pelas pesquisas nacionais sobre envelhecimento humano, bem como, as estatísticas demográficas indicam a necessidade de estudos nessa área.

Sabedores de que a educação favorece e possibilita ao homem os meios para desenvolver suas potencialidades, ampliar conhecimentos e promover melhor direcionamento à vida, esta investigação partiu da seguinte pergunta: qual a importância da educação para o envelhecimento saudável em idosos longevos?

Dessa forma, teve-se a preocupação em dar voz aos idosos longevos, por considerar que os ouvir seria a melhor opção para resgatar o passado na tentativa de procurar responder indagações desse estudo.

Sendo assim, iniciou-se a investigação com idosos longevos que tiveram um envelhecimento saudável, tendo como Objetivo Geral: analisar a importância da educação para o envelhecimento saudável em idosos longevos.

Os Específicos foram:

- a) identificar o grau de conhecimento dos idosos sobre a educação;
- b) analisar a importância da educação na vida e no envelhecimento dos idosos e;
- c) analisar o papel atribuído pelos idosos na educação para o seu envelhecimento saudável.

Na tentativa de dar resposta à pergunta condutora deste trabalho, é que se iniciam as reflexões sobre a educação para o envelhecimento bem-sucedido, uma temática complexa em seus desdobramentos históricos e culturais, conceitos, preconceitos entre outros e que será abordado ao longo dos capítulos que se seguem.

A questão do envelhecimento, vem sendo abordada e debatida, nos últimos anos, de forma prioritária para o século XXI, sendo um assunto que faz parte do programa de quase todos países, tanto os desenvolvidos quanto os em desenvolvimento.

No Brasil, tem-se uma série de questões políticas e socioeconômicas ainda não solucionadas, e que se refletem no tratamento e expectativa da qualidade de vida do povo brasileiro, em especial aos que estão em processo do envelhecimento e também os idosos.

Diante desta realidade e no contexto brasileiro atual, verifica-se um aumento da necessidade em obter informações, criar debates, e fomentar a construção sobre o conhecimento do processo de envelhecimento em todos os níveis e nas mais variadas áreas do saber de modo a seu acesso se tornar fácil a todos.

Saberes que nos dias de hoje se tornam mais que necessários para informar e para formar homens conscientes do evoluir de seu envelhecimento e que só se torna possível através dos recursos indispensáveis da educação. Educação que auxilia o homem no enfrentamento das dificuldades trazidas por uma das conquistas mais almejadas por ele: o prolongamento de sua vida, ou seja, a sua longevidade.

Por fim, essa tese contém cinco seções, as quais discorrem sobre:

Primeira seção, **Introdução**, faz-se uma abordagem preliminar sobre a educação como recurso de conscientização do homem e sobre o envelhecimento como processo biológico natural de declínios e preocupações. Elementos, nos quais encontram-se a causa e a fundamentação da pesquisa, bem como, os seus objetivos.

Segunda seção, **Educação e Envelhecimento**, abordam-se considerações sobre a educação, através da construção de discursos sobre a mesma e suas relações com o homem, cujas redes sociais intermediam sua difusão na sociedade. Estabelecimento de normatização, áreas de atuação, diversificação dos educadores sociais, extensão a todas idades e a todos os homens, coexistência ao longo da vida, desenvolvimento de objetivos e missões, são estas as interpelações referidas nesse momento.

Seguindo, se faz a análise da **Trajétoria da Educação** no período de vida que viveram as idosas pesquisadas, isto é, o percurso histórico do planejamento das políticas educacionais no Brasil. Marco que inicia-se desde 1932 com a percepção pelo Estado Brasileiro da necessidade de regulamentação para reger o campo educacional, aborda-se as lutas em prol da educação pública gratuita, os avanços educacionais com a Constituição de 1988, Lei das Diretrizes e Bases de 1996, o Plano Nacional da Educacional 2001-2011 ao PNE (1011-2020), cujas opções de ofertas à escolarização formal dos idosos limita-se à Educação de Jovens e Adultos (EJA) e à educação à distância (EaD).

Posteriormente, passa-se a analisar a **Educação para o Envelhecimento**, a preparação do idoso para o envelhecer, o ensinar aos velhos, apesar das limitações, a reconquistarem sua identidade pessoal e cultural, sua humanização e sua vida. Desde o

surgimento da Gerontologia Educacional que está voltada a atender as necessidades da população idosa, a despertar nos jovens a necessidade de rever os conceitos sobre a velhice e o seu próprio processo de envelhecimento, à criação e desenvolvimento dos programas voltados para os idosos iniciados no SESC e na LBA até a criação das Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI).

Segue-se, com as **Considerações Históricas do Envelhecimento e da Velhice**, as considerações sobre a cultura do povo idoso, a sua história, a evolução, as características, as dificuldades, os desafios enfrentados, a criação da geriatria e gerontologia como novo lenitivo dado ao envelhecimento e a velhice, além da implantação de normas, regimentos e leis que visam a facilitar a vida do idoso. Logo após, aborda-se, as implicações no mundo originadas pelas **Características Demográficas do Envelhecimento Populacional**, que carecem da implantação de Políticas Públicas para o envelhecimento saudável. A fim de alcançar o envelhecimento saudável, emerge a necessidade dos conhecimentos sobre o **Envelhecimento Biológico**, suas alterações bioquímicas, fisiológicas, morfológicas e psicológicas, e a diversidade nos modos de envelhecer.

Continuando, discorre-se sobre o percurso da velhice, a partir da não aceitação em ser o velho, o evoluir do envelhecimento nas sociedades, a preparação do envelhecimento à longevidade, até **Desabrochar do Envelhecimento**.

Na terceira seção, **Fundamentos e Procedimentos Metodológicos**, traça-se o percurso da abordagem metodológica qualitativa, na intenção de uma maior aproximação do fenômeno estudado (envelhecimento humano) para assim obter um maior aprofundamento sobre o assunto. Para tanto, procura-se apoio na história oral associada à história de vida como o caminho para elucidar a importância da educação para o envelhecimento saudável em idosos longevos.

Na quarta seção, **Resultados e Discussão**, buscou-se analisar a narração da história de vida das idosas pesquisadas através da análise de conteúdo, com a pretensão de interpretar e compreender o que dizem suas vozes e assim fundamentá-las com o apoio das fontes literárias, afim de esclarecer as hipóteses desta pesquisa.

Na quinta seção, **Considerações Finais**, argumenta-se sobre a importância da educação para o envelhecimento saudável e lança-se na tarefa destemida de registrar uma pesquisa que certamente tem intenção de ser mais um capítulo na Teoria e História da Educação sobre a Importância da Educação para o Envelhecimento Saudável em Idosos Longevos.

Com essa intenção, é que se está a convidá-los a partilhar de todos os momentos vividos por este trabalho e que agora inicia-se utilizando das palavras de Andrade (2002, p. 1.427), para expressar o sentido desse momento.

Reinauguração

Entre o gasto dezembro e o florido janeiro,
entre a desmistificação e a expectativa,
tornamos a acreditar, a ser bons meninos,
e como bons meninos reclamamos
a graça dos presentes coloridos.
Nessa idade - velho ou moço - pouco importa.
Importa é nos sentirmos vivos
e alvoroçados mais uma vez, e revestidos de beleza,
a exata beleza que vem dos gestos espontâneos
e do profundo instinto de subsistir
enquanto as coisas em redor se derretem e somem
como as nuvens errantes no universo estável.
Prosseguimos. Reinauguramos. Abrimos olhos gulosos
a um sol diferente que nos acorda para os descobrimentos.
Esta é a magia do tempo.
Esta é a colheita particular
que se exprime no cálido abraço e no beijo comungante,
no acreditar da vida e na doação de vivê-la
em perpétua procura e perpétua criação.
E já não somos apenas finitos e sós.
Somos uma fraternidade, um território, um país
que começa outra vez no canto do galo de 1º de janeiro
e desenvolve na luz o seu frágil projeto de felicidade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

“A educação pode ajudar a nos tornarmos melhores, se não mais felizes, e nos ensinar a assumir a parte prosaica e viver a parte poética de nossas vidas” (MORIN, 2003, p. 11).

O saber não nos torna melhores nem mais felizes, mas a educação pode não ser a chave de toda transformação porém ela é indispensável para emergir o que se encontra de melhor no interior de cada um.

Para o entendimento da sua dimensão partiu-se para revisão teórica sobre a educação, inicialmente, fazendo-se uma abordagem nos seguintes aspectos: considerações gerais da educação, trajetória da educação no Brasil e o envelhecimento entre 1932 e os dias atuais, e a educação para o envelhecimento. Posteriormente, fez-se a abordagem dos aspectos voltados ao envelhecimento como: considerações, históricas, características demográficas, alterações biológicas e o desabrochar do envelhecimento.

2.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS DA EDUCAÇÃO

A educação é um processo contínuo vivido pelo ser humano ao longo de toda sua vida, sendo a escola a principal agência encarregada de realizá-la, transmitindo e aperfeiçoando os valores da sociedade. “A educação existe onde não há a escola e por toda parte pode haver redes e estruturas sociais de transferência de saber” (BRANDÃO, 2011, p. 13). Acontecendo, também, em outras instituições sociais, agências educacionais, como também, entre os homens pela troca dos saberes.

Dessa forma, Brandão (2011, p. 67) refere que “os homens educam transmitindo de uns a outros crenças e valores sociais que servem tanto a igualar quanto a diferenciar as pessoas de acordo com projetos de usos do saber”. Assim, percebe-se que a transmissão dos processos educativos, que ocorrem entre categorias sociais diferentes, é uma tentativa de dissipar as desigualdades.

Na percepção de Freire (2010, p. 79), “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. Dessa maneira o educador não é aquele que apenas educa, mas aquele que, enquanto educa, está também sendo educado, portanto, há uma troca de saberes que têm o mundo como mediador.

No percurso desse entendimento, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) de dezembro de 1996, abriu caminho institucional aos processos educativos que ocorrem em espaços não formais ao definir a educação como aquela que abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (BRASIL, 1996b, Art. 1º).

Segundo Gohn (2010), a denominação de educação não formal surgiu no final da década de 60 com as discussões pedagógicas sobre a educação escolar (crise da educação formal), que favoreceu o aparecimento da educação não formal como campo conceitual em oposição à educação formal. Fato que abriu o campo para a informalidade educacional e foi reportado na sua publicação *A educação fora da escola*. Neste exemplar, ele aponta que desde Montesquieu, no século XVIII, o domínio da educação era dividido em três setores: a educação que se recebe dos pais (educação informal), a que se recebe pelos mestres na escola (educação formal) e a educação do mundo, adquirida pela experiência (educação não formal). A terminologia da educação não formal se popularizou, passando a ser aplicada por diversas entidades sociais e outros passam a empregá-la no campo de atuação das comunidades, com finalidade especialmente de promoção à cidadania, bem como a inclusão social.

Consolidando essa afirmação, Gohn (2010) caracteriza a educação em três áreas distintas: a educação formal, como aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdo previamente demarcado, regulamentado e sistematizado por lei, tendo como educadores os professores. A educação não formal, é aquela adquirida e aprendida no mundo da vida, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas, havendo a figura do educador social, entretanto, o grande educador é o outro, os espaços educativos situam-se nos territórios em que ocorre a trajetória de vida dos indivíduos, fora da escola e em locais informais onde haja processos interativos intencionais.

A educação informal, sendo aquela na qual os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização, e é gerada nas relações e relacionamentos intra e extrafamiliares (os pais, amigos, vizinhos, colegas da escola, religião, clube, etc.), tendo seus espaços educativos, a casa onde mora, a rua, o bairro, o condomínio, a igreja, etc., e os saberes são adquiridos no processo de vivência e socialização pelos laços culturais (GOHN, 2010). Portanto, ao longo da existência do homem a educação sempre cruza com a vida, quer na escola ou fora dela, para auxiliar a sua formação.

Quanto à educação não formal, esta não tem o caráter formal dos processos escolares, normatizados por instrumentações superiores. É a educação alternativa aos que não foram

absorvidos pela educação formal, por ser extraescolar extrapola os muros da escola, mas ela pode penetrá-lo também, pois a escola não é território proibido à prática educativa não formal; que já esteve associada à Educação de Jovens e Adultos (EJA), enquanto a Educação Popular, Educação Social, Educação Comunitária passaram a ser consideradas por alguns pesquisadores como modalidades da educação não formal (GOHN, 2010).

Entretanto, a denominação de Educação Permanente ou Educação para a Vida, tem pontos próximos da educação não formal, mas não é a mesma coisa, tem como objetivo a formação total do ser humano, é um processo de desenvolvimento pessoal enquanto durar a vida (OLIVEIRA, 2009).

Assim sendo, Haddad (1986) entende: ser esta aprendizagem um processo que depende da própria pessoa, encaminhando ao homem a responsabilidade de sua educação. Por conseguinte, atribui ao homem à capacidade de também, construir uma velhice positiva e, com a arma do conhecimento, enfrentar os desafios e o fantasma desta fase.

Segundo Gadotti (1985, p. 94) a ideia de educação permanente vem de muito tempo, desde o filósofo chinês Lao-Tsé, que a sete séculos antes de Cristo afirmava: *“todo estudo é interminável”*. *“Já a expressão Educação Permanente aparece pela primeira vez na França, em 1955, utilizado por Pierre Arents num projeto de reforma do ensino”*.

Freire (1979, p. 28) diz que *“a educação tem caráter permanente. Não há seres educados e não educados. Estamos todos educando-nos. Existem graus de educação, mas estes não são absolutos”*. Desse modo, torna-se evidente que *“à proporção que o tempo passa, aumentam as relações sociais, as possibilidades e os modelos de educação, como simultaneamente preconiza Cachioni (2003, p. 43) quando diz:*

À medida que o homem amadurece, o leque de influências biológicas, psicológicas, sociais e culturais, torna-se cada vez mais amplo e aumenta a possibilidade da auto educação do ser humano. Nem a criança nem o adulto, por menos letrados e por menos intelectualmente sofisticados que sejam, não são um papel em branco. Ao longo de toda a vida, ninguém é somente ensinado ou alvo da ação condutora da educação proporcionada por outrem.

Desse modo, vale salientar que não há educação fora das sociedades humanas e não há homem desprovido de educação, ou seja, vazio (FREIRE, 1977), em qualquer momento da vida se educa e vai sendo educado, o que possibilita a compreensão de que ninguém está desprovido da educação. Logo, em diferentes momentos da vida e em diferentes espaços sociais, a educação acontece é assim, que se processa a aprendizagem ao longo da vida.

É importante referir, que a educação ao longo da vida, permite organizar e valorizar as diferentes fases da aprendizagem, articular as transições e diversificar os percursos individuais, nos quais tudo passa a ser oportunidade para aprender e desenvolver talentos (UNESCO, 2010).

Portanto, a educação é uma atividade criadora com finalidade de desenvolver no homem as suas potencialidades físicas, morais, espirituais e intelectuais começando nas origens do ser humano e se estende por toda vida até a morte (BRANDÃO, 2011). Assim sendo, a educação é o caminho para o desenvolvimento do homem e da sociedade. (CASARA, 2006). Portanto, a educação é um importante aliado do homem durante todos os momentos de sua vida, no aprimoramento gradativo deste e dos seus grupos sociais.

Nesse sentido, Beauvoir (1976, p. 22), declara ser pela educação que os homens se tornam aptos e diz:

A Cidade ideal é a que garante a felicidade do homem; mas felicidade é virtude e a virtude deriva do conhecimento da verdade. Portanto, somente os homens egressos da caverna, os que contemplam as ideias, se acham qualificados a governar. Só podem ser considerados aptos para tanto após uma educação que deve ter início na adolescência para atingir a plenitude da produtividade por volta dos 50anos.

Este entendimento traz a percepção de que os homens que saíram da obscuridade foram os que adquiriram conhecimento, sendo a educação um processo comum à vida, uma atividade para desenvolver as potencialidades integrais do homem, torná-lo apto a dirigir e administrar grandes projetos.

Numa análise sobre o objeto da educação, Brandão (2011, p. 65) afirma que seu objetivo é:

[...] guiar o homem no desenvolvimento dinâmico, no curso do qual se constituirá como pessoa humana ô dotada das armas do conhecimento, do poder de julgar e das virtudes morais ô transmitindo-lhe ao mesmo tempo o patrimônio espiritual da nação e da civilização às quais pertence e conservando a herança secular das gerações.

Desse modo, o homem que passa a ser orientado e guiado para o seu pleno desenvolvimento, vai se transformando numa pessoa melhor por ter sido beneficiário do conhecimento que foi sendo adquirido (a sua herança educacional) e que tem como um dos seus objetivos, o de melhorar a sociedade que vive. Na concepção de Freire (1979) o homem é o sujeito da sua educação e não o objeto. Para explicar seus motivos, diz:

O homem se sabe inacabado por isso se educa. Não haveria educação se o homem fosse um ser acabado. [...] A educação, portanto, implica uma busca realizada pelo sujeito que é o homem. O homem é sujeito de sua própria educação. Não pode ser o objeto dela. Por isso ninguém educa ninguém. Por outro lado, a busca deve ser algo e deve traduzir em ser mais: é uma busca permanente (FREIRE, 1979, p. 28).

Logo, o homem tem conhecimento e, enquanto ser racional, é dotado de consciência e potencialidades para tomar decisão, à diferença do animal irracional, parte para efetivar seu desejo. E este processo passa, impreterivelmente, pela educação. Uma educação consciente e reflexiva em que o homem é livre e sujeito dela. Vale salientar, no entanto, que este contexto, por vezes, carece de seu universo factual, uma vez que alguns Educadores ficam na dependência do nível de conscientização do educando, do grau da sua educação, da sua maturidade, ou seja, para ser o sujeito da sua educação, ainda precisa ser guiado (FREIRE, 1979).

Dessa maneira, a educação é uma prática social que tem a sua origem e o seu destino na sociedade. Entretanto, seu fim é o desenvolvimento da pessoa humana, o que ela possa buscar entre os saberes existentes na sua cultura, para se formar sujeito adequado às necessidades e exigências desta sociedade e, naquele momento, também da sua história. Percebe-se assim, a existência da associação entre a educação, o homem e a sociedade que estabelecem uma relação mutuamente vantajosa, ou seja, uma simbiose.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) declara que a Educação tem como missão [...] fazer com que englobe todos os processos que levem as pessoas, desde a infância até ao fim da vida, a um conhecimento dinâmico do mundo, dos outros e de si mesmas, combinando de maneira flexível as quatro aprendizagens fundamentais (UNESCO, 2010, p. 104). Portanto, para realizar a missão da educação necessita-se dos quatro pilares fundamentais do conhecimento que são: aprender a conhecer, adquirir conhecimentos dos progressos científicos; aprender a fazer e ter uma competência (uma profissão) para agir no meio e ser apto a enfrentar diversas situações; aprender a viver em sociedade, convivendo, realizando projetos comuns, e ajudando-se uns aos outros em solidariedade; e por fim, aprender a ser, a desenvolver sua capacidade de autonomia, de discernimento e consolidação da responsabilidade pessoal na realização de um destino coletivo (UNESCO, 2010).

Desse modo, a Unesco (2010, p. 15) creditou sua confiança na educação como forma de solucionar os atuais desafios e favorecer o progresso da humanidade:

É papel essencial da educação o desenvolvimento contínuo das pessoas e das sociedades: não como um remédio milagroso, menos ainda como um abre-te sésamo de um mundo que tivesse realizado todos os seus ideais, mas como uma via ó certamente, entre outros caminhos, embora mais eficaz ó a serviço de um desenvolvimento humano mais harmonioso e autêntico, de modo a contribuir para a diminuição da pobreza, da exclusão social, das incompreensões, das opressões, das guerras [...].

Devido aos idosos deste trabalho, terem a idade igual ou superior a 80 anos, ou seja, nasceram antes de 1935, procurou-se analisar a influência da educação no período em que eles viveram. Dessa maneira, fez-se um recorte sobre a trajetória da educação no Brasil e o envelhecimento: entre 1934 e os dias atuais, o que será abordado nesse momento que se segue.

2.2 TRAJETÓRIAS DA EDUCAÇÃO NO BRASIL E O ENVELHECIMENTO: entre 1932 e os dias atuais

Compreender o tempo presente tem sido uma das grandes dificuldades da atualidade contemporânea. O desenvolvimento tecnológico cresce de modo acelerado modificando a cultura de forma significativa pela rápida difusão das informações e dos conhecimentos científicos. A velocidade com que essas tecnologias se difundem permitem às informações chegar às regiões longínquas num breve espaço de tempo. Essas novas formas de utilização da tecnologia favorecem a desconstrução do sujeito, a sociedade é reduzida a um mercado anônimo, a complexidade da economia ao domínio financeiro de investimentos sem rosto, a desconstrução mais radical da subjetividade surge dos procedimentos genéticos, inovação e simulação de sujeitos (clonagem) e nesse cenário emergem novas identidades que alteram ainda mais as suas configurações (BAUMAM, 2001; HALL, 2006).

Acompanhando o desenvolvimento técnico-científico e sob a influência do progresso social surge o aumento da duração de vida pela melhoria da sua qualidade, eclode mundialmente o aumento do contingente de idosos nas populações e o envelhecimento populacional. Fato que leva aos poucos a necessidade da revisão do conceito de velhice e do envelhecimento, e de um processo de ressignificação (CACHIONI, 2003).

A velhice passa a ser vista como um momento da vida onde se pode viver com prazer, satisfação, realização pessoal e de maneira positiva e produtiva. Trata-se de uma população com potencial de saúde e de participação social, aberta a novas experiências, precisando de políticas públicas que deem suporte a essa demanda (CACHIONI, 2003; TAMINE; MADEIRA, 2012).

Portanto, desafios surgem, obstáculos precisam ser superados, faz-se necessário fomentar a construção de outras formas de relações econômicas, políticas e culturais, que estruturam um estar no mundo de maneira mais humanizada.

Segundo Gomes (2011), neste contexto da pós-modernidade e do envelhecimento populacional, deve-se perguntar: como está a educação na construção dessa humanização? Compreender as tarefas da educação nesse cenário é um desafio a ser superado. Só através de outras relações sociais, seguidas de um extenso programa educativo, distribuição equitativa de renda e oportunidades e a construção de uma nova cultura. Assim, a educação nesse contexto, será indutora do desenvolvimento, da socialização e da civilização, estimulando o incentivo das políticas públicas e dos gestores da educação a olhar para gestão social.

A gestão social lida com uma concepção ampliada de educação relativa a todos os processos que envolvem a aprendizagem de novas informações referentes a novos hábitos, valores e atitudes (GOMES, 2011). Neste contexto é que foi criado o Plano Nacional da Educação (PNE) no intuito de minimizar as diferenças econômicas e sociais que sempre foram uma constante no país. Portanto, trata-se de um programa educativo comprometido com a superação das injustiças educacionais (analfabetismo), as exclusões sociais e a pobreza, objetivando promover universalização da educação básica, a equidade social e a cidadania.

Para Dourado (2011), o percurso histórico do planejamento e das políticas educacionais no Brasil foi sempre de prevalência das políticas governamentais em detrimento da política de Estado. Apesar dos processos regulatórios, esse marco iniciado em 1932 quando o Estado Brasileiro percebeu a necessidade de estabelecer regulamentações para reger o campo educacional, surgindo às manifestações dos Pioneiros da Educação Nova, com a ideia de um plano unificado para a educação e influenciando, desta forma, a Constituição Brasileira de 1934. Esta constituição reconheceu a educação como direito de todos devendo ser ministrada pela família e pelos poderes públicos (BRASIL, 1934, art. 149).

É preciso deixar claro, que desde 1824 a Constituição Imperial reservava a todos cidadãos a instrução primária gratuita (BRASIL, 1824, art. 176). Contudo, naquela época o direito à cidadania pela educação era limitado aos livres, aos nobres libertos, condição que se agravava por ser o Brasil um país pouco povoado, agrícola, disperso e escravocrata o que dificultava a sua expansão ficando a constituição restrita ao papel não conseguindo ser executada. Dessa forma, a educação escolar continuou a não fazer parte efetiva das prioridades políticas, das crianças, quanto mais dos adolescentes, e adultos, ficando restrita as elites que podiam ocupar funções na burocracia imperial (BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional da Educação, 2000).

O Estado Novo é que rompeu com a legalidade constitucional, que terminou por designar à União a incumbência de legislar sobre diretrizes e bases da educação nacional secundarizando o Plano Nacional de Educação (PNE), embora tenha favorecido a sua preparação e a sua implantação, fato ocorrido a partir do governo de Juscelino Kubitschek. Ressaltam-se entraves e limitações impostas para sua consolidação, tais como: pelo Estado Novo (1937-45), a redemocratização do Estado, o povo com suas dificuldades pelo choque de ideias, ocorrido no período de 1940 até o início dos anos 60 e os desvios pelo pensamento tecnocrático após o golpe militar de 1964 (DOURADO, 2011).

Em 1980 ocorreram lutas em prol (da efetivação) da educação pública, gratuita, democrática e laica como direito social de todos e na defesa de um Plano Nacional de Educação que representasse o desejo do povo. Movimentos como os Congressos Nacionais de Educação e Fórum em Defesa da Escola impulsionaram os avanços na Constituição Federal de 1988, a despeito das perdas contra a hegemonia governamental, incluindo o Executivo e parcela do Congresso Nacional que limitaram os textos aprovados da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) /Lei nº 9.394 / 1996, no Plano Nacional de Educação (BRASIL, 1996b, 2001).

Quanto à educação, a Constituição Federal reafirmou ser um direito social de todos e dever do Estado e da família e, no seu artigo 214/1988, por meio de uma Emenda Constitucional 59/2009, declara a exigência de um Plano Nacional de Educação de duração decenal, com objetivo de articular e desenvolver o ensino nos seus diversos níveis, integrar as ações do poder público de modo a garantir a erradicação do analfabetismo, universalizar o atendimento escolar, melhorar a qualidade de ensino, a formação para o trabalho e a promoção humanística, científica e tecnológica do país, e estabelecer a meta de aplicação de recursos públicos em educação como promoção do produto interno bruto (DOURADO, 2011). Todas essas medidas vieram no intuito de diminuir as desigualdades sociais, com a implantação de programas educacionais que favorecessem o desenvolvimento de um mundo mais sociável e justo.

A Lei de Diretrizes e Bases de 1996 nas suas disposições transitórias, define que a União deveria, no prazo de um ano, encaminhar ao Congresso Nacional uma proposta do PNE, indicando diretrizes e metas para os dez anos seguintes (BRASIL, 1996b). Desta forma foi criado o Plano Nacional de Educação (PNE 2001-2011), posteriormente avaliado, passa a ser referência ao PNE atual.

Assim sendo, todos idosos participaram desse percurso histórico da educação, e que certamente influenciou na sua formação individual, por serem eles pessoas com mais de 60

anos (nasceram antes de 1954) e os que fazem parte desta pesquisa são de antes de 1934, portanto, ambos foram preteridos da educação quando criança por viverem antes da implantação do Plano Nacional de Educação, ou seja, antes da educação pública gratuita.

Segundo Dourado (2011), o Plano Nacional de Educação (PNE) 2011-2020 do Brasil ficam contempladas as seguintes categorias abaixo:

- a) a Educação Básica (EB), com o objetivo de desenvolver a cidadania no educando, assistindo as crianças dos 4 aos 17 anos. Abrange três segmentos: educação infantil (creches para crianças até três anos e pré-escolas); ensino fundamental (com nove anos de duração e atende as crianças com seis anos); e ensino médio (com três anos de duração);
- b) a Educação Profissional e tecnológica que representa a articulação entre o nível médio e a educação profissional;
- c) a Educação Superior, destinando-se à graduação e pós-graduação;
- d) a Educação à Distância (E.a.D.), que faz a construção do conhecimento pela tecnologia de informação e comunicação aos diversos grupos sociais. Vale salientar que os avanços tecnológicos não se distribuem igualmente, além do seu acesso ser um fator limitante, em decorrência da renda e do grau de escolarização (cerca de 10 anos de estudo) dos seus usuários. Desta forma, permite a exclusão de determinados grupos sociais, quais sejam: famílias de baixa renda, as populações rurais, as pessoas da terceira idade, dentre outros. De todo modo, a EaD mostra-se eficaz na Educação Superior;
- e) a Educação de Jovens e Adultos (EJA) com idade mínima de ingresso para Ensino Fundamental maior de 15 anos e de maior de 17 anos para o Ensino Médio, objetivando atender uma dívida social não reparada aos que não tiveram acesso ao ensino básico e nem domínio da escrita e da leitura, e aos que não concluíram o ensino básico, quer pela evasão ou pela repetência, apresentando distorções na idade/ano escolar. Além da educação formal, o ensino do 6º ano até o 3º ano, a EJA tem a missão de desenvolver ações de educação ao longo da vida (educação não formal) e;
- f) educação voltada à inclusão, destacando-se as escolas indígenas, construindo sua autonomia e preservando sua cultura, preparando gestores e educadores que garantam acesso à rede regular de ensino aos alunos com deficiência e as escolas de educação básica no campo, englobando os espaços das florestas, de pecuária, das

minas, da agricultura, dos pescadores, dos ribeirinhos, dos extrativistas como sujeitos de inclusão social, aliando a educação ao desenvolvimento.

Em função desse referencial, verifica-se que o atual Plano Nacional de Educação 2011-2020, no que tange às opções de ofertas à escolarização formal dos idosos, limita-se à Educação de Jovens e Adultos (EJA) e a educação à distância (EaD). Assim, o idoso continua não conseguindo se resolver educacionalmente.

Bem como, as instituições não estão preparadas para mediar o desenvolvimento humano e, tampouco o ser humano consegue se resolver educacionalmente. Sem um olhar mais compreensivo para sua identidade e as suas especificidades comuns da idade, não se terá condições necessárias para promover o seu desenvolvimento (BOTH, 2001).

As conquistas no campo da saúde redimensionaram a expectativa de vida, mas os recursos sociais para a educação ainda não se adequaram ao ser humano longevo. A natureza impõe suas leis, enquanto a cultura, até o momento, não ampliou seu entendimento e suas possibilidades para captar e compreender as limitações do idoso. Assim, é necessário perceber o ser idoso como possuidor de características peculiares que delimitam seu acesso ao EJA, tais como o declínio da visão, audição, expressão verbal, da memória em curto prazo, da velocidade de processamento de novas informações e de recuperação das informações armazenadas em outras épocas (LIMA, 2001).

Os idosos são capazes de aprender, porém sua capacidade de assimilação tem velocidade menor e é substituída pela acuidade, diferindo dos outros adultos (JORDÃO NETTO, 2011). Porém, eles são ávidos para aprender novos informes e querem participar desta sociedade através da apropriação de processos educacionais também formais.

Conforme pode ser verificado, as nossas instituições precisam estar preparadas para acolher e intermediar o ensino para idosos, com vistas nas peculiaridades desta etapa de vida. Na perspectiva das suas limitações, tanto dos idosos como das instituições, é preciso ter uma nova visão para entender a importância dessa adequação.

Ressalta-se, portanto, a necessidade de se ter educadores com formação gerontológica, que entendam sobre o processo de envelhecimento, a velhice e os idosos. Principalmente aqueles que buscam o aprendizado e não podem ser expostos a situações vexatórias e a exigências superiores à sua habilidade de percepção e ao seu potencial de aprendizagem (BOTH, 2001).

Debert (2012) reforça esse entendimento quando afirma que a educação e o aprendizado são um processo no qual os mais velhos não podem ficar expostos a esforços que

exorbitem os seus interesses ou as suas capacidades. No processo de ensino-aprendizagem, os educadores devem conhecer as peculiaridades dos idosos, devem resguardar-lhes contra situações humilhantes e, assim, evitar sentirem-se excluídos mais uma vez desse direito de aprender.

Segundo Vygotsky citado por Both (2001, p. 130), sua compreensão é de que todo aluno tem a capacidade de aprender e refere que:

[...] a condição do ser humano de aprender não é razão exclusiva da competência pessoal, tampouco estabelece níveis rígidos no processo de aprendizagem. Todo aprendiz é capaz de aprender mediante apoio, como se sua inteligência fosse uma extensão solidária dos outros, o que significa que a sua aprendizagem é um processo capaz de superar níveis cada vez mais avançados. Não existem, portanto, instâncias intelectuais, cuja performance não avance quando são mediadas pelo auxílio de um intercessor.

É no contexto da existência de meios educativos mediados pela ajuda de um intercessor para facilitar a aprendizagem que reside a maior defasagem. Essas condições, até o momento, não são compatíveis com a realidade nas instituições de ensino local. Os fatores que foram referidos anteriormente possivelmente sejam os responsáveis, de certa forma, pelas limitações da eficácia do EJA e da evasão dos idosos deste programa. A EJA é uma promessa de qualificação de vida para todos, inclusive para os idosos (SOUZA, 2000). Entretanto, não contempla esse grupo etário por não atender as características peculiares dos envelhecidos.

Quanto à situação do ensino pela Educação a Distância (EaD), observa-se também ser limitada a sua contribuição aos adultos maiores, tendo em vista ser necessário o domínio da tecnologia da informática para poder ser beneficiário do programa. Entretanto, nesse grupo dos idosos poucos têm este conhecimento.

Portanto, as categorias oferecidas pelo Plano Nacional de Educação aos idosos tanto a Educação de Jovens, Adultos (EJA), quanto à Educação a Distância (EaD) não contemplam os idosos pelas suas particularidades pessoais, permanecendo para com eles a dívida social não reparada e a não conquista da cidadania plena. Esta dívida social pode ser observada na tabela a seguir (Tabela 1).

Tabela 1 - Pessoas de 60 anos ou mais de idade com indicação média de anos de estudo e distribuição percentual, por grupos de anos de estudo, segundo as Grandes Regiões ó 2013

Grandes Regiões	Pessoas de 60 anos ou mais de idade (1)				
	Média de anos de estudo	Distribuição percentual, por grupo de anos de estudo (%)			
		Sem instrução e menos de 1 ano	1 a 3 anos	4 a 8 anos	9 anos ou mais
Brasil	4,7	28,4	17,1	34,5	19,9
Norte	3,7	37,6	20,7	27,6	14,0
Nordeste	3,3	46,9	16,5	22,0	14,5
Sudeste	5,5	20,0	15,6	39,9	24,4
Sul	5,0	18,0	20,6	43,2	18,2
Centro-Oeste	4,6	30,8	17,8	30,9	20,3

Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2013.

(1) Exclusive as pessoas com anos de estudo Não determinados.

Fonte: IBGE (2014, p. 1)

De acordo com os dados demonstrados pelo IBGE (2014), sobre a educação dos idosos brasileiros, verifica-se que 28,4% dos brasileiros maiores de 65 anos foram considerados no nível dos sem instrução por terem tido menos que um ano de estudo. Quando passamos a analisar a região do Nordeste brasileiro, tem-se que 46,9 % idosos encontram-se sem instrução, tendo esse grupo, no geral, uma média de 3,3 anos de estudo.

É fato conhecido que esses idosos ou adultos maiores já foram preteridos da educação em seu passado histórico, não lhes sendo ofertada a oportuna da educação pública formal na infância, pois nasceram antes de 1935 e as lutas em prol do ensino gratuito ocorreram posteriormente. Esses dados da tabela 1 revelam índices lastimáveis de escolaridade dos idosos e que necessitam serem reparados, caso contrário, dar-se-á continuidade a este processo excludente, violando um dos seus direitos constitucionais fundamentais, que é o da educação.

Portanto, esses idosos descritos, são os Outsiders segundo a teoria de Elias (2000, p. 20) a qual diz: ãos grupos mais poderosos, na totalidade desses casos, veem-se como pessoas -melhoresø dotadas de uma espécie de carisma grupal, de uma virtude específica que é compartilhada por todos os seus membros e que falta aos outrosø.

Com esse entendimento, os idosos são os Outsiders, os excluídos socialmente em decorrência de sua limitada escolaridade, não em decorrência da sua livre escolha, mas como o resultado da não democratização do ensino, ou seja, do não acesso da educação para todos os homens.

Na atualidade, diante de um mundo moderno globalizado e em constante mutação, impondo aos homens e aos idosos um ritmo de contínua atualização. Idosos, com grandes limitações e estigmas, pergunta-se:

Quais são as condições que o idoso tem para reinserir-se numa sociedade que constantemente se modifica e afronta-o de forma consciente, agindo contra a sua dignidade e honradez?

Referindo-se as condições que afrontam a dignidade do homem, Adorno (1995, p. 159-160), diz: "Suspeito que a barbárie existe em toda a parte em que há uma regressão à violência física primitiva, sem que haja uma vinculação transparente com objetivos racionais na sociedade". Tais condições de injustiça social, que afrontam a dignidade do homem podem ser minimizadas ou eliminadas pela educação.

Dessa forma, a educação pode contribuir para o processo de formação e emancipação do homem, criando condições em que os indivíduos, socialmente, conquistem a sua autonomia e sua dignidade. Assim, corrige-se distorções, preconceitos, exclusões sociais e redimensiona-se as ações para com os idosos, garantindo-lhe um processo educacional qualificado que venha facilitar a sua inserção social permitindo-os viverem como seres ativos, pensantes e atuantes nessa fase da sua vida.

Conforme pode ser observado na Constituição Federal de 1988, o seu Art. 205 afirma que "a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho" (BRASIL, 1988, art. 205).

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases no seu Art. 2º "A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho" (BRASIL, 1996b, art. 2).

Se muitos educadores e/ou legisladores, bem como, os gestores em educação ainda não perceberam a longevidade humana como uma condição que afeta (e influencia) o perfil da sociedade atual, devem estar enganados nas formas de relações, nos conteúdos e em suas abordagens educacionais. No contexto vigente, é retrógrado afirmar, ainda que se trate de um dado efetivo, que o idoso está à parte da sociedade em decorrência da fase em que se encontra caracterizada como improdutiva, além de se constituir fator excludente a visão de que, estando em uma "fase final", tão logo morreria. Hoje, apesar de certa fragilidade resultante do tempo de vida transcorrido, há outro tipo de idoso: mais ativo, participativo, integrado

socialmente, em busca de seus sonhos e de seus ideais. Estes fatos trazem alento aos envelhecidos, pois demonstram que os tempos de agora são outros e estamos frente a esta nova realidade.

A ciência tem comprovado que os idosos estão em condições de aprender tanto quanto as crianças (LIMA, 2001; TAMINE; MADEIRA, 2012). Neste sentido, torna-se imprescindível uma educação atuante e centrada no acolhimento extensiva para todas as idades, assim como esses idosos.

Durante muito tempo, a história da educação esteve dirigida prioritariamente para a educação da criança e do adolescente, por eles se encontrarem em processo de desenvolvimento psicossocial em uma fase propícia para a aprendizagem. Esta centralização colocava os adultos e idosos em segundo plano. Por não lhes oferecerem oportunidade de aprendizagem quando crianças e agora da mesma forma quando já idosos.

Na atualidade, este fato continua presente e esses idosos se encontram mais uma vez privados desse seu direito. Os sistemas governamentais são excludentes quando priorizam o ensino para as crianças e adolescentes em detrimento dos adultos e dos idosos, apenas por deduzirem que seu tempo de aprender já passou e sua formação se completou (BOTH, 2001; OLIVEIRA, 2009). Os idosos atuais representam outra realidade, impulsionados por seus projetos de vida, estão abertos para novidades e buscando, novos saberes e novas aprendizagens.

Assim, ancorados na imagem da busca pelo aprender, os idosos se assumem como sujeitos da sua própria educação, agentes do seu próprio crescimento e de sua transformação. A educação formal deve modificar os objetivos, preparar educadores, com conteúdo e métodos de acordo com as necessidades dos idosos e da sociedade que envelhece (CACHIONE, 2003).

Deste modo, Oliveira (2009, p. 18), mostrando sua preocupação quanto à educação dos idosos diz:

A educação de jovens e adultos traz para debate a questão da democratização do ensino, ou seja, do acesso de todos os indivíduos à educação escolar, bem como, da sua permanência, na medida em que o direito à educação escolar torna-se referencial de equidade social. Aponta, ainda, a necessidade existencial e política de educarem-se as pessoas jovens, adultas e idosas, de acordo com suas especificidades etárias e sociais, ou seja, significa entender as suas condições de pessoas humanas e suas condições sociais de não crianças, excluídos, e membro de determinados grupos e classes sociais populares. Essa compreensão das necessidades e especificidades sociais da educação de jovens e adultos pelos (as) educadores (as) tem de se transformar em responsabilidade ética e luta política pela inclusão social.

Na presente abordagem, o da trajetória da educação, foi apontada a importância do direito e acesso à educação escolar para todos os homens inclusive para os idosos.

Partindo dessa premissa, surge a preocupação de saber como está a educação preparando esses idosos. Idosos que no passado já foram preteridos da educação, sendo esse o motivo propulsor de se procurar analisar no momento seguinte, como a educação está preparando esses idosos para o seu envelhecimento.

2.3 EDUCAÇÃO PARA O ENVELHECIMENTO

Até o final dos anos 60 do século XX, entendia-se a velhice como uma ocasião para as perdas sociais, perda dos papéis específicos na família e no trabalho, de status e retração da rede social. A velhice não se torna resultante só do passar do tempo, mas também da falta de autonomia e de utilidade, ou seja, se transforma num peso para a sociedade. A consciência pelos idosos da sua inutilidade é a responsável pelo desestímulo, desinteresse perante a vida e o desejo da morte. Este é o fenômeno da depressão na velhice (DEBERT, 2012).

Já dizia Haddad (1986, p. 40) o trabalho é um prêmio que a vida oferece ao homem. Sem o trabalho a vida perde completamente o sentido e declina para tragédia da velhice que é a convicção da sua inutilidade, resultado da redução progressiva das suas atividades e do seu trabalho (pela aposentadoria). Assim, como deve se preparar para o envelhecimento, também deve existir um plano de preparação para a aposentadoria, pois, para os idosos que não têm comprometimento físico ou mental, a melhor terapêutica para o envelhecimento é o trabalho (HADDAD, 1986, p. 42). O trabalho é importante para a manutenção do indivíduo vivo, pois, estimula o seu interesse pela vida.

Desse modo, o saber envelhecer torna-se uma arte do viver em que se busca o envelhecimento ativo com saúde, onde os idosos continuam com sua ocupação ou o seu trabalho, mantendo-se integrados socialmente (HADDAD, 1986). Portanto, a educação constitui o processo em que cada ser humano aprende a se formar e a se informar a fim de transformar-se e transformar o mundo. É um processo constante na história de todas as sociedades (OLIVEIRA, 1999).

Casara (2006) refere que a educação é o caminho para o desenvolvimento do homem e da sociedade. Ela conduz às conquistas que passam gradativamente a integrar a cultura do povo e desencadear transformações sociais. Assim, a educação pode ser a estratégia pelos envelhecidos, para reconquista da identidade pessoal e cultural, da busca da humanização e da

vida. A educação é um dos instrumentos de realização do ser humano no seu ambiente social, faz erguer da sua condição de vida atual para uma melhor.

Dessa forma, a educação para a velhice ocupa local de destaque no conjunto de normas que a gerontologia social aponta como fundamental, como a de buscar o envelhecimento sem velhice (HADDAD, 1986). Assim, é preciso que os homens aprendam a serem velhos, apesar das limitações da vida, busquem no ambiente social as razões para viverem feliz e na educação para a velhice as aprendizagens para saber envelhecer.

Cachioni (2003) se referindo às limitações e necessidades peculiares dos idosos para a aprendizagem, relata que em 1970, David Peterson, na Universidade de Michigan, durante o doutorado de gerontologia, utiliza pela primeira vez o termo Gerontologia Educacional como um novo campo da educação. Em 1976, esse mesmo teórico definiu-a como a área responsável pelo estudo e pela prática das tarefas de ensino a respeito das pessoas envelhecidas e em processo de envelhecimento. Em 1980, refez a definição acrescentando que a gerontologia educacional é a tentativa de aplicar o que se conhece sobre a educação e o envelhecimento em benefício do aumento e da melhoria da vida dos idosos. Peterson (apud CACHIONI, 2003) apresenta três campos de atuação da gerontologia educacional:

- a) educação para os idosos: programas educacionais voltados a atender as necessidades da população idosa, considerando as características desse grupo etário;
- b) educação para população em geral sobre a velhice e os idosos: programas educacionais que possibilitam à população mais jovem rever seus conceitos sobre a velhice e os idosos e rever o seu próprio processo de envelhecimento e;
- c) formação de recursos humanos para o trabalho com idosos: capacitação técnica de profissionais e da formação de pesquisadores.

Cachioni (2003), menciona que Glendenning e Battersby referiram que a gerontologia educacional era conservadora e que, na prática, conduziam mais domesticação do que autonomia e emancipação. Desse modo, em 2000 surge a gerogogia crítica (Lemieux) que é uma ciência educacional interdisciplinar cujo objeto de estudo é o idoso em situação pedagógica, é, portanto, uma ciência aplicada. Assim, como a pedagogia tem sua base teórica na psicologia educacional, a gerontagogia tem como base a gerontologia educacional.

Uma nova gerontologia crítica e sua prática - gerogogia crítica - promove a tomada de consciência por parte dos próprios idosos sobre seus direitos, sua qualidade de vida, suas formas de auto-realização e o papel social que podem realizar. Enquanto a gerontologia

educacional se apresenta como uma especialidade da gerontologia, a gerontologia deveria ser incorporada e situada como disciplina das ciências da educação (CACHIONI, 2003).

As propostas da educação dos idosos e formação de recursos humanos se estenderam inicialmente aos programas americanos, canadenses e espanhóis e, desde 1998, realizam-se cursos de especialização e foi desenvolvido o Projeto Geron (ensino e aprendizagem para idosos: Uma Formação Internacional em Gerontologia). Seu objetivo foi de organizar uma rede internacional dedicada à produção e ao intercâmbio de materiais informativos visando à preparação de educadores de pessoas idosas e o intercâmbio de alunos que participam do projeto (CACHIONI, 2003).

O Projeto Geron conta com apoio da UNESCO que mantém um curso de docentes gerontólogos, chamados de educadores sociais ou de animadores sociais. Movimento que cresce e já ganha visibilidade no Brasil (Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Paraná) pela necessidade de formar profissionais para atender esse segmento etário (CACHIONI, 2003). Todos estes avanços no campo educacional têm visado atender a demanda crescente de idosos oriundos do envelhecimento populacional e que buscam a educação.

Na educação, os educadores podem até não ter segurança ou convicção sobre o destino daquilo que informam, ou seja, da sua cultura acumulada, mas com certeza ela tem seus efeitos, repercute e modifica o pensar do educando. A família constitui o início de toda e qualquer educação e assegura, por isso, a ligação entre o afetivo e o cognitivo, assim como a transmissão dos valores e das normas. Abriga no seu interior um grande currículo ignorado e oculto que no dia a dia são repassadas pelas atitudes, pelos diálogos, e até nas brincadeiras, pois neste contexto se encontram mensagens que são formadoras de comportamentos.

Para tanto, os grupos sociais passam ideias, apresentam situações e emitem mensagens que instituem comportamentos bons ou não (BOTH, 2001), permitindo, assim, entender como são formadas as redes da educação na sociedade e como vão sendo ampliadas a outros campos e domínios.

Desse modo, a educação ocupa cada vez mais espaço na vida das pessoas à medida que aumenta o papel que desempenha na dinâmica das sociedades modernas. Todos os tipos de educação, longe de se oporem, fecundam-se mutuamente e preparam o homem quanto à sua formação e comportamento, assegurando-lhes a melhor maneira de fazer e de ser (UNESCO, 2010). Portanto, a educação age como instrumento de promoção social podendo ser fundamental na recuperação da vontade de participar, de viver e de reintegrar socialmente em toda sua extensão.

Historicamente, os sistemas educacionais vêm centralizando o seu olhar na educação da criança, e só secundariamente no adulto. Considera que a criança está no seu processo de formação física, cognitiva, moral e social, enquanto o adulto já está pronto, já sabe tudo, alcançou o seu máximo de desenvolvimento, e o conhecimento que possui é suficiente para viver bem até o fim de sua vida (OLIVEIRA, 2009). Segundo Haddad (1986, p. 40), os ideólogos da velhice dizem que: "Os maiores abandonados conseguirão autonomia na medida em que puderem contar com o apoio dos notáveis portadores de um saber específico sobre o estágio de vida em que se encontram e sobre as dificuldades que enfrentam nas relações sociais".

Nessa época, o velho de um modo geral era desconsiderado e ignorado pela sociedade e pelos sistemas educacionais, por outro lado, as crianças, os adolescentes, jovens e adultos têm seu lugar reservado, apesar de não serem os ideais.

Alencar (2002) refere que os sistemas educacionais têm sua estrutura voltada para as gerações dos mais novos, todos apoiam as escolas que ensinam as crianças serem homens. Por outro lado, quem conhece escola que ensina os adultos a serem idosos? Entretanto, a educação é vista como processo contínuo e que se realiza em todas as situações que o homem vive e, por isso, não pode ser vinculada a um determinado período da vida. Desse modo, pode-se identificar o preconceito contra a velhice e o desconhecimento do processo do envelhecimento humano.

Grandes são as dificuldades impostas ao idoso para se ajustar e sobreviver dignamente, sem uma educação voltada para esclarecer esta fase do ciclo de sua vida e facilitar sua reinserção social. A velhice é esquecida também em decorrência de uma mentalidade que descarta a possibilidade de que ocorra desenvolvimento nesta fase. Sabe-se, entretanto, que esse entendimento não procede, pois, o ser humano idoso continua a se desenvolver ao longo da vida, apesar das alterações próprias do envelhecimento.

Segundo Haddad (1986, p. 29), o geriatra Ralph Berg referindo-se a capacidade intelectual explica:

Enquanto o indivíduo se mantém em atividade intelectual ele continua com capacidade de produzir. À medida que o indivíduo envelhece, sua capacidade intelectual torna-se mais aguda e seletiva. Esses indivíduos que são personalidades notáveis nos seus respectivos ramos de atividade, ao longo da vida sempre tiveram uma grande produção intelectual. Na faixa compreendida entre 20 e 30 anos de idade, é comum a existência de um interesse amplo, isto é, por várias atividades. A partir dos 30 anos, o indivíduo vai começando a selecionar os assuntos pelos quais se interessa. Aos 60 essa seleção aumenta e ele se dedica, conforme cada caso, a dois ou três assuntos e se torna craque naquilo. O contrário ocorre com os que se aposentam, isto é, os que ficam inativos. Estes, praticamente tornam-se uns mortos-

vivos, ficam por aí pelas praças e outros lugares. Podemos constatar que todos os grandes estadistas são (ou foram) homens velhos, como, por exemplo, DE GAULE, CHURCHILL, HO CHI MIN, MAO TSÉ-TUNG. Noutros setores, podemos citar BERNARD SHAW, BERTRAND RUSSEL, PICASSO, CHAPLIN e MIRÔ, ainda em franca atividade. O intelectual idoso não diminui a sua atividade mental. O que diminui é a sua capacidade física. Evidentemente, quando há a intervenção de doenças orgânicas surgem dificuldades.

No que diz respeito à fisiologia cerebral, Lima (2001) informa que as células do cérebro continuam se renovando e que o seu número não define a sua capacidade mental, o que mais interfere é a formação das novas redes de comunicação (a proliferação das suas conexões) e que ocorrem no decorrer de toda a vida assim como na velhice. Por conseguinte, o ser humano, durante toda sua vida, está aberto para absorver novas informações, novos conhecimentos e novas aprendizagens.

De acordo com Sá (2006, p. 300), ao referir-se ao aluno idoso e ao seu potencial afirma:

O aluno idoso é um ser vivencial. Ele “saboreia” cada minuto de sua vida, reconhecendo-lhe o valor. Apresenta um nível surpreendente de desenvolvimento pessoal, à sua moda, com as características que lhe são próprias. A sua crescente sabedoria lhe permite uma maior capacidade de julgamento. A elementaridade o faz distinguir entre o banal e o fundamental. Ele está no momento de melhor avaliação crítica da vida, em virtude das experiências acumuladas.

Entende-se, que o idoso não tem tempo a perder, não pode estagnar, valoriza todos os momentos da vida e as experiências armazenadas ao longo de sua existência, e que lhes propiciaram evoluir no seu desenvolvimento. As experiências adquiridas foram sendo acumuladas ao longo da evolução dinâmica de sua vida.

Brandão (1990, p. 19) correlaciona os processos dinâmicos de vida à educação e afirma:

[...] educação não é sinônimo de transferência de conhecimento pela simples razão de que não existe um saber feito e acabado, suscetível de ser captado e compreendido pelo educador e, em seguida, depositado nos educandos. O saber não é uma simples cópia ou descrição de uma realidade estática. A realidade deve ser decifrada e reinventada a cada momento. Neste sentido, a verdadeira educação é um ato dinâmico e permanente de conhecimento centrado na descoberta, análise e transformação da realidade pelos que a vivem.

Dessa forma, de acordo com a dinâmica da vida atual, em que as modificações ocorrem em uma velocidade difícil de seguir, é fundamental a aplicação e desenvolvimento de uma educação simultaneamente dinâmica e contínua, como a que Brandão (1990) descreveu,

ou seja, uma educação que se adapte as mais diversas situações e acompanhe todas as fases da vida.

Na realidade juvenil atual, ninguém pode pensar em adquirir uma bagagem de conhecimentos que lhe baste para toda a vida, porque a sociedade contemporânea é caracterizada por mudanças rápidas e profundas que requer aprendizagem e adaptação constante. Do mesmo modo, o processo do envelhecimento humano não surge após 60 anos, mas o acompanha durante toda a vida (UNESCO, 2010). Por conseguinte, as missões que cabem à educação e as múltiplas formas que podem ocultar, fazem com que ela englobe todos os processos e leve as pessoas, desde a infância até ao fim da vida, a um conhecimento dinâmico do mundo, dos outros e de si mesmas (UNESCO, 2010, p. 104).

Para o idoso mergulhar num outro mundo, num mundo diferente, afinal, o que conta é refazer-se continuamente e preparar-se para enfrentar as mudanças. Não existe outro meio que não o da Educação concebida num processo de socialização permanente (HADDAD, 1986).

Desse modo, Haddad (1986, p. 92) diz que:

[...] a educação torna-se necessidade fundamental para que o velho possa viver bem numa sociedade que o ameaça, não por dominá-lo econômica e politicamente, mas por obrigá-lo, sob pena de condená-lo à solidão, a uma permanente atualização em face as abruptas mudanças.

Frente às constantes modificações do mundo atual todos os seres humanos estão inconclusos. Inconclusos somos nós, mulheres e homens [...]. Entre nós, mulheres e homens, a inconclusão se sabe como tal (FREIRE 2000a, p. 55). A inconclusão que faz parte do fenômeno da vida. Os adultos maiores, ao perceberem-se como inacabados, passam a perseguir o conhecimento num permanente processo de busca e, assim, passam a serem beneficiários da educação. Sá (2006, p. 293) questiona os limites da educação quando diz:

Até quando deve o homem educar-se? A resposta a esta questão depende da finalidade que se atribui à educação. Caso ela esteja voltada para o processo de humanização e de transformação social, com possibilidades de formação do homem integral, logo, o processo educativo é algo permanente e coexistindo com a própria vida.

Desse modo, a educação age como formadora e promotora do conhecimento desde a infância e por toda vida. Logo, no processo vital de cada ser humano, a educação o leva a se reconstruir, a mudar, a reinserir-se socialmente e a se humanizar. Portanto, a educação para o envelhecimento ocorre ao longo da vida, acontece em casa, no colégio, nos espaços sociais e em todos os contextos onde os idosos se situam.

Com a intenção de levar a sociedade a refletir sobre esse conhecimento, a Política Nacional do Idoso, no seu inciso III, do artigo 10 da Lei nº 8.842, de 04 de janeiro de 1994, referindo-se ao campo da educação, diz que são competências dos órgãos e entidades públicos:

- a) adequar currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais destinados ao idoso;
- b) inserir nos currículos mínimos, nos diversos níveis do ensino formal, conteúdos voltados para o processo de envelhecimento, de forma a eliminar preconceitos e a produzir conhecimentos sobre o assunto;
- c) incluir a Gerontologia e a Geriatria como disciplinas curriculares nos cursos superiores;
- d) desenvolver programas educativos, especialmente nos meios de comunicação, a fim de informar a população sobre o processo de envelhecimento;
- e) desenvolver programas que adotem modalidades de ensino à distância, adequados às condições do idoso e;
- f) apoiar a criação de universidade aberta para a terceira idade, como meio de universalizar o acesso às diferentes formas do saber (BRASIL, 1994, art. 10).

Parte dessas ações governamentais está sendo efetivada de forma ainda precária. No que se refere à inserção dos conteúdos voltados para o processo de envelhecimento nos currículos mínimos do ensino formal, ainda há um débito social em decorrência de sua não inclusão.

Os educadores geralmente, não estão conscientizados e não percebem a importância do conhecimento do processo de envelhecimento para população em geral. Difundir os ensinamentos sobre o ser humano que envelhece é uma temática que deve fazer parte do conteúdo programático do ensino escolar e universitário, como preconiza a Política Nacional do Idoso (PNI). De fato, não se constata esse cumprimento da lei quando se refere ao ensino escolar, pois, no tocante ao ensino universitário esta inclusão já é parte da realidade.

Reafirma-se que a educação para o envelhecimento precisa ser abordada desde a infância. Sua prevenção para uma velhice saudável inicia-se nesta fase e, porque não dizer, na gestação, com os cuidados preventivos numa perspectiva de alcance qualitativo do desenvolvimento da vida. Dessa maneira, não deve se postergar esses conhecimentos para as crianças, bem como, aos jovens e adultos, fazendo-se necessário desenvolver ações educativas para uma análise e reflexão sobre sua vida, sua qualidade de vida e seu envelhecimento.

Esse contínuo educativo, coextensivo à vida e ampliado às dimensões da sociedade, foi designado pelo relatório da Comissão Internacional sobre Educação da UNESCO (2010, p. 104), pela expressão *educação ao longo de toda a vida* e sendo considerada a chave que abria as portas do século XXI. Ultrapassa a distinção tradicional entre educação inicial e

educação permanente. Aproxima-se de outro conceito, qual seja, o da sociedade educativa, onde tudo pode ser ocasião para aprender e desenvolver os próprios talentos.

Na atualidade, o progresso científico e tecnológico e a transformação dos processos de produção resultante da busca de uma maior competitividade fazem com que os saberes e as competências adquiridos na formação inicial tornem-se rapidamente obsoletos e exijam o desenvolvimento da formação profissional permanente (UNESCO, 2010). Essa visão da educação ao longo da vida aponta para uma construção da pessoa humana, do seu saber e das suas aptidões contínuas. Contempla os idosos e pode ser o elemento fundamental para trazê-los de volta a vida e dela participar de forma sadia.

Enfim, a educação ao longo de toda a vida deve aproveitar todas as oportunidades oferecidas pela sociedade para educar.

O esforço de inserção do idoso na sociedade se tem beneficiado da educação alicerçada em um novo aprender, o aprender a viver e a envelhecer, ou seja, a educação voltada para o envelhecimento. Esse método do ensino-aprendizagem deve proporcionar reflexões ao idoso em torno do seu ambiente, das suas vivências e da sua realidade, aumentando sua conscientização sobre os problemas do seu grupo (UNICOVSKY, 2004).

Tudo que se aprende tem um sistema de referência na vida, se aprender a partir das próprias experiências é um conhecimento teórico tão grandioso quanto perceber o significado da própria vida. A produção e desenvolvimento da aprendizagem ficam na dependência da sensibilização, ou seja, da conscientização do homem, de que é um ser inacabado em constante e progressiva busca da sua completude. Segundo Unicovsky (2004, p. 241):

Ao envelhecer, as pessoas confrontam-se com novos desafios e novas exigências. As limitações físicas são acrescidas àquelas que a sociedade coloca, como os preconceitos e os estereótipos, e o grande desafio é construir permanentemente o próprio caminho e desenvolver atitudes que as levem a superar suas dificuldades, integrando limites e possibilidades de conquistar mais qualidade de vida, que podem ser concebidas como um conjunto de condições dignas de existência.

Dessa maneira, a educação ao longo da vida, vem se aliar e auxiliar o idoso no enfrentamento das dificuldades e dos desafios próprios desta fase da vida. Dificuldades em aceitar as próprias restrições, em sentir-se diminuído no seu valor, em destruir a ideia equivocada de que a velhice é ligada a fraqueza, a doença e a solidão. Desafio de aprender a ser idoso, de se ver e ser visto como idoso, de significar cada minuto e de perseguir objetivos que deem sentido à vida. Romper com essa cultura preconceituosa com relação à velhice, e

que por não oferecer um tratamento adequado e merecido, torna-a, portanto, não desejada (CORTELLETTI; CASARA, 2006a).

Assim sendo, a educação durante toda vida prepara o idoso para mudar a imagem conceitual do velho, para sentir-se engrandecido por estar velho e com todo vigor, para mostrar-se enquanto um ser em crescimento e em mudança, necessitando, portanto, de apoio e estimulação para criar novos projetos, realizar sonhos e situar-se ativamente na vida junto aos demais.

Para isso, tem-se a Política Nacional do Idoso (PNI) com o objetivo de assegurar os direitos sociais do idoso, na sua Lei nº 8.842, de 1994, afirmando no item II que o processo de envelhecimento diz respeito à sociedade em geral, devendo ser objeto de conhecimento e informação para todos (BRASIL, 1994). Assim, o conhecimento sobre o processo do envelhecimento, seus estudos e suas pesquisas, enfim, tudo que se refira ao assunto, não deve ficar como informe limitado aos idosos e aos que se dedicam a estudar a área, mas sim, difundido por toda sociedade.

Através dessa ação os esclarecidos se pretende anular a discriminação, a tragédia da velhice, contando com as trilhas da educação libertadora (HADDAD, 1986, p. 39). Educação que conscientiza os homens, jovens, adultos e idosos, tanto analfabetos como letrados, os sujeitos desse mundo, os construtores da sua cultura (FREIRE, 1977).

Portanto, a educação ao longo da vida é uma educação permanente, coexistindo em toda extensão da vida, colaborando no desenvolvimento do ser humano, fazendo-o partícipe da vida, lhes dando sentido e educando para a velhice. É, portanto, uma educação sem limites de tempo ou espaço, pronta para ajudar em todas as fases da vida e especialmente na velhice, considerada como uma fase desfavorável (CORTELLETTI; CASARA, 2006a).

A educação permanente considera a educação na sua forma mais ampliada. Incluindo as modalidades formais e não formais, ela pode atuar eficazmente no idoso em sociedade, desenvolvendo o conceito de sociedade educativa, na qual são oferecidas múltiplas oportunidades de se aprender, tanto na escola quanto na vida econômica, social e cultural. Daí a necessidade de multiplicar as negociações e as parcerias com a família, o meio econômico, o mundo associativo, os atores da vida cultural (BRASIL. Ministério da Educação, 2009). Assim pensando, acredita-se que se efetivadas e colocadas em prática às medidas já propostas, possibilitará ao idoso voltar a se integrar e participar socialmente.

Hoje, pela primeira vez na história, a maioria das pessoas pode esperar viver até 60 anos e mais. E, quando combinados com quedas acentuadas nas taxas de fertilidade, esse aumento na expectativa de vida leva ao rápido envelhecimento populacional em todo mundo

(BRASIL, 2012). Assim, o idoso passa a ter mais visibilidade e a sociedade começa a ter uma nova sensibilidade frente a esta realidade.

Mesmo assim, uma parcela considerável de idosos brasileiros sofre com a precariedade de recursos de natureza econômica, educacional, médica, habitacional e ecológica. Estando condenados aos prejuízos físicos e psicológicos incontornáveis (NERI, 2011). A velhice não é vivida do mesmo modo entre os que dominam e os que são dominados, o problema das desigualdades sociais são camufladas.

Porém, do mesmo modo que foi conquistada a valorização social das mulheres e dos negros depois de duras e longas lutas, assim, a modificação da imagem do velho e o desenvolvimento da ética para com a velhice deverão ser conquistados após longos caminhos ainda a percorrer (BOTH, 2001).

Observa-se, por um lado, a socialização progressiva da gestão da velhice que durante muito tempo foi considerada como própria da esfera privada e familiar, uma questão de previdência individual ou associações filantrópicas que atualmente se transformaram em uma questão pública (DEBERT, 2012). Com isso, no Brasil dos últimos dez anos, multiplicaram-se programas voltados para a educação dos idosos, indicativo de que a sociedade brasileira está mais sensível e se conscientizando acerca das efetivas possibilidades associadas ao envelhecimento humano.

No Brasil, a partir de 1960, a Legião Brasileira de Assistência (LBA) e o Serviço Social do Comercio (SESC) foram os pioneiros a desenvolver atividades voltadas para idosos, criando programas de lazer com objetivo de reverter o principal problema conhecido, até então, só aos que envelhecem: a ausência de papéis e a solidão. Programas que representavam a mediação entre o indivíduo e a sociedade (modelo baseado mais na socioterapia) (DOLL, 2007; HADDAD, 1986). Esta conduta possibilitou a sensibilização do governo, e da população em geral, a olhar de outra forma para as necessidades do idoso.

Posteriormente, em 1977, o SESC desenvolveu programas voltados à autonomia na perspectiva da autodeterminação, sendo a educação permanente eleita como a principal ferramenta para este fim. Passou, então, a dar aos seus programas para idosos o enfoque mais educacional e os chamou de Escolas Abertas para a Terceira Idade (DOLL, 2007).

Ainda na década de 60, na França, surgiu a Universidade do Tempo Livre, concebida como um espaço voltado às atividades culturais e a sociabilidade, com a finalidade de ocupar o tempo livre dos aposentados e favorecer as relações sociais entre eles (CACHIONI, 1999, 2003).

Na França de 1973, Pierre Vellas, um professor universitário, confirmou que as oportunidades de educação oferecidas aos idosos eram quase inexistentes. A partir disso decidiu abrir as portas da Universidade de Toulouse a todos os idosos, (sem fechar para outras faixas etárias preocupadas com o envelhecimento) sem distinção de renda ou escolaridade, oferecendo-lhes programas com atividades intelectuais (centradas no modelo da educação continuada), físicas, culturais, artísticas e de lazer, particularmente adaptados. Tirar os idosos do isolamento, propiciar-lhes saúde, energia e interesse pela vida e modificar sua imagem perante a sociedade foram os objetivos do programa (CACHIONI, 2003; PACHECO, 2015). Ações que proporcionam o crescimento e o desenvolvimento pessoal dos idosos, dando-lhes oportunidade e condições de se abrirem às experiências, descobrirem novos horizontes, absorverem novos valores e participarem ativamente da vida.

Após esta iniciativa, o programa disseminou-se por todo mundo, hoje, milhões de pessoas idosas de todos locais se beneficiam com a participação nessas atividades intelectuais e culturais que colaboram para um envelhecimento ativo e para uma velhice bem-sucedida (CACHIONI, 2003; DOLL, 2007; PACHECO, 2015).

No Brasil o movimento dentro das universidades se iniciou em Florianópolis, na Universidade Federal de Santa Catarina que, em 1982, criou o Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI). Torna-se a primeira instituição de ensino superior a ter um programa brasileiro feito com objetivo de realizar estudos, divulgar conhecimentos técnico-científicos do envelhecimento humano, ao mesmo tempo em que promove o cidadão idoso (CACHIONI, 2003; PACHECO, 2015).

Assim, no final de 1980, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, um grupo de profissionais interdisciplinares interessados na terceira idade, formou o Núcleo de Assistência ao Idoso (NAI) que, em maio de 1992, deu origem à Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI). Esse programa dividia-se em três áreas de atuação: ensino, pesquisa e extensão. Tendo como um dos seus objetivos contribuir para melhoria dos níveis de saúde física, mental e social das pessoas idosas (CACHIONI, 1999). Desse modo, começou a se multiplicar os programas da Universidade Aberta à Terceira Idade com os mesmos objetivos e em diversas regiões do país, tendo a educação para o envelhecimento se desenvolvido de forma mais expressiva, gerando mais pesquisas na área e promovendo uma nova visão acerca do envelhecimento.

A partir dessa experiência muitos outros programas começaram a ser implantados gerando novas experiências adaptadas às necessidades e aos recursos disponíveis nas diversas

regiões do país, especialmente nas cidades de grande porte, que já contavam com uma rede universitária já instalada (PACHECO, 2015).

A partir da segunda metade do século XX, com o prolongamento da longevidade, cria-se a celebração pelo poder viver mais, grande aquisição, que vem aliada ao desafio de absorver e suprir as necessidades desse novo contingente populacional (BRASIL, 2012).

Assim, no Recife, foi criada a Universidade Aberta à Terceira Idade em agosto de 1996, que passou a representar para o campus da Universidade Federal de Pernambuco o compromisso com a valorização do idoso; o espaço de convivência grupal intergeracional; a difusão de conhecimentos e práticas de acordo com os interesses e motivações do idoso; o estímulo à participação ativa de pessoas idosas na execução de atividades, cursos e outras ações propostas pelo programa, valorizando potencialidades e talentos; intercâmbio de experiências com outros órgãos/instituições que promovem ações de educação continuada para idosos; e o campo de prática para a investigação gerontológica em diversas áreas do conhecimento (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, 2016).

O idoso nas Universidades colabora no sentido eliminar a visão limitada da educação superior como privilégio às determinadas etapas da vida, a continuação do benefício só a algumas faixas de idade, e questiona a centralização das oportunidades de conhecimento produzido pela sociedade (DOLL, 2007).

Os programas das UNATI, pela sua amplitude e aceitação social, e por serem uma experiência nova da educação permanente, podem tornar-se um local privilegiado, através da relação aberta de pessoas de diferentes idades, de construção de um novo espaço em que educação, trabalho e lazer possam caminhar juntos, sem barreiras para entrada, saída e participação (PACHECO, 2015).

Segundo Alencar (2002, p. 69), o conceito de educação permanente, consagrado pelo princípio da educação para todos ao longo da vida, insere uma perspectiva de política educativa cujo núcleo de apoio e é a redistribuição social do conhecimento, ãa universalizaçãoo da cultura.

Nesse contexto, o Brasil conta com mais de 200 programas por todo o país em instituições públicas e privadas, promovendo a educação continuada dos idosos (ELTZ, 2014). As universidades de todo o Brasil vêm abrindo suas portas para esse segmento, embora de forma limitada, tendo como o eixo central da sua educação, o ensinar a envelhecer que, em outras palavras, não é outra coisa senão ensinar a viver de maneira mais consciente a própria vida, e por consequência, o próprio envelhecimento (JORDÃO NETTO, 2011).

Haddad (1986), após analisar a longevidade e suas repercussões na sociedade e avaliar algumas questões sobre as condições qualitativas de vida, alguns padrões de comportamento observados para com essa fase da vida e a marginalização que o idoso está sendo submetido, faz um alerta para que os jovens reflitam sobre seus comportamentos na perspectiva de uma sociedade para os idosos:

Atribui-se aos próprios idosos uma responsabilidade muito grande nisso, porque foram eles que construíram essa sociedade; eles foram os jovens de ontem que, por opção ou omissão, levaram a esse tipo de sociedade. O jovem de hoje será o idoso de amanhã; se não está bom para o idoso de hoje, que zele para amanhã estar melhor (HADDAD, 1986, p. 92).

A partir da educação e pelo processo do ensino-aprendizagem é possível que o jovem e o idoso reflitam em torno do seu ambiente concreto, das suas vivências cotidianas, da sua realidade mais próxima. Essas reflexões conjuntas aumentam o nível de consciência sobre os problemas que afetam o coletivo, ajudam a promover o sujeito jovem e idoso e, a partir das suas experiências, contribuem para que percebam o significado da própria existência e terem um norte a conduzir.

O relatório Envelhecimento no Século XXI analisa a situação atual das pessoas idosas e o progresso nas políticas e ações adotadas pelo governo, na efetivação do Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento. Aprovado na II Assembleia Mundial do Envelhecimento, o Plano visa fazer frente às oportunidades e desafios de um mundo cuja população está envelhecendo. Trata as questões do envelhecimento e os interesses dos idosos, recomenda o caminho a ser seguido para assegurar uma sociedade voltada para todas as idades, na qual, tanto jovens quanto idosos tenham oportunidades de contribuir para o desenvolvimento e compartilhar de seus benefícios (FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2012).

O Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde orienta que deve ser construída uma mudança fundamental na compreensão sobre o envelhecimento, que leve em conta a diversidade das populações maiores e responda às desigualdades que muitas vezes estão subjacentes. Embora essas ações exijam recursos, elas podem ser um bom investimento no futuro da sociedade: um futuro que proporcionará às pessoas maiores a liberdade de viver vidas que as gerações anteriores podem nunca ter imaginado (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2015).

Terminando-se a abordagem da Educação para o Envelhecimento, verifica-se a importância da educação pela conscientização dos novos aprendizados voltados para ensinar como envelhecer, ou seja, ensinar a viver de maneira mais consciente a própria vida.

Portanto, por não existir precisão absoluta ao homem que envelhece sobre seu envelhecer, e que os mesmos são construídos historicamente no decorrer do tempo e se inserem ativamente na dinâmica dos valores das culturas, que falam algo sobre este seu ser. Parte-se da necessidade de entender o que seja o envelhecimento, a velhice e os velhos, fato que só se torna possível, através da construção histórico-cultural dos mesmos, o que se passará a tratar a seguir.

2.4 CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS DO ENVELHECIMENTO E DA VELHICE

À pergunta: "quantos anos você tem?" dever-se-ia poder responder exatamente: "Tenho todas idades da vida humana". De fato, cada um de nós, com a idade, conservou as idades precedentes (MORIN, 2001, p. 254-255).

A velhice sempre foi pensada pelo homem em todas as épocas e por todos os povos e o idoso nessa trajetória vem acumulando ao longo da vida, as experiências de todas as idades pelas quais já passou.

De acordo com Beauvoir (1976, p. 103), o sentido e o valor atribuídos à velhice variaram nas sociedades, mas nem por isso ela deixa de permanecer como um fato trans-histórico.

Desde os primórdios da civilização oriental reverencia-se até os dias atuais a velhice e os idosos que sempre tiveram uma situação privilegiada. Na China, o filósofo fundador do taoísmo, Lao-Tsé 604 a. C., considerava a velhice como um momento supremo, de alcance espiritual, tendo como o fim maior do homem a busca da longa vida. Confúcio filósofo chinês 460 a. C., dizia que a casa toda devia obediência ao homem mais velho e que a autoridade do patriarca não decrescia com a idade, sendo a velhice justificada pela aquisição de sabedoria (BEAUVOIR, 1976).

Na literatura da civilização ocidental, a referência mais antiga sobre a velhice foi de um filósofo e poeta egípcio Ptah-Hotep, no ano 2500 a C, que refere:

Como é penoso o fim de um velho! Ele se enfraquece a cada dia; sua vista cansa, seus ouvidos tornam-se surdos; sua força declina; seu coração não tem mais repouso; sua boca torna-se silenciosa e não fala mais. Suas faculdades intelectuais diminuem, e lhe é impossível lembra-se hoje do que aconteceu ontem. Todos seus ossos doem. As ocupações que até recentemente causavam prazer só se realizam com dificuldade, e o sentido do paladar desaparece. A velhice é o pior dos infortúnios que pode afligir um homem (BEAUVOIR, 1970, p. 114).

Portanto, ele apresenta um quadro bastante sombrio enaltecendo somente as enfermidades e limitações da velhice. Entre os egípcios, tinha-se a esperança de vencer a velhice. Recomendava-se a ingestão de glândulas frescas de animais jovens, como sonho de rejuvenescimento. Desejo que perdura até os dias atuais (BEAUVOIR, 1976, 1990).

Nessa direção, pode-se verificar que para os gregos a velhice de uma maneira geral, era vista com descaso e se enaltecia a juventude, fato que pode ser visto na citação de Minermo, sacerdote de Colofos, 630 a. C. que exprime os sentimentos dos cidadãos, ele canta os prazeres, a juventude, o amor e detesta a velhice: *“Que vida, que prazeres, sem Afrodite de ouro?”* (BEAUVOIR, 1990, p. 123). Entretanto, cita-se Homero que apresenta outra visão da velhice, correlacionando-a com a sabedoria e menciona Nestor o conselheiro supremo do Egito que diz: *“o tempo lhe conferiu a experiência, a arte da palavra, a autoridade.”*

Assim, é também, citado os diálogos de Platão e Aristóteles ao escrever *“A república”* 400 a. C., nos quais enaltece o papel e importância dos velhos dizendo: *“a educação que deve começar na adolescência e que frutificará plenamente aos 50 anos. A partir dessa idade, o filósofo possui a verdade e se torna guardião da Polis [...] Os guardiões das leis, cujo papel é muito importante, têm de 50 a 70 anos”* (BEAUVOIR, 1990, p. 124, 134-136).

Noutro momento, antes da era Cristã, Marco Túlio Cícero, nascido no ano 106 a. C., Senador e filósofo romano e contando 63 anos de idade, compôs uma defesa da velhice, escreve um clássico sobre *De Senectute*, ou seja, a velhice, pretendendo demonstrar que a idade não desqualifica: pelo contrário: *“só faz é aumentar suas capacidades”*. Nesse, ao analisar a *“Invectiva”* que corresponde às deficiências da velhice, Cícero (2006, p. 10) se refere ao vigor físico dizendo que ele: *“decrece, mas, em compensação, seu vigor ético-moral se reforça, já que a velhice amadurecida em sabedoria, torna-se polo de atração para juventude ávida de aprendizagem”*.

Nesse viés, cem anos mais tarde, Sêneca sustenta as mesmas ideias de Cícero e cita: *“Devemos dar boa acolhida à velhice e estimá-la; traz consigo abundantes doçuras, quando sabemos tirar proveito. Os frutos são mais saborosos quando sazoados. Deliciosa época está em que deslizam no plano inclinado dos anos”* (BEAUVOIR, 1976, p. 135).

Na religião, pelos documentos trazidos nos escritos Bíblicos, segundo Beauvoir (1990, p. 115), consideram a longevidade como a suprema recompensa da virtude e refere-se à velhice em Provérbios dizendo: "Os cabelos brancos são uma coroa de honra: é no caminho da Justiça que essa coroa é encontrada. [...] Abençoada por Deus, a velhice exige obediência e respeito: Tu te levantarás diante dos cabelos brancos e honrarás a pessoa do velho."

Na área da medicina, o interesse com o velho, a velhice e o envelhecimento datam de muitos anos, com Hipócrates (460-377 a C) e seus trabalhos pioneiros na Grécia. A doutrina entre dos quatro humores, usada para explicar o funcionamento do corpo humano, da doença e da velhice. Foi o primeiro, a estabelecer um paralelo entre as etapas da vida humana com as quatro estações da natureza, comparando a velhice com o inverno. Para explicar o funcionamento do corpo humano, suas considerações sobre a doença e a velhice muito contribuiu nas investigações sobre o velho da época (BEAUVOIR, 1970, 1976).

Em 1909, foi criada a geriatria por Nascher. Beauvoir (1990), conta que este jovem, quando estudante de medicina, ao visitar um asilo observou uma velha queixar-se dos seus problemas ao professor e esse lhe dizia que eram decorrentes da velhice. Nascher, posteriormente, pergunta ao professor "Que se pode fazer?" E ele lhe responde nada. Realidade que o motivou e foi a responsável pelo início dos seus estudos sobre a velhice (senescência) (BEAUVOIR, 1990, p. 30).

Tempos após, já como médico, quando de volta a Viena, visitando uma casa de velhos, espanta-se com a longevidade e com o bom estado deles. Questiona os colegas sobre o feito, e eles dizem: "é porque nós tratamos os pacientes idosos como os pediatras tratam das crianças". Fato que culminou com o nascimento da geriatria, um novo ramo da medicina, cuja sua responsabilidade é o tratamento das doenças dos idosos, de suas incapacidades e de sua profilaxia (o prolongar da vida com saúde) (BEAUVOIR, 1990, p. 30).

Em 1912 funda-se a Sociedade de Geriatria de Nova York, e em 1961 a Sociedade Brasileira de Geriatria (BOTH, 1999; GOMES, 1994; NERI, 1995). Ainda sobre a medicina, no que diz respeito à Gerontologia esta foi originada após a metade do século XX, como a ciência que estuda de maneira multi e interdisciplinar o processo de envelhecimento em suas dimensões biológica, psicológica e social. Complementa-se de outras disciplinas que atuam no processo social do envelhecimento como: Biologia, Psicologia, Filosofia, Sociologia, Educação, História, Ciência Política, Antropologia entre outras. Motivo pelo qual, vem sendo considerada uma ciência aplicada, multidisciplinar e interdisciplinar (DOLL, 2006; GOMES, 1994; PAPALÉO NETTO, 2002; SÁ, 1999). Seu aparecimento veio associado à necessidade de conhecimentos sobre o envelhecimento nos contextos socioculturais e históricos.

A partir de 1978, a Sociedade Brasileira de Geriatria se une aos gerontólogos, fundaram a chamada Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG) filiada à Associação Médica Brasileira (AMB) (GOMES, 1994). Em 2009, é constituída a Associação Brasileira de Gerontologia (ABG) por profissionais de diferentes áreas e não só os da área médica, fazendo parte dessa associação: (Bacharéis e Tecnólogos), Especialistas Graduandos em Gerontologia, Fisioterapeutas, Educadores Físicos, Biomédicos, Dentistas, Médicos Geriatrias, Psiquiatras, Neurologistas, Clínicos Gerais, Psicólogos, Enfermeiros, Terapeutas Ocupacionais, Nutricionistas, Fonoaudiólogos, Assistentes Sociais, Pedagogos, Técnicos em Enfermagem, Auxiliares de Enfermagem e Cuidadores de Idosos. Assim demonstrando, que a inclusão pela (ABG) aos profissionais de diversas áreas que atuam no envelhecimento, possibilita sua atualização e a melhoria da atenção aos idosos (DEBERT, 2012).

Na atualidade, segundo os estudos de Chopra (1995) alicerçados: nas descobertas que a física quântica fez há mais de cem anos; nas sementes plantadas por Einstein, Bohr, Heisenberg entre outros permitiu poder acreditar-se na reformulação do processo do envelhecimento. A nova realidade que nos é trazida pela física quântica tornando-se possível pela primeira vez manipular a inteligência invisível que está por traz do mundo visível. Einstein ensinou que o corpo físico, como os objetos materiais, é uma ilusão e tentar manipula-lo pode ser como querer agarrar uma sombra sem encontrar sua substância.

O mundo invisível que é o mundo real, quando estivermos dispostos a explorar os níveis invisíveis de nossos corpos, poderá recorrer à imensa força criativa que jaz na nossa fonte. Refere que: 99% da energia e da inteligência de que você é composto permanecem intocadas no processo do envelhecimento. O envelhecimento responde apenas 1% da mudança total que toma lugar no interior do corpo em que o envelhecimento exerce influência. Portanto, pela manipulação da inteligência invisível pode-se alterar o processo do envelhecimento.

Entretanto, só após 1970 a velhice passou a ser investigada do ponto de vista acadêmico sendo, o envelhecimento um dos temas de pesquisa dentro das universidades, e que atualmente encontra-se em crescimento (BEAUVOIR, 1990; DEBERT, 2012; OLIVEIRA, 1999). Torna-se difícil avaliar até que ponto a posição e o discurso dos especialistas do envelhecimento, foram capazes de influenciar as políticas públicas voltadas para o idoso, mas é fato que depois de 1980 o envelhecimento e os temas voltados a ele tomam outro rumo (LIMA; AYRES; LITVOC, 2006).

Porém, só a partir do surgimento da Política Nacional do Idoso (PNI), foi que ficou evidenciado avanço das ações governamentais para este grupo, antes ela residia sua preocupação nos mais jovens (crianças, adolescentes e adultos jovens).

Segundo Camarano e Pasinato (2004b) as políticas públicas, direcionadas ao enfrentamento desses desafios do envelhecimento começaram a tomar vulto após 1970, o início desta nova fase política foi demarcado por algumas medidas como:

O marco inicial das discussões sobre o envelhecimento populacional, a nível internacional se deu em 1982, em Viena por ocasião da I Assembléia Mundial sobre Envelhecimento. Foi reconhecida, como 1º fórum mundial voltado para a população idosa e que resultou na aprovação de um Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento. O Plano Internacional de Ação adotado foi estruturado em forma de 66 recomendações a sete áreas: saúde e nutrição, proteção ao consumidor idoso, moradia e meio ambiente, família e bem-estar social, previdência social, trabalho e educação.

A segunda Assembléia Mundial sobre o envelhecimento, só ocorreu vinte anos após, nesse espaço de tempo, teve-se: no âmbito das Nações Unidas a I Assembléia Geral de 1991 adotou 18 princípios em favor da pessoa idosa agrupados em cinco grandes temas: independência, participação, cuidados, autorrealização e dignidade; em 1992 a Assembléia Geral da ONU aprovou a Proclamação sobre o Envelhecimento, e estabeleceu o ano de 1999 como o Ano Internacional dos Idosos definindo os parâmetros para o início da elaboração de um marco conceitual sobre a questão do envelhecimento.

Em Madri, no ano de 2002, é realizada a II Assembléia Mundial sobre Envelhecimento, apresentando-se com o tema: "Sociedade para todas as Idades". Ocasão que originou-se o novo Plano de Ação para auxiliar os países em desenvolvimento, fundamentado em três princípios básicos: a) participação ativa dos idosos na sociedade, no desenvolvimento e na luta contra a pobreza; b) fomento da saúde e bem-estar na velhice, promoção do envelhecimento saudável; e c) criação de um entorno propício e favorável ao envelhecimento. Teve como tema: "Sociedade para Todas as Idades".

Em 2015 a Organização Mundial de Saúde elabora um Relatório Mundial sobre Envelhecimento e Saúde. Esse relatório descreve um quadro de saúde pública cuja sua ação foi construída sobre o conceito de Envelhecimento Saudável. Exigindo uma transformação dos sistemas de saúde longe dos modelos curativos baseados em doença, para a prestação de cuidados integral e centrados em adultos maiores. Deve-se construir, a compreensão sobre otimização das capacidades presentes nos idosos por meios de práticas e tecnologias e assim, permitir, um número maior de pessoas alcancem trajetórias positivas no envelhecimento. Do

mesmo modo, uma atenção à saúde que tenha em conta a diversidade das populações maiores e responda às desigualdades que muitas vezes estão subjacentes. Exigindo-se recorrer a melhores formas de medir e monitorar a saúde e o funcionamento das populações dos maiores (BRASIL, 2012).

O Brasil, foi o primeiro país da América do Sul a instituir uma legislação voltada a população idosa, por ocasião da Constituição Federal em 1988. Nesta, denota-se em seus textos a preocupação com a atenção ao idoso, no que diz respeito ao papel do Estado na proteção do idoso, evento que demarca o início da política em prol do idoso.

Em 1993, foram regulamentados os princípios constitucionais, referentes à Assistência social, com a aprovação da Loas (Lei nº 8742, de dezembro de 1993). Lei que estabeleceu programas e projetos de atenção ao idoso. Ela regulamentou a concessão do benefício de prestação continuada às pessoas maiores de 70 anos sendo hoje os com idade de 65 anos, pertencentes a famílias cuja, a renda mensal per capita seja inferior a ¼ do salário mínimo (BRASIL, 1993).

Em 1994, tem-se a aprovação da Política Nacional do Idoso (PNI), a Lei nº 8.842 (BRASIL, 1994). Essa política consiste em um conjunto de ações governamentais com objetivo de assegurar os direitos sociais do idoso.

Em 2003, após seis anos de tramitação, é sancionado o Estatuto do Idoso, ou seja, a Lei nº 10.741 (BRASIL, 2003) Peça legal que dá um tratamento integral com uma visão em longo prazo ao estabelecimento de medidas que visam proporcionar o bem-estar dos idosos.

No campo político, o pensar de Beauvoir (1990, p. 15), é de que o estatuto é uma imposição ao idoso para regê-lo e diz:

[...] a velhice, como todas as situações humanas, tem uma dimensão existencial: modifica a relação com o mundo e com sua própria história. Por outro lado, o homem nunca vive em estado natural: na sua velhice, como em qualquer idade, um estatuto lhe é imposto pela sociedade a qual pertence.

Desta forma, a velhice como todas demais idades do nascer até morrer não é experimentada pelo homem na sua forma espontânea e natural, a consideração e o respeito à pessoa humana, existe sempre que se tenha uma imposição legal para normatização da sociedade.

Entretanto, a prática plena da cidadania, não deve nem pode ser exclusivamente determinada por lei, mas conquistada e praticada pelos homens em todos os momentos e situações vividas no seu dia a dia. Cidadania compreendida como participação e como prática

dos seus direitos e deveres, praticadas nas suas vivências com atitudes de respeito, de solidariedade e abominando injustiças ao próximo e requerendo os mesmos direitos.

Impõe-se aos homens uma questão existencial ímpar, morrer ou envelhecer, como únicas opções que o destino reservou a todos para o término de sua vida (BEAUVOIR, 1990). Desse modo, passa a ser o envelhecimento, uma situação desejada por todos, considerando que morrer prematuramente ninguém quer.

Assim, esses programas (determinados por decretos e leis) passam a oferecer um conjunto de procedimentos e normas que visam o pleno desenvolvimento do homem e o seu preparo para prática da cidadania. Valorizando e visando a emancipação dos indivíduos e grupos, apresentando, assim, recursos fundamentais para que se produzam novas concepções sobre a velhice e para que se operem desconstruções de estereótipos que ora definem a velhice como peso e não como ganho.

Pode-se perceber que o envelhecimento é um processo natural, dinâmico na travessia da existência e ninguém pode escapar a esse processo, pois, para se viver mais tem que envelhecer (MONTEIRO, 2006). Portanto, o envelhecimento é um fenômeno universal e impreterível à vida dos homens, na qual todos um dia irão passar, esta conscientização deve fazer parte da sociedade (NERI, 2012; NERI; YASSUDA, 2013).

De acordo com Arcuri (2005), tem-se medo de envelhecer: pois a partir daí a vida termina; por não mais existir espaços sociais de reconhecimento e sobrevivência para o idoso. Fator que está a mudar, se começa a ver espaços de convivência em igrejas, órgãos de filantropia, universidades, projetos de organizações não governamentais entre outras.

Assim, o envelhecimento na atualidade começa a ser visto pela sociedade de outra maneira, programas surgem reconhecendo a diversidade intrínseca do envelhecer, propiciando que as pessoas idosas continuem o seu aprendizado e crescimento pessoal (LIMA; AYRES; LITVOC, 2006). Sendo, o desconhecimento do processo de envelhecimento o grande entrave que precisa ser removido e está a dificultar esse caminhar, a sua não identificação das potencialidades e limitações faz com que não se possa prever até quanto é possível chegar.

Assim, o homem precisa estar ciente das modificações pelas quais irá passar, precisa estar informado das suas capacidades físicas e psíquicas. Mostrar-lhes que a velhice com suas características biológicas é um momento da vida semelhante a outros. Há declínios das suas reservas, porém velhice não é doença (HADDAD, 1986). A velhice não é simplesmente um processo físico, biológico, ou social, mas um estado de espírito, de temperamento e de entusiasmo que impulsiona o idoso para enfrentar as adversidades e ou obstáculos da idade.

Estado de espírito que lhes dá força, determinação, coragem e bravura os quais decorrem em razão do seu amor pela vida.

Desse modo, Cachioni (2003, p. 131), diz que: a velhice é um conceito historicamente construído que se inscreve na dinâmica das crenças, dos valores e da cultura em que o indivíduo está inserido. Concordante com este pensar, Beauvoir (1990, p. 20) diz: a velhice não poderia ser compreendida senão em sua totalidade; ela não é só um fato biológico, mas também um fato cultural. Dessa maneira, passa-se a entender que a diversidade nos modos de pensar, de tratar, de valorizar e da atenção dispensados ao velho, a velhice e ao envelhecimento são resultantes da cultura de cada povo.

Para tanto, os homens são os responsáveis pela formação da cultura, que ajuda na construção tanto dos aspectos positivos como negativos, portanto, ele passa a ser o produto e o produtor da sociedade e da cultura. Os reais patrocinadores dos desmandos sociais (MONTEIRO, 2006).

É importante saber que o século XXI está marcado por consideráveis transformações da estrutura populacional tanto no cenário Mundial como Nacional Resultado do aumentando do contingente numérico dos idosos e conseqüentemente do envelhecimento populacional, alteração que vem propiciar uma maior visibilidade do velho, da velhice e do envelhecimento humano, solicitando da sociedade o conhecimento e a compreensão sobre essa etapa de vida.

Conhecimento que é fundamental para desmistificar o ser velho e a sua discriminação etária, para combater preconceitos e seus estereótipos, bem como criar oportunidades para o seu desenvolvimento.

Desse modo, emerge a necessidade do conhecimento das alterações demográficas no Brasil, sendo assim, este tópico será abordado a seguir.

2.5 CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS DO ENVELHECIMENTO POPULACIONAL

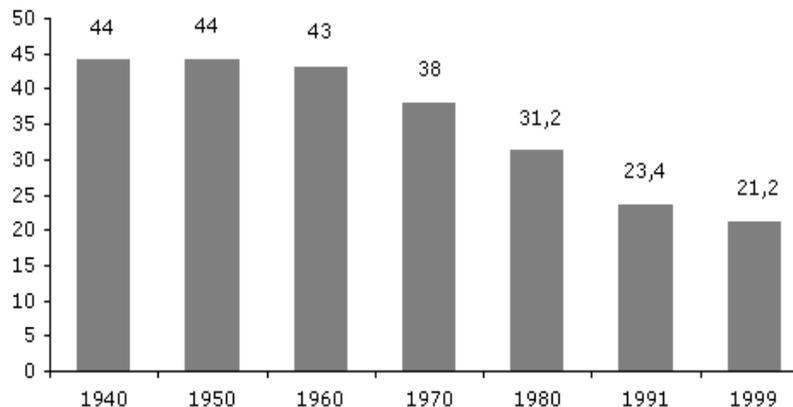
Conhecer e entender o envelhecimento populacional, sua evolução é condição premente na sociedade contemporânea, decorrente da sua interferência no envelhecimento pessoal e social, e da sua responsabilidade no insucesso das políticas públicas, que afetam e repercutem no envelhecimento humano. Desde então, vê-se o quanto é importante e se faz necessário, conhecer o causador desse transtorno.

Mundialmente, o século XXI está assinalado por significativas modificações na composição populacional decorrente do crescimento elevado do contingente de idosos. O crescimento populacional se encontrava em acelerado crescimento até a década de 1940,

decorrente da redução na mortalidade infantil e hoje, depara-se com outra realidade, o seu declínio.

Nos países desenvolvidos, a redução da mortalidade promoveu o início da transição demográfica, consequente aos avanços científicos e tecnológicos na área de saúde, na área da alimentação e nos programas de saúde no controle das infecções (CAMARANO, 2004). Nos países em desenvolvimento como o Brasil, a mortalidade começou a cair após no final da 2ª Guerra Mundial, com o advento dos antibióticos e surgimento das vacinas (NERI, 1995), conforme o Gráfico 1; especialmente a do grupo infantil. Esse fato, fez com que os nascidos na década de 1940, ultrapassassem a barreira da mortalidade infantil pelo controle das doenças infecciosas e começaram a se tornar adultos (CHAIMOWICZ; CAMARGOS, 2012, p. 34). Esse grupo representa os idosos de hoje.

Gráfico 1 - Taxa de mortalidade no Brasil de 1940-1999

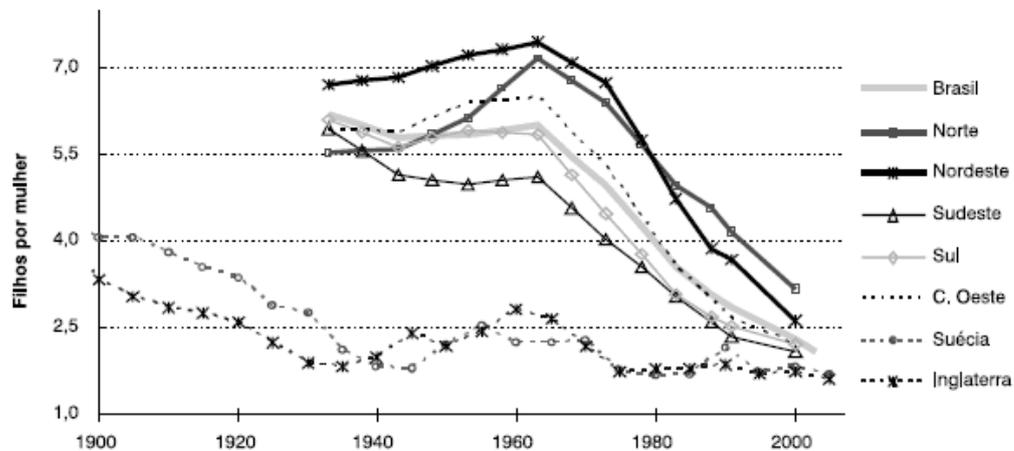


Fonte: IBGE (2013)

A redução da mortalidade infantil aliada à alta fecundidade produziu um crescimento significativo da população brasileira no período 1950-1970, principalmente devido à população de jovens (baby boom). Em de 1940, a população brasileira que era de 41.165.289 habitantes passa a ser em 2010, de 190. 732.694 habitantes (SANTOS, 2011).

Freitas (2006) refere que o Brasil após a década de 1960, com o aumento da população urbana e o advento dos anticoncepcionais, fatores estes, que favoreceram significativamente, a redução da taxa fecundidade e a redução da população de jovens (Gráfico 2).

Gráfico 2 - Taxa de fecundidade total (regiões do Brasil, Suécia e Inglaterra) 1900-2000 filhos por mulher



Fonte: Wong e Carvalho (2006)

O gráfico acima demonstra como ocorreu a evolução da fecundidade do povo brasileiro. Pode-se observar que após 1970 houve uma queda acentuada da fecundidade, circunstância que foi associada à redução da mortalidade e que vinha ocorrendo, esses foram os responsáveis pelo aumento do número de idosos. É importante observar que a fecundidade nas mulheres em algumas regiões do Brasil está abaixo do necessário para a reposição populacional. Sintetizando, hoje nasce menos, entretanto, vive-se mais. Realidade esta, que leva a redução da população de jovens e o aumento da população dos idosos.

Assim, observa-se que em 25 anos houve um declínio significativo na taxa de fecundidade acerca da sua metade, enquanto países como Suécia e Inglaterra levaram 60 anos para ocorrer a mesma modificação, um período de tempo suficiente para adequarem seus recursos econômicos e enfrentarem a nova realidade, fato não observado no Brasil. Porquanto, os países desenvolvidos se tornaram ricos antes de envelhecer, os países em desenvolvimento estão envelhecendo antes de obterem um aumento substancial em sua riqueza (KALACHE; KELLER, 2000 apud ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2005; WONG; CARVALHO, 2006). Esse acontecimento é indicador, que os países em desenvolvimento terão maiores dificuldades para superação desse problema.

O aumento da população idosa é um acontecimento universal, entretanto, está ocorrendo de forma mais significativa nos países em desenvolvimento como demonstrado no Gráfico 3.

Gráfico 3 ó População idosa no mundo (1960-2020)

Fonte: WHO Scientific Group on the Epidemiology of Aging (1997)

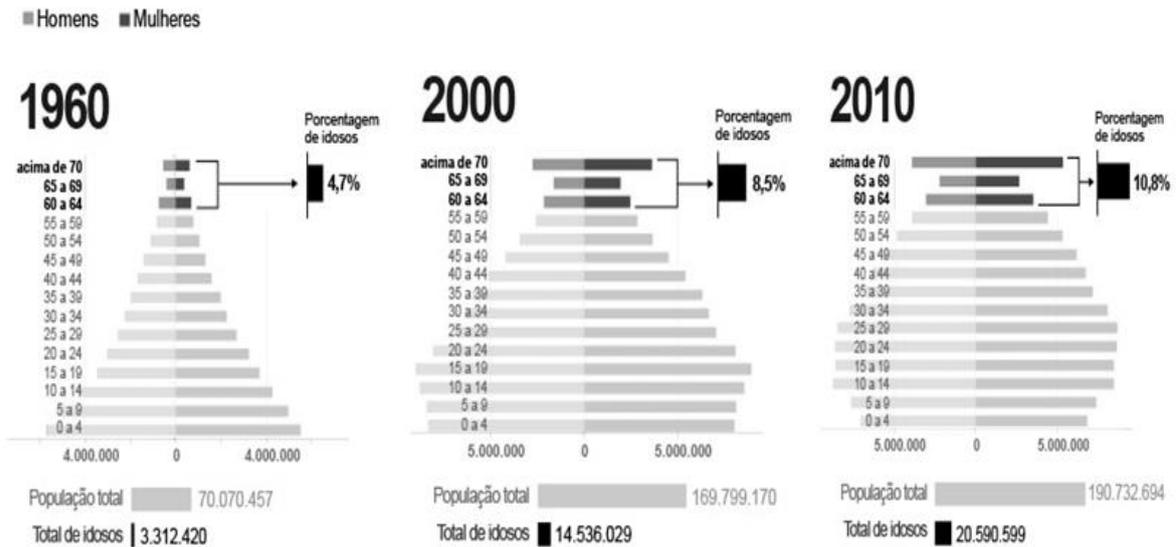
A partir do gráfico acima, verifica-se que desde 1960 os países em desenvolvimento possuem um contingente maior de idosos que os países desenvolvidos e as projeções estatísticas referendam que continuará cada vez mais acentuada essa diferença.

Desta forma, a longevidade está a intervir na mudança do perfil etário do brasileiro, que hoje, já começa a envelhecer (Gráfico 4), e que segundo os dados do IBGE (2011), verifica-se: não consta lista de referências. Identificar

[...] o crescimento absoluto da população do Brasil nestes últimos dez anos chegou aos 190.732.694 habitantes em 2010 e se deu principalmente em função do crescimento da população adulta e o declínio no grupo de pessoas com menos de 20 anos, que apresentaram uma diminuição absoluta no seu contingente.

Nesse sentido, constata-se então, uma redução no número dos jovens menores de 20 anos, aumento dos adultos e de idosos de 60 anos e o aumento do contingente de idosos acima de 70anos (Gráfico 4).

Gráfico 4 - Pirâmides etárias 1960, 2000 e 2010: evolução da população brasileira ao longo dos anos e sua distribuição etária



Fonte: IBGE (2013b)

Alterações percebidas pela evolução do percentual dos idosos ao longo dos anos que em 1960 representava 4,7% da população, em 2000 8,5 % da população e em 2010 passa a ser de 10,8 %, números que mostram seu progressivo aumento.

Camarano (2004, p. 26), ao analisar a população idosa brasileira diz que:

[...] o crescimento da população idosa é consequência de dois processos: alta fecundidade no passado observada nos anos 1950 e 1960, comparada a fecundidade de hoje, e a redução da mortalidade da população idosa. Por outro lado, a queda da fecundidade modificou a distribuição etária da população brasileira, fazendo com que a população idosa passasse a ser um componente cada vez mais expressivo dentro da população total, resultando no envelhecimento pela base.

A visão de Gomes (1994) para justificar o aumento dos idosos na população é mais holística ao dizer ser esse decorrente: do aumento da vida média da população (estimativa de vida), do advento das vacinas usadas principalmente no grupo infantil, da profilaxia do câncer especialmente nas mulheres, da redução das doenças profissionais resultado do desempenho da medicina do trabalho e do planejamento familiar.

Um país é avaliado pelo seu contingente populacional de idosos, classificando-se em: país jovem quando o percentual de idosos não ultrapassa os 7% da população total e país envelhecido quando esta população é superior a 14% (CHAIMOWICZ; CAMARGOS, 2012). Sendo assim, o Brasil que durante muitos anos foi considerado país jovem, atualmente

retrata uma realidade diferente, sendo um país em processo de envelhecimento por ter apresentado em 2010 um contingente de 10,8 % de idosos na sua população.

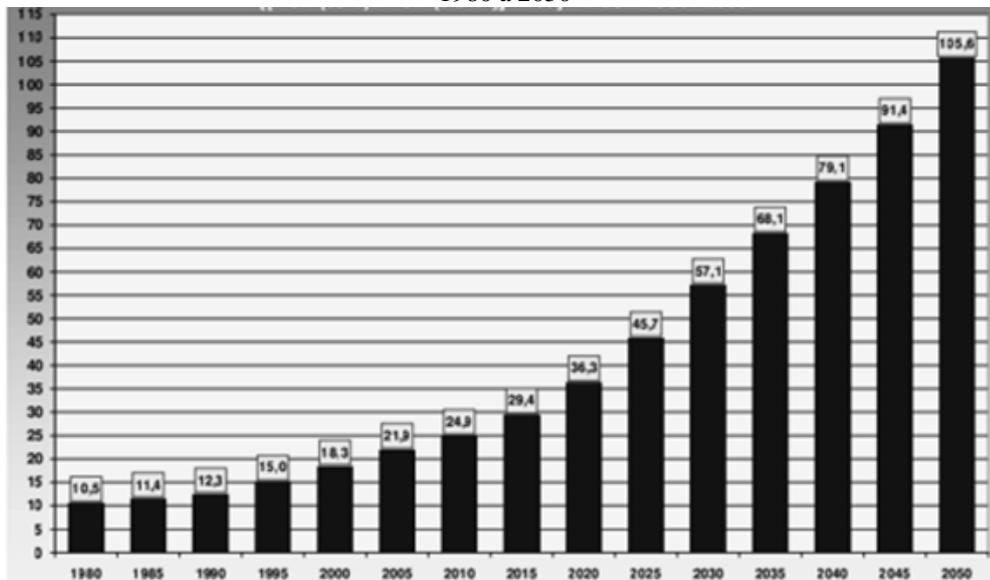
Atualmente, o crescimento populacional se deve, em sua maior parte, a um menor número de pessoas morrendo a cada ano do que a um maior número de pessoas nascendo.

O Centro Internacional de Longevidade Brasil (2015, p. 16) refere que:

O ano de 2050 será um divisor de águas demográfico. Nesse ano: Vinte e um por cento da população mundial estará acima dos 60 anos, comparado com somente 8% em 1950 e 12% em 2013. Haverá mais de dois bilhões de pessoas acima de 60 anos. O número de pessoas acima dos 60 anos irá ultrapassar o número de crianças abaixo dos 15 anos.

Esta nova dinâmica populacional, ocorre devido a redução da mortalidade acompanhada da redução das taxas da fecundidade, que conseqüentemente leva ao envelhecimento populacional. O processo de envelhecimento da população brasileira pode ser verificado através do índice de envelhecimento (Gráfico 5).

Gráfico 5 - Evolução do índice de envelhecimento da população ($[POP(65+) / POP(0 \text{ a } 14)] \times 100$) ó Brasil: 1980 a 2050



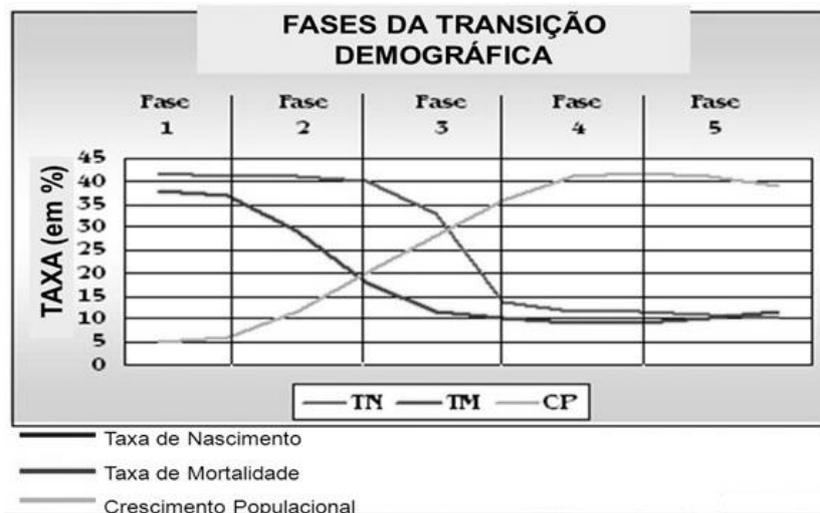
Fonte: IBGE. Diretoria de Pesquisa. Coordenação de População e indicadores Sociais (2004)

Observa-se que em 2005, para cada grupo de 100 crianças de 0 a 14 anos, havia 21,9 idosos de 65 anos ou mais de idade. Estima-se que entre 2045 a 2050 a população de idosos supere a das crianças menores de 14 anos. A população brasileira, segundo constatações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2004), cresce numa taxa abaixo de 2,5%, enquanto a de idosos, perto de 5%.

Segundo as projeções do IBGE, admite-se que até 2025 no Brasil a população de idosos terá acumulado o maior crescimento do mundo e representará cerca de 15% de um contingente de 34 milhões e será considerado, o sexto país mais populoso em idosos do mundo. Ocupando o 6º lugar no ranking mundial em número de idosos só ficando atrás da China, Índia, Estados Unidos, Japão e Indonésia (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2002). Dados que demonstram a importância do conhecer sobre o envelhecimento e como acolhê-lo melhor.

No Brasil, já ocorreram três momentos da transição demográfica representados no (Gráfico 6), que foram: o primeiro com mortalidade e fecundidade elevadas, porém, com predominância da fecundidade; o segundo reduziu-se a mortalidade continuando elevada a fecundidade o que gerou um aumento significativo da população de jovens (chamado baby boomers); e o terceiro momento a redução da mortalidade e da fecundidade e surgindo o envelhecimento populacional.

Gráfico 6 Características da transição demográfica o Brasil



Fonte: IBGE (2013c)

Na atualidade do Brasil, o contínuo controle da fecundidade pelos anticonceptivos, aliado ao alto custo de vida, fez com que a taxa de fecundidade ficasse inferior a 02 (Gráfico 2) e o crescimento populacional (vegetativo) reduziu. Na 4ª fase os índices de fecundidade e mortalidade se estabilizam, o crescimento populacional é pequeno ou estabilizado. E a 5ª fase é uma interrogação mundial até o momento.

As preocupações do Brasil mudaram antes eram as crianças hoje são os velhos, que em futuro próximo levarão a inversão da pirâmide populacional resultado dos baby boomers

(nascimentos dos filhos após a 2ª guerra mundial) estarem envelhecendo e agora iniciando a fase dos elderly boomers (SANTOS, 2011).

Neste cenário, a Gro Harlem Brundtland (1999 apud ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 2005, p. 8) afirma que: "O envelhecimento da população é, antes de tudo uma história de sucesso para as políticas de saúde públicas, assim como para o desenvolvimento social e econômico [...]".

Este delineamento populacional é um fator de apreensão, pois exige das estruturas governamentais e da sociedade uma maior atenção para esse novo momento social. O envelhecimento populacional e o aumento da longevidade não asseguram uma velhice saudável e bem-sucedida para todos idosos. Nessa mesma linha de pensamento, a do envelhecimento populacional, Elias (2001, p. 92) avisa sobre seus riscos quando diz que:

O amadurecimento da humanidade é um processo difícil. O período de aprendizado é longo, erros graves são inevitáveis e o perigo da autodestruição, da aniquilação de nossas próprias condições de vida, no curso desse processo de aprendizado, é grande.

Desta forma, segundo os escritos de Elias (2001), quanto ao amadurecimento da humanidade, esse faz advertência sobre as dificuldades que surgirão no curso do processo do envelhecimento populacional e dos perigos, que podem levar as condições de vida à situação de irreversibilidade.

Nos países em desenvolvimento, como o Brasil, o envelhecimento da população, vem acompanhado de mudanças nas estruturas sociais refletindo diretamente na vida cotidiana de seu povo, na saúde e na economia e representam um grande contratempo que requer solução (NERI, 2012; NERI; YASSUDA, 2013). Não podendo ser esquecido a urgência de medidas que venham minimizar esses efeitos, visto que o envelhecimento populacional no Brasil está caminhando mais rápido que as políticas públicas estão sendo desenvolvidas.

Assim, surgem as incertezas e questiona-se: Como estes idosos irão viver seu término de vida em relação à renda, saúde e autonomia? Quanto ao limite da longevidade, não se sabe até que idade os longevos sobreviverão e quais as suas condições de saúde? Dúvidas que obscurecem as medidas necessárias a serem tomadas. Logo, é preciso entender, esse fato novo na história da demografia brasileira que é o de se estar envelhecendo. Continuando neste rumo, em breve haverá redução da mão de obra dos que trabalham, seguida da diminuição dos que contribuem e aumento dos que dependem (os aposentados).

Estes são os entraves a serem solucionados no momento atual. O governo e a sociedade civil necessitam desenvolver políticas públicas que atendam a demanda desses idosos e assegurem os seus direitos básicos. É de vital importância a implantação de programas que promovam um envelhecimento saudável melhorando: as condições de saúde, a participação social, a segurança dos cidadãos mais velhos, bem como, lhes dê o direito a educação e um futuro digno.

Esta nova configuração demográfica mundial, evidenciada pelo aumento dos idosos, e com suas repercussões é um fenômeno muito expressivo no mundo contemporâneo e representa um problema a ser solucionado no século XXI.

Segundo o Centro Internacional de Longevidade Brasil (2015) a magnitude, a velocidade e o dinamismo da Revolução da Longevidade e seus impactos abrangentes, entretanto, a resposta internacional ainda é preocupantemente tímida.

Apesar, de ser responsabilidade dos governos a promoção de políticas públicas, para a resolução dos problemas da longevidade, o Centro Internacional de Longevidade Brasil (2015, p. 104) chama a atenção ao compromisso de todos os grupos da sociedade ao dizer: somos partes interessadas no que diz respeito aos resultados. O modelo do Envelhecimento Ativo continua a representar uma estrutura coerente e abrangente para estratégias nos níveis global, nacional, local e individual.

O Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde da Organização Mundial da Saúde (2015), compreende a longevidade prolongada, como um recurso valioso, uma oportunidade de repensar como todas essas vidas podem se desdobrar em buscar realizar novos projetos e novas paixões. Para tanto, essas oportunidades que surgem estão numa dependência de uma longevidade com boa saúde. Desse modo, necessita-se, de políticas públicas que atendam às necessidades desta população e assim permita um número maior de pessoas, alcançarem este envelhecimento positivo. Portanto, precisa de políticas públicas mais abrangente que tenha suas ações construída sobre o conceito de envelhecimento saudável e considerando que:

- a) a idade avançada não implica dependência, embora não existam adultos maiores típicos, a sociedade geralmente as vê de formas estereotipadas, que levam à discriminação. Isso pode levar a uma suposição que os gastos com adultos maiores são simplesmente um dreno na economia e a uma ênfase na contenção de custos, o que não procede como pode ser visto:
- b) ignoram-se as muitas contribuições que os adultos maiores podem oferecer para a economia. Contribuições feitas por meio de impostos, gastos de consumidores e outras atividades de valor econômico;

- c) além disso, as pessoas mais velhas contribuem de muitas formas menos tangíveis economicamente, por exemplo, fornecendo apoio emocional em momentos de estresse ou aconselhamento em problemas desafiadores;
- d) os gastos em sistemas de saúde, retratados como custos, passam a ser um grande investimento;
- e) o enfoque social recomendado para abordar o envelhecimento da população, que inclui a meta de construir um mundo favorável aos adultos maiores. Requererá uma transformação dos sistemas de saúde que substitua os modelos curativos baseados na doença pela prestação de atenção integrada e centrada nas necessidades dos adultos maiores. Criando oportunidades acessíveis para o aprendizado e o crescimento ao longo da vida.

Incluir o Envelhecimento Saudável em todas as políticas e em todos os níveis de governo será, portanto, essencial. O uso dessa estratégia nos planos de ação nacionais, regionais, estaduais ou municipais pode ajudar na evolução saudável das pessoas que têm mais de 60 anos. Portanto, uma vida mais longa é um recurso incrivelmente valioso e proporciona a oportunidade de repensar não apenas o que a idade avançada pode ser, mas como todas as nossas vidas podem se desdobrar. Contudo, a amplitude das oportunidades que surgem do aumento da longevidade dependerá muito de um fator fundamental: a saúde (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2015).

Importante se fez conhecer a demografia populacional; o aumento do contingente de idosos; e a visão atual dos rumos das políticas públicas que segundo sugere a Organização Mundial da Saúde (2015) direcionar seu foco a promoção da saúde.

Diante dessa realidade e sabendo-se que para promover saúde tem-se que conhecer a doença, quer dizer, conhecer o envelhecimento e o seu evoluir, as suas alterações biológicas. Em especial, as ligadas ao aprender, aos aspectos referentes ao sistema nervoso central e à cognição, os quais farão parte da abordagem do momento a seguir.

2.6 ENVELHECIMENTO E SUAS ALTERAÇÕES BIOLÓGICAS

Nos últimos anos os avanços do desenvolvimento na área tecnológica e na área da saúde têm levado a um aumento na expectativa de vida da população, ou seja, a preocupação e o interesse com o envelhecimento humano têm aumentado gradativamente.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (2005, p. 26):

O envelhecimento representa um conjunto de processos geneticamente determinados e pode ser definido como uma deterioração funcional progressiva e generalizada, resultando em uma perda de resposta adaptativa às situações de estresse e um aumento no risco de doenças relacionadas à velhice.

O processo do envelhecimento é multifatorial, acontece em todos os níveis do organismo, do molecular ao fisiológico e morfológico. Tem seu componente genético, que parece influenciar 30% de todo o processo, e que é fortemente modulado pelo ambiente. No caso dos seres humanos, temos ainda os componentes sociais e psicológicos (JECKELNETO, 2012).

Para Spirduso (2005, p. 7) o envelhecimento no homem ocorre com o implacável passar do tempo, começa em todas as células, simultaneamente, ou em sistema diferente, levando a uma capacidade fisiológica limitada pelas mudanças na função dos órgãos e sistemas. O envelhecimento relaciona-se com o tempo para apoiar ou sequenciar evoluções, comportamentos e expectativas esperadas durante o curso de vida do homem. Oliveira (1999, p. 27) afirma que todo ser humano fatalmente envelhecerá com o tempo. O tempo sem envelhecimento não é senão um sonho do homem.

Os processos fisiológicos encontrados durante o envelhecimento acompanham a vida do homem, da mesma forma que o crescimento e desenvolvimento, portanto, inicia-se na concepção, permanece um período silencioso ou pouco perceptível, até aparecerem às primeiras alterações funcionais ou estruturais e morfológicas, que geralmente começam a se apresentar no final da terceira década e tem seu término na morte (OLIVEIRA, 1999; SPIRDUSSO, 2005).

Reafirmando esse pensar de que o envelhecimento se inicia na fecundação, cita-se Haddad (1986, p. 26) que diz: alguns autores afirmam que o envelhecimento inicia-se imediatamente após a fecundação, porque no organismo de um indivíduo inúmeras células envelhecem, morrem e são substituídas antes dele nascer.

Para outros, fica difícil dizer quando os homens deixam a fase da maturidade e iniciam a sua velhice, não existem evidências específicas e bem definidas dessa passagem. (BEAUVOIR, 1976; NERI, 2012; OLIVEIRA, 1999).

As definições gerais do envelhecimento biológico se referem a uma diminuição de competências fisiológicas e incremento na vulnerabilidade, em que as mudanças ambientais podem aumentar a probabilidade de morte. Tal vulnerabilidade é resultante das progressivas e

complexas modificações (devido às mutações biológicas) desde a composição celular à estrutura e composição dos tecidos, e que leva à diminuição na capacitação dos diversos aparelhos e sistemas orgânicos. Acometimento desigual nos sistemas e aparelhos que está evidenciado pela diversidade nas formas de envelhecer. Alterações que acarretam mudanças psicológicas e sociais (OLIVEIRA, 1999).

Na ótica de de Papaléo Netto (2006, p. 3):

[...] o fenômeno do envelhecimento é um processo dinâmico e progressivo, no qual há modificações morfológicas, fisiológicas, bioquímicas e psicológicas, que determinam perda progressiva da capacidade de adaptação do indivíduo ao meio ambiente, ocasionando maior vulnerabilidade e maior incidência de processos patológicos que terminam por levá-lo à morte.

Portanto, Oliveira (1999) e Papaléo Netto (2006) compartilham do mesmo entendimento ao dizer que o envelhecimento é um processo dinâmico que promove alterações morfológicas, fisiológicas e crescendo, psicológicas e sociais.

As modificações biológicas ocorrem internamente no sistema orgânico e só posteriormente exteriorizam-se mudanças que surgem no cotidiano da vida e refletem-se na aparência do ser humano. Desse modo, as alterações morfológicas reveladas no corpo são as primeiras observadas pelo homem, podendo ser exemplificadas pelo aparecimento das rugas, dos cabelos brancos, das manchas senis, entre outras (OLIVEIRA, 1999). Mudanças morfológicas não perceptíveis num jovem de 20 anos, entretanto, não passam despercebidas nos maiores de 60 anos. Em ambas as idades, as alterações celulares fisiológicas ocorrem, entretanto, sua exteriorização e seus resultados não são inicialmente observados.

As alterações fisiológicas que estão relacionadas com a funcionalidade orgânica resultam do desgaste celular e associam-se com as alterações bioquímicas e que refletem nas reações químicas em todo organismo. As modificações psicológicas são decorrentes da capacidade do idoso se ajustar ao ambiente, tanto a novas situações, como as tarefas do seu cotidiano, entretanto, as modificações sociais são verificadas quando as relações sociais se encontram alteradas. Alterações que acontecem com a redução da sua produtividade, do poder econômico e das suas condições físicas (OLIVEIRA, 1999; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2005; SANTOS, 2001).

O envelhecimento se inicia por um processo de mutações biológicas que se comportam de forma desigual nos diferentes aparelhos e sistemas orgânicos e que declinam, comprometendo o processo vital pelo desgaste, fruto dos anos (OLIVEIRA, 1999).

Para a Organização Mundial de Saúde (2015), o envelhecimento biológico é um fenômeno universal e irreversível, comum a todos os seres vivos, nos quais produz transformações que ocorrem com o passar do tempo. Entretanto, a velocidade deste declínio funcional é muito variável entre os indivíduos, apesar de já haver alterações celulares nos órgãos e nos sistemas desde os períodos mais precoces da vida.

No Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde da Organização Mundial da Saúde (2015, p. 12) referindo-se as mudanças que ocorrem no envelhecimento, registra-se:

As mudanças que constituem e influenciam o envelhecimento são complexas. No nível biológico, o envelhecimento é associado ao acúmulo de uma grande variedade de danos moleculares e celulares. Com o tempo, esse dano leva a uma perda gradual nas reservas fisiológicas, um aumento do risco de contrair diversas doenças e um declínio geral na capacidade intrínseca do indivíduo. Em última instância, resulta no falecimento. Porém, essas mudanças não são lineares ou consistentes e são apenas vagamente associadas à idade de uma pessoa em anos.

Vale salientar que não há unanimidade acerca da definição de velhice e o envelhecimento. A velhice só é discutida, mas não definida, pela complexidade dos fatores que a envolve. A juventude e a velhice não são concepções absolutas, mas interpretações sobre o percurso da vida. Assim, não existe precisão absoluta no ser da velhice e da juventude, pois são construídos historicamente e se inserem ativamente na dinâmica dos valores das culturas que falam algo sobre seu ser (OLIVEIRA, 1999). Várias são as tentativas para esclarecê-los, sem que o intento venha a ser elucidado a contento, entretanto, eles se complementam, o que permite uma visão mais holística do processo. Segundo Neri e Cachione (1999), o modo do envelhecer não é um caminho pré-determinado ou definido, é reflexo do curso da vida, da condição histórico-cultural e da ocorrência ou não de patologias durante este processo.

Pode-se dizer que a forma de envelhecer é uma resposta ao estilo de vida ou ao modo escolhido para viver. Entretanto, a forma de envelhecer está sujeita a muitas variáveis, tais como, cultura, condições ambientais, condições socioeconômicas, condições biológicas, dentre outros fatores que podem justificar a heterogeneidade das suas formas de se apresentar.

Sobre este aspecto, Neri (2012, p. 42) o reforça dizendo: *“o ambiente não é uma constante e as suas modificações ocorrem, na maioria das vezes, ao acaso, isso explicaria porque os indivíduos envelhecem cada um à sua maneira”*. Logo, a diversidade nas formas de envelhecer é decorrente da herança genética e, na maior parte, é proveniente dos ambientes físicos e sociais que habitamos.

Beauvoir (1976, p. 34-35), cita que Howell analisando as variáveis sobre a evolução do processo do envelhecimento diz:

A senescência não é uma ladeira que todos descem com igual velocidade. É um lance de degraus irregulares pelos quais alguns se despenham mais depressa que outros. [...] o declínio pode ser acelerado ou retardado por diversos fatores: saúde, hereditariedade, ambiência, emoções, antigos hábitos, padrão de vida. Assumem formas diferentes, de acordo com as funções que se degradam em primeiro lugar.

Desse modo, a opção quanto à escolha do modo de viver afeta diretamente o desenvolvimento biológico do homem, bem como, os determinantes na evolução do processo de envelhecimento, podendo atuar em velocidades variáveis desde a sua instalação, a influir no prolongamento ou no encurtamento da vida. O modo de envelhecer não é um caminho já resolvido, mas é um caminho a ser construído por escolhas.

Beauvoir (1976, p. 15) menciona ser a velhice um processo dinâmico e afirma que:

[...] a velhice não é um fato estático: é o término e prolongamento de um processo. [...]. Ela é um sistema instável no qual se perde e se reconquista o equilíbrio a cada instante; a inércia é que é sinônimo de morte. A lei da vida é mudar. O que caracteriza o envelhecimento é certo tipo de mudança irreversível e desfavorável, um declínio.

Desta maneira, percebe-se que o processo do envelhecimento está em incessante modificação e a dar resposta aos estímulos externos e internos do organismo, não parando de se movimentar e se ajustar. Todas as vezes que o organismo se vê comprometido (doença ou outra causa externa) modifica-se em defesa ao estímulo que comprometeu sua estabilidade e tenta reestabelecer seu estado de equilíbrio (NERI; CACHIONE, 1999).

Para Neri e Yassuda (2013), o envelhecimento é caracterizado pelo declínio das funções biológicas, da maleabilidade na adaptação às novas limitações e do aumento na dependência aos recursos da cultura. Tal processo é algo universal a todos, mas ocorre em ritmos variáveis para diferentes pessoas e grupos. Pessoas que vão gradualmente se modificando pelas perdas e ganhos, ou limites e potencialidades, superando as dificuldades e continuando seu desenvolvimento. Dessa maneira, quando no idoso os limites (perdas) e as potencialidades (ganhos) operam sem choques, chega-se a não perceber o envelhecimento (NERI, 2012). Entretanto, por ser dinâmico e progressivo esse processo ocorre por toda vida, não estaciona, embora possa ficar despercebido, tendo-se, inclusive, a possibilidade de preservar e ou apresentar ganhos evolutivos em alguns domínios do funcionamento (domínio afetivo, social, cognitivo entre outros).

No domínio cognitivo, tem-se no cérebro a responsabilidade de combinar informações genéticas, moleculares e bioquímicas com informações procedentes do mundo externo. Pelos avanços tecnológicos de imagem cerebral com a tomografia computadorizada e a tomografia com emissões de pósitrons, que podem gerar imagens nítidas da anatomia e do metabolismo cerebral e monitorar as substâncias químicas (neurotransmissores). Técnicas que possibilita os neurocientistas saberem que o cérebro é um órgão com surpreendente plasticidade, dinâmica, crescendo e mudando o tempo todo (LIMA, 2001).

Essas descobertas da nova biologia do cérebro provam a natureza mutante das células cerebrais que continuam produzindo novos dendritos, geram novas sinapses, e alteram a essência dos neurotransmissores que estimulam a atividade cerebral e chegando a gerar novas células cerebrais (DAMASCENO, 2012; LIMA, 2001; SÉ; QUEIROZ; YASSUDA, 2013).

Durante o processo do envelhecimento o cérebro diminui seu volume, reduz a velocidade de processamento de novas informações e recuperação das informações armazenadas e torna-se menos eficaz a memória a curto prazo. Entretanto, a precisão da memória e a fluência verbal não se alteram (LIMA, 2001).

A plasticidade cerebral dá lugar a novas perspectivas, possibilita o crescimento, expansão, recuperação e rejuvenescimento cerebral. Agora se sabe que as células do cérebro podem gerar novos dendritos e novas sinapses, formando novas redes de comunicação em qualquer idade, embora as pessoas nasçam com um número fixo de células cerebrais, número que não define sua capacidade mental e essa função é regulada pelas conexões sinápticas ao longo da vida (SÉ; QUEIROZ; YASSUDA, 2013).

Os cientistas começam a entender que a pessoa pode influenciar os fatores que controlam o funcionamento cerebral, através de alimentos, suplementos e mudanças simples do estilo de vida, inclusive exercícios mentais e físicos. Os alimentos podem influenciar a química cerebral no controle dos neurotransmissores e abrem as rotas bioquímicas que transportam os pensamentos. Eles são a essência da memória, inteligência, criatividade e humor, substâncias que mudam constantemente na dependência do que ingerimos ou fazemos (LIMA, 2001). Assim, o estilo de vida, a dieta alimentar a estimulação física e mental favorece a manutenção do desenvolvimento no idoso e influencia o modelo de velhice e a condição de vida.

O envelhecimento e o desenvolvimento, embora comumente sejam entendidos como fenômenos distintos e contrários, encontram-se presentes em toda a vida e também na velhice.

Considerando os ganhos e perdas do ciclo da vida, é possível identificar as seguintes fases do desenvolvimento biológico do nascimento à morte. A primeira, período de

crescimento no qual o desenvolvimento é construtivo, prevalece sobre o declínio (período da infância e juventude); a segunda, idade adulta, é um período de equilíbrio entre desenvolvimento e declínio; a terceira, a velhice, é um período de involução, uma época de declínio crescente (ARCURI, 2005; OLIVEIRA, 1999).

Desse modo, se observa que o processo de evolução do desenvolvimento ocorre nos seus três estágios, mostrando os períodos de ganhos e aquisições, de estabilidade, e o de perdas e declínios, próprios de cada faixa etária da vida.

Segundo Neri (2012), esta associação entre o envelhecimento e desenvolvimento, que os gerontólogos, a conhecer há bastante tempo, afirma que apesar de sentidos contrários, eles aproximam com similitude durante o processo do envelhecimento (ambos nesse período se encontram em declínio). Podendo-se dizer que o envelhecimento é considerado antítese do desenvolvimento. Desse modo, pelas variações dos declínios e aquisições das potencialidades referidas acima, surgiram diferentes padrões de envelhecimento e velhice.

Na fase da velhice é que mais se evidenciam as alterações do processo de envelhecimento, as suas variáveis quanto aos modos e formas de evoluir. Há diversidade nas formas de envelhecer, ou seja, pode haver idosos gozando de plena saúde e competentes, e outras, mais jovens, totalmente dependentes. Este fato é decorrente da escolha quanto ao modo de viver e, obviamente, da genética (NERI; YASSUDA, 2013). Segundo a Organização Mundial de Saúde (2015), não há mais pessoa tipicamente velha, as pessoas mais velhas, hoje, possuem saúde melhor em relação aos seus pais ou avós.

Com base nesse entendimento, Neri e Yassuda (2013) classifica a velhice como: normal, bem-sucedida e patológica. Na velhice normal ou fisiológica ocorrem mudanças típicas do envelhecimento humano que são determinadas pela espécie e não são patológicas, podendo-se ter doenças somáticas crônicas, porém controladas, que não causem repercussões na qualidade de vida nem impedimentos à funcionalidade física, mental, psicológica e social. A velhice bem-sucedida se revela em idosos que mantêm autonomia, independência e envolvimento ativo com a vida pessoal, com a família, com os amigos e com o lazer. Idosos produtivos, ajustados e satisfeitos; A velhice patológica ocorre pelo aparecimento ou agravamento de doenças crônicas e incapacitantes que acompanham o envelhecimento do indivíduo ou pelo início de doenças crônicas irreversíveis típicas da velhice.

Nesta direção, apesar dos trabalhos publicados ao longo desses anos mostrarem os efeitos do processo do envelhecimento em laboratório, permitindo-se, além dos estudos sobre biologia, fisiologia e imunologia do envelhecimento, os estudos sobre os aspectos genéticos envolvendo o envelhecimento ao nível celular e molecular, que na sua essência investiga a

bioquímica do envelhecimento, entretanto, os principais mecanismos responsáveis pelo processo do envelhecimento, ainda, encontram-se obscuros.

As ciências do envelhecimento não têm uma explicação nem simples nem única a respeito da velhice, mas, sem dúvida, existe uma considerável soma de conhecimento sobre os elementos que aumentam a probabilidade de se viver muito bem. Existem muitas teorias modernas explicativas sobre o processo do envelhecimento, segundo o aspecto biológico. Porém, pela complexidade em elaborar uma só teoria sobre esse assunto, levando-se em consideração os múltiplos fatores que interferem na biossenescência, não existe a possibilidade de se desenvolver uma teoria satisfatória e unificada até o momento (NERI, 2012; NERI; YASSUDA, 2013; OLIVEIRA, 1999; SPIRDUSO, 2005).

No momento atual, com a descoberta dos genes da longevidade, é possível ter grandes avanços da Genômica com as práticas regenerativas. A vida poderá, então, ser prolongada por meio de injeções de células geneticamente jovens em corpos idosos. Na outra ponta, próteses e órteses de última geração criarão olhos, ouvidos e membros biônicos, com os quais o homem poderá viver melhor. Estes permitirão ao ser humano aproximar-se do ideal de morrer com saúde e bem-estar (NERI, 2015). Sonho ou futura realidade? Para se viver uma boa longevidade não basta ter propensão genética. É preciso conquistar esse resultado mediante investimentos constantes num estilo de vida saudável, física e mentalmente ativo, produtivo e socialmente envolvido (NERI, 2015, p. 34).

Segundo Beauvoir (1990, p. 32) a medicina moderna não pretende mais atribuir uma causa ao envelhecimento biológico, ela o considera inerente ao processo da vida, do mesmo modo que o nascimento, o crescimento, a reprodução e a morte. Apesar das perdas que ocorrem durante o envelhecimento, ficou demonstrado que se tem condições de modificar o modelo de velhice.

Portanto, o estilo de vida escolhido para se viver é a chave do desabrochar de um novo envelhecimento. Assim sendo, passa-se para abordar o desabrochar do envelhecimento: a velhice e o velho na contemporaneidade.

2.7 O DESABROCHAR DO ENVELHECIMENTO: a velhice e o velho na contemporaneidade

A situação da velhice durante muitos anos ficou no obscurecimento, esquecida e ignorada por todos, até pela literatura. Trabalhos apontam que a sociedade até os anos 60, não lhe atribuía grande valor e até desacreditava de sua existência, sendo este o motivo pelo qual

desestimulava os literatos em abordá-la. À vista disso, a escritora Simone Beauvoir enfrentou o desafio e quebrou a conspiração do silêncio sobre a velhice, publicando, na França, a historiografia da velhice (BEAUVOIR, 1970), clássico conhecido como: *A velhice*.

A sociedade atual não apresenta diferenças significativas, encontra-se alheia a muitos dos desmandos, escândalos e tragédias, expressando pouca preocupação com os mais vulneráveis, ou seja, as crianças, os adolescentes, os deficientes físicos e os velhos.

No Brasil, Bosi (1979), com maestria, escreveu a obra *Memória e Sociedade: lembranças dos velhos*. Manuscrito leve, prazeroso e emocionante sobre as lembranças do velho, o seu trabalho. Os velhos a que se refere Bosi (2009, p. 63) como:

[...] os guardiões das tradições, [...]. Em nossas sociedades também estimamos um velho porque, tendo vivido muito tempo, ele tem muita experiência e está carregado de lembranças. Como, então, os homens idosos não se interessariam apaixonadamente por esse passado, tesouro comum de que se constituíram depositários.

Lembranças são fragmentos de momentos vividos que vão surgindo pela anamnese de uma vida. Ao serem recordados, vêm sempre unidas às novas lembranças. Bosi (2009, p. 21) diz que a lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Assim, na busca incessante desta caminhada, vai sendo tecido dos retalhos registrados na memória de um passado, a história do velho.

Segundo Bosi (2009, p. 63):

Há um momento em que o homem maduro deixa de ser membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo. Neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade.

Nesta ocasião não se pode esquecer o valor do velho, que não deve ser centrado só na atividade produtiva, mas também no seu trabalho intelectual. O valor da sua história de vida não pode ser calculado, uma vez que a sua importância é inestimável à reconstrução do passado, o qual pode ser o ponto de partida para todos nós.

Bosi (2009, p. 74-75) relata que Hengel diz: *é o passado concentrado no presente que cria a natureza humana por um processo de contínuo reavivamento e rejuvenescimento*. Assim, é possível ver a preservação de um projeto, de uma história, de uma cultura, transcendendo o espaço físico do tempo e não morrendo, mas continuando presentes e vivos na memória do homem, o qual não consente perder esses fatos, apesar de já passados. Entretanto, o reconhecimento social do ser velho, o valor e importância da sua memória são

desconsiderados pela sociedade, sendo lembrado, apenas pelas suas inabilidades e deficiências, motivo pelo qual se rejeita a velhice.

Neri (2012) refere que pensar no modo como a sociedade trata o velho é deprimente, entretanto, a velhice é algo incontestável, um período normal no transcurso da vida. A visão social preconceituosa e estereotipada da velhice é a responsável pela rejeição, do homem, em aspirar a velhice ou ser velho.

Neste cenário conflitante, Cícero (1997, p. 9) refere que não é a velhice a responsável por essa visão do velho, e diz:

[...] os que não obtêm dentro de si os recursos necessários para viver na felicidade acharão execráveis todas as idades da vida. Mas todo aquele que sabe tirar de si próprio o essencial não poderia julgar ruins as necessidades da natureza. E a velhice, seguramente, faz parte delas! Todos os homens desejam alcançá-la, mas, ao ficarem velhos, se lamentam. Eis aí a inconsequência da estupidez!

Logo, o homem é o único responsável por desenvolver os bens reais e fundamentais na sua própria pessoa. Bens que o engrandeça, que o valorize e permita ser feliz em todas as fases da vida. O ser humano não almeja a morte enquanto jovem, portanto, no propósito de viver mais, não pode se privar de passar pelas demais fases da vida. Precisa-se então, conhecer o ciclo da vida e experimentar a beleza que cada uma dessas fases traz em si.

Correlacionando as virtudes das fases da vida, Cícero (1997, p. 29) diz:

Acaso os adolescentes deveriam lamentar a infância e depois, tendo amadurecido, chorar da adolescência? A vida segue um curso muito precioso e a natureza dota cada idade de qualidades próprias. Por isso a fraqueza das crianças, o ímpeto dos jovens, a serenidade dos adultos, a maturidade da velhice são coisas naturais que devemos apreciar cada uma em seu tempo.

Nesta perspectiva, é dispensável lamentar o atributo quando já desapareceu, e fundamental vivê-lo e valorizá-lo intensamente enquanto efetivo, e não esquecer que cada uma dessas fases traz qualidades em si.

Velhice é uma fase natural, comum na vida de todos que conseguem chegar até lá, talvez a mais longa delas, portanto, é preciso fixar o olhar na mesma, sem subterfúgios, conhecê-la e aceitá-la para viver e aproveitar todos os instantes dessa etapa.

Nessa conjuntura, Oliveira (1999, p. 59) refere que o homem pode envelhecer de maneira saudável quando admite o seu envelhecimento de forma equilibrada, aceitando-o como uma etapa natural da vida e, assim, continuar ãa tirar todo proveito de tudo que a vida possa lhe oferecerö. Para o velho é importante possuir esse entendimento, conhecer as fases

da vida, as transformações e evoluções pelas quais passou ou passará durante a vida, e assim, usufruir de todo o circuito da existência.

Na cultura atual, percebe-se que não existe ideia clara acerca do ciclo da vida, o homem é preparado unicamente para metade dela, ou seja, até a idade dos 50 / 60 anos (estudar, profissionalizar, casar, ter filhos, se aposentar...). Neste contexto, o que se fazer com os próximos 10, 20, 30 anos ou mais de vida? Onde está o preparo do homem para essa etapa? É preciso pensar nas questões que envolvem o envelhecimento, conhecer e se preparar para essa nova fase (ARCURI, 2005).

Ressalta-se que na conjuntura atual ãa infância se desenvolve num período de 10 anos; a pré-adolescência e adolescência a sucedem seguindo-se por mais 12 anos; aos 22 anos se está adulto, fase que se prolonga até os 60 anos, quando se é considerado velho [...]ö (ARCURI, 2005, p. 37). Até que idade vai o limite da velhice? Beauvoir (1990, p. 156) refere que ãa senectæ, a velhice, para alguns, prolonga-se até setenta anos e, para outros, não tem mais limite, até a morteö. Quando se pergunta quantos anos de vida ainda está por vir ao velho, este não consegue responder.

A chegada da velhice e sua evolução é desconhecida e passa despercebida pelo homem, que ainda está entorpecido com a juventude e não a quer transpor. Beauvoir (1976, p. 7) afirma que é õmal definido o momento em que começa a velhice, varia de acordo com as épocas e os lugaresö. Sua dificuldade reside na falta de características que defina o início desta fase, pois todas as demais vêm associadas aos ritos de transição social (infância, adolescência, etc.).

A Organização Mundial de Saúde (2015) determina o seu início com base na idade do homem. Desde 1982, idoso é todo indivíduo com 65 anos ou mais, para os países desenvolvidos; ou 60 anos ou mais, para os países em desenvolvimento. No Brasil, a OMS determinou a idade de 60 anos o momento de início da velhice para o homem.

O envelhecimento e o tempo parecem estabelecer uma relação paralela. Diz-se que o envelhecimento ocorre com o passar do tempo, portanto, a idade foi o marco escolhido para contar e ordenar o tempo de anos vividos pelo homem, e assim caracterizar as fases da vida, sendo a velhice uma delas. Entretanto, Neri (1991, p. 18) não tem esse entendimento e afirma que ãas idades dos homens são puras invenções [...]ö. Refere-se às idades como uma criação, algo sem base, sem fundamento e sem qualificação.

As concepções científicas sobre as idades são reflexo do entendimento do tempo pelo homem, que o usa para registrar, demarcar períodos, controlar calendários, entre outros, e passa-se a acatar essas construções abstratas como verdadeiras. Todavia, observa-se que

nenhuma disciplina científica admite ser a idade cronológica a responsável pelo envelhecimento ou pelo desenvolvimento. Concorda-se ser esta uma variável do critério cronológico, um importante sinalizador dos processos do envelhecimento, funciona como ponto de referência ou como elemento organizador. Entretanto, em realidade, o dado da idade cronológica não reflete o processo do envelhecimento (OLIVEIRA, 1999).

Freire (1995, p. 56) fala que a conceituação da velhice baseada na idade cronológica não é a ideal, e acrescenta:

Os critérios de avaliação da idade, da juventude ou da velhice não podem ser os do calendário. Ninguém é velho só porque nasceu há muito tempo ou jovem porque nasceu há pouco. Somos velhos ou moços muito mais em função de como pensamos o mundo.

Para uma pessoa ativa, integrada socialmente, satisfeita, õde bem com a vidaõ, a sua idade passa a não ter importância para o processo de envelhecimento, e o seu início pode até ser postergado (OLIVEIRA, 1999). Assim, ser moço ou velho está associado muito mais a maneira de pensar, o modo de acreditar, de comportar e de viver a vida; o modo de perceber, entender e agir no mundo, além da curiosidade pelo saber. Enfim, ser moço ou velho é uma questão de filosofia de vida.

O entendimento pelo homem acerca da condição de moço ou velho, de um modo geral, parte muito mais da visualização da imagem, do morfológico, do anatômico, do exterior que ele percebe e se vê. A não aceitação passiva da passagem do tempo é perceptível na vida do homem, evidencia-se pelo uso da tecnologia de intervenção no corpo biológico, a cirurgia plástica, os transplantes e implantes, e outros tratamentos alternativos do antienvelhecimento. (BUSSE; BLAZER, 1999; JAMILI, 2012).

Na década dos anos 60 e 70, a cultura voltava-se para a valorização do novo, enaltecia-se a juventude e desconsiderava-se a velhice. Preocupava-se em absorver as novidades, ficando extasiada com a juventude e o ser jovem, ignorando a história e a tradição (DEBERT, 2012). Desqualificava-se o idoso, o seu saber e o acúmulo da sua experiência para valorizar e cultuar o novo e a juventude. Os jovens dominavam e ditavam normas almejadas por todos. Na concepção de Beauvoir (1990, p. 111), a velhice, principalmente a do pobre, passava a ser uma questão de poder:

[...] esta questão não se coloca senão no interior das classes dominantes. Até o século XIX, nunca se fez menção aos velhos pobres; estes eram pouco numerosos e a longevidade só era possível nas classes privilegiadas; os idosos pobres não representavam rigorosamente nada. A história, assim como a literatura, passa por

eles radicalmente em silêncio. A velhice não é, numa certa medida, desvendada, senão no seio das classes privilegiadas.

Até o século XIX, os velhos pobres nunca foram mencionados, constituíam-se em menor número, por que muito dos seus já haviam morrido, e não representavam relevância para sociedade (BEAUVOIR, 1970, 1976, 1990). O enfoque do poder ou do monopólio econômico era uma questão que repousava no interior das classes dominantes e privilegiadas, limitando o alcance dos velhos, em especial, dos pobres. Esses não têm peso nem representatividade, escrevem uma história oculta e silenciosa.

O silêncio e o comodismo são fortes armas do poder público, ignora-se esse segmento pobre da população e a sua desvalorização pode ser observada na diferença de tratamento entre idosos ricos e pobres (OLIVEIRA, 1999). Assim, passa-se a ter duas categorias de velhos, uma com grande contingente numérico, e outra, reduzida a uma pequena minoria, estabelecendo dessa forma, a relação entre dominadores e dominados.

Essa questão de poder se torna mais evidente quando se reporta à diferença entre os grupos dos jovens e dos velhos, a prevalência quanto ao modo de pensar, de ditar às regras e comportamentos sempre foi um privilégio da classe dominante (a classe dos mais jovens). Para Elias (2000, p. 20) ãem todos esses casos, os indivíduos superiores podem fazer com que os próprios indivíduos inferiores se sintam, eles mesmos, carentes de virtudes, julgando-se humanamente inferiores (outsiders). Freire (2010, p. 37) retrata esta situação dizendo: ãOs oprimidos que introjetam a sombra dos opressores e seguem suas pautas e temem a liberdade.

No contexto social, de um lado, os detentores do poder político e financeiro atuam em todos os segmentos, impondo o seu modo de pensar e, de outro, situam-se os idosos, que não se rebelam, acatam passivamente e obedecem, pois, estão numa situação de inferioridade, isolados, oprimidos e sem opção (os outsiders). Percebe-se que dentro de uma mesma sociedade, atitudes de discriminação contra a velhice e se expressam por meio de reações de afastamento, descrédito, desvalorização, bem como, não oferecem condições de vida digna. Na vida privada, a família repete a relação entre dominadores e dominados, contribuindo inexpressivamente no sentido de minimizar a discriminação em relação aos que lhe antecederam e possibilitaram a sua origem.

Na ótica de Beauvoir (1990, p. 110) os velhos são fracos, ãos velhos não têm armas nenhuma, e seu problema é estritamente um problema de adultos ativos. Completando, Bosi (2009, p. 18) concorda e diz: ãO velho não tem armas. Nós é que temos que lutar por eles. Nesse contexto, não é desejo de ninguém querer ser ou ver-se como velho. Velho ãé sempre o

outro. É normal, uma vez que em nós é o outro que é velho e que a revelação da nossa idade venha dos outros. Não consentimos nisso de boa vontade (BEAUVOIR, 1990, p. 353). A aceitação de tal condição não é acatada com benevolência. A velhice passa a ser uma surpresa desagradável e uma experiência imprevisível, ou um golpe na vida do homem que a desconhece.

O ser humano em geral não quer ser ou saber do velho ou do envelhecimento, e pensa que nunca irá chegar sua vez de envelhecer. Nossa futura velhice está separada de nós por um tempo tão longo que, aos nossos olhos, confunde-se com a eternidade (BEAUVOIR, 1990, p. 11). Esse entendimento de um tempo longínquo é reflexo do querer postergar ao máximo a sua chegada, não a aceitar, negar esse período da sua vida, da sua condição de velho e de ser humano.

Cícero (1997, p. 11) não entende ser a idade ou a velhice a responsável pela insatisfação do homem:

Será de fato a idade que devemos incriminar? Nesse caso, eu também deveria padecer dos mesmos inconvenientes e, comigo, todas as pessoas idosas. Ora, sei de muitos que vivem sua velhice sem jeremiadas, aceitam alegremente estar liberados da carne e são respeitados pelos que os cercam. É, portanto ao caráter de cada um, e não à velhice propriamente, que devemos imputar todas essas lamentações. Os velhos inteligentes, agradáveis e divertidos suportam facilmente a velhice, ao passo que a acrimônia, o temperamento triste e a rabugice são deploráveis em qualquer idade.

A velhice não pode ser a responsável pelos problemas sociais dos velhos. Eles precisam se conscientizar de que podem e devem continuar seu crescimento e desenvolvimento ao longo da vida, participando, integrando-se e vivendo ativamente na sociedade.

O ser humano é produto de uma sociedade, das redes de interações sociais e de uma cultura, elementos de importância fundamental para sua estabilidade. Cada sociedade vive de forma particular o declínio biológico (BOSI, 2009). A velhice, assim, passa a ser entendida e vivenciada de um modo peculiar dentro das sociedades, bem como o seu declínio e seu modo de exteriorizá-la.

Beauvoir (1990, p. 47-48) diz que para compreender o significado da velhice é necessário entender o homem nas suas interações sociais:

Um homem produz-se sempre no meio de uma sociedade; ele depende estreitamente da natureza desta sociedade e do lugar que nela ocupa [...]. Para compreender a realidade e a significação da velhice é, portanto, indispensável examinar o lugar que é destinado aos velhos.

As relações dos velhos com a sociedade, seu valor e importância encontram-se refletidos pelo lugar que lhes é destinado e do qual ele depende. Cada sociedade vive de forma especial esse declínio do homem na sua velhice.

Nas sociedades tradicionais ou pré-industriais, o velho era considerado de alto prestígio, com destaque, valorizado e respeitado, reconhecido por ser possuidor da sabedoria, e seus posicionamentos eram referendados (BEAUVOIR, 1970, 1976, 1990; BOSI, 2009). Suas famílias eram numerosas, gerações diferentes habitavam a mesma unidade doméstica, sua convivência era harmoniosa e seus laços afetivos eram fortes. O trabalho situava-se próximo da habitação, ao começar o declínio orgânico e físico do velho sua atividade se modificava, adequando-se as condições físicas, compatíveis com suas limitações, porém mantinha-se ativo. Quando ficavam inteiramente dependentes, viviam no seio da família e esta arcava com seu sustento até a morte (BEAUVOIR, 1976, 1990; OLIVEIRA, 1999).

Na sociedade industrializada ocorreram grandes modificações: novas tecnologias; difusão das informações; valorização da especialização e produtividade; urbanização e enfraquecimento dos laços familiares. Reduzindo-se o valor e o status do velho, seu conhecimento e produtividade passam a ter menor significado para o mercado de trabalho, não se prevê um papel específico para ele, sendo abandonado numa velhice sem significado e relegado ao isolamento e marginalização. Passa a ser caracterizado pela decadência física e dependência, tendo que arcar com o preconceito, a exclusão social e as condições econômicas precárias. Não consegue reagir e assume passivamente tal situação de dependência (BEAUVOIR, 1976, 1990; OLIVEIRA, 1999).

Na sociedade moderna, da tecnológica, globalização, informática e das classes sociais, cria-se uma série de rupturas nas relações entre os homens. Realidade que reflete na vida do velho, quando se aguçam o consumismo, o individualismo, o culto ao corpo, a valorização exclusiva do novo, a sociedade dos descartáveis, o mundo do virtual, tornando o envelhecimento um desafio para ele e para sociedade. Emerge o aumento da longevidade, a aposentadoria e a filosofia individualista em todos os níveis da vida. Ser velho é carregar o peso dos valores negativos preexistentes e estereotipados. O velho passa a não ter mais valor e é programado para folgar até a chegada da morte (BEAUVOIR, 1970, 1976, 1990; OLIVEIRA, 1999). Verifica-se que tanto nas sociedades industrializadas como nas modernas a concepção da velhice é de desqualificação e exclusão social.

É importante não esquecer que o produto da sociedade é o homem, que depende da estrutura social, da sua participação, do seu reconhecimento e da sua valorização para poder viver. Como se encontra esse homem na velhice? Ao velho da atualidade, com as condições

que a sociedade lhe oferece, resta-lhe assumir o seu processo de envelhecimento social, isto é, o desengajamento do indivíduo velho, que deixa de interagir socialmente (CALDAS; VERAS 2012).

Confort (1977, p. 9) refere que ãos elementos responsáveis pelo martírio da velhice na sociedade em que vivemos normalmente não decorrem do processo do envelhecimento biológico isoladamente, mas também do envelhecimento sociogênico, ou seja, dos papéis que foram impostos pela sociedade a esse velho, na velhice. Segundo Bosi (2009, p. 18), ão ser velho é lutar para continuar sendo homem, é lutar para subsistir e se reinserir nessa sociedade.

Na atualidade, com o aumento da expectativa de vida e da longevidade, a velhice e o envelhecer torna-se um desafio imposto a todos os homens. Assim, é de fundamental importância conhecer, preparar e reconsiderar essa fase da vida como uma das mais importantes do desenvolvimento humano. Como poderá ser a velhice do homem que desconhece o seu próprio envelhecimento?

Foucault (2011, p. 70), na *Hermenêutica do sujeito*, externa essa preocupação quando diz: ão adulto se ocupará consigo mesmo - para preparar o quê? Sua velhice. Para preparar a completude da vida naquela idade em que a própria vida estará completa. Para o autor ã[...] o cuidado de si deve ser praticado durante a vida, principalmente na idade adulta. Compreende-se que para garantir uma boa longevidade o preparo da velhice inicia-se desde os seus primeiros momentos da vida e perpassa toda sua extensão (FOUCAULT, 2011, p. 98).

A condição para uma vida longa, com qualidade, pressupõe um processo de preparação para a velhice, cuidando de si, investindo na saúde, num estilo de vida saudável, no bem-estar físico e mental, sendo produtivo e socialmente envolvido (NERI, 2015).

Preparar o idoso para a vida é preparar para a velhice, para ser o velho, partindo-se da origem que é o conhecer do processo de envelhecimento humano, e que só a educação tem a capacidade de mediar e promover este aprendizado (BOTH, 2001). O conhecimento do envelhecimento oportuniza aprendizagens que favorecem a compreensão da natureza da velhice, sua evolução, limitações e potencialidades (NERI; YASSUDA, 2013).

Assim, o idoso necessita conhecer o envelhecimento, precisa ter outro entendimento da velhice, das políticas e serviços públicos, assumir um novo posicionamento frente à vida e preparar-se para viver bem essa etapa da sua existência. É momento de trilhar o caminho para o crescimento pessoal acompanhado de novas experiências, para interagir e integrar-se com o seu ambiente e desenvolver novos olhares sobre a vida (ALENCAR, 2002).

Através da educação, o idoso passa a conhecer seu envelhecimento, a compreender seu papel na conjuntura sociocultural, a mudar seus valores, a estabelecer prioridades, objetivos e novas expectativas para vida. A educação estando a serviço do idoso no seu processo contínuo de formação, de tomada de consciência e de seu crescimento pessoal, quer dizer, uma educação com uma ação infindável, tendo em vista o eterno inacabamento do homem (educação ao longo de toda a vida). Confere-se à educação o papel fundamental para o desenvolvimento pessoal e social do velho (BOTH, 2001; VALENTE, 2001).

O ser idoso necessita continuar sua educação, adquirir conhecimentos como parte do seu dia-a-dia para buscar novos campos de interesse que o possibilite ter reconhecimento pessoal e social e, conseqüentemente, melhorar a sua autoestima e o seu prazer de viver (KACHAR, 2001).

Na velhice, ãa ideia de ser um processo de perdas tem sido substituída pela consideração de que os estágios mais avançados da vida são momentos propícios a novas conquistas, guiadas pela busca do prazer e da satisfação pessoal (DEBERT, 2012, p. 14). Isto é, as experiências vividas e os conhecimentos armazenados são conquistas que oferecem oportunidades para realizações de projetos abandonados, para buscar novos objetivos e estabelecer relações produtivas com o mundo dos mais jovens.

A transição demográfica é indiscutível, o aumento da população de velhos é evidente, desse modo, é fundamental que novas políticas públicas priorizem e direcionem seus investimentos ao envelhecimento e ao velho, oferecendo novas oportunidades para seu crescimento pessoal. Assim, possibilitando modificar sua imagem de dependente a participativo e engajado em programas sociais, beneficiando-o com novas formas de aprendizagem e com novo padrão de envelhecimento. Com esta nova concepção, espera-se que a sociedade assuma outra postura frente ao velho e sua longevidade.

A extensão da longevidade, através do aumento da expectativa de vida nos últimos 30 anos, deixa a terceira idade para trás e cria a quarta idade que equivale à faixa dos 80 até 120 anos. Esta idade é o limite que a genética permite alcançar, o marco atingido pela progressão natural da experiência média de vida, sem considerar as inovações da medicina, cujas pesquisas se encontram em fase avançada, como a das células tronco, dos peptídeos biorreguladores e o da telomerase, entre outras (JAMILI, 2012). O alto nível tecnológico nas áreas sociais e da medicina, ocorridos durante o século XX, permitiram o aumento da longevidade como fruto da combinação da genética com um estilo de vida saudável (NERI, 2015).

Embora a carga genética oportunize a evolução para o bom envelhecimento, surge o ambiente físico e social com um peso maior sobre ele. Ambientes que impõe barreiras ou incentivos que influenciam oportunidades, decisões e comportamentos, sobre os quais, hoje, já se pode escolher o modo para se viver e envelhecer (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2015).

Os idosos de hoje são possuidores de uma saúde melhor que os seus antecessores, alguns apresentam níveis de capacidade física e mental semelhante à de muitos jovens de 20 anos. Este envelhecimento saudável, cada vez mais, faz aumentar o número de idosos e favorece o envelhecimento populacional (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2015). Assim, diante desta realidade mencionada, questiona-se o que está sendo proposto para o futuro destes longevos (os vencedores da seleção natural segundo Charles Darwin) e de todos os homens que conseguiram e que conseguirão atingir a velhice?

É preciso que este envelhecimento seja resultado da aquisição de conhecimentos, de comportamentos e de normas assimiladas que possam levar a uma nova compreensão da velhice associada à valorização da vida, e que venham facilitar o idoso a viver melhor, desenvolvendo capacidades que lhes auxiliem a caminhar e acompanhar um mundo em contínua transformação e inventar novas maneiras, melhores e mais produtivas, de se viver a velhice (ALENCAR, 2002).

Portanto, é essencial iniciar pelo homem com o reconhecimento da sua velhice como uma realidade e preparar-se para esta fase de vida, a começar pela infância, perpassando toda vida, melhorando no que for possível e, assim, aceitar o imutável que a natureza humana reservou: a velhice. A realidade da velhice precisa ser conhecida, retratada e divulgada para que as pessoas se vejam nela e comecem o seu aprendizado com exemplos observados a partir das experiências da vida dos idosos.

Para tanto, atingir a velhice, antes privilégio de poucos, passa a ser, na atualidade, uma possibilidade de todos, sendo importante advertir que o aumento da expectativa de vida, o grande feito do século XX, só tem considerável valor quando se consegue associar qualidade aos anos de vida conquistados (HADDAD, 1986; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2015). Assim, a terceira idade ou adultos maiores, passa a ser parte do curso normal da existência, estando à espera de uma sociedade com nova compreensão sobre a vida, a velhice e sobre o mundo, uma sociedade com novo posicionamento e que possibilite qualidade de vida aos seus idosos.

Elias (2001, p. 92) refere que os idosos precisam ter qualidade de vida que os permita estabelecer metas, pois ãas únicas criaturas neste universo que podem estabelecer objetivos à

vida, que podem criar e dar sentido, são os próprios seres humanos. Sabedor dessa situação, o idoso deve se preparar para esse período de vida, conhecendo-se, cuidando-se, superando limitações, desenvolvendo suas potencialidades e repensando o significado de uma idade avançada e como a sua vida pode se desdobrar. Desse modo, estabelecendo outros objetivos e elaborando novos projetos para se engajar.

Uma vida mais longa é um recurso incrivelmente valioso, uma oportunidade de reconhecer suas aspirações, selecionar suas metas, efetivando-a por intermédio de atividades significativas. Tempo de valorizar suas habilidades presentes e compreender que seu corpo pode envelhecer, mas jamais o seu ãeuõ deve o acompanhar, e que todos têm o poder e dever de mantê-lo com todo vigor. O ser humano desfrutará de outra realidade quando entender que o exterior tem pouco valor é uma puerilidade do ser, pois o essencial é desenvolver no interior humano propósitos que justifiquem o seu modo de ser e viver neste mundo e não simplesmente estar no mundo, mas sim, existir com o mundo.

Segundo Freire (1977), o existir ultrapassa viver porque é mais do que estar no mundo. É estar nele e com ele e com os outros. Estar engajados em projetos que transcendam e que deem significado à sua existência. Desse modo, o velho passa a ser reconhecido, a participar socialmente de um mundo que era seu desconhecido, a se fazer presente, interagir e integrar e assim, existir na memória social da modernidade. Sendo, esta participação o remédio contra os danos causados pelo tempo, mas em auxílio à longevidade.

Longevidade estruturada no ato de repensar, reformular, selecionar metas e realizar projetos, portanto, trata-se de um tempo com possibilidades de realizar sonhos.

Sonho no desabrochar do envelhecimento, da velhice, do velho, com novos modos de ver e viver a vida. Sonho num envelhecer seguro, extensivo e justo a todos os seres humanos. Não se pode alterar uma realidade, sem um sonho, sem uma utopia ou sem um projeto. Por isso, sonho com idosos, não puros expectadores, mas sim, executores de sua história, tendo a certeza que mudar é difícil, mas é possível. Sonho poder viver essa utopia, por que viver é bem maior do que sonhar.

3 FUNDAMENTOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

“Não existirá um porvir verdadeiro para humanidade e não existirá um verdadeiro progresso, se o futuro não tiver um coração antigo; isto é, se o futuro não se basear na memória do passado” (DISTANTE, 1998, p. 84).

Nesta seção, buscou-se inspiração em diferentes textos e autores para traçar a trajetória metodológica desta pesquisa, ou seja, a construção deste conhecimento sobre a importância da educação para o envelhecimento saudável em idosos longevos tendo a sua base num coração antigo.

3.1 INTRODUÇÃO DO MÉTODO

No sentido de poder construir e analisar o fenômeno do envelhecimento, sua evolução e as suas relações estruturais, fez-se a opção metodológica da abordagem qualitativa. A escolha desta abordagem teve como eixo central buscar a aproximação do fenômeno estudado (envelhecimento humano) aos fenômenos da vida cotidiana e assim, obter um conhecimento mais aprofundado do mesmo.

Diversos teóricos e estudiosos são concordantes quanto ao uso da abordagem qualitativa em estudos sobre a vida dos povos (BAUER; GASKELL, 2008; BICUDO, 2011; DENZIN; LINCOLN, 2006; MINAYO, 2000; TRIVIÑOS, 2012), pois detêm uma análise aprofundada do comportamento humano (MARCONI; LAKATOS, 2006). Esse tipo de tratamento procura explicar o significado e as características do evento que não pode ser quantificado (MERLUCI, 2012; OLIVEIRA, 2003), estabelecendo um íntimo relacionamento entre o pesquisador e o que está sendo pesquisado (DENZIN; LINCOLN, 2006).

Gaskell (2008, p. 65) afirma também que a pesquisa qualitativa:

Fornecer os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação. O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivação, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos.

Assim, essa prática que possibilita aos pesquisadores procurar penetrar minuciosamente no assunto pesquisado e poder dar uma maior visibilidade sobre o tema.

Para tanto, numa abordagem qualitativa e com a intenção de adentrar detalhadamente na temática desse estudo, buscou apoio na história oral que, segundo Thompson (1998, p. 197), diz: "Toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade: descolar as camadas de memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta".

Assim, a busca da verdade encontrada no âmago da memória foi a justificativa que fundamentou a escolha da pesquisa tipo história de vida enlaçada pela história oral, como um caminho para este estudo, pois se tem na memória a propriedade de conservar certas informações e, remete-nos a um conjunto de funções psíquicas, nas quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.

3.2 A PESQUISA: história de vida e história oral

Na História de Vida, utiliza-se o termo empregado para relato de vida, pela conveniência de ser o mais conhecido (GLAT, 1989; SPINDOLA; SANTOS, 2003). Para tanto, existe certa controvérsia ao uso da terminologia empregada, quando se refere a *life story* (relato de vida/estória de vida = história de vida) e *life history* (caso clínico), que segundo Spindola e Santos (2003), essa distinção entre a terminológica foi proposta pelo sociólogo americano o Denzin em 1970, considerando:

[...] *lifestory* (a estória ou o relato de vida) é aquela que designa a história de vida contada pela pessoa que a vivenciou. Nesse caso, o pesquisador não confirma a autenticidade dos fatos, pois o importante é o ponto de vista de quem está narrando. Quanto à *life history* (ou estudo de caso clínico), compreende o estudo aprofundado da vida de um indivíduo ou grupos de indivíduos. Inclui, além da própria narrativa de vida, todos os documentos que possam ser consultados, como dossiês médico e jurídico, testes psicológicos, testemunhos de parentes, entrevistas com pessoas que conhecem o sujeito, ou situações em estudo (BERTAUX, 1980 apud SPINDOLA; SANTOS, 2003, p. 30).

No relato de vida, o que interessa ao pesquisador é o ponto de vista do sujeito, a história de sua vida ou de um acontecimento que vivenciaram (ou estão vivenciando) e que narram ao entrevistador. Dessa forma, não há necessidade da verificação da veracidade, pois se busca apreender e compreender a vida conforme ela é relatada e interpretada pelo próprio ator (GLAT, 1989).

Minayo (2000, p. 126), menciona Denzin (1970) que relata: "A história de vida apresenta experiências e as definições vividas por uma pessoa, um grupo, uma organização, indicando como esta pessoa, grupo ou organização interpreta a sua experiência". Assim,

podem ser construídas tanto sobre todo conjunto das experiências vividas por uma pessoa, como também enfatizando um conjunto determinado de experiências.

Dessa forma, entende-se que dentro da história de vida de cada um desses idosos pesquisados existem histórias vivenciadas sobre a educação e a educação para o envelhecimento. Portanto, a partir da História de Vida dos idosos, é possível colher informações, que retratam a trajetória pessoal da sua vida, e assim, se verificar a importância da educação. Nesse sentido, a memória, seria um instrumento para adquirir elementos da historicidade, cujo resgate dos fatos narrados sobre a vida dos idosos, possibilita a compreensão da importância da educação para o seu envelhecimento saudável.

Le Goff (1990, p. 423) define memória como propriedade de conservar certas informações com as quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas ou que ele representa como passadas.

De acordo com Thomson, Frisch e Hamilton (1998, p. 78):

Os campos da história e da memória se entrelaçam, uma dimensão em que a história oral tem tido especial importância, não tanto pelos seus produtos, mas mais por seus processos: pelo envolvimento maior na recuperação e na reapropriação do passado que a história oral possibilita.

Para François (1998), a história oral é inovadora por seus objetos darem atenção aos oprimidos, aos silenciosos e aos excluídos da história (mulheres, proletários, marginais, etc.), a história do cotidiano e da vida privada, que neste estudo está representada pelas idosas (parte da história do cotidiano e da vida privada).

Nessa linha de pensamento, a História Oral veio possibilitar às idosas uma viagem pelo íntimo da sua memória e extrair, no mais profundo do seu ser, os mistérios de suas vidas, a sua história viva. Fazerem-se ouvidas e expressarem-se com as suas vozes passa a ser o caminho para construção do conhecimento desse estudo.

A expressão História Oral é recentemente nova, entretanto, é tão antiga quanto à própria história, pois foi a primeira forma de expressão da história antes da escrita, mas foi recentemente reconhecida como atividade metodológica no campo da Educação.

Considera-se, o ano de 1948 como o Marco do nascimento da História Oral, a partir do pesquisador Allan Nevis, com o lançamento do seu livro intitulado *The Oral History Research Office*, com mais de 6000 fitas de entrevistas gravadas e transcritas. Essas fitas encontram-se arquivadas na Universidade da Colúmbia na cidade de Nova York (THOMPSON, 1998).

De acordo com Meihy e Holanda (2011, p. 82), entende-se:

A história oral como abordagem metodológica em que há um envolvimento do pesquisador com o objeto de estudo, procurando desvendá-lo a partir dos relatos orais dos sujeitos envolvidos, em complementaridade com o uso de outras fontes escritas, iconográficas, matérias etc.

Assim, a história oral representa um método de pesquisa, que se utiliza de fontes orais coletadas por meio de entrevistas (FERREIRA, 1998; FERREIRA; FERNANDES; ALBERTI, 2000; MEIHY; HOLANDA, 2011; THOMPSON, 1998; THOMSON, 1997; THOMPSON; FRISCH; HAMILTON, 1998). Essas fontes se destacam pelo caráter de testemunho vivo e por carregarem em si, a contemporaneidade intrínseca entre o pesquisador e a testemunha (FERREIRA, 1998).

Segundo Alberti (1989, p. 4):

[...] a história oral pode ser empregada em pesquisas sobre temas contemporâneos. Ocorridos em um passado não muito remoto, isto é, que a memória dos seres humanos alcance, para que se possa entrevistar pessoas que dele participaram, seja como atores, seja, como testemunhas.

Nesse sentido, a história oral permite voltar às lembranças de um tempo em que o sujeito esteve como participante ou testemunha de fatos e que muitas vezes não estão descritos em livros. A partir desse método se permite ôdar voz, privilegiando a história e o papel dos indivíduos, em especial dos grandes homens e seus feitos (JOUTARD, 1996).

Por fim, a partir da História de Vida e da História oral é possível coletar dados significativos, não somente para registrar as histórias, mas dar voz aos idosos longevos, os detentores da essência das vivências de um passado que pode ser a luz das soluções do futuro e a partir de suas falas eclodem essenciais experiências sobre a educação e a educação para o envelhecimento.

3.3 CAMPO DA PESQUISA

A pesquisa ocorreu na Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI), vinculada ao Programa do Idoso (PROIDOSO), da Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

A escolha desse local teve por finalidade já conhecer o papel desempenhado por essa organização na promoção de ações para a melhoria da qualidade de vida das pessoas idosas.

Para realização deste estudo foi solicitado da Direção da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI/UFPE) a sua permissão que foi autorizada através da Carta de Anuência (Anexo A).

No Recife, foi criada a Universidade Aberta à Terceira Idade em agosto de 1996 que passou a representar para o campus da Universidade Federal de Pernambuco: o compromisso com a valorização do idoso; o espaço de convivência grupal intergeracional; a difusão de conhecimentos e práticas de acordo com os interesses e motivações do idoso; o estímulo à participação ativa de pessoas idosas na execução de atividades, cursos e outras ações propostas pelo programa, valorizando potencialidades e talentos; intercâmbio de experiências com outros órgãos/instituições que promovem ações de educação continuada para idosos; e o campo de prática para a investigação gerontológica em diversas áreas do conhecimento (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, 2016).

Faz-se necessário esclarecer que a forma para ingresso no Programa da UNATI/UFPE é bastante simples, valendo salientar que os cursos são públicos e gratuitos e não há exigência de nível de escolaridade. Os idosos interessados em participar precisam ter a idade mínima de 60 anos e realizar sua inscrição via internet em apenas um curso, por haver uma demanda maior que a oferta.

Normalmente, são oferecidos 36 cursos em diversas áreas do conhecimento, entre eles podemos (os da área técnica; da artística e ou da atividade física) citar os cursos de: Alfabetização; Autoestima e afetividade; Comunicação, Raciocínio e matemática; Ética pessoal: Um projeto de vida; Ética pessoal na sociedade de hoje; Inglês; Espanhol; Italiano básico; Italiano intermediário; Laboratório da memória; Introdução à informática; Sistema digestório e alimentação saudável; Nutrição e envelhecimento; Banha aberta; Bijuteria; Bordado em fita; Macramê; Origami; Pedraria; Pintura em tecido; Pintura em tela; Renascença e tricô; Tapeçaria; Teatro, corpo e saúde; Dança do Ventre; Automassagem; Ioga; e Teatro, corpo e saúde.

Estes cursos podem absorver até 681 idosos. Suas aulas são ministradas no campus Recife da UFPE, em diversos setores como: no PROIDOSO/NAI; no Espaço de Convivência do (NAI); no Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA); no Centro de Ensino de Ciências do Nordeste (CECINE); no Departamento de Histologia do Centro de Ciências Biológicas (CCB) e no Centro de Educação (CE).

Faz-se necessário informar que esse trabalho teve a preocupação de ouvir minorias representadas pelas vozes de uma geração de idosos, com o objetivo central de analisar a importância da educação para o envelhecimento saudável em idosos longevos. A população

estudada constitui-se de um universo de idosos de 80 anos ou mais, possuidores de um envelhecimento saudável e que foram oriundos da Universidade Aberta da Terceira Idade da UFPE.

Dessa forma, por reconhecer o valor do que seria informado e do grande interesse deste ao presente estudo, vários procedimentos foram determinados envolvendo a metodologia. Para garantir, assim, a credibilidade ao tratamento dos dados, desde a preparação do projeto até a divulgação dos resultados. Percorreram-se etapas constituídas desde o conhecimento anterior do assunto analisado, preparação do roteiro guia da história de vida, elaboração da entrevista, aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos, escolha dos idosos pesquisados, contato prévio entre o entrevistador e o entrevistado, domínio do material de apoio utilizado (gravador, para transcrições, e máquina fotográfica para documentar a idade dos pesquisados), permissão para aplicação e utilização dos conteúdos das entrevistas com o compromisso da manutenção do anonimato nos depoimentos, informação do local indicado para armazenar e arquivar os dados obtidos. Todas essas etapas foram desenvolvidas tendo em vista o fato da pesquisa trabalhar com história oral, de pessoas vivas, que muitas vezes podem fazer parte do nosso cotidiano.

Acredito que ouvir os relatos dos que se dispuseram a contar sobre sua história de vida e, conseqüentemente, a história do seu envelhecimento, pode ser um caminho relevante para entender a importância da educação para o envelhecimento e, com suas vozes, poder contribuir com mais uma parte dessa história. Portanto, a coleta da história de vida dessas idosas pesquisadas foi iniciada no período de maio a dezembro de 2015.

3.4 SUJEITOS DA PESQUISA

O grupo pesquisado foi composto por idosos que foram selecionados com os critérios enumerados abaixo. Para os critérios da seleção dos pesquisados, estabeleceu-se:

- a) idosos com 80 anos ou mais (nascidos antes de 1935);
- b) idoso que possuam um envelhecimento com aspectos positivos como: idosos que possuam manutenção da capacidade funcional que permita seu bem-estar nesta idade avançada;
- c) idosos participantes da UNATI e;
- d) idosos que aceitaram relatar a sua história de vida e o seu próprio processo de envelhecimento.

No semestre 2015.1, foi constatado na UNATI / UFPE um universo de (715) idosos com 60 anos e mais, que foram matriculados em diversas atividades. Desses idosos somente (42 ou 5,87%) tinham idade igual ou superior a 80 anos, como pode ser visto no Tabela 2.

Tabela 2 - Distribuição dos idosos matriculados quanto à faixa etária e evasão na UNATI em 2015.1

Idosos matriculados				
Idade	Nº	%	Nº de Evasão	%
80 anos ou mais	42	5,87	11	26,19
De 60 até 79 anos	673	94,13	127	18,87
Total	715	100,00	138	19,30

Fonte: elaborada pela autora

Dos 42 idosos com idade igual ou superior a 80 anos 11 deles se matricularam, mas não frequentaram as aulas, 02 disseram que não gostariam de participar deste estudo e 02 estavam com o ano de nascimento incorreto, (01) havia nascido em 1951 e não 1915 como referia à documentação da UNATI, o outro só completaria 80 anos no segundo semestre de 2015, motivo das suas exclusões, conforme a Tabela 3.

Tabela 3 - Distribuição quanto sua seleção os idosos pesquisados da UNATI em 2015.1

Distribuição dos idosos pesquisados		
Universo das idosas com 80 anos ou mais	42	100,00%
Idosas que podiam ser pesquisadas	27	64,28%
Erro no ano de nascimento ou só completaria 80 anos em dezembro de 2015	02	4,76%
Idosas que não quiseram participar	02	4,76%
Evasão	11	26,19%

Fonte: elaborada pela autora

Para tanto, no que diz respeito à amostra estudada, os idosos foram selecionados com base na demonstração do interesse em contar suas histórias de vida e assim dele participar. Nesse viés, a presente seleção partiu do universo de 27 alunos idosos que apresentavam as condições definidas para sua inclusão no estudo (Tabela 3).

Assim, o interesse em trabalhar com esse grupo foi priorizar a investigação da importância da Educação para o envelhecimento saudável em idosos longevos, tendo como base a História de Vida dos adultos maiores de 80 anos ou mais, que souberam envelhecer e estar bem aqui agora.

A escolha por essa faixa etária esteve relacionada ao resgate da sua História de Vida ocorrida antes da metade do século XX (período que evidenciou o surgimento da transição demográfica), o que possibilitou excluir a interferência das políticas governamentais para

esses idosos, pois as suas preocupações eram outras e mesmo assim, eles sobreviveram a esta realidade.

Dessa forma, dos 27 idosos que podiam ser pesquisados 15 foram selecionados, ou seja, 55,55 %, e que frequentavam diferentes cursos na UNATI/UFPE.

Idosos que tivessem um envelhecimento cujas condições de vida possibilitaram participar da UNATI e desta pesquisa. Idosos que apresentavam um envelhecimento saudável conforme (BALTES; SMITH, 1995; NERI, 1995; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE), ou seja, foram capazes de relatar de forma detalhada a sua experiência de vida; tiveram habilidade para se expressar facilmente com palavras; perceberam e expressaram seus sentimentos e emoções sem inibição, tinham experiência com o fenômeno estudado e com interesse pelo mesmo. Portanto, foram os idosos que tiveram seu processo de desenvolvimento com manutenção da sua capacidade funcional que permitiram os seus bem-estar em idade avançada (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2015).

Os atores desta investigação, foram os idosos participantes da UNATI/UFPE que tinham 80 anos ou mais e que gozavam de um envelhecimento saudável. Para tanto, ressaltou-se que a amostra desta pesquisa não teve a preocupação com a representatividade numérica, mas com o aprofundamento da compreensão da trajetória desse grupo social, possibilitando a compreensão do significado e a descrição densa dos fenômenos estudados em seus contextos, como aponta Goldenberg (2011).

Dessa forma, considerou-se o quantitativo de 15 idosas para participar desta pesquisa suficiente. Vale ressaltar que, achou-se pertinente antes analisar algumas teses, que fizeram uso da abordagem qualitativa na investigação do fenômeno do envelhecimento procurando verificar o número de idosos pesquisados. Constatou-se que não ultrapassaram 10 voluntários, conforme Andrade (2010), Bosi (2009), Kertzman (2004) e Silva (2012).

Baseando-se nesses referenciais, considerou-se ser suficiente um universo amostral de 15 (55,55%) idosos para a esta pesquisa. Seleção feita entre os idosos que apresentaram maior interesse em participar desse estudo. É importante mencionar que, entre os matriculados e que apresentavam idade igual ou maior de oitenta anos, só um era do sexo masculino e que se ausentou após a primeira aula. Portanto, o universo estudado foi de 15 idosas do gênero feminino.

Assim sendo, esperou-se que esse número permitisse o desenvolvimento igualitário, e possibilitasse esclarecer os objetivos propostos. Estimou-se que com esse grupo amostral não mais aparecessem novas percepções, havendo a saturação do sentido e caso a avaliação do

fenômeno fosse consolidada seria sinal de não mais necessitar aumentar a casuística e que era tempo de parar. Suposição que foi confirmada com esse número.

Os idosos selecionados, originaram-se de diversos cursos oferecidos pela UNATI/UFPE em 2015.1, conforme pode ser visto na Tabela 4.

Tabela 4 - Cursos frequentados pelos idosos pesquisados na UNATI em 2015.1

Cursos frequentados pelas idosas pesquisadas		
Curso de Alfabetização	03	20%
Curso de Automassagem	01	6,66%
Curso da Dança do ventre	01	6,66%
Curso de Ética pessoal: um projeto de vida	02	13,33%
Curso Inglês	01	6,66%
Curso de Ioga	02	6,66%
Curso Laboratório da Memória	01	6,66%
Curso de Nutrição e Envelhecimento	01	6,66%
Curso de Pintura em tela	01	6,66%
Curso de Tetro, corpo e saúde	01	6,66%
Total de Idosos Pesquisados	15	100%

Fonte: elaborado pela autora

Assim, pela diversidade dos cursos oferecidos pode-se perceber o percurso que foi realizado para identificar as pessoas de 80 anos ou mais. Depois de identificados esses idosos, outros contatos se fizeram necessário. Estabeleceu-se diálogo com os professores ministrantes das suas aulas e com os idosos desses cursos, falando-lhes da pesquisa, dos objetivos e da importância da sua participação e a necessidade dos voluntários para que fosse ela realizada. Em outros momentos, chegou-se a participar das aulas, integrando-se e interagindo-se com os idosos, ocasião em que se reforçou a importância da sua participação para o estudo. Essas passagens nas aulas dos cursos, esse contato prévio com os idosos reduziram a distância entre pesquisador e pesquisados, estabeleceram-se laços de afeto e amizade, quebraram-se barreiras o que pode facilitar tanto a observação como a coleta dos dados. Dessa forma é que foi feita a seleção da amostra e a observação participante.

Em síntese, pelo Tabela 5, tem-se um panorama geral do perfil das idosas entrevistadas.

Tabela 5 - Caracterização geral das idosas da UNATI em 2015.1

Perfil das Idosas									
Idade									
80-85		>85-90		>90-95		>95-100			
11 ou 73,34%		03 ou 20%		-		01 ou 6,66%			
Estado civil									
Solteira		Casada		Viúva		Divorciada		Separada	
01 - 6,66		01 - 6,66		10 - 66,68%		02 - 13,34%		01 - 6,66%	
Religião									
Católica		Evangélica		Esotérica		Seicho no ei		Sem religião	
11 - 73,34%		02 - 13,34%		01 ó 6,66%		01 - 6,66%		0	
Reside									
Família					Sozinha				
10 ó 66,67%					05 ó 33,33%				
Residência Própria									
Sim					Não				
15 ó 100%					00				
Escolaridade									
Não Alfabetizado	Em alfabetização	Ensino Fundamental (séries iniciais)		Ensino Fundamental (séries finais)		Ensino Médio		Educação Superior	
		I	C	I	C	I	C	I	C
02 ó 13,34%	03 ó 20%	01 ou 6,67%	02 ou 13,33%	-	02 ou 13,33%	-	02 ou 13,33%	-	03 ou 20%
Trabalhava Anteriormente									
Sim					Não				
14 ó 93,34%					01 - 6,66%				
Trabalha Atualmente									
Remunerado (Trabalhos manuais)	Voluntário Pintando telas (quadros)	Voluntário Lecionando (ioga e trabalhos manuais)		Voluntário (Tessoureira e Contadora)		Voluntário (Trabalhos domésticos)			
01 ó 6,66%	02 -13,33%	02 ó 13,33%		02 ó 13,33%		08 ó 53,33%			

Fonte: elaborada pela autora

Após esse momento, procurou-se traçar o perfil sócio-econômico-cultural das idosas pesquisadas no Quadro 1.

Quadro 1 - Perfil sócio-econômico-cultural das idosas

Continua

Flores (Idosas)	Síntese
Acácia²	Nasceu em Recife (1933), numa família economicamente estável e socialmente equilibrada, cujo pai era chefe do Lloyd Brasileiro e a Mãe do lar. Aos 10 anos frequentava festas, teatros e outras atividades culturais. Estudou até o 2º Grau com magistério, casou-se aos 22 anos com um primo e parou de estudar pra cuidar dos filhos. Viúva há 32 anos, mãe de 4 filhos. Voltou a estudar já casada quando terminou o curso de pedagogia. Trabalhou como professora e supervisora num colégio. Considera-se com ótima saúde e ativa, está satisfeita com a sua vida, cuida da alimentação, vai ao médico e pensa em viajar. Não deixa de fazer projetos futuros.
Angélica³	Nasceu em Recife- PE (1918). Casou aos 27 anos, teve dois filhos. Um deles foi levado embora, há cinquenta anos. Reside na casa de um dos filhos com a nora e uma neta, seu filho mora nos EUA há 14 anos. Tem 3 pessoas com >60anos na família. Viúva quer casar, mas não acha um pretendente. A sua infância e a juventude (vegetativa) foi de difícil relação com a irmã e a madrastra. Trabalhava na agricultura, costureira, doméstica e camareira. Hoje aposentada por invalidez, não trabalha, apenas faz as atividades domésticas. Sua saúde é boa, tem marca-passo, mas está bem. Todo o dia vai a ginástica, faz alfabetização, joga gamão e vai a psicóloga. Sai de casa todos os dias, pois não quer ficar em casa sentada esperando a morte chegar. Tem cuidado com a alimentação e saúde, vai ao médico todo o mês (geriatra). Acha que o maior problema do idoso é a solidão. Seu projeto de vida para o futuro é cuidar da saúde para viver bem e buscar no futuro a salvação. Encontrou recentemente o filho desaparecido com 66 anos, foi muito bom. Iniciou os estudos aos 60 anos e agora estão sendo continuados na alfabetização dos idosos da UNATI. Já sabe ler e escrever. Hoje, está vivendo, após o grupo da terceira idade e o reencontro com o filho.
Amarílis⁴	Nasceu em Recife- PE (1933). Casou-se com 29 anos, filha de pai trabalhou em escritório de usina e mãe do lar. Hoje, separada, teve dois filhos, reside sozinha. Na família tem 12 pessoas >60 anos (irmãos e primos). Durante a vida foi cuidando dos irmãos mais novos. Estudou em escola particular, concluindo o primário, o ginásio, o científico e ainda fez contabilidade. Aos 20 anos, começou a trabalhar na correspondência da contabilidade. Hoje aposentada, cuida dos afazeres domésticos e é síndica não remunerada do seu prédio. Considera sua saúde regular, pois teve câncer na mama e está em controle. Não se descuida da saúde, vai ao médico, cuida da alimentação. Considera-se ativa. Tem como projeto de vida, viver bem com autonomia até os meus últimos dias.
Hortênci⁵	Nasceu em Natal- RN (1933). Casou-se com 20 anos com Militar, filha de pai Alfaiate e mãe costureira. Reside com dois filhos. Na sua família, tem 4 pessoas >60 anos (tia e irmãos). Teve uma família tranquila e feliz, mesmo com conflitos com avó viúva. Era presa, com educação impecável. Aos estudos fez o primário e o ginásio. Trabalha desde pequena na criação dos irmãos, filhos e nas tarefas domésticas. Tem boa saúde, cuidado com a sua alimentação, mas não vai regularmente ao médico. Realiza dança de salão e gosta de beber e frequenta clubes e teatros, com amigos. Tem como projeto de vida continuar fazendo tudo que faz.
Margarida⁶	Nasceu em Carpina- PE (1930). Casou com 20 anos, teve uma filha. Em novo casamento, vivido por 48 anos, teve 7 filhos. Hoje viúva. Filha de pai em uma

² Símbolo de segurança, firmeza e determinação. Caracteriza-se por ter uma personalidade forte e ao mesmo tempo versátil centrada na união e felicidade familiar.

³ Simboliza a conexão do angelical com a harmonia, união e paz. Simples, independente e alegre em contar e declamar a vida apesar das provações e limitações físicas que a mesma lhe traz.

⁴ Ativa, destemida, decidida, cheia de vida e energia, sempre pronta e forte para os desafios enfrentar e nada desanimar.

⁵ Representa a dignidade e os mais sinceros e profundos sentimentos do capricho e da vaidade. Indiferente a muitas coisas do mundo mais cultua a beleza, o lazer e o prazer.

⁶ Simboliza o amor inocente e puro. Gentil, bondosa e afetuosa com todos aqueles que privam do seu convívio e transmitindo-lhes o sentimento de equilíbrio e de paz.

Quadro 1 - Perfil sócio-econômico-cultural das idosas

Continuação

	<p>firma de trens e mãe doméstica. Reside com duas netas. Na família, tem 5 pessoas >60 anos (irmãs). Vida difícil e sofrida. Morte da mãe e difícil relação com a madrasta. Trabalhou em casa de família, fábrica de estopas e fábrica da Torre. Nunca fui ao colégio. Cuidava dos irmãos, que dificultou seus estudos e apenas com 85 anos veio se alfabetizar na UNATI. A saúde é boa, mesmo com a diabetes, pressão alta e osteoporose, mas se cuida e está tudo equilibrado. Cuida da alimentação, vai ao médico e toma os remédios e faz caminhada na Jaqueira. Considera o maior problema do idoso, a solidão e a saúde. Tem como projeto de vida: Deus, viver cuidando da casa, netos e filhos, dormir e acordar com disposição para fazer seus trabalhos, andar nos lugares necessários, se cuidar e desaparecer a mente, mas para fazer futuro, está tudo bom.</p>
Camélia⁷	<p>Nasceu em Bezerros- PE (1926). Casou-se com 22 anos, viúva, reside com filha e neto. Teve 10 filhos. Na sua família, tem 5 pessoas com >60 anos (filhas, prima e sobrinho). Filha de pai agricultor e mãe costureira. Trabalhava desde os 8 anos. Ama a vida. Sempre teve uma vida feliz, na infância e na mocidade, com muitas amizades e brincadeiras. Os estudos iniciaram aos seis anos e já sabia a cartilha do ABC e com 7 anos, entrou na primeira série e fez até o primário e ainda repetiu um ano por não querer deixar a escola. Os pais não tinham condições econômicas para enviá-la para estudar o ginásio em outra cidade. Hoje é aposentada, mas trabalha fazendo bonecas para encosto de porta e crochê como acabamento de pano de prato. Sua ocupação atual é fazer trabalhos manuais e participa do grupo da terceira idade no centro social de Areias, onde ensino o que sabe. Considera sua saúde boa e só tomo remédio de pressão. Tem cuidado com a alimentação, vai ao médico e sempre faz exames. Faz atividade física, treino funcional na praça, hidroginástica e faz curso na UNATI. O seu desejo para o futuro: É que todos caminhem no mesmo caminho que andou e que cheguem hoje até onde ela chegou. Meu projeto é viver muito mais. Muito mais do que já vivi até hoje, porque amo a vida.</p>
Gardênia⁸	<p>Nasceu em Bom Jardim- PE (1935). Divorciada, reside com um neto, teve três filhos. Na família, tem 2 pessoas com > 60 anos (irmãos). Filha de pai agricultor, que era um amor e não dava as coisas porque não tinha condição (começa a chorar) e mãe do lar. Não teve infância, sem mãe (morreu de parto). A madrasta era muito ciumenta e judiava de todos, foi embora, sendo criada pelas irmãs. As coisas melhoraram quando cresceu e criou maturidade, mas sofreu muito. Vivia o tempo presa. Não frequentava a escola por não ter condições. Na mocidade foi que aprendeu a assinar o nome e a ler com o seu irmão. Sempre trabalhou no roçado, fazia bonecas de pano e vasilhinhas de barro, pois para viver tinha que inventar de tudo (RISOS), desse jeito ia conseguindo viver. Depois foi trabalhar atrás do balcão no comércio. Com 16 anos fugiu com o namorado e foi viver em Recife, depois em São Paulo e voltou depois para o Recife. Os seus filhos tiveram colégio e não se formou quem não quis. Vivia do comércio. Hoje vive de alugueis das casas, após o divórcio. Tem saúde regular e já fui operada do coração, mas está bem. Tem cuidado com a alimentação, vai ao médico e tomo meus remédios. Faz atividade física diariamente, hidroginástica e caminhada todo o dia. Seu projeto para o futuro é: Está nas mãos de Deus e espera ter saúde e felicidade na sua vida e na dos seus filhos.</p>
Violeta⁹	<p>Nasceu em Recife- PE (1934). Casou-se com 28 anos, teve cinco filhos. Divorciada, reside com filha e neto. Na sua família tem 5 pessoas >60 anos (sobrinhos). Filha de pai mestre de oficina e mãe do lar. Teve uma vida dura, sadia e nunca lhe faltou nada. Infância foi boa, com brincadeiras, estudos e bordados para ajudar no sustento. Toda vida gostou de muito de ler e dos trabalhos manuais. Na juventude frequentava praia e cinema. Começou a estudar aos 7 anos, fez o primário e depois de adulta fez cursinhos de arte e pintura. Trabalhou desde pequena bordando, ainda na Lux Jornal, no Diário de</p>

⁷ Representa a grandeza de uma alma como virtude despreziosa e que retrata sua beleza de vida.

⁸ Ela transmite alegria, pureza, doçura e sinceridade e encanta pela sua beleza interior.

⁹ Simboliza lealdade, sinceridade, fidelidade e simplicidade. Caracteriza o exemplo da real amizade cativada pela sua simpatia e representada pelo seu amor.

Quadro 1 - Perfil sócio-econômico-cultural das idosas

Continuação

	Pernambuco, Avon e Christian Dior. Ainda hoje faz crochê, pintura em tela e em tecido. Estuda pintura de tela lá na UNATI e pinta só pra dar de presente aos filhos e aos amigos. Hoje é aposentada. Tem saúde ótima, tem cuidado com a alimentação, dorme bem, faz exercício, ioga e Tai Chi Chuan e vai ao médico de tempos em tempos. Seu projeto de vida para o futuro é continuar como está e não fazer nada além, pois a idade não dá mais para fazer, pois tem que respeitar a sua idade e fazer aquilo que gosta.
Prímula¹⁰	Nasceu em São Caetano- PE (1933). Casou-se com 19 anos, teve 7 filhos. Viúva; reside com a filha. Na sua família tem 4 pessoas com > 60 anos (irmãos). Tem família divina e maravilhosa. Filha de pai que fazia tijolos e mãe costureira. Após a morte de seu pai sua mãe montou uma pensão para sustentar os seus sete filhos. Na pensão eu ajudava servindo as mesas, lavando a louça e os lençóis. Sua infância foi ótima, com muita brincadeira, trabalhava fazendo tijolo e trelava muito. A sua juventude foi muito boa, começou a trabalhar com < 13 anos na pensão da mãe, depois na mercearia e com 16 anos começou a trabalhar na Cooperativa da subsistência na CHESF - BA. Começou a estudar com 10 a 12 anos e fez o primário, depois de casada fez o 2º grau, grávida do último filho, e depois fez o científico. Quer fazer faculdade de teologia. Hoje ensina Ioga na Sagrada Ordem da Cruz, KM 3, Estrada de Aldeia e está montando uma escola de computação, para tirar as crianças da rua. Hoje vive da pensão do marido. Tem saúde regular, cuidado com a alimentação e é vegetariana. Vai ao médico e toma remédio todo dia para memória e pressão. Faz musculação na UFPE. O seu projeto de vida para o futuro é conhecer a Rússia, pelos escritos de Helena Blavatsky.
Rosa¹¹	Nasceu em Bezerros- PE (1931). Casou-se com 24 anos, teve 7 filhos. Viúva; reside sozinha. Na família, tem 6 pessoas > 60 anos (tios e irmãos). Filha de pai agricultor e mãe costureira. Teve uma vida de muito sacrifício, humildade, esforço, trabalho e muita pobreza. Com 10 anos começou os estudos e fez até a 4ª série, com muita pobreza ia para a escola com sacrifício. ãEu lembro que uma vez levei dois ovos de galinha, para trocar por um lápis (nesse tempo se trocava as coisas) para poder fazer a lição. Começou a trabalhar com 6 anos na enxada com seus pais na roça. Aos 12 anos, foi trabalhar numa Olaria. Teve uma infância e juventude de muito sacrifício sempre ajudando seus pais. Atualmente, trabalha nos afazeres domésticos e faz caridade ao povo do local onde reside. Está aposentada e tem a pensão do marido. Tem saúde regular, teve depressão e fez cirurgias, tem hipertensão, osteoporose e fibromialgia. Cuida da alimentação e faz atividade física, hidroginástica, ioga e está acompanhada por médico. O seu projeto de vida é continuar se cuidando para não ficar sobre uma cama e livre do ãAlzheimer. Continuar ajudando mais pessoas e à família.
Magnólia¹²	Nasceu em Recife- PE (1931). Casou-se com 25 anos, teve 5 filhos. Viúva, reside sozinha. Na sua família, tem 12 pessoas com > 60 anos (irmãos e sobrinhos). Filha de pai agulheiro trabalhava no cais, trabalhava no açúcar (fechando sacos de açúcar com barbante) e mãe do lar. Teve uma Infância muito boa e maravilhosa. Foi cedo para escola, com 7 anos, mas não aprendeu nada, por falha sua. Não ligou para os estudos. Na sua vida, é feliz em tudo, mas a única coisa que a deixa triste é não ter aprendido a ler. Hoje está se alfabetizando na UNATI. Começou a trabalhar com 14 anos, fazia enxoval de recém-nascido e ponto de cruz. Era bordadeira e sempre trabalhou por conta própria. Hoje está aposentada e com a pensão do marido. Trabalha cuidando dos animais e da casa. Tem boa saúde, vai ao médico e nutricionista. Tenho cuidado com a alimentação. Não faz atividade física.

¹⁰ Expressa equilíbrio, objetividade e espírito jovial. Sua vida é o reflexo do seu amor pelo povo, pela sociedade, pela cultura e pela vida em toda extensão. A característica juvenil da personalidade é a constante expressão da sua imagem no cotidiano.

¹¹ Representa alegria, amizade, carinho e doação a todos ao seu redor. A seu bem-estar e realização está representado pelo amor que devota à vida e a busca da sua perfeição.

¹² Representa o grande amor a tudo que é da natureza. Sua simplicidade, simpatia e dignidade expressam sua beleza pessoal.

Quadro 1 - Perfil sócio-econômico-cultural das idosas

Conclusão

	O seu projeto de vida é viajar.
Orquídea¹³	Nasceu em São Paulo- SP (1935). Casou-se com 28 anos, teve dois filhos. Viúva; reside com o filho, nora e netos. Na sua família, tem 5 pessoas com > 60 anos (irmãos e prima). Filha de pai funcionário público e mãe do lar. Teve uma infância boa. Começou os estudos com 5 anos no jardim de infância, fez primário, ginásio e científico. Já adulta fez faculdade de direito. Ao todo estudou 18 anos. Com 23/24 anos foi trabalhar na loja Slopper como balconista, rádio ABC e 15 anos como advogada. Hoje trabalha de tesoureira na igreja como voluntária, compra os livros e vende os livros e vai a UNATI, fazer o curso de teatro. Está aposentada e tem pensão. Tem boa saúde e tem cuidado com alimentação. Faz musculação. Seu projeto de vida é viajar e viajar.
Dália¹⁴	Nasceu em Orobó- PE (1932). Casou-se com 18 anos e teve sete filhos. Reside com filha e genro. Na sua família, tem 3 pessoas com >60 anos (irmãs). Filha de pai ferreiro e mãe agricultora. Era muito pobre e sem condições de ir à escola. Teve uma infância e juventude muito boa, era bastante ativa. Aos 18 anos começou a estudar com uma professora particular, mas acabou por só saber assinar o nome. Trabalhava desde pequena no roçado. Hoje está aposentada. Tem boa saúde, mas tem esquecimento. Tem cuidado com a alimentação. Vai ao médico, faz dança do ventre na UNATI. O seu projeto de vida é viajar.
Verônica¹⁵	Nasceu em Escada- PE (1928), solteira, com dois irmãos >60 anos. Filha de pai controlador de caminhões de cana em usina e mãe do lar. A infância e a juventude foram boas, mas era muito presa. Namorou bastante. Foi alfabetizada em casa, por sua mãe que ensinava as letras e quando foi para escola já sabia rezer, a Carta de ABC e contar até 10. Fez até o ginásio completo e depois fez cursos de: datilografia, taquigrafia e correspondência. Trabalhou como professora, datilógrafa, secretária. Atualmente, está aposentada e do lar. A sua saúde não boa, tem diabetes, mas tem cuidado com a alimentação. Vai ao médico periodicamente e faz hidroginástica e é muito religiosa e valoriza muita a moral. Um dos maiores problemas do idoso é o abandono e a solidão, cuja juventude parece ter medo de chegar perto do velho. Tem projetos para o futuro e pretende visitar o Pai Eterno em Goiás.
Íris¹⁶	Nasceu em São José dos Cordeiros- PB (1926). Casou-se aos 26 anos, viúva, aposentada, reside com filha, genro e neto. Na família, tem 6 irmãos com >60 anos. Vivia no roçado e na igreja. Começou a estudar com 12 anos, estudando apenas 4 anos, tendo apenas o primário até hoje. Trabalhou na roça, comércio, farmácia, confecção. Tem boa saúde, pré-diabética, vai ao médico, cuida da alimentação, faz atividade física (hidro, pillates e ultramassagem). Tem como projeto realizar a cirurgia plástica no rosto, se gosta muito e pretende viver bem, até 100 anos.

Fonte: elaborado pela autora

¹³ Representa a pureza espiritual e a beleza de pensamento. Simboliza o refinamento, requinte, magnificência e autoridade, estes fazem o charme da sua maturidade.

¹⁴ Representa o reconhecimento, harmonia, gentileza, delicadeza e simplicidade peculiares do seu dia a dia.

¹⁵ Simboliza a fidelidade, rigidez de caráter, angústia e grande tribulação. Caracteriza-se por uma vida devotada ao amor do sagrado em busca da salvação.

¹⁶ É a flor da sabedoria, símbolo de fé, de esperança e de paixão pela sua vida. Possuidora de um coração terno, puro e sensível. Apreciadora dos valores humanos e da amizade.

3.4.1 Caracterização do envelhecimento saudável

Para asseverar, que as idosas pesquisadas possuíam um envelhecimento saudável, foram elaboradas seis questões subjetivas que pudessem revalidar esta sua qualidade. Ressalta-se que, inicialmente, a pesquisa não pretendia nem percebia a essencialidade desta precisão em certificar e garantir que todas elas eram possuidoras do envelhecimento saudável. Entretanto, no decorrer da evolução desse trabalho, se entendeu esta necessidade de não deixar dúvidas acerca do envelhecimento saudável neste grupo. Desse modo, partiu-se para aplicar, analisar e caracterizar o tipo de envelhecimento apresentado por essas idosas. No Apêndice F, encontram-se seis quadros representados pelas vozes das idosas com as suas respostas e com suas análises específicas que atestam o tipo de envelhecimento verificados nesse grupo de idosas.

Nesta análise, pode-se observar, que as idosas pesquisadas, são integradas socialmente, estão satisfeitas com a vida, com saúde de boa a regular o que não as impede de fazer as atividades que valorizam. Bem-humoradas, independentes, participativas nas atividades educacionais e direcionando seus esforços a propósitos, que no momento as movem, para conquistar seus projetos de vida. Desse modo, com base na definição da Organização Mundial da Saúde (2015) de envelhecimento saudável, pode-se concluir que todas as idosas desse estudo apresentam um envelhecimento saudável.

3.5 COLETA DOS DADOS E INSTRUMENTOS DA PESQUISA

Ao se fazer uso da História de vida e da História oral, utilizaram-se como instrumento entrevistas, documentos e observação.

Nesse contexto, concordando com o entendimento de Denzin e Lincoln (2006), Severino (2007) e Triviños (2012), sobre as diversas técnicas de coleta utilizadas na pesquisa qualitativa, desse modo se fez simultaneamente o uso da técnica da observação para dar maior suporte ao pesquisador, permitindo compreender e interpretar em profundidade o fenômeno estudado, analisando onde isto ocorre e mostrando o significado que lhe confere às pessoas por ele envolvidas.

Todas as participantes da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), cientes de tudo o que seria desenvolvido no trabalho acerca da educação para o envelhecimento a partir da sua história de vida (Apêndice A).

3.5.1 A observação

Pela necessidade de melhor compreender a conjuntura dos idosos da UNATI, foi feita opção da técnica da observação participante. Isto é, fazer a observação dentro do fenômeno analisado e assim, poder captar a realidade vivenciada. De acordo com Oliveira (2014), cuja observação participante visa buscar os fundamentos na análise do meio onde vivem os atores sociais.

O uso da observação foi de natureza descritiva sobre os participantes da pesquisa. O observador estava em relação face a face com os observados e, ao participar da vida deles, no seu cenário cultural, colheu seus dados. Dados esses que foram: desde a descrição do local (onde as idosas frequentavam seus cursos da UNATI/UFPE) ao modo de funcionamento, a maneira como se relacionava com os que trabalhavam nesses lugares (NAI, CE e CCSA), o convívio com outras idosas dos cursos e com os seus professores, sua participação nas aulas dos mesmos, seu relacionamento familiar (só em uma das idosas não foi possível esta análise), bem como no momento dos seus relatos (os comportamentos, ações, atitudes, descrição dos traços peculiares, pausas, diálogos, silêncios, emoções, entre outros) e que foram registrados e muito auxiliaram para a análise dos resultados.

3.5.2 Os documentos

A utilização de imagens fotográficas é segundo Laszkiewicz (2009), uma estratégia que colabora para que as impressões da memória sejam produzidas pelos sentidos, buscando na imagem o estímulo à lembrança. Do mesmo modo, Bosi (2009, p. 53), refere-se às lembranças como apoios da memória, dizendo: o ser o passado conservado no espírito de cada ser humano, e que aflora à consciência em forma de imagens-lembranças. Para tanto, nesse momento foi feito o uso da iconografia, a partir de registros fotográficos elaborados pela autora (Anexo B).

As fontes iconográficas passaram a ser "apoios de memória", a partir de imagens da década de 20 e 30, sobre várias situações da época. Essa proposta possibilitou colaborar para que os entrevistados recordassem melhor de fatos e momentos do seu passado, ou por outra, sobre o período histórico vivenciado e que favoreceu também, a descontração da relação entrevistado e entrevistador. Também, utilizaram-se imagens fotográficas dos idosos (sujeitos da pesquisa), próximo dos 40 anos de idade e as atuais que foram tiradas no dia da pesquisa,

como alternativa de melhorar o entendimento sobre o período histórico vivenciado, podendo ser comparado o ontem com o agora estudado.

Corroborando com esse momento, houve necessidade de captarmos os documentos pessoais das idosas para inferir ideias sobre a sua história, os traços sociais e educacionais. Aqui, considerou-se o registro de nascimento e/ou outro documento de identificação legalmente reconhecido que puderam confirmar a comprovação, a identificação e o diagnóstico de fatos e situações reais da vida dos idosos (como sua idade).

Assim, as fotos serviram como apoios de memória e até favoreceu a descontração do entrevistado chegando a rir ao rememorar fatos. Vale ressaltar que, as entrevistas quando realizadas nas residências quase sempre terminavam com apresentação de fotos da família, objetos atribuídos como de grande valor e um lanche. Expressão de carinho e hospitalidade.

3.5.3 As entrevistas

Essa ferramenta permitiu registrar as narrações das experiências vividas nas lembranças das idosas, que foram guardadas do passado e situadas na memória. Reforça-se que na memória é onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro (LE GOFF 1990, p. 477).

Nesse sentido, ao se fazer uso da entrevista, o pesquisador precisa coletar informações diretamente dos sujeitos, que na interação entre pesquisador e pesquisado, vai-se captando o que pensam, sabem, representam, fazem e argumentam acerca do objeto estudado (BAUER; GASKELL, 2008; MEIHY; HOLANDA, 2011; MINAYO, 2000; TRIVIÑOS, 2012).

De acordo com Meihy (2011, p. 14), a entrevista representa um suporte material derivado da linguagem verbal expressa para este fim. Sendo assim, na nossa pesquisa a entrevista ocorreu a partir dos depoimentos e das experiências pessoais dos sujeitos (MEIHY, 2011; TRIVIÑOS, 2012). Segundo Montenegro (2010, p. 9), a partir das entrevistas é possível registrar um caminho em que os registros da memória popular constroem o seu passado para resgatar a sua historicidade.

As entrevistas de história oral são tomadas como fontes para a compreensão do passado, ao lado de documentos escritos, imagens e outros tipos de registro. Caracterizam-se por serem produzidas a partir de um estímulo, pois o pesquisador procura o entrevistado e lhe faz perguntas, geralmente depois de consumado o fato ou a conjuntura que se quer investigar. Além disso, faz parte de todo um conjunto de documentos de tipo biográfico, ao lado de memórias e autobiografias, que permitem compreender como indivíduos experimentaram e interpretam acontecimentos, situações e modos de vida de um grupo ou da sociedade em geral. Isso torna o

estudo da história mais concreto e próximo, facilitando a apreensão do passado pelas gerações futuras e a compreensão das experiências vividas por outros (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, 2015).

Assim, esse instrumento de coleta evocou e buscou das lembranças passadas e contidas na memória, os fatos que compuseram a história das idosas com relação à educação para o envelhecimento. Nesse sentido, a captação dos depoimentos ocorre por meio da gravação audiovisual, pois ãa medida que os depoimentos populares são gravados, transcritos e publicados, torna-se possível conhecer a própria visão que os segmentos populares têm das suas vidas e do mundo ao redor (MONTENEGRO, 2010, p. 16).

Para tanto, ao escutar o que o sujeito ou grupo de sujeitos têm a dizer sobre uma determinada situação vivenciada, cujas entrevistas estimulam os sujeitos a relatarem o acontecido vivenciado (GLAT, 1989), pois toda narração de fragmentos vividos é repleta de lembranças armazenadas na memória, ao recordá-las, passa-se por um processo de construção e reconstrução da vida. Fatos, imagens, momentos de valia ou não, todos, fazem parte do filme da vida e como este foi percebido pelo sujeito, não o real acontecido, mas a realidade presente que está nele mesmo.

Assim, a partir das entrevistas, o pesquisador retira do relato de vida do sujeito, o que ele tem a dizer sobre ele mesmo e o que acredita que seja importante sobre sua vida. (SPINDOLA; SANTOS, 2003). Dessa forma, permite captar os elementos intrínsecos de sua história, numa certa situação social, cultural e histórica, que são construções da sua identidade (MINAYO; COIMBRA, 2002, p. 176).

Vale ressaltar que, a entrevista foi realizada na forma de uma entrevista aberta, na qual o pesquisador inicialmente interagiu com o informante, combinando a observação e relatos introspectivos de suas lembranças, com roteiros centrados no tema da importância da educação no envelhecimento saudável em idosos longevos.

As entrevistas foram realizadas no horário de atendimento usual (manhã ou tarde); nos mais variados dias da semana e até aos domingos, ficando sua escolha na dependência e disponibilidade dos pesquisados. O local para as entrevistas foram: as salas de aulas da UNATI, em suas residências e até na minha própria casa, por solicitação de uma das depoentes.

As entrevistas transcorreram em local que permitiram a sua privacidade, em um clima bem amigável e descontraído, estando presentes o entrevistador e o entrevistado e em algumas ocasiões mais uma acompanhante. O tempo da sua duração no primeiro contato foi variável,

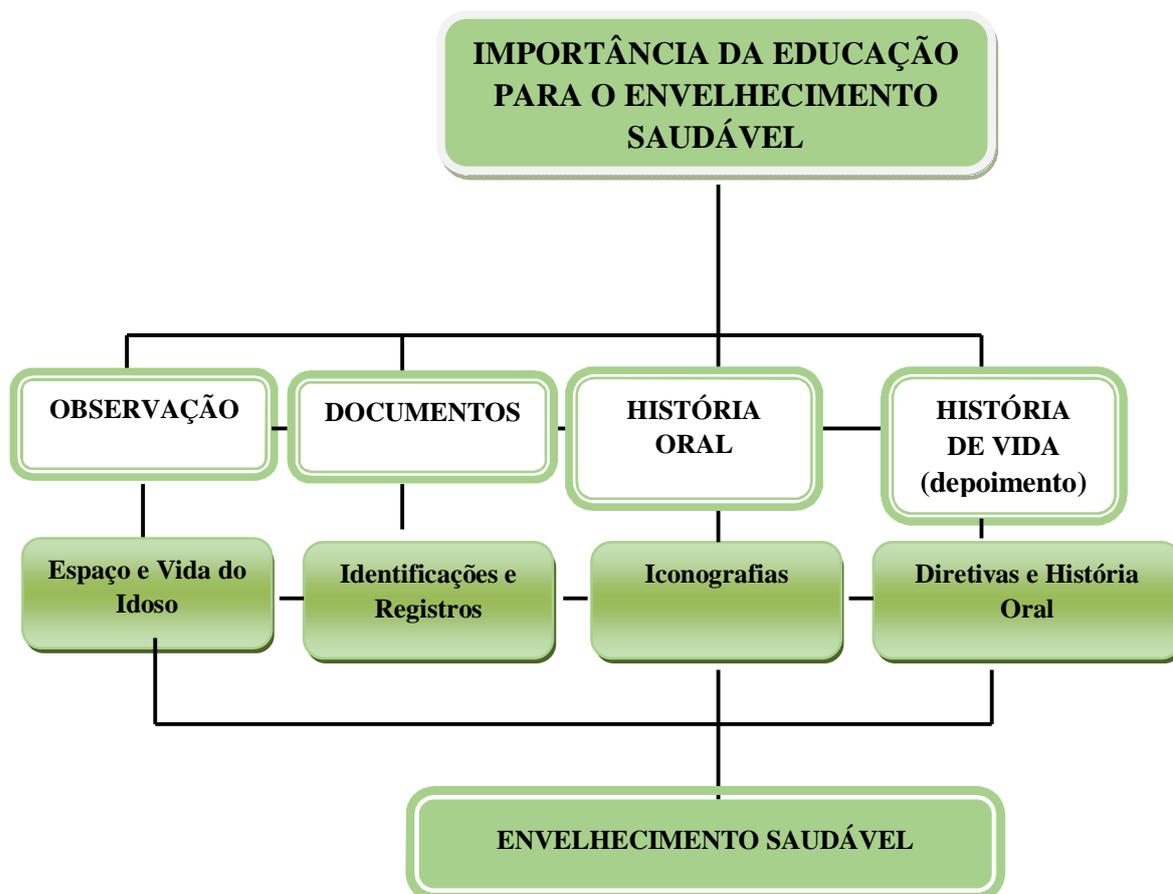
mas em média, cerca de duas horas. Nos demais contatos foram de trinta a cerca de sessenta minutos.

Antes do seu início, informava-se ao entrevistado sobre o projeto da pesquisa com seus objetivos e da sua participação, bem como da importância dos seus relatos, do anonimato da sua identidade e da confidencialidade das suas declarações. Comunicava-se que a entrevista necessitava ser gravada para não haver falhas ou esquecimentos de alguma abordagem.

Para a caracterização dos entrevistados foi feita uma entrevista estruturada. Entende-se por entrevista estruturada, aquela cujas questões são direcionadas e previamente estabelecidas aos sujeitos e que por meio delas podemos obter respostas facilmente categorizadas (GOLDENBERG, 2011; SEVERINO, 2007), conforme (Apêndice B). Fez-se também, simultaneamente, o uso da entrevista não diretiva ou semiestruturada, por ser aquela cujas informações são coletadas a partir do discurso livre do sujeito pesquisado (BAUER; GASKELL, 2008; GOLDENBERG, 2011; MEYER; PARAISO, 2012; SEVERINO, 2007; TRIVIÑOS, 2012). O entrevistado tem a possibilidade de discorrer o tema proposto sem respostas ou condições prefixadas pelo pesquisador (MINAYO, 2000) (Apêndice C).

Nesse sentido, enquanto, preparava-se o gravador e o tópico guia da história de vida (Apêndice D), se faziam as observações de campo, ao mesmo tempo em que era oferecido o álbum de fotografias antigas para recordar as lembranças sobre os locais de referência do Recife, colégios, salas de aula, material e fardamento escolar, utensílios domésticos, modo de vestir, festividades e até brinquedos, de épocas passadas.

Em síntese, o estudo fez-se a utilização de vários instrumentos para coletar os dados da pesquisa, pois se considera que apenas um único tipo poderia não captar todas as informações, e assim, esses dados poderiam ser mais bem qualificados (TRIVIÑOS 2012). Assim, na Figura 1, tem-se uma síntese do percurso para a coleta de dados da pesquisa.

Figura 1 ó Percurso da coleta de dados da pesquisa

Fonte: elaborada pela autora

A presente pesquisa foi direcionada ao Comitê de Ética e Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco, com um protocolo de pesquisa com as normas para a realização das avaliações em pessoas conforme a Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de saúde de 12/06/13 (Aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa sob o número CAAE-34765514800005208) (Anexo C e D).

Por fim, visando compreensão na fala dos sujeitos pesquisados, a sua história de vida, buscou-se na análise do conteúdo a possibilidade para descrever essas argumentações, passa-se a análise do conteúdo, a partir dessas narrativas.

3.6 ANÁLISE DE CONTEÚDO

A análise de conteúdo é uma das técnicas de análise mais utilizada em educação e permite ao pesquisador identificar o que está por trás do texto analisado, ou seja, o seu significado e que em muitas vezes dizem mais do que seus autores imaginam (BARDIN, 2004; BAUER; GASKELL, 2008; GUERRA, 2006; MINAYO, 2000; TRIVIÑOS, 2012).

Bauer e Gaskell (2008) se refere a análise de conteúdo como sendo uma técnica de pesquisa que trabalha com a palavra, permitindo de forma prática e objetiva produzir inferências do conteúdo da comunicação de um texto replicáveis ao seu contexto social. Sua atividade interpretativa e dedutiva procura compreender o sentido total do texto, inclusive dos seus conteúdos latentes em que o pesquisador e o educador conseguem entender o que está por trás das palavras ditas, o seu conteúdo.

Segundo Bardin (2004, p. 42), a análise de conteúdo pode ser definida como:

Um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (qualitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.

Dessa maneira, entende-se que a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações que ultrapassa o entendimento aparente de uma escrita e capta o significado que está por trás da superficialidade textual desvendando uma determinada realidade.

Nessa análise, o pesquisador busca compreender as características, estruturas ou modelos que estão por trás dos fragmentos de mensagens tornados em consideração. O esforço do analista é, então, duplo: entender o sentido da comunicação, como se fosse o receptor normal, e, principalmente, desviar o olhar, buscando outra significação, outra mensagem, passível de se enxergar por meio ou ao lado da primeira (CÂMARA, 2013).

Segundo Olabuenaga e Ispizúa (1989 apud MORAES, 1999), a análise de conteúdo é uma técnica para ler e interpretar o conteúdo de toda a classe de documentos, que analisados adequadamente nos abrem as portas ao conhecimento de aspectos e fenômenos da vida social de outro modo inacessível.

Assim, procurou-se entender o texto, a fala, o depoimento como resultado de um processo social, sendo o texto uma representação social de uma realidade, a qual se mostra e

se esconde na comunicação, em que o autor e o intérprete estão envolvidos num mesmo contexto ético-político (BARBOSA, 2001).

De acordo com Moraes (1999, p. 7):

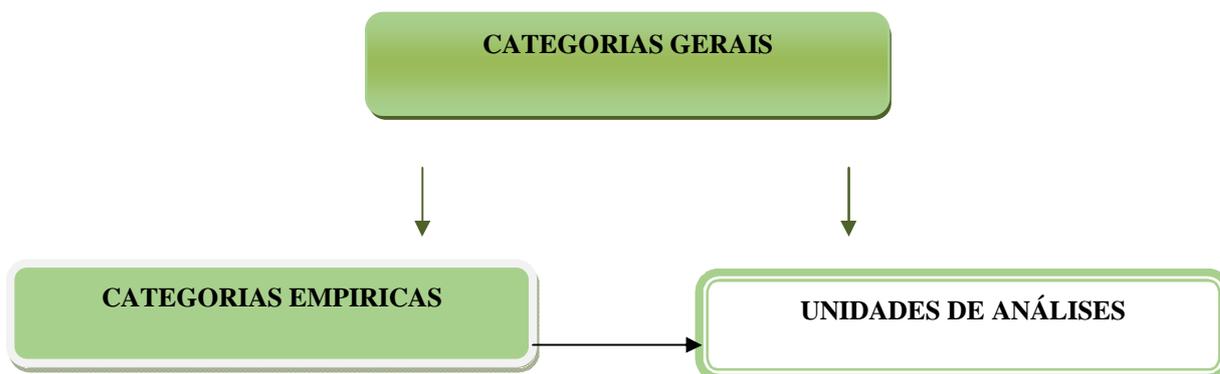
A análise de conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum.

Nesta direção, Minayo (2010), considera a análise de conteúdo como um conjunto de técnicas para a análise de informações sobre o comportamento do homem a qual tem duas funções: a de verificação de hipóteses e ou questões e, a descoberta do que se encontra por trás dos conteúdos relatados. Portanto consiste em: “[...] fazer uso da hermenêutica, buscando a compreensão de sentido que se dá na comunicação entre os seres humanos, destacando a mediação, o acordo e a unidade de sentido comportamento presentes ou subjacentes no discurso” (MINAYO, 2010, p. 309).

Dessa maneira, faz-se o uso da hermenêutica, na busca a compreensão de sentido que se dá na comunicação entre os seres humanos, destacando a mediação, o acordo e a unidade de sentido (MINAYO, 2000). Para tanto, é notório que se fez uma interpretação mais profunda do fenômeno para decifrar o que se encontrava por trás das palavras dos idosos, o seu real conteúdo. Assim, reafirmando este pensar Bardin (2004, p. 12), refere que “por detrás do discurso aparente geralmente simbólico e polissêmico esconde-se um sentido que convém desvendar”.

Assim, nesta perspectiva foi realizada seguinte estruturação para a análise do conteúdo dos sujeitos pesquisados e assim, inferir as Categorias de Análise, que apresentaram desenvolvidas em: gerais, empíricas e unidades de análise, conforme Minayo (2000) e Oliveira (2003), estando representadas no esquema a seguir.

Figura 2 - Categorias de análise utilizadas na pesquisa



Fonte: Oliveira (2003)

Sobre esta perspectiva, Oliveira (2003) aponta:

- a) **categorias gerais:** fundamentadas na Teoria (condensação dos dados coletados), as quais foram subdivididas em dois segmentos ou blocos: educação, e educação para o envelhecimento. Dessa forma, facilitou a análise da importância da educação para o envelhecimento saudável em idosos longevos;
- b) **categorias empíricas:** representam as subcategorias emergidas da análise empírica, e que foram ser evidenciadas através das entrevistas. Tendo-se para a educação 07 categorias empíricas e educação para o envelhecimento 08 categorias empíricas e;
- c) **unidades de análise:** compreender o detalhamento dos dados empíricos, o que foi evidenciado nessas entrevistas.

Assim, a partir do que foi descrito, acredita-se ter sido possível a identificação da importância da educação para envelhecimento bem-sucedido em idosos longevos, tendo-se a intenção que esses achados possam contribuir para novas perspectivas sobre processo educativo em idosos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

õA alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegriaö (FREIRE, 2011, p. 142).

Assim, foi durante todo o processo da busca deste seu caminhar para chegar-se na apresentação e análise da boniteza desses achados, ou seja, na beleza dos seus resultados que se passará a apresentar.

4.1 FRAGMENTOS DE HISTÓRIA DE VIDA OU PÉTALAS DE UMA FLOR: quem eu sou?

õSomos a memória que temos e a responsabilidade que assumimos. Sem memória não existimos, sem responsabilidade talvez não mereçamos existirö (SARAMAGO, 1998, p. 237).

Com base nessa perspectiva, verifica-se a importância de desvelar um pouco do contexto da história de vida das idosas (fragmento ou seus retalhos), de quem está a falar. Aspectos que de certo modo pelas suas falas e vivências representam, expressam, retratam quem é. O emissor passa a estar presente e viver nas suas mensagens com sua personalidade e o seu modo de ver o mundo que nada mais é do que os reflexos de uma vida.

Portanto, se apresentará individualmente, as idosas desta pesquisa, pois a partir desse momento se caminhará pelas suas vozes. Pretende-se com as particularidades de cada idosa, compor o retrato da importância da educação para o envelhecimento saudável vivido e contado pelas reminiscências de cada uma que se dispôs a colaborar com esse estudo. Será uma apresentação breve (fragmentos de sua vida), somente para dar a conhecer cada pessoa, já que se trata de 15 idosas e ficaria cansativo. Optou-se por descrever segundo a ordem em que foram entrevistadas.

Antes de iniciar esses relatos das suas histórias de vida e para manter o anonimato das entrevistadas, se escolheu nomina-las pelo nome das flores e assim representa-las. As flores são exemplo da perfeição e beleza da natureza, cada qual com suas características próprias simbolizam a diversidade do universo, assim como as idosas com suas características próprias

simbolizam a diversidade do envelhecimento humano. Desse modo, procurou-se pelas flores expressar a beleza existente no interior de cada idosa.

Cada flor traz em sua beleza um significado próprio que pode ser associado à característica da personalidade do homem, com esse entendimento foi que se nominou cada uma dessas idosas. O enigma secreto das flores encontrando-se atrelado ao enigma de cada idosa e que todas juntas originaram esse jardim composto por: Acácia, Verônica, Angélica, Íris, Amarílis, Hortêncina, Margarida, Camélia, Gardênia, Violeta, Prímula, Rosa, Magnólia, Orquídea e Dália.

Dessa forma, começa-se a descrição da composição deste jardim, apresentando individualmente fragmentos de uma vida ou pétalas de uma flor:

a) Acácia

D. Acácia nasceu em Recife no ano de 1933 quando foi entrevistada estava com 82 anos e viúva há 32anos. Reside em casa própria com uma filha e diz que nos finais de semana recebe todos os outros 04 filhos que vêm visita-la. Sua família tem 06 pessoas com mais de 60anos (quatro irmãos e dois primos).

Seus pais no início da vida moravam na casa dos seus avós. Nasceu e morou em Afogados até os seus cinco anos, depois foram para Casa Forte onde passaram uma temporada e por último em Casa Amarela onde ficou até casar. Teve quatro irmãs e um irmão. Veio de uma família economicamente estável e socialmente equilibrada. Seu pai fez até o primeiro ano ginásial, e chegou a ter cargo de chefia no Lloyd Brasileiro que era uma companhia de navegação, quando morreu aos 65 anos, já estava aposentado, mas continuava trabalhando na mesma companhia. Em casa era o administrador de tudo e sua mãe ficava no cuidado dos filhos e nos afazeres domésticos. Tinham um relacionamento exemplar de muito respeito, afeto e amor, quando já no fim da sua adolescência, foram esses laços desfeitos pela presença de uma amante, grandes desgastes, que culminaram com a doença e morte do seu pai e posteriormente, começa a perda da memória da mãe que aos 84 anos faleceu, sem mais nada lembrar.

Sua infância foi boa, não saía para casa dos vizinhos, mas as portas estavam abertas para todos e sempre tinha criança para se brincar. Conviveu bastante com seus avós paternos, que residiam na mesma rua e as noites os visitava ora para jogar baralho, ora para ler revistas ou para ouvir suas histórias. Aos 10 anos frequentava festas, teatros e outras atividades culturais, com uns vizinhos (o jornalista e sua esposa) e diz: "Eles não tinham filhos e

gostavam muito de mimö motivo que a propiciavam com estas atividades (informação verbal)¹⁷.

Na época de adolescente, morava numa casa com terreno grande e nos finais de semana jogava-se voleibol com os jovens da rua. Participava de festas em casa de família e em clube.

Quanto a seus estudos, fez um bom primário e depois foi para a Escola Pinto Junior onde concluiu o ginásio e o 2º grau com o magistério. Voltou a estudar já casada quando terminou a Faculdade. Começou a trabalhar como professora assim que acabou o pedagógico. Sempre trabalhou como professora ou supervisora de colégio.

Aos 22 anos me casou-se com um primo de 27anos e vieram morar nessa casa até hoje. Fez bom casamento, teve um bom marido e 04 filhos (01 homem e 03 mulheres), ficou criando-os até grande quando, resolveu voltar a estudar e se formou.

Tem saúde boa e diz: õCom a idade que tenho, estou ótima de saúde. Estou aguentando até viajar e passar tempo fora. Apesar de ter enfisema pulmonar por causa do cigarro do meu maridoö (informação verbal)¹⁸. Vai a médico, cuida da minha alimentação e é ativa. O problema do idoso, olhe eu não tenho nenhum, só não tenho é muita saúde.

No seu tempo livre, gosta de trabalhar pintando quadros (só para presentear os amigos) e de ler livros, revistas e jornais, e diz: õnão deixo morrer o que tenho na cabeçaö (informação verbal)¹⁹.

Fala que:

Eu estou vivendo do jeito que eu escolhi viver e estou satisfeita com a minha vida. Agora, a gente não deixa de fazer projetos em alguma coisa, como eu tenho uma neta morando do outro lado do oceano eu penso em ir lá. Tenho muita vontade de ir pro Canadá visitar minha neta. Eu sonho muito com isso e ainda está no meu projeto, estou pensando muito nisso (informação verbal)²⁰.

b) Angélica

D. Angélica, nasceu em 16/08/1918 em Recife, quando foi entrevistada quando estava com 97 anos e era viúva. Ao se perguntar qual seu estado civil, diz: õViuvinha de Belém, quero me casar e não acho com quem. Os velhos que me aparecem, não valem nenhum vintémö (informação verbal)²¹.

¹⁷ Depoimento concedido por D. Acácia à doutoranda, em 20/05/2015.

¹⁸ Depoimento concedido por D. Acácia à doutoranda, em 20/05/2015.

¹⁹ Depoimento concedido por D. Acácia à doutoranda, em 20/05/2015.

²⁰ Depoimento concedido por D. Acácia à doutoranda, em 20/05/2015.

²¹ Depoimento concedido por D. Angélica à doutoranda, em 26/05/2015.

Reside na casa do filho (com a nora, e uma neta adotiva de 17anos). Seu filho viajou para os Estados Unidos há 14 anos. Na família há três pessoas com mais de 60 anos (irmãs). Seu pai faleceu já idoso e sua mãe de parto ainda jovem. Teve 7 irmãs e 1 irmão.

Menciona que na sua vida não teve nada de importante e diz: ãagora é que estou vivendo depois de estar no grupo da terceira idade quando jovem eu não vivia vegetavaõ (informação verbal)²².

Sua infância não foi boa, quem a criou foi uma irmã mais velha que era muito ruim. Tudo era o motivo para ela lhe bater: õdava cocorote na minha cabeça que chegava a sair fogo dos meus olhos de tanta dorõ. Se chorasse ela ficava chamando de õMaria choronaõ (informação verbal)²³.

Logo depois, vem a madrasta que foi pior. Enfim diz: õnão passei nada na juventude que se pudesse dizer essa foi boa, foi tudo de sofrimentoõ (informação verbal)²⁴.

Seus estudos foram iniciados aos sessenta anos e agora está continuado na alfabetização dos idosos da UNATI e diz:

Já sei ler e antes não sabia, já escrevo. Agora é que eu estou vivendo. O colégio que meu pai botou a gente foi o de agricultura. Pergunte pra a gente como é que se planta ou lucra com: o milho, a fava, ou o feijão eu sei e todas daqui de casa sabem, mas de leitura ninguém sabia de nada (informação verbal)²⁵.

Na sua família, não se festejava nada de aniversário, carnaval nem de São João, só o Natal era festejado. Morava em um sítio e na festa de Natal, ia para a rua do povoado à noite. Refere que se lembra: õao chegar da festa trazendo aqueles lenços cheios de alfenim (doce), depois tomava-se banho e a panelada já estava pronta para ser servida a toda família (Chambaril e miúdo de boi) com um pirãõ muito gostosoõ (informação verbal)²⁶.

Começou a trabalhar ainda criança, na agricultura, e diz que: õao amanhecer do dia às vezes não se tinha nada para tomar café, mas mesmo assim se ia. Colocava um pouco de farinha seca em um pano e amarrava na cabeça, a enxada nas costas e um magote de cabra na frente para amarrar no mato, e lá se ia pra roça trabalharõ (informação verbal)²⁷. Refere, ser grande a necessidade que se passava nessa época.

²² Depoimento concedido por D. Angélica à doutoranda, em 26/05/2015.

²³ Depoimento concedido por D. Angélica à doutoranda, em 26/05/2015.

²⁴ Depoimento concedido por D. Angélica à doutoranda, em 26/05/2015.

²⁵ Depoimento concedido por D. Angélica à doutoranda, em 26/05/2015.

²⁶ Depoimento concedido por D. Angélica à doutoranda, em 26/05/2015.

²⁷ Depoimento concedido por D. Angélica à doutoranda, em 26/05/2015.

Trabalhou na agricultura, ajudante de costura, em trabalho de doméstica (cozinheira e lavadeira em casa de família) e de arrumadeira em um Hotel e Hospedaria.

Casou-se aos 27 anos, teve dois filhos e separou-se após 2 anos. Seu marido não queria trabalhar só queria serviço ômaneiroö (segurar chapéu de engenheiro, guarda-noturno, e passar bicho).

Trabalhou em uma Hospedaria e num dia quando não havia ninguém, o filho do dono a estuprou e a engravidou. Essa criança ao nascer foi roubada pelo amigo do dono da hospedaria. O mesmo disse que a família que raptou seu filho foi para Garanhuns.

Passou muitos anos procurando seu filho, em Garanhuns foi várias vezes, até na Celpe de Garanhuns procurar encontrar alguém com o seu nome, enviou mais de 40 cartas para o programa de Silvio Santos e outras para Jota Ferreira. Andou muito e não localizou. Sempre procurou por esse seu filho e não consegui encontrar. Hoje sabe ele tem 66 anos.

Está aposentada não trabalha fora, mas faz os afazeres domésticos por gostar e para não ficar parada. Acha que o maior problema do idoso é a solidão e diz: ôminha saúde é boa, apesar de ter botado um marca-passo, mas está tudo bem e meu exame de osteoporose não deu nadaö. Sai todos os dias e quando amanhece já sabe para onde vai (a ginástica na segunda e na quarta; na terça aula da alfabetização e o jogo gamão; e na quarta para a psicóloga). ôIsso para mim é como digo uma alegria, não quero ficar em casa, sentada em uma cadeira esperando a morte chegarö (informação verbal)²⁸.

Tem muito cuidado a saúde: vai ao médico, cuida da alimentação, faz ginástica, passeia, dança, joga gamão (diz que é bom para a cabeça).

Meu projeto de vida para o futuro é cuidar da minha saúde para viver bem e também buscar no futuro a salvação.

A novidade, é que a psicóloga localizou seu filho na internet e sua nora confirmou ser o mesmo, pelo nome do pai de criação. Após contato inicial veio ver a madrinha como disse sua nora. Quando sua nora abriu a porta, ele olhou de frente para Angélica, ôse tinha alguma dúvida, aquela dúvida parou naquele momento. Ele é a minha cópiaö (informação verbal)²⁹. Quando ele disse que desconfiava e achava ser filho adotivo. Angélica aproveitou e falou:

Você é meu filho, sou sua mãe e você é meu filho. Ele ficou vermelho, eu também senti que a minha pressão subiu muito. Tudo foi muito bom, eu nessa idade encontrar ele com sessenta e seis anos, menina, foi muito bom. Foi tudo muito bom

²⁸ Depoimento concedido por D. Angélica à doutoranda, em 26/05/2015.

²⁹ Depoimento concedido por D. Angélica à doutoranda, em 26/05/2015.

eu agora já pude e poço abraçar e beijar esse meu filho. Foi muita a emoção, há mais de cinquenta anos, que eu não via esse meu filho (informação verbal)³⁰.

Sua nora foi buscar uma foto que Angélica tinha dele quando bebê, e esta era igual a uma foto que ele tinha também. A foto veio comprovar sua origem.

Quando soube e teve certeza que ela era sua mãe e que tinha irmãos disse:

Foi a melhor coisa do mundo para mim eu ter descoberto isso. Agora não sou mais filho único, já tenho mãe, irmãos, cunhada, sobrinhos e ficou muito feliz. Ele veio para seu aniversário de 97 anos com sua família. Tudo foi muito bom eu estou feliz, agora já pude e poço abraçar e beijar esse meu filho (informação verbal)³¹.

Ao agradecer e ao dizer, Angélica foi muito boa sua participação. Obrigada pelo elogio não mereço mais agradeço. Para você: Um abraço apertado, um suspiro dobrado, e um amor sem fim (informação verbal)³².

c) Amarílis

D. Amarílis nasceu no dia 26-08-1933 em Recife, foi entrevistada quando tinha 82 anos, está separada do marido há 20 anos. Mora sozinha em um apartamento cedido por sua filha. Na sua família tem doze pessoas com mais de 60 anos (seis irmãos, cinco primos e ela).

Seus pais tiveram dez filhos. Seu pai trabalhava no escritório da Usina Catende na sede localizada aqui no Recife até se aposentar, e faleceu aos sessenta e um anos. Sua mãe trabalhava nos afazeres da casa e cuidando dos seus dez filhos veio falecer com noventa e dois anos há cerca de cinco anos.

Sua infância, como a filha mais velha da família, foi ajudando a tomar conta dos irmãos menores o que era normal para a época, o filho mais velho ajudar na criação dos irmãos mais novos.

A família sempre se reunia nas festas (carnaval, São João e Natal). Geralmente era mais na sua casa por ser grande, toda rodeada por terraços e cabiam todos Seu pai podia ter o trabalho que tivesse, mas queria que estivessem sempre todos juntos, tanto pelo lado materno como pelo outro lado da família.

Refere que: apesar de antigamente, não existir escola pública como hoje, ela e os seus irmãos estudaram em colégio particular, pois seu pai se preocupava muito com a educação

³⁰ Depoimento concedido por D. Angélica à doutoranda, em 26/05/2015.

³¹ Depoimento concedido por D. Angélica à doutoranda, em 26/05/2015.

³² Depoimento concedido por D. Angélica à doutoranda, em 26/05/2015.

dos filhos. Concluiu o primário, o ginásio, o científico e depois fez o curso superior de contabilidade.

Começou a trabalhar com vinte e poucos anos, já em contabilidade desde o início.

Com vinte nove anos casou-se. Teve dois filhos, um casal. Seu marido era bom, mas depois se tornou muito mulherengo, não deu e se separou.

Está aposentada, cuida dos afazeres domésticos da sua casa, é síndica não remunerada e faz a contabilidade do seu prédio.

Tem saúde regular, pois há oito anos apareceu com câncer na mama, estando sob controle. Não se descuida da saúde, vai ao médico, faz os seus exames periódicos (referente ao câncer) e a densitometria óssea todo ano. Cuida da alimentação e é ativa. Refere que: a depressão é o problema maior do idoso.

Seu projeto de vida para o futuro é viver bem, viver assim do jeito que está vivendo, tendo cabeça boa e autonomia até os seus últimos dias. Isso está ótimo e está bom demais.

d) Hortência

D. Hortência nasceu em 15-04-1933 em Natal foi entrevistada quando estava com 82 anos e estava viúva. Mora com seus dois filhos em apartamento próprio. Sua família é tranquila e feliz. Seu pai que era alfaiate faleceu muito cedo, aos cinquenta anos, de infarto e sua mãe trabalhava costurando, era costureira. Seus pais se casaram novos e tiveram cinco filhos.

Sua mãe sempre foi muito otimista, ficou viúva com cinco filhos, mas sempre muito à frente de tudo, era corajosa e nunca a vi reclamando. Criou todos com a máquina de costura, dia e noite. Ela veio a cerca de dez anos.

Sua infância foi feliz, embora fosse muito ótrelosa, subia nas árvores, no telhado, era um moleque que dava muito trabalho. Ajudava em casa, tomando conta dos dois irmãos menores e tinha uma avó viúva que queria mandar em tudo e morava com a família. Não podia fazer nada, tudo era uma surra, ou castigo, enquanto, era apaixonada por seu irmão mais velho. Todo dia apanhava, e sua mãe dizia, "Você é igual mulher de malandro, no dia que não apanha, não sossega" (informação verbal)³³.

Por sua mãe ser viúva, era muito rígida, tinha muito cuidado, e não a deixava sair de casa. Festas, não sabia o que era e não participativa de nada.

³³ Depoimento concedido por D. Hortência à doutoranda, em 09/06/2015.

Começou a estudar pequena, fez o primário e o ginásio em Natal.

Casou-se com uma pessoa bem mais velha, militar, muito organizado e muito bom para os filhos.

Hoje tem a pensão militar. Trabalhou sempre desde pequena na criação dos irmãos, depois dos filhos e nas tarefas domésticas como continua até hoje.

Tem boa saúde. Não, tem cuidado com a sua alimentação e não vai regularmente ao médico. Sua atividade física é a dança. Adora dançar, principalmente o tango, frequenta os bailes da terceira idade semanalmente. Dançar e gosta de beber sua cervejinha. Gosta muito de se arrumar de sair, de reunir-me com amigos, de conversar, de dançar e acha isso maravilhoso. Vai a clubes e teatros, com seus amigos. O único problema do idoso é a saúde.

Diz que seu projeto de vida para o futuro é: ãcontinuar fazendo tudo que faz agora e mais um pouquinho, pois a vida é muito boaõ (informação verbal)³⁴.

e) Margarida

Margarida nasceu em 12-05-1930 em Carpina, foi entrevistada quando tinha 85 anos e está viúva há 12anos. Sua residência é própria e mora com suas duas netas. Na família há cinco pessoas (irmãs) com mais de 60 anos. Seu pai trabalhava numa empresa de trem chamada Great Western, e faleceu aos 86 anos. Sua mãe era doméstica e cuidava dos oito filhos faleceu com 29 anos exatamente quando ela tinha 10 anos.

O começo da sua vida foi difícil e sofrido, e diz ãnão acho que foi nada bom. Com a idade de 10 anos perdi minha mãe, a dificuldade foi desde cedo porque à idade era pequena e a mente pouca para resolver as coisas sem ter entendimento, sem ter alguém que orientasse, ficou muito difícilõ (informação verbal)³⁵.

Apesar de ficar muito nova, teve de tomar conta dos seus irmãos. Seu pai tinha um horário a cumprir, que era pré-determinado na empresa de trem Great Western, e precisava sair de casa antes dessa hora e nessa ocasião, deixava as garrafinhas de mingau prontas para ser dada aos que tomavam ainda mingau. Isso tudo foi muito difícil para ela, principalmente, no momento em que adoeciam por não saber o que dar ou fazer, às vezes dava um chazinho de mato de casa mesmo. Só quando ele chegava, que o filho era levado a farmácia para o farmacêutico olhar e medicar. Foi esse o motivo de não poder estudar.

³⁴ Depoimento concedido por D. Hortência à doutoranda, em 09/06/2015.

³⁵ Depoimento concedido por D. Margarida à doutoranda, em 17/06/2015.

Após dois anos de viúvo, seu pai casou-se com uma vizinha que não gostava de crianças e começou a maltratar seus irmãos, deixava passar da hora da alimentação, entre outras coisas. Não podendo ver ou fazer nada para mudar esta situação, aos dezesseis anos foi morar com uma tia materna e depois foi para casa de sua filha em Recife. Ocasão, que conseguiu emprego em casa de família. Posteriormente, trabalhou em Fábrica de Estopas por dois anos, no qual ao acabarem com o turno da noite em que trabalhava, foi para casa ô morta de tristeza por estar parada. Reiniciou a trabalhar em casa de família como copeira, ficando por dois anos. Em seguida, foi trabalhar na Fábrica da Torre na qual permaneceu por mais 10 anos.

Casou-se com 20 anos, depois de dois anos se separou ficando grávida de seis meses, trabalhou e criou sua filha. Com quatro anos de separada, encontrou seu marido com quem viveu 48 anos e de quem está viúva. Teve oito filhos, uma do primeiro casamento e sete do segundo. Das suas filhas casadas, uma suicidou-se, deixando duas filhas (as gêmeas), as quais foram criadas, educadas e formadas por sua avó D. Margarida. Hoje estão formadas, trabalham na área de sua formação e moram com sua avó que as cria como filhas (as minhas meninas) sendo a grande razão da sua vida. Ela diz ãeu tenho duas netas que são a minha vida e que me ajuda hoje (informação verbal)³⁶.

Atualmente, está aposentada e trabalha nos afazeres da casa (lava, cozinha, arruma, passa ferro e costura as coisas das meninas) e continua com essas netas que sempre as criou.

Acha sua saúde boa para idade e está bem. Diz: ãproblema de idoso é uma coisa que só termina de vez quando a gente vai embora (informação verbal)³⁷. Tem diabetes, pressão alta e osteoporose, mas se cuida, está tudo equilibrado e permitindo viver bem minha velhice. Tem cuidado com a alimentação, vai ao seu médico, toma os remédios e faz caminhada. O maior problema do idoso é a solidão e saúde.

Diz que o fato mais importante que teve, ãna minha vida, foi meu tempo de trabalho, o tempo que recebi minha indenização, saí do aluguel de casa e comprei meu mocambo. Graças a Deus estou bem e isso é tudo. Vivo sem incomodar, ninguém, nada me faltou até hoje (informação verbal)³⁸.

Nunca foi ao colégio, agora é que veio estudar já com 85 anos na alfabetização da UNATI/UFPE.

³⁶ Depoimento concedido por D. Margarida à doutoranda, em 17/06/2015.

³⁷ Depoimento concedido por D. Margarida à doutoranda, em 17/06/2015.

³⁸ Depoimento concedido por D. Margarida à doutoranda, em 17/06/2015.

Refere seguir o conselho do meu pai que diz: òMinha filha nunca durma para deixar o sol passar por cima de voc e, veja o sol nascer isso   que d a sa de  (informa o verbal)³⁹. A pessoa que quer ter uma vida boa acorda cedo e v e o sol sair.

Diz que seu projeto agora  : òPrimeiramente Deus. Depois   viver da maneira que está, zelando pelo resto da minha vida, me cuidando e tendo cuidado com a casa, com meus netos e com meus filhos. Fazer futuro para crescer já parei e onde estou está bom  (informa o verbal)⁴⁰.

f) Camélia

D. Camélia nasceu em 06-06-1926 em Bezerros foi entrevistada aos 89 anos, e está viúva há 34 anos. Reside em casa própria, com uma filha e um neto. Na sua família, tem cinco pessoas com mais de sessenta anos (três filhas, uma prima e um sobrinho). Seus pais foram muito bons. Seu pai era agricultor, tinha um sítio, trabalhava na agricultura e sua mãe costurava para fora, moravam no interior de Quipapá. òNo interior parece que tudo se torna mais suave, mais divertido, a gente aproveita mais a vida  (informa o verbal)⁴¹. Dessa forma teve uma vida feliz, com eles e sua irmã. Seu pai vivia no sítio e tinha uma casa na rua, que no fim de ano, se vinha para passar as festas e depois se voltava. Sua mãe morreu com oitenta e sete anos e seu pai com setenta e cinco anos, do cora o.

Sua infância no interior foi muito boa: muitas amizades e brincadeiras. Sempre teve uma vida muito feliz até hoje, e fala: òamo a minha vida e eu amo a vida  (informa o verbal)⁴².

No tempo das festas de São João era muito animado: a fogueira queimando, muito milho, muita canjica e sempre muita gente. Ela diz: òn o tenho o que queixar nem da minha infância, nem da minha mocidade  (informa o verbal)⁴³.

Começou a estudar com sete anos e quando foi ao colégio já sabia a cartilha do ABC. Em Quipapá quando se ia para a Escola do Estado  o Grupo Escolar Esmeraldino Bandeira , já se ia lendo e escrevendo. Estudou seis anos, cinco do primário e um ano com o seu Eliseu aprendendo a cartilha do ABC.

³⁹ Depoimento concedido por D. Margarida   doutoranda, em 17/06/2015.

⁴⁰ Depoimento concedido por D. Margarida   doutoranda, em 17/06/2015.

⁴¹ Depoimento concedido por D. Camélia   doutoranda, em 08/07/2015.

⁴² Depoimento concedido por D. Camélia   doutoranda, em 08/07/2015.

⁴³ Depoimento concedido por D. Camélia   doutoranda, em 08/07/2015.

Seus pais não tinham condições econômicas para mandá-la estudar o ginásio em Garanhuns. Em Quipapá só havia até o primário, assim ainda repetiu um ano, com pena de sair do colégio. Saiu do grupo chorando, pois gostava muito de estudar e fala ãeu gostava de estudar, eu gostava de matemática eu torcia para ir para ao quadro negroõ (informação verbal)⁴⁴.

Iniciou seu trabalho com oito anos ajudando a sua mãe costurar. Quando foi para a máquina costurar, não alcançava o pedal e teve que colocar um tijolo para poder encostar os pés nele e assim poder costurar. Sua mãe costurava para fora, calça, camisa de homem, e eu ajudava, ela cortava e eu costurava. Depois trabalhou por conta própria e tinha suas costureiras.

Casou-se com 22 anos e seu marido 25, tendo namorado com ele por seis meses. Viveram trinta e quatro anos e tivemos dez filhos (nove mulheres e um homem). Ele foi bom esposo e bom pai, faleceu com cinquenta e nove anos, de diabete. ãDepois a gente se casa vem os filhos é outra vida. Cada etapa de vida da gente é uma coisa diferente que nos aparece, e a gente tem que aceitar aquele novo estado de vida e vamos caminhando, não é?õ (informação verbal)⁴⁵.

D. Camélia complementa dizendo:

A gente tem que viver e procurar viver bem, todas as etapas da vida, mesmo que esta seja favorável ou não. Tem que superar e se adaptar. Quando estou no grupo dos idosos, tem idoso que só conta aperseio. Será que você nunca teve alegria na vida? Mude o disco, conta uma coisa bonita que você fez na vida. [...]. As coisas só têm valor se a gente der valor, se não der valor não tem valor (informação verbal)⁴⁶.

Está aposentada e trabalha, fazendo bonecas para encosto de porta, e õcrochezinho para acabamento para pano de prato que vende tudoõ (informação verbal)⁴⁷. Sua ocupação atual é fazer esses trabalhos manuais, consertar as roupas da família, participar da UNATI/UFPE, do grupo da terceira idade no centro social de Areias, onde ensina o que sabe e participa de todos os grupos da igreja como: do apostolado da oração, da legião de Maria e o do Rosário.

Sua saúde está boa para idade, só toma remédio de pressão. Tem cuidado, com a alimentação, vai periodicamente aos médicos e sempre faz seus exames (de seis em seis

⁴⁴ Depoimento concedido por D. Camélia à doutoranda, em 08/07/2015.

⁴⁵ Depoimento concedido por D. Camélia à doutoranda, em 08/07/2015.

⁴⁶ Depoimento concedido por D. Camélia à doutoranda, em 08/07/2015.

⁴⁷ Depoimento concedido por D. Camélia à doutoranda, em 08/07/2015.

meses). Faz atividade física de treino funcional e também hidroginástica. ÕO maior problema do idoso eu não sei. Eu não tenho nenhum problema graças a Deusö (informação verbal)⁴⁸.

Seu desejo para o futuro: ÕÉ que todos caminhem no mesmo caminho que eu andei e que cheguem hoje até onde eu chegueiö (informação verbal)⁴⁹.

ÕMeu projeto é viver muito mais. Muito mais do que já vivi até hoje, porque amo a vidaö (informação verbal)⁵⁰.

g) Gardênia

D. Gardênia nasceu em 03-03-35 em Bom Jardim, foi entrevistada quando tinha 80 anos e está divorciada há 10 anos. Sua residência é própria e mora com um neto. Sua casa foi construída no primeiro andar da casa de sua filha. No térreo, mora a filha, o genro (mesma coisa de ser filho é um amor) e uma neta.

Na sua família tem duas pessoas (irmãos) com mais de sessenta anos. Seu pai era agricultor e plantava para a família comer arroz, feijão, batata, inhame, tinha jaca, tinha laranja, tinha banana, tinha tudo no sítio. Teve dez filhos e ela diz: Õjá pensou pai pobre com dez filhos para criar. Era só trabalhar pra comerö (informação verbal)⁵¹.

Sua mãe morreu de parto aos 35anos. Seu pai casou-se três vezes, gostava muito de jogar muito, esses jogos de azar. Ali surge muito problema, certa vez discutiram e o mataram.

Não teve infância. Como é uma infância sem mãe? Sofreu muito (no momento do relato chorou um pouco e fez uma pausa). A madrasta era muito ciumenta e judiava, então terminou indo embora. ÕFui criada pelas minhas irmãs, sofri muito. Irmã sempre judia, não tem nem o que saber e eu não era boa não viu, era muito da ruim era capetinha não vou mentirö (informação verbal)⁵².

As coisas melhoraram quando cresceu e criou maturidade. Seu pai era um amor de pai, não dava as coisas porque não tinha condição (começa a chorar). Ele era muito cuidadoso com os filhos. Passava o ano todo presa, na festa de natal é que se ia para cidade com um adulto como responsável. Ela fazia durante o ano, boneca de pano para vender o casalzinho da boneca por um, dois, ou cinco cruzados, e guardava o dinheiro para a festa na noite de natal (RISOS). ÕEsse era o grande divertimento da gente. Andar naquele carrossel de cavalinho e

⁴⁸ Depoimento concedido por D. Camélia à doutoranda, em 08/07/2015.

⁴⁹ Depoimento concedido por D. Camélia à doutoranda, em 08/07/2015.

⁵⁰ Depoimento concedido por D. Camélia à doutoranda, em 08/07/2015.

⁵¹ Depoimento concedido por D. Gardênia à doutoranda, em 14/07/2015.

⁵² Depoimento concedido por D. Gardênia à doutoranda, em 14/07/2015.

na montanha russa quem é que não queria ir? Era muita alegria pra gente. Era mesmo que estar no céu (informação verbal)⁵³.

A escola, não foi por falta de condições. Depois de quinze anos que a gente foi se desenvolvendo. E quem me ensinou foi meu irmão. Eu tinha um irmão que lia bem, teve aula. Ele foi pra escola. Já moça, aprendeu a assinar o nome e a ler com seu irmão, e lia aqueles folhetinhos. Ele foi para escola, por ser homem e lia bem. Ah, minha santa, eram dez, como era que podia ir tudo? Com dez filhos não podia ir todos e a cidade era longe. A gente precisava trabalhar porque papai não era de ferro não, dar de comer pra dez bocas, não é brincadeira (informação verbal)⁵⁴.

Sempre trabalhei no roçado, além de fazer boneca de pano, fazer aquelas vasilhinhas de barro: panelinha de barro, potinho, jarrinha, caçarolinha tudo de barro. Fazia crochê. É, minha filha, pra viver a gente tem que inventar de tudo. (RISOS) desse jeito ia conseguindo viver (informação verbal)⁵⁵. Depois foi trabalhar atrás do balcão da venda ou do comércio.

Aos dezesseis anos fugiu com o namorado e foi viver com ele no Recife, São Paulo e voltou depois para o Recife. Teve três filhos, um menino e duas meninas. Seu marido era grosseiro, ruim e mulherengo. Motivos pelos quais a união não deu certo.

Hoje está vivendo dos alugueis das casas, que na divisão do divórcio ficaram para ela.

Tem saúde regular e já foi operada do coração, mas está bem. Cuida da alimentação, vai ao médico e toma seus remédios. Faz atividade física diariamente: hidroginástica ou caminhada. O maior problema do idoso é ser desprezado pelos filhos.

Diz que seu projeto para o futuro: Está nas mãos de Deus.

Espera ter saúde e felicidade na sua vida e na dos seus filhos.

h) Violeta

D. Violeta nasceu no Recife em 07-11-1934, foi entrevistada quando estava com 81 anos. Reside em casa própria e mora com a filha e com um neto. Na sua família tem cinco pessoas (sobrinhos) com mais de sessenta anos.

Seu pai era um homem bom, muito responsável, trabalhava na Wilson Sons como mestre de oficina morreu com 38 anos de derrame. Sua mãe era de uma família pobre, filha de lavadeira e que casou com ele (o casamento não foi do agrado da família) faleceu com 58

⁵³ Depoimento concedido por D. Gardênia à doutoranda, em 14/07/2015.

⁵⁴ Depoimento concedido por D. Gardênia à doutoranda, em 14/07/2015.

⁵⁵ Depoimento concedido por D. Gardênia à doutoranda, em 14/07/2015.

anos. Tiveram sete filhos (três homens e quatro mulheres) Violeta ficou com cinco meses quando seu pai morreu. Sua mãe viúva aos 36anos e para criar os sete filhos teve que trabalhar muito. A única coisa que deram a ela foi um mocambo em Campo Grande que pertencia à Casa de Caridade do Recife. Sua mãe era uma criatura rigorosa criou seus filhos com muito respeito e sem ninguém. Foi uma vida dura, sadia e nunca faltou nada.

Sua infância foi boa, brincou muito, também estudou e bordou para ajudar no seu sustento. ãNas minhas férias, mamãe deixava eu ir com minha madrinha para casa de dona Vera, ela era empregada dela. Dona Vera, gostava muito de mim e dizia: quando tiver de férias venha pra cá e eu ia, as tardes madrinha saía comigo para dar um passeio na praça de Casa Forte onde tinha tanques com Vitória Régia e um açude ali perto e era muito bomö (informação verbal)⁵⁶.

Sua juventude não foi ruim. Seu divertimento era praia, cinema, toda vida gostou muito de ler e dos trabalhos manuais.

Aniversário era festejado dentro de casa só para família; carnaval, ficava vendo o corso, as troças, que passavam o Papangu e a La Ursa: São João, as casas eram enfeitadas com bandeiras e balão nas janelas, nas ruas de se faziam fogueira e a gente tinha aquele prazer de botar mesa para a comunidade se juntar, uns faziam canjica, outros faziam pamonha e outros Pé de Moleque; o Natal mamãe fazia o jantar de Natal como se podia; Ano novo ela deixava os filhos sair e dizia das 10 para 11 horas quero todos em casa para romper ano com a família. Os filhos tinham liberdade de passear, ver e visitar a família, mas todas as cinco juntas. Depois se podia passar na casa das vizinhas para desejar bom ano novo para todo mundo.

Começou a estudar aos sete anos fez o primário que são quatro anos, um de admissão e teve mais quatro anos na Experimental ao todo foram nove anos de estudo. Depois de adulta fez esses cursinhos de arte e pintura.

Trabalhou desde pequena bordando, depois dos 18 anos na Lux Jornal e no Diário de Pernambuco, isso até a idade de 28 anos, quando se casou. Casada ainda trabalhou mais um ano. Ao se separar voltou a trabalhar vendendo Avon e Christian Dior. Ainda hoje faz crochê, pintura em tela e em tecido. Estuda pintura de tela lá na UNATI/UFPE e pinta para dar de presente aos filhos e aos amigos

Casou aos 28 anos. ãNo princípio, tudo era bom, mas depois ele começou arrumando pessoa fora e trazia problema pra dentro de casa, nisso a gente se separouö (informação

⁵⁶ Depoimento concedido por D. Violeta à doutoranda, em 22/07/2015.

verbal)⁵⁷. Viveu dezessete anos e teve cinco filhos ficando o mais novo com três anos. A casa que vive é própria, mas ele quis vender e não conseguiu porque a Justiça não deixou.

Está aposentada e ganha mais a pensão do divórcio.

Sua saúde está ótima. Seus exames não deram nada. Tem cuidado com a alimentação, dorme bem, faz exercício, ioga e Tai Chi Chuan quase todos os dias e vai ao médico de tempos em tempos. Trabalha de casa, faz crochê e pintura. Gosta muito de ler, seu filho baixa os livros na internet esses livros eletrônicos e ela lê no tablet. O maior problema do idoso é a solidão, a pessoa viver só, desprezada é muito triste (informação verbal)⁵⁸.

Seu projeto de vida para o futuro é: Continuar como estou e não fazer nada além. A idade não dá mais para fazer essas coisas, que gente nova faz e as suas trelas que eu não posso fazer mais. Tenho que respeitar a minha idade e fazer aquilo que gosto (informação verbal)⁵⁹.

i) Prímula

D. Prímula nasceu em São Caetano no dia 18-07-1933, foi entrevistada aos 82 anos, é viúva há 16 anos e reside em apartamento alugado, mas tem um apartamento próprio. Mora com a filha e na sua família existem quatro pessoas com mais de sessenta anos (irmãos).

Diz que sua família é divina e maravilhosa. Morava em Custódia. Seu pai fazia tijolo e um tipo de chapéu de couro era uma criatura linda, boa e educada, mas ficou doente muito jovem não trabalhando mais (informação verbal)⁶⁰. Sua mãe era costureira, muito batalhadora e cuidou dele até sua morte. Quando seu pai morreu não tinha nem cinquenta anos, Prímula ficou de doze para treze anos. Sua mãe viúva teve que trabalhar para criar os sete filhos. Costurava para todos da cidade e uma senhora dona de um Bordel propôs ajudá-la e deu-lhe a louça para que abrisse uma pensão e poder criar seus filhos, um compadre ofereceu-lhe a casa e assim, ela abriu sua pensão (informação verbal)⁶¹. O lugar era chamado Sítio dos Nunes, local de passagem para o sertão tinha ramificação para Flores e Triunfo, outra para Salgueiro, para Petrolina de todo esse mundo fora do sertão. Sua mãe era criatura dinâmica, trabalhadora, montou a pensão passou a servir refeições e dormida aos viajantes

⁵⁷ Depoimento concedido por D. Violeta à doutoranda, em 22/07/2015.

⁵⁸ Depoimento concedido por D. Violeta à doutoranda, em 22/07/2015.

⁵⁹ Depoimento concedido por D. Violeta à doutoranda, em 22/07/2015.

⁶⁰ Depoimento concedido por D. Prímula à doutoranda, em 29/07/2015.

⁶¹ Depoimento concedido por D. Prímula à doutoranda, em 29/07/2015.

desse modo criou seus sete filhos. ãA gente ajudava a ela servindo as mesas, lavando a louça e os lençóisö (informação verbal)⁶².

Sua infância foi ótima, com muita brincadeira, trabalhava fazendo tijolo e trelava muito. No Natal, um padre Beditino (amigo dos Lundgren) celebrava a missa natalina e trazia fardos de tecidos para distribuir na comunidade. Nas casas de todos sempre tinha o bolo e o peru. Na Páscoa não faltava o peixe e o padre de Custódia celebrava a missa da sexta-feira Santa.

Começou a estudar com 10 para 12 anos, a professora era do Recife, ficou morando e ensinando em Custódia, foi lá que fez o seu primário.

Após alguns anos, quando todos já estavam maiores, foram morar em Arcoverde e de lá seguiram para Paulo Afonso. Cidade que estava começando e tinha muito emprego. Seu irmão, logo arranhou trabalho como eletricista e depois toda sua família.

Sua juventude foi boa demais, aos dezesseis anos em Paulo Afonso, começou a trabalhar na Cooperativa da subsistência na CHESF. Local em que conheceu seu marido, ficou sua amiga, o namoro começou e se casou.

Começou a trabalhar com menos de treze anos na pensão da sua mãe, depois numa mercearia em Paulo Afonso e na cooperativa da CHESF. Hoje ensina ioga na Sagrada Ordem da Cruz, em Aldeia, no primeiro sábado do mês, e ao substituir o outro professor. Está montando uma escola de computação lá, para tirar as crianças da rua.

Casou com dezenove anos e teve sete filhos, um Deus levou e os seis estão vivos. Seu marido foi muito bom, respeitador, educado, inteligente e lhe tratava bem. Seu casamento foi maravilhoso, foram quarenta e sete anos de casado e três de namoro.

Depois de casada, fez o segundo grau já grávida do seu último filho. Fez o artigo, na Paraíba, assim acabou o ginásio e o científico e diz: ãFaço ainda a faculdade de teologia. Eu estudei ao todo oito anos, pois fiz dois artigos e os quatro anos do primárioö (informação verbal)⁶³.

Hoje vive da pensão do meu marido. Tem saúde regular, pois de vez em quando me esquece das coisas. Sua filha diz que o seu esquecimento só é do que não interessa e fala: ãA senhora é seletiva mãe só não se esquece do que a senhora querö (informação verbal)⁶⁴.

Tem cuidado com a alimentação é vegetariana. Vai ao médico de três em três meses, (toma remédio todo dia para memória e pressão) e faz musculação.

⁶² Depoimento concedido por D. Prímula à doutoranda, em 29/07/2015.

⁶³ Depoimento concedido por D. Prímula à doutoranda, em 29/07/2015.

⁶⁴ Depoimento concedido por D. Prímula à doutoranda, em 29/07/2015.

O maior problema do idoso é o abandono, a acomodação e a solidão. Diz não ter por não se acomodar e gostar de sair. “Eu faço a saudação ao sol todos os dias. Pela manhã, inspiro profundamente à mente de Cristo e dou a mão para ele. Não tem a aquela história que você pega um limão e faz uma limonada? O limão é azedo, mas a limonada é maravilhosa. Assim, eu estudo, leio, trabalho na costura, não faço trabalho doméstico porque não precisa, vou e volto na Federal andando (aí eu já estou me movimentando) e a vida fica uma beleza. “Eu quero é viver pois, Viver, é não ter a vergonha de ser feliz, cantar e cantar e cantar, a beleza de ser um eterno aprendiz, ai meu Deus [...]” (informação verbal)⁶⁵.

Diz que seu projeto de vida para o futuro é: “Conhecer a Rússia, pelos escritos de Helena Blavatsky e continuar como estou. Vivendo a última fase da vida com a superação das perdas e de acordo com meus princípios morais e bens materiais sem onerar meus herdeiros” (informação verbal)⁶⁶.

j) Rosa

D. Rosa nasceu em Bezerros no dia 14-07-1933, foi entrevistada quando estava com 82 anos, está viúva e reside sozinha em casa própria. Na família tem seis pessoas com mais de 60 anos (três tios e três irmãos). Seu pai morreu aos cinquenta e sete anos de cirrose hepática e infecção bacteriana que adquiriu na cheia do Recife. Sua mãe morreu com oitenta e um anos de câncer no pulmão.

Sua família morava em Boqueirão, num sítio na subida de Serra Negra em Bezerros e sua vida foi de sacrifício, humildade, esforço, trabalho e muita pobreza. Seu pai trabalhava cortando Aveloz ou alugado às pessoas vendendo frutas de porta em porta. O ganho era pouco e passavam necessidade. Sua mãe teve doze filhos, criou seis e morreram seis, costurava em máquina de mão e na mão também.

Já aos seis anos começou a trabalhar na enxada com seus pais, plantando na roça milho, feijão, e limpava mato na enxada. Lembrou-se como nesse tempo se limpava louça e diz: “a louça, a colher, faca e o garfo, depois do uso para limpar esfregava-se com areia do chão mesmo e se lavava na água e secava. Eles eram colocados dentro do saco de farinha para não enferrujar e ninguém tinha bacilo nem nada não” (informação verbal)⁶⁷.

⁶⁵ Depoimento concedido por D. Prímula à doutoranda, em 29/07/2015.

⁶⁶ Depoimento concedido por D. Prímula à doutoranda, em 29/07/2015.

⁶⁷ Depoimento concedido por D. Rosa à doutoranda, em 05/08/2015.

Seu pai plantava mandioca e fazia farinha e diz: õraspei muita mandioca a noite onde um candeeiro se acendia em cima delas e até tarde da noite se raspava, retirava as cascas e ralava no caitituö. Sua mãe em frente dizia assim, õcuidado nos dedos menina, cuidado nos dedos para não ser arrancado pela raladeiraö (informação verbal)⁶⁸. Aos doze anos, foi trabalhar numa olaria em Bezerros fazendo prato de barro, telhas, desenforando tijolos e empilhando.

Como lá no sítio não se tinha do que viver se veio para Recife, morar com um tio e onde toda família ficava num só quarto. Seu pai foi vender frutas de porta em porta e ela foi trabalhar como empregada doméstica.

Sua infância e juventude: foi de sacrifício sempre ajudando seus pais. Não se comemorava aniversário só as grandes festas: no carnaval, quando se ia ver os Papangus de Bezerros; no Natal se ia para missa, depois correr nos brinquedos, carrossel e roda gigante; São João se brincava de rodeio, quadrilha, e escutava a sanfona.

Foi estudar com dez anos em Bezerros e fez até a 4ª série, numa pobreza e no maior sacrifício. õEu lembro que uma vez levei dois ovos de galinha, para trocar por um lápis (nesse tempo se trocava as coisas) para poder fazer a liçãoö (informação verbal)⁶⁹.

Começou a trabalhar aos seis anos na enxada; aos doze na olaria em Bezerros; no Recife em casa de família; lavou roupa de ganho e passou com ferro de carvão; e depois na embalagem da fábrica Pilar. Atualmente, trabalha nos afazeres domésticos e fazendo caridade ao povo do local em que mora.

Casou-se com 24 anos no religioso com um tio irmão de seu pai de 36 anos e que já tinha sido casado no civil. õEle era ignorante, ciumento, me humilhava e eu sofri muito. Terminei no Hospital Correia Picanço e passei a tomar remédio de nervos para depressãoö (informação verbal)⁷⁰. Teve sete filhos (cinco mulheres e dois homens) e viveu 57 anos até ele morrer.

Está aposentada e tem pensão do seu marido. Sua saúde é regular, tem: hipertensão, osteoporose e fibromialgia. Tem cuidado com a alimentação, faz atividade hidroginástica, ioga e é acompanhada por médico. O maior problema do idoso é solidão e rejeição familiar.

Seu projeto de vida é: õContinuar me cuidando, para não ficar sobre uma cama, que Deus me defenda e livre do Alzheimerö. Quer continuar ajudando. Eu queria muito que Deus

⁶⁸ Depoimento concedido por D. Rosa à doutoranda, em 05/08/2015.

⁶⁹ Depoimento concedido por D. Rosa à doutoranda, em 05/08/2015.

⁷⁰ Depoimento concedido por D. Rosa à doutoranda, em 05/08/2015.

me desse, mais vida para ajudar só penso em ajudar e compreender mais as pessoas e a família. E diz ãa morte é o fim de tudo nessa vidaö (informação verbal)⁷¹.

k) Magnólia

D. Magnólia nasceu em 27-09-31 foi entrevistada aos seus 84 anos, e está viúva há 17 anos. Reside em casa própria sozinha. Junto dos filhos: õeles são meus vizinhosö. Na sua família, tem doze pessoas com mais de sessenta anos (dois irmãos e dez sobrinhos). Seus pais eram muito divertidos, sua mãe muito caridosa e seu pai casa cheia, graças a Deus.

Sua infância foi muito boa, e seus pais muito bons. Quando criança o carnaval era uma festa que não tinha lugar para colocar tanta gente na sua casa. Ao acabar sua irmã Irene chegava até a chorar. Seu pai era sócio de um bloco de carnaval o Bloco Bebê e a casa nessa época ficava cheia e adorava trazer todos para lá brincar. Ele fazia aquela feira e sua mãe aquele panelaço de sopa para alimentar quem morasse longe era folia todos os dias do carnaval. Na noite de ano, sua mãe fazia mungunzá muito bem feito e a casa era conhecida pelo seu mungunzá. õEla gostava de fazer bolo e fazia um bolo tirando o leito do coco puro como ela chamava na época, bolo finoö (informação verbal)⁷². No São João seu pai com aquela alegria, comprava milho para assar, para fazer canjica e a fogueira era sagrada. Ainda hoje a tradição de fazer fogueira no São João é mantida. Na páscoa, era muito bom, o peixe vinha do viveiro do seu tio Sergio e era muita fartura. Realmente, não tem com o que se queixar da sua infância. Hoje, D. Magnólia continua repetindo o que sua mãe fazia, nem tanto como era, mas õfaço e todos os meus filhos vêm para esta casaö (informação verbal)⁷³.

Seu pai era agulheiro, trabalhava no cais, fechando sacos de açúcar das usinas com barbante, tudo na agulha de costura e os marcava, para poder embarcarem no navio.

Morreu com mais de setenta anos do coração e sua mãe com setenta e dois.

Conviveu muito com a avó, mãe do seu pai, era bem bonitinha, moreninha e vaidosa. õNós a chamávamos de Dindinha, ela era bem vaidosa, gostava de brincos e dizia meninos: Velha é a estrada que história é essa de velhoö (informação verbal)⁷⁴. Sua situação econômica era boa e seus móveis antigos com mármore eram lindos. õPossuía um mundo de terra antes da exposição dos animais, lá era o local onde vivia. Tinha uma barraquinha que negociava, criava porco e tinha pessoas que a ajudavam. Gostava de jogar no bichoö (informação

⁷¹ Depoimento concedido por D. Rosa à doutoranda, em 05/08/2015.

⁷² Depoimento concedido por D. Magnólia à doutoranda, em 13/08/2015.

⁷³ Depoimento concedido por D. Magnólia à doutoranda, em 13/08/2015.

⁷⁴ Depoimento concedido por D. Magnólia à doutoranda, em 13/08/2015.

verbal)⁷⁵. No sítio tinha goiaba, banana, manga, tanta fruta e um riacho. ãA gente morava no Zumbi, e ia a pé para o sítio comer banana, goiaba, manga e tomar banho no riacho que ficava por trás da casa de Dindinha. Minha mãe fazia um cozinhado para se comer na volta do sítio e era muito bomö (informação verbal)⁷⁶.

Começou a estudar com uns sete anos e nada aprendeu. Não por falta de escola, mas por falta de seu interesse e da família. Ficou por três anos na escola para estudar, mas não ligou.

Na sua vida se acha feliz em tudo, a única coisa que a deixa triste é não ter aprendido a ler quando nova. Entretanto, atualmente está fazendo alfabetização na UNATI/UFPE.

Começou a trabalhar aos 14 anos, bordava para fora, ofício que aprendeu com sua madrinha. Fazia enxoval de recém-nascido em ponto de cruz. Viveu do seu bordado, que permitia comprar as coisas do seu uso pessoal. Sempre trabalhou por conta própria bordando.

Casou aos 25 anos, teve cinco filhos o primeiro morreu ao nascer, os quatro são vivos (uma menina e três meninos) e que agora são cinco porque adotou uma menina. Tem oito netos, e duas bisnetas. Seu período de casada não foi bom, pois seu marido tinha muito ciúme e às vezes a maltratava.

Está aposentada e tem a pensão do marido. Trabalha cuidando dos animais que tem e dos afazeres da casa.

Sua saúde é boa. Seus exames estão todos normais. Acompanha-se com médico e nutricionista, tem cuidado com a alimentação sendo que atualmente não está fazendo atividade física.

Acha que quando se fica velha o pessoal novo, não gosta nem de conversar. ãA gente fica meio para trás, parece que não vive maisö (informação verbal)⁷⁷. Portanto o problema do velho é a solidão e o meu projeto de vida é viajar.

I) Orquídea

D. Orquídea nasceu em São Paulo no dia 01-06-1935, foi entrevistada quando tinha 80 anos e está viúva há três anos e oito meses. Mora em casa própria, vive com o filho, nora e dois netos e também com outra neta e seu marido. São sete pessoas. Na sua família tem cinco pessoas com mais de 60 anos (três irmãos, uma prima e ela).

⁷⁵ Depoimento concedido por D. Magnólia à doutoranda, em 13/08/2015.

⁷⁶ Depoimento concedido por D. Magnólia à doutoranda, em 13/08/2015.

⁷⁷ Depoimento concedido por D. Magnólia à doutoranda, em 13/08/2015.

Seu pai era maravilhoso e avançado para a época e sua mãe uma pessoa muito tímida e quase não falava nada. Tudo que acontecia, na sua casa era ele quem resolvia. Foi funcionário público da Prefeitura de São Paulo. Tiveram 5 filhos ambos morreram aos 75 anos e a diferença de idade entre eles era de 4 anos.

Sua infância foi muito boa. Moravam numa casa em um sítio muito grande com as galinhas, plantas, árvores e fruteiras nas quais subiam para brincar. Seu avô tinha uma vitrola movida por manivela, para tocar seus discos de óperas e ela por escutar tanto passou a gostar.

No carnaval seu pai dançava com ela nos ombros num tal de Coliseu. «Recordo-me dançando e cantando Ligue ligue Lé (fala rindo) nas costas do meu pai» (informação verbal)⁷⁸. No São Pedro seu tio que tinha um sítio os levava para sua casa e fazia a festa. «Eu tive uma infância maravilhosa» (informação verbal)⁷⁹.

Na sua adolescência, seu pai era quem orientava sobre tudo desde a menstruação, a vida e até namorado. Dizia tome cuidado com namorado, «se o menino quiser abusar de vocês mire bem no meio das pernas e meta o pé (quando contava este fato começou a rir muito). Eu mesma era braba e quantos meninos eu meti o pé [...] (e ficou rindo)» (informação verbal)⁸⁰.

A diferença de idade sua para a dos seus irmãos eram próximas e tudo podia ser compartilhado. Teve a época, que se começou a ir para os bailes e quando voltavam na madrugada, andando do Clube Pinheiros para sua casa, vinham na maior brincadeira. «Foi muito boa a minha adolescência» (informação verbal)⁸¹.

Começou a estudar com cinco anos no jardim de infância. Fez o Jardim, quatro anos do primário, um ano de admissão, quatro anos do ginásio, três anos do científico e depois de adulta mais cinco anos da faculdade de direito. Ao todo estudou 18 anos. Do colégio lembro muito, da obediência, do respeito e do amor à pátria, que era demonstrado todos os dias quando se cantava o Hino Nacional e o Hino da Bandeira.

Começou a trabalhar logo que terminou o científico. Trabalhou como balconista na loja Slopper, no radio ABC, local onde conheceu seu marido e após os seus cinquenta anos, trabalhou quinze anos como advogada em um escritório de advocacia. Hoje trabalha de tesoureira na sua igreja como voluntária, da 4ª feira ao domingo. Faz curso de teatro na UNATI/UFPE. Na casa dispensou a empregada e assumiu este serviço.

⁷⁸ Depoimento concedido por D. Orquídea à doutoranda, em 11/08/2015.

⁷⁹ Depoimento concedido por D. Orquídea à doutoranda, em 11/08/2015.

⁸⁰ Depoimento concedido por D. Orquídea à doutoranda, em 11/08/2015.

⁸¹ Depoimento concedido por D. Orquídea à doutoranda, em 11/08/2015.

Casou-se com 28anos, teve dois filhos (um casal). Seu casamento diz que foi: ãO Verdadeiro Casamento, de Almas Gêmeas parecia que já estava tudo programado há muito tempoö (informação verbal)⁸². Viveu bem, ele era muito bom, morreu com 80 anos de câncer na laringe.

Tem sua aposentadoria e ganha a pensão do marido.

Sua saúde é ótima. Não tem problema com saúde. Tem cuidado com minha alimentação e faz musculação há 03 anos. Antes andava na praia. Não vê nenhum problema para o idoso.

õMeu projeto de vida é (Ri bastante). Há, há, há, projeto de vida nessas alturas, Viajar, viajar, viajar, viajar muito. Vou viajar agora e viajar quando chegarö (informação verbal)⁸³.

m) Dália

D. Dália nasceu em 19-06-1932 na cidade de Orobó e foi entrevistada aos 83 anos. Está casada há 65 anos, seu marido está com noventa anos, interno em uma casa de repouso. Ele está vivo, mas não consciente.

Resido em casa própria em que mora sua filha com seu genro. Na sua família, tem três pessoas com mais de sessenta anos (duas irmãs e ela).

Seus pais eram um amor, ele ferreiro e sua mãe trabalhava na agricultura. A sua vida só não foi melhor porque eram pobres, muito pobres e não puderam botar ninguém na escola. Sua mãe teve 17 filhos, dos quais só criou cinco. Ela morreu com sessenta e cinco anos e seu pai com setenta anos.

Morou em Umbuzeiro durante sete anos numa casa de barro foi aí que viveu. Tinha quintal grande feito um sítio, vaca, cabra, carneiro, um pé de jaca e alguns pés de banana. Depois desses sete anos veio para o Recife onde está há mais de sessenta anos.

Diz que: õminha infância foi gostosa demais, era virada, pequenininha e encapetada. Gostava de brincar de correr na sombra do avelós carreira, tamborete de um lado, tamborete do outro e as meninas brincando tudo no meio); de roda; fazer pastoril (RISOS)ö (informação verbal)⁸⁴.

⁸² Depoimento concedido por D. Orquídea à doutoranda, em 11/08/2015.

⁸³ Depoimento concedido por D. Orquídea à doutoranda, em 11/08/2015.

⁸⁴ Depoimento concedido por D. Dália à doutoranda, em 18/08/2015.

Sua juventude, como diz: õfoi boa demais, gozou muito, ia à missa, arranjava namorados. No terceiro, que teve casou-se e vive há sessenta e cinco anos com eleõ (informação verbal)⁸⁵.

Nas festas, bastava juntar a sua família que era muito grande e alegre com a dele que já era uma festa. No São João, Natal, Ano e Reis cada um matava e trazia ou peru, ou porco, ou carneiro e vamos festejar. Só não se fazia era beber, pois seu pai nunca bebeu e não deixava ninguém beber. õEra muito bom quando todos estavam juntosõ (informação verbal)⁸⁶.

Não estudou em escola ou grupo. Aos 18 anos começou a estudar na casa e uma professora, mas como sua irmã arranjou namorado por lá, seu pai tirou as duas, portanto só aprendeu a assinar o nome.

Trabalhou, desde pequena no roçado. Sua mãe levava todos para o roçado, por não ter com quem deixar e assim começava a ensinar a botar caroço de feijão para plantar. Só trabalhou na agricultura e criando bichos (cabra e vaca).

Com dezoito anos me casou e após 6 anos foi ter o 1º filho. Ao todo teve sete filhos, e só dois ficaram vivos,

Hoje está aposentada e trabalha nos serviços da casa.

Tem saúde boa. Seu problema é o esquecimento. Tem cuidado com a alimentação. Vai ao médico de 06 em 06 meses para revisão. Faz dança do ventre na UNATI/UFPE. Acho que o maior problema do idoso é a solidão e a saúde.

O seu projeto de vida para o futuro é viajar.

n) Verônica

D. Verônica nasceu em 13-07-1928, em Escada, quando foi entrevistada estava com 87 anos, e solteira, reside sozinha em casa própria que construiu em cima da residência do seu irmão. Tem uma cunhada maravilhosa que lhe dá toda assistência e que mora na casa de baixo.

Na família tem dois irmãos com mais de 60 anos. Seu pai trabalhava na Usina União Indústria Bonfim no controle dos caminhões, pesando cana. Sua mãe se casou com 12 anos e teve cinco abortos por ser muito jovem, após esse período nasceram seus seis filhos e faleceu aos 44 anos de câncer.

⁸⁵ Depoimento concedido por D. Dália à doutoranda, em 18/08/2015.

⁸⁶ Depoimento concedido por D. Dália à doutoranda, em 18/08/2015.

A sua morte desestruturou com a sua vida por ser muito apegada a ela. Nessa ocasião passou a criar seu irmão caçula.

Sua infância foi boa, porém muito presa.

Sua juventude foi boa. No São João tinha aquelas fogueiras, todo mundo enfeitava a sua rua, fazia aquela festa e dança, e papai dizia que: ãa gente só podia ver da janela. No carnaval não se ia nem olhava nada. No ãNatal era tudo de roupinha nova. Todos tinham que ter roupinha nova e na tarde de Natal se ia para festa na cidade correr de carrossel e naqueles botes. Era tudo muito lindo e disse: ãNamorei muito, mas não casei (informação verbal)⁸⁷.

Quanto aos estudos foi alfabetizada em casa por sua mãe, foi para escola já sabendo rezar e a Carta de ABC todinha. Na usina fez até a quarta-série, quando foi pra Primavera fez o admissão e o ginásio completo. Depois que veio para cidade, fez o curso de: datilografia, taquigrafia, e de correspondência.

Trabalhou como datilógrafa, secretaria, e depois de aposentada sacoleira vendendo confecções. Atualmente está aposentada e trabalha nas atividades doméstica em casa. O maior problema do idoso é o abandono e solidão.

Sua saúde não é boa, tem diabete, mas controlado, cuida da alimentação, vai a médico periodicamente e faz hidroginástica.

Tem como projeto viajar para Goiás para: visitar o ãSantuário do Pai Eterno. Eu não morro sem ir ali não (informação verbal)⁸⁸.

o) Íris

D. Iris nasceu em 08-10-26 em São José dos Cordeiros na Paraíba, foi entrevistada quando tinha 89 anos, estava viúva há 52 anos. Sua família morava em São José dos Cordeiros vizinha de Campina Grande e veio para um brejo perto de Bezerras onde tinham família, por causa de uma seca de oito anos quando ainda eram pequenos. Mora em residência própria, com a filha, o genro e um neto. Na sua família seis pessoas têm mais de sessenta anos (irmãos).

Sua mãe morreu com 65 anos de câncer no útero. Seu pai que era marceneiro, morreu com 33 anos de uma pancada no estômago deixando onze filhos. O mais velho tinha dezesseis e sua mãe criou todos com a agricultura. O mais velho foi trabalhar no Sul, não se deu e morreu, depois morreram dois irmãos e duas irmãs, ao todo cinco ficaram sete vivos.

⁸⁷ Depoimento concedido por D. Verônica à doutoranda, em 21/08/2015.

⁸⁸ Depoimento concedido por D. Verônica à doutoranda, em 21/08/2015.

Sua vida era do roçado para igreja, da igreja para o roçado. Sua mãe não deixava brincar com as outras crianças, porém, para o roçado ela mandava até mesmo quando estava chovendo. Ela mandava todos para o roçado e dizia: õmeninos chuva no mato não quebra osso de ninguém nãoõ (informação verbal)⁸⁹, vão comer e vão para o roçado.

Começou a estudar com doze anos, por não poder, era muito pobre e não tinha calçado nem roupa para ir. Só fez o primário e com isso vive até hoje. Na época a cidade Riacho das Almas por ser uma cidade pequena não havia o ginásio, motivo pelo qual só estudou até aí. Ainda chegou a repetir mais quatro porque a professora gostava dela e dizia para não sair e ficar para aprender mais.

Trabalhou desde muito cedo, entre oito a dez anos, já estava no roçado. Depois de ter feito o primário foi trabalhar no comércio no dia da feira, posteriormente em: farmácia e loja de tecido. Ao ficar viúva, voltou a trabalhar em loja de confecção e foi ser comerciária até sua aposentadoria.

Casou-se após sete anos de noivado aos 26 anos. Ele era marceneiro, e depois foi ser taxista. Ficaram três anos casados, tiveram uma filha e após seu nascimento ele faleceu.

Está aposentada e seu trabalho atual é os serviços de casa. O problema do idoso é a tristeza, o não reconhecimento do que se faz, quanto mais faz menos merece a desconsideração e incompreensão.

Tem boa saúde, embora seja pré-diabética, se cuida muito: vai ao médico de 06 em 06 meses, tem nutricionista está fazendo hidrogenástica, pillates e ultramassagem. Eu só preciso de uma companhia, sou inimiga de estar sozinha e parada. Faço palavras cruzadas para não parar, se eu parar fico doente.

õO meu projeto de vida é fazer uma cirurgia plástica completa do rosto e melhorar a minha pessoa, eu gosto de mim e vou viver mais, bem mais, estou correndo atrás de 100 anos. Busco sempre aprender coisas novas para viver melhor e ter prazer com a vidaõ (informação verbal)⁹⁰.

Pode-se perceber, pelos fragmentos das histórias, que cada uma das idosas apresenta particularidades e individualidades próprias, mas que compõem um conjunto que tem como experiência comum o rememorar o percurso de suas vidas. Porém destaca-se que o que liga essas idosas entre si e as aproxima do objetivo desse trabalho e das respostas que se busca é a experiência de um envelhecimento trazido na memória e no ato de narrar suas histórias de vida, histórias que todos contam atualmente a partir do mesmo tempo histórico.

⁸⁹ Depoimento concedido por D. Iris à doutoranda, em 26/08/2015.

⁹⁰ Depoimento concedido por D. Iris à doutoranda, em 26/08/2015.

As experiências dessas idosas, com suas especificidades, desigualdades, afinidades, esperanças e histórias, retratam a beleza de um jardim constituído por: Acácia, Verônica, Angélica, Íris, Amarílis, Hortêncina, Margarida, Camélia, Gardênia, Violeta, Prímula, Rosa, Magnólia, Orquídea e Dália, por onde se caminhará a partir desse momento do trabalho. Caminhos nos quais se buscarão pistas, no sentido de compreender a importância da educação no percurso da história, sobre a criança, que cada uma foi um dia até a sua velhice atual.

A guisa de traduzir o momento vivido por essas idosas, buscou-se a inspiração na poesia abaixo:

A VIDA ASSIM NOS AFEIÇOA

Se fosse dor tudo na vida,
Seria a morte o sumo bem.
Libertadora, apeteçada,
A alma dir-lhe-ia, ansiosa: - Vem!

Quer para a bem-aventurança
Leves de um mundo espiritual
A minha essência, onde a esperança
Pôs o seu hálito vital;

Quer no mistério que te esconde,
Tu sejas, tão somente, o fim:
- Olvido, imperturbável, onde
"Não restará nada de mim!"

Mas horas há que marcam fundo...
Feitas, em cada um de nós,
De eternidades de segundo,
Cuja saudade extingue a voz.

Ao nosso ouvido, embaladora,
A ama de todos os mortais,
A esperança prometedora,
Segreda coisas irreais.

E a vida vai tecendo laços
Quase impossíveis de romper:
Tudo o que amamos são pedaços
Vivos do nosso próprio ser.

A vida assim nos afeiçoa,
Prende. Antes fosse toda fel!
Que ao se mostrar às vezes boa
Ela requinta em ser cruel [...] (BANDEIRA, 1993, p. 55).

4.2 MATRIZ GERAL DAS CATEGORIAS

Seguiu-se com as orientações de Oliveira (2014), que por meio dos resultados dos dados coletados analisados, mediante a triangulação (a entrevista, as observações e os documentos) nos conduziram a elaboramos de um quadro denominado - Matriz Geral das Categorias. Nele apontaram-se as categorias: Gerais ou Teóricas: 1 Educação e 2 Educação para o Envelhecimento. As Empíricas: Tendo-se para a educação 07 categorias empíricas e educação para o envelhecimento 08 categorias empíricas. E posterior, seguem-se as unidades de análise para cada uma dessas categorias.

Ressalta-se que, nos quadros a seguir, os números representam as categorias empíricas, enquanto os marcadores representam as unidades de análise. Essas são exatamente a reunião dos dados coletados através do instrumento da pesquisa (OLIVEIRA, 2014), no nosso caso a (entrevista ó história oral) relacionado ao grupo de idosas, conforme o Quadro 2.

Quadro 2 - Matriz geral das categorias

Categoria Geral: Educação	
Categorias Empíricas	Unidades de Análise
1. Conhecimento sobre envelhecimento	- Conhecimento pela vivência - Conhecimento oriundo de familiares
2. Convivência com idosos ou avós	- Convivência com familiares
3. Aprendizagens na escola	- Ler, escrever e estudar (Disciplinas) - Atividades complementares (Esportes, Artes, Culinária, Práticas Cívicas e Idiomas) - Ausência de estudo
4. Conhecimento sobre aprendizagem	- Conhecimento da vida
5. Compreensão sobre educação	- Compreensão do tudo da vida
6. Benefício pela educação	- Perspectivas à vida (Com benefício) - Perspectivas à vida (Sem benefício)
7. Educação como influência para o envelhecimento	- Conhecimento sobre a velhice
Categoria Geral: Educação para o Envelhecimento	
Categorias Empíricas	Unidades de Análise
1. Ensinar a Envelhecer	- Envelhecer: sem ensino - Envelhecer com as aprendizagens: (do tempo, das experiências de vida ou da vida).
2. Preparação para Envelhecer	- Envelhecer vivendo e buscando (por si mesmo); - Envelhecer pelos ensinamentos (de educadores sociais ou especialistas)
3. Percepções sobre Qualidade de vida	- Qualidade de Vida (Saúde); - Qualidade de Vida (Viver Bem); - Qualidade de Vida (Valores Sociais).
4. Elementos necessários à Qualidade de vida	- Cuidar da saúde física e mental; - Cuidar da saúde espiritual e das virtudes.
5. Formação como aporte a Velhice	- Educação (auxiliou a velhice); - Educação (não auxiliou a velhice).
6. Envelhecimento saudável	- Resultado (da Saúde); - Resultado (da Aceitação dos limites e viver); - Resultado (dos Valores sociais).
7. Conhecimento sobre envelhecimento	- Aquisição de Conhecimentos (Experiências de vida); - Aquisição de Conhecimentos (Processos Educativos).
8. Valoração da Educação para o Envelhecimento Saudável	- Atributo de muita importância; - Atributo de importância; - Atributo de nenhuma importância.

Fonte: elaborado pela autora

Após a apresentação geral das Matrizes que compõem a análise das categorias empíricas e unidades de análise, seguiram-se os quadros de 3 a 9, referentes à Categoria Geral: Educação e do quadro 10 a 17 a Categoria Geral: Educação para o Envelhecimento.

4.3 CATEGORIA GERAL: educação

Quadro 3 - Arguitiva 1 da categoria geral educação

-- Idosas	Categoria Geral: Educação	
	Arguitiva 1: na sua infância vocês falavam na família alguma coisa sobre envelhecimento? De onde veio esse seu conhecimento?	Categoria Empírica: Conhecimento sobre envelhecimento
	Respostas	Unidades de Análise (Semântica)
Acácia	Não. Este conhecimento veio vendo as pessoas envelhecendo.	Conhecimento pela vivência Conhecimento oriundo de familiares
Angélica	Naquela época não se falava em velhice não. Eu mesma nunca ouvi falar.	
Amarílis	Naquela época não se comentava muito essas coisas. Não tinha muito comentário o velho, isso ficava para lá mesmo.	
Hortênci	Não. Nunca ninguém comentou.	
Margarida	O que eu sei, é o que eu via e escutava minha avó falar. Quando a gente é jovem acha que a velhice não vai chegar, não está próxima. Então, minha avó (por conta da família dela, os pais dela, a mãe dela já terem falecido velhos e ela também já se achar bem envelhecida) por isso ela achava e dizia assim: que todos nós temos direito de envelhecer e se conformar com a velhice. Porque a velhice, quando a pessoa é sadia, disposto, é uma mocidade, e a velhice de quem não tem coragem de fazer nada, de nunca ter nada, é um doente pra toda a vida. Ainda sendo novo se torna velho, por causa da coragem que é pouca.	
Camélia	Não. Algumas vezes é que minha mãe dizia: ãOlha minha filha, a velhice só tem duas coisas que atrapalha a vida, a dependência no sair só e o esquecimentoã. ãNa velhice a gente se lembra do tempo da juventude, da infância, e tudo, mas não se lembra do agora. O que fez ontem, amanhã já se esqueceuã. ãAs lembranças de antigamente, como ela dizia, a gente guarda, e não esqueceã.	
Gardênia	Não. O que eu sabia era porque acompanhava os velhinhos, os meus avôs até morrerem. Naquele tempo, quando morria uma velhinha de sessenta anos, setenta anos, ãMorreu de quê?ã, ãDe velhoã Eles tinham esse dizer, ãMorreu de velhoã. O que fui aprendendo da velhice foi convivendo com eles.	
Violeta	Não. A gente convivia com idosos mais não tinha aquela experiência de saber como ia envelhecer não. A gente sabia que com o tempo ia ficando velho, mas não tinha preparação que hoje em dia a gente tem.	
Prímula	Não. Todo mundo vivia bem, tinha saúde e era feliz da vida.	
Rosa	Minha mãe me falou em velhice dizendo assim; quando eu ficar velha, quando eu morrer, vocês vendam essa casinha e dividam, pois, eu vivo muito doente e breve eu morro. Foi ela quem falou em velhice para mim pela primeira vez que eu me lembre.	
Magnólia	Não. Eu acho que não.	
Orquídea	Não. Que eu me lembre nesta época, velho era velho, e não era velho caquético. Na minha família ninguém ficou caquético como maracujá de gaveta. Todos tinham a pele lisinha.	
Dália	Não. Só se falava em trabalhar... trabalhar e criar alguma coisa para quando se casar ter o seu pé de meia na vida.	
Verônica	Não.	
Íris	Falava não. Não sabia o que era isso não mulher, era muito inocente sabia de nada não. Inocente de tudo. Só sabia ir pro roçado, trabalhar e voltar.	

Fonte: elaborado pela autora

A partir do quadro acima, percebemos que na fala das idosas, destacam-se a experiência como o veículo orientador do conhecer sobre envelhecimento, oportunizado pela relação com seus avós, vizinhos e amigos idosos. As suas breves falas, formam a paisagem panorâmica do entender de seu envelhecimento e fornecem o caminho para o delineamento sobre a importância da educação para o envelhecimento saudável.

4.3.1 Lembranças da educação: conhecimento sobre envelhecimento

Nesse enfoque, podemos captar da fala das idosas, que o seu conhecimento sobre envelhecimento surgira a partir da vivência com idosos. Dessa compreensão, emergiu as categorias de análise: Conhecimento pela vivência, e Conhecimento oriundo de familiares que nos permitiu apontar algumas considerações.

Em linhas gerais, todas idosas desse estudo relacionavam bem com sua família, convivendo e trocando experiências dentro de cada residência, mas quando se fez a pergunta: Naquela época vocês falavam na família alguma coisa sobre envelhecimento? De onde veio esse seu conhecimento?

Das idosas entrevistadas, 80 % (12) referiram não ter tido informação sobre o envelhecimento na sua família e que estes vieram das suas vivências, entretanto, 20% (3) expressaram ter recebido alguma informação dos familiares.

4.3.1.1 Na unidade de análise: conhecimento pela vivência

A concepção das idosas que não receberam informações, era que na época, não se falava sobre o envelhecimento, e o que sabiam originava-se por conviver, acompanhar e observar o que e como acontecia com os idosos e os avós até morrerem. Entretanto, entendiam que com o tempo ia-se ficando velho, mas preparação para envelhecer não existia, hoje é que se tem.

Seus entendimentos foram de que as informações sobre o envelhecimento se originaram nas suas experiências e vivências sociais. No ato de observar, ou de executar, os que sabem ao fazer, ensinam aos que não sabem e assim, em todas as relações do homem se identifica processos sociais de aprendizagens.

Entendimentos, concordantes com Brandão (2011, p. 17-18) que diz: "Tudo que se sabe aos poucos se adquire por viver muitas e diferentes situações de troca entre pessoas, com o corpo, com a consciência, com o corpo-e-consciência. As pessoas convivem umas com as

outras e o saber flui [...]ö. Do mesmo modo, Freire (2000a) refere, que o ser humano se educa nas suas relações sociais, em função do seu inacabamento ou inconclusão. Assim, o idoso ao longo da sua vida, continuamente, vai se educando pela troca dos saberes entre os homens. O seu conhecer como inacabado, leva-o a buscar conhecimento, numa busca que jamais terminará, portanto, permanecendo aberto o caminho, da educação ao longo das relações com o outro (convivência).

4.3.1.2 A unidade de análise: conhecimento oriundo de familiares

Os entendimentos dessas idosas originaram-se dos informes de suas avós, que diziam respeito a saúde, a sua proximidade da velhice na vida dos jovens e aos limites da idade (memória e falta da autonomia) e mostravam as vantagens do bom envelhecimento.

O grupo familiar, sem dúvida é o primeiro espaço social em que começa as construções das concepções sobre o mundo e a vida.

Estes achados são consistentes com a literatura, quando refere que nas famílias antigas, õesses ensinamentos eram dados de pais para filhos e de mães para as filhas [...]. Com o passar do tempo, houve a formalização/institucionalização da educação como campo do saberö (VITORINO; MIRANDA; WITTER, 2012, p. 33). Desse modo, os conhecimentos eram adquiridos pela troca dos saberes entre as gerações. Foi o visto, na análise dessas idosas em que os conhecimentos só foram provenientes das avós o que reafirma o referido acima quando diz: os ensinamentos eram dados das mães para as filhas.

Reiterando a origem dos saberes familiares, tem-se Freire (1995, p. 24-25):

Aquele quintal foi o meu primeiro não-eu geográfico, pois os meus não-eus pessoais foram meus pais, minha irmã, meus irmãos, minha avó, minhas tias e Dadá, uma bem-amada mãe negra que, menina ainda se juntara à família nos fins do século passado. Foi com esses diferentes não-eus que me construí como eu.

Desse modo, seu conhecimento foi originado dos laços familiares, pela comunicação e intercomunicação entre os homens são os processos verificados na vida de cada um.

Assim, essas idosas compreendem a mensagem e percebem a necessidade de se cultivar a saúde e o bom envelhecimento, pelas palavras que estavam gravadas nas suas memórias: todos devem ter o direito a envelhecer e gostar e curtir a sua velhice. Uma velhice saudável é só de prazer e alegria tem que se cuidar para tê-la caso não trabalhe para isso é velhice doença, mesmo sendo jovem se não se cuidar será um doente em qualquer idade.

Segundo Foucault (2011, p. 80), o cuidado de si é uma obrigação permanente que deve durar a vida toda. Não se deve pensar que todo cuidado de si, como eixo principal da arte da vida, fosse reservado somente aos adultos. Paralelamente, porém, entrelaçada com essa formação de jovens (FOUCAULT, 2011, p. 82). Como pode se ver, a literatura vem referendar as concepções dessas idosas, o de se cuidar da saúde durante toda vida do homem, e principalmente enquanto jovem para aproveitar do envelhecimento saudável ao estar idoso.

Portanto, o grupo familiar é sem dúvida, o primeiro espaço social em que começa as construções das concepções sobre o mundo e a vida, vez que apresenta grande influência na formação de conceitos e no modo de pensar.

Enfim, das 15 idosas pesquisadas 12 referiram não ter tido informação sobre o envelhecimento, e só 03 três informaram que seus conhecimentos se originaram por acompanharem o envelhecimento de alguns idosos e seus avós. O número pequeno de idosas que tinha esse conhecimento, pode resultar da expectativa de vida ser baixa e cedo antes de envelhecerem já morriam o que dificultava essa forma de aprendizagens pelas vivências. Do mesmo modo, vale ressaltar, que no período vivido por essas idosas, seu número era pequeno na população geral não sendo, o mesmo, expressivo para pressionar as estruturas governamentais à falarem ou orientarem sobre tal assunto.

Quadro 4 - Arguitiva 2 da categoria geral educação

Idosas	Categoria Geral: Educação	
	Arguitiva 2: vocês conviviam com idosos ou avós?	Categoria Empírica: Convivência com idosos ou avós
	Respostas	Unidades de Análise (Semântica)
Acácia	Eu convivi muito com meus avós paternos. Eles moravam na mesma rua e a noite eu ia para lá jogar baralho com minha avó. Além de ler as revistas que meu avô trazia do seu salão de cortar cabelo. Meus avós maternos morreram de tuberculose muito cedo. Não convivi quase nada com eles.	Convivência com familiares
Angélica	Convivia com meus avós, a nossa relação era boa.	
Amarílis	Sim. Eu ia muito para a casa do meu avô paterno. Depois que meu avô morreu, minha avó foi morar conosco.	
Hortência	Sim. Tinha uma avó que morava na minha casa.	
Margarida	Minha avó vinha na casa dos meus pais e morava distante. Ela sempre passava o dia na casa do meu pai. Conversava as histórias dela com minha mãe, a gente escutava o que ela falava e ficamos com aquilo pra toda a vida, o que a gente escutou. Todos os meus irmãos, os maiores, paravam para escutar o que minha avó conversava.	
Camélia	Lembro muito da minha avó, ela era velhinha já com uns oitenta e poucos anos, mas sempre foi uma criatura muito divertida, gostava de dançar, gostava de recitar poesia. Ela recitava poesia quando tinha uma festa para o povo ouvir e aclamar. Também, foi professora de francês e ensinava as crianças. Minha avó apesar de ter nascido e se criado no engenho, era uma pessoa muito culta. Ela gostava e tinha amor à vida.	
Gardênia	Conheci uma avó. Os outros avós não já tinham morrido. A relação era boa. Morava no mato e morreu com 60 anos.	
Violeta	Convivi com a madrinha da minha mãe e a minha avó materna que moravam com a gente, agora o vovô eu não conheci ele não.	
Prímula	Pouca coisa só quando eu era criança, porque minha mãe foi embora para o sertão. Os meus avós maternos moravam em Afogados, eu conheci pouquíssimas vezes, só fui lá duas vezes. Eu era bem pequenininha, a casa da minha avó era aqui no Recife e no lugar dela hoje está o Banco do Brasil de Afogados. Os avós paternos moravam junto da nossa casa no sítio Cacimba Nova em São Caetano.	
Rosa	Nessa época a gente adorava falar com os idosos. Porque eles tinham palavras muito importantes, muito, muito... para a gente conhecer, conhecer na medida do possível. Tudo que eu aprendi daquela época foram coisas boas. Tudo que aprendi com os idosos foram importantes. Não foi por internet, não que não existia.	
Magnólia	Conheci minha avó a mãe do meu pai. Ela era bem bonitinha, moreninha e vaidosa. Nós a chamávamos de Dindinha, ela era bem vaidosa, gostava de brincos e dizia meninos: òVelha é a estradaõ que história é essa de velho.	
Orquídea	Convivi com meus avós. Minha avó me amava, neta dela era só eu, todo mundo tinha ciúme. Meu avô faleceu cedo e minha avó com 42 anos. Eu fui criada pelo meu tio avô. Ele era casado e não tinha filhos, então criou todos meus irmãos e eu.	
Dália	Convivia com os meus avós. No domingo, quando se juntava meus primos, tios e todos era aquela festa e era aquela festa. Eu os conheci mais pouco porque eles morreram cedo.	
Verônica	Não convivi e não conheci meus avós. A idosa que ia lá em casa e que convivi era uma tia de mamãe. Quando chegava era õbença tia, a senhoraõ e saia pra não escutar as conversas. A gente era muito presa.	
Íris	Não. Não conheci meus avós. Sei dos seus nomes, mas não conheci os avós não.	

Fonte: elaborado pela autora

A partir do quadro acima, podemos captar da fala das idosas, que a convivência com pessoas idosas parte de seu próprio seio familiar. E disso emergiu a nossa categoria de análise: convivência com familiares, que nos permitiu apontar algumas considerações.

4.3.2 Lembranças das vivências familiares: benefícios entre gerações

A realidade familiar dessa época difere das atuais, era marcada pela presença de famílias numerosas, compostas por outros adultos, que nem sempre eram seus pais (tios, avós, primos, etc.), mas com quem estabeleceu relações e os quais participaram da sua formação inicial. Portanto era frequente a convivência com avós e outros familiares, motivo pelo qual, encontrou-se que 93,33% (14) das idosas convivam com avós ou outros idosos. Só uma idosa não conviveu com idosos e nem avós.

Para tanto, é importante referir que as idosas pesquisadas mantinham uma relação construtiva e bem aceita, com seus avós.

4.3.2.1 Na unidade de análise: convivência com familiares

A concepção das idosas sobre essas relações, exprimiam a saudade desses momentos vividos, que externavam ora sentimento de prazer (dito assim: õnessa época a gente adorava falar com os idososõ; õia-se a pé para o sítio brincar, comer banana, goiaba, manga, tomar banho no riacho que ficava por trás da casa e era muito bomõ; õela era muito divertida, gostava de dançar, gostava de recitar poesiaõ) e ora sentimento de orgulho (dito: õela era bem bonitinha, moreninha, e vaidosa [...] e dizia que velha é a estrada que história é essa de velhoõ; õela foi professora de francês [...] e era uma pessoa muito cultaõ) (informação verbal)⁹¹. Assim como, compreendiam ser essas relações momentos de transferência de sabedoria em que ocorriam passagem de conhecimentos, de valores e de cultura (dito por elas passavam conhecimentos importantes e tudo o que aprendi com os idosos foi muito importante, não foi por internet, não; suas histórias, ficamos com aquilo para toda a vida). Assim, õo diálogo entre as gerações traz benefício da melhoria da consciência comunitária, da consciência pessoal dos narradores da cultura e dos mais jovensõ (BOTH, 1999, p. 38).

Para a idosa o entendimento sobre o que foi referido pela avó foi de tamanha importância que os guardou para toda a vida aquele momento. Percebia que as informações

⁹¹ Parte dos depoimentos concedidos à doutoranda pelas idosas.

emitidas nesses encontros eram de grande valia e significação e ainda hoje quando já idosa lembra-se desses ensinamentos. Eles (os avós e idosos) eram muito admirados pelos seus netos que nunca esqueceram, das brincadeiras, dos momentos sociais, e dos ensinamentos, essas suas lembranças expressavam a felicidade com a volta ao momento vivido retidos na memória.

Este relato é consistente com a literatura que descreve bem, esta relação dos avós com os netos ao dizer: "Aos avós não cabe a tarefa definida da educação do neto: o tempo que lhes é concedido de convívio se entretém de carícias, histórias e brincadeiras" (BOSI, 2009, p. 74). Entretanto, a concepção de Brandão e Mercadante (2009), fala a respeito da transmissão do legado geracional, dos valores familiares transmitidos de uma geração a outra e os avós além de ocupar um lugar de afeto na vida dos netos, proporcionam um exercício salutar de aprendizagem a convivência intergeracional, criando a oportunidade de intercâmbio do conhecimento e algumas influências mútuas surgem dessa troca.

Assim como, em outras referências literárias citam serem as relações familiares intergeracionais, profícuas, por perceberem que nessas relações há uma combinação de apoio e de troca que visa a beneficiar e consolidar os laços familiares (BACELAR, 2002; BOTH, 2001; CAMARANO, 2004). Do mesmo modo, que possibilita a interação social com troca de conhecimento e renovação dos princípios da ética e da solidariedade (BOTH, 2001; BACELAR, 2002). Dessa maneira, ambos crescem e suas relações se solidificam.

Segundo Nead e Heyman (apud SCHRAMM; MERCADANTE, 2006, p. 197):

Através das avós as crianças aprendem a compreender alguma coisa sobre a realidade do mundo não apenas anterior a seu nascimento, mas anterior ao nascimento de seus pais... As crianças podem imaginar o mundo real ao qual não pertença ninguém que elas conheçam e assim, podem também começar a pensar sobre um mundo futuro que se estende vigorosamente, embora ele ainda seja desconhecido, além das vidas dos filhos que terão algum dia, e das vidas dos filhos de seus filhos. A experiência do passado lhes dá os meios de imaginar o futuro. Através dos avós as crianças aprendem todo o ciclo da vida, o que é ter filhos criados, ter vivido uma vida inteira, ter completado as tarefas, que cada um impôs a si mesmo e ter envelhecido [...] Da voz e das mãos de uma avó o fim da vida é conhecido em seu início.

Memória de uma história de vida, das idosas pesquisadas, completa de vivências, de lembranças e de recordações. Essas lembranças provocaram um estado de volta ao momento vivido, só que agora em sonho. Lembranças que quando narradas, estavam repletas de emoções (pausas, silêncios e lágrimas) e que externavam a saudade da relação de carinho, de amor e de admiração delas para com os seus avós.

Quadro 5 - Arguitiva 3 da categoria geral educação

Continua

Idosas	Categoria Geral: Educação		
	Arguitiva 3: O que de mais importante você se recorda ter aprendido na sua escola?	Categoria Empírica: Aprendizagens na escola	
	Respostas	Unidades de Análise (Semântica)	
Acácia	Eu mais gostava era das aulas de português. O professor era o diretor da escola e ele era muito bom, tinha um timbre de voz forte e firme, o que eu conheço de português hoje eu devo a esse professor, ele era muito bom mesmo.	Ler, escrever e estudar (Disciplinas)	
Angélica	Foi aprender a ler. Eu me desasnei, aprendi a conhecer as letras, juntar para suletar. Eu assuletrava meu nome! Eu gosto de estudar, o período do Mobral foi muito bom... e era aquela alegria toda, poder ir para o Mobral. Esse período foi muito bom. Preparava a janta e era aquela alegria toda poder ir para o Mobral.		
Amarílis	Nem sei, eu era louca por voleibol assim, de jogar voleibol. Naquele tempo o respeito, a maneira de tratar, a consideração, com os professores e as pessoas era muito grande.		
Hortência	Lembro que aprendi a bordar, isso aí eu lembro. Ensinavam a fazer algumas coisas de culinária entendeu?		
Margarida	Não estudei. Eu só levava meus irmãos na escola. Chegava na porta, entregava e ia embora. Voltava na hora de largar, novamente. Apanhava e vinha embora. E os meus filhos, todos estudaram, e era a mesma coisa que eu fazia (era levar e buscar). Por isso não tenho conhecimento de estudo não.		
Camélia	O que de mais importante que aprendi foi o respeito, em primeiro lugar e em segundo a importância do estudo para a vida. Diziam: vocês lutem para serem independentes, não tenha medo do sacrifício para estudar. Porque com o estudo vocês vencem e isso só depende de vocês. O professor dizia isso muito e à gente vê que realmente é uma verdade. Eu me lembro das aulas de matemática.		
Gardênia	Nunca fui pra escola.		Atividades complementares (Esportes, Artes, Culinária, Práticas cívicas e Idiomas)
Violeta	Naquela época a gente tinha no curso da gente aula de Artes, à gente aprendia a bordar, aprendia a fazer trabalhos de gesso. E foi onde eu aprendi a fazer as coisas que ganhei muito dinheiro à custa das escolas em que eu estudei.		
Prímula	A gramática de português Júlio Pires era maravilhosa, ali ensinava tudo, ditongo, tritongo, essas coisas todas eu vou até procurar por ela para guardar de lembrança. Também da tabuada me lembro, principalmente do sem vergonha do menino, que sabia a tabuada todinha só para poder dar na gente de palmatória quando se errava. Ah, levei palmatória do safado do menino, ele estudava só para dar na gente. Recordo ver o meu pai chorando, porque não tinha como pagar meus livros, pois ele já estava doente e aí minha mãe disse: "Por que você está chorando? A gente vai pagar os livros dela, custou dezoito e pouco, a bíblia sagrada, e a gramática de Júlio Pires. No primário daquele tempo tinha geografia. Imagina você no Sertão, estudar Europa, Ásia, África etc. Meu Deus. A geografia eu achava difícil de entender, mas era divina para mim, uma beleza, era como se fosse um túnel se abrindo e mostrando o mundo.		Ausência de estudo
Rosa	Ler. Que escrever, eu escrevo. Mas escrever, matemática... matemática de cabeça eu sei, mas que eu aprendi na escola nada. Sou muito ruim em matemática. Ensinamentos... A carta de ABC ensinava o alfabeto todinho em letra maiúscula. Pra depois comprar uma cartilha.		
Magnólia	Para ser sincera, de nada. Foi culpa minha não ter aprendido		

Quadro 5 - Arguitiva 3 da categoria geral educação

Conclusão

	nada, só sabia copiar. Recordo da ginástica, tinha ginástica naquele tempo. Tinha muita brincadeira, muita coisa, muita diversão, era diferente de hoje. Tinha professora de arte que ensinava a fazer crochê, a pintar e a bordar, mas de estudo não aprendi nada.	
Orquídea	Eu gostava das aulas só não das aulas de francês, latim e matemática. A que eu mais gostava era das aulas de História, elas eu adorava, voava na história, era muito bom, era maravilhoso. São tantas as recordações o que de maior importância me lembro era a obediência, o respeito e o amor à pátria demonstrado todos os dias se cantando o Hino Nacional e o Hino da Bandeira.	
Dália	Foi aprender a assinar meu nome. Eu poder assinar meu nome foi muito bom. Chegar num cartório, assinar e assinei. Até votei muito e a cartilha do ABC.	
Verônica	O que eu aprendi foi lidar com o público. Justamente, quando eu era escolhida assim pra, se viesse uma pessoa, quisesse falar, pediam a mim falar assim. Quando era 07 de setembro, só eu que recitava, subia, tinha um negócio ali pra subir, pra recitar aquelas poesias bonitas. O ditado, porque tinha a carta assim, e tinha o ditado que elas escreviam, ficava falando pra gente acompanhar, usava o ditado, escrevendo. Eu penso que por isso depois eu fiz Taquigrafia. Que eu achava tão lindo escrevendo rápido. Ditado, dissertação e também fazer poesia não, era...	
Íris	Foi o primário, com isso me criei, cresci e vivi até hoje. O primário foi tudo pra mim, para minha vida e o meu trabalho. Eu gostava de estudar, nunca gostei de matemática, o que eu mais gostava era história. Gostava de saber das coisas do mundo. <u>Na</u> escola os ensinamentos me fizeram viver melhor com o que eu aprendi e porque fiz esse primário.	

Fonte: elaborado pela autora

A partir do quadro acima, podemos captar da fala das idosas, que as lembranças preservadas da escola e que foram compartilhadas com amigos e professores, fazem parte das vivências nas suas histórias de vida, cuja educação permitiu a essas idosas, a leitura de mundo e o desenvolvimento de habilidades e/ou competências comunicacionais e artísticas, entre outras. A partir disso, emergiram as nossas categorias de análise: ler, escrever e estudar; atividades complementares e ausência de estudo que nos permitiram apontar algumas considerações.

4.3.3 Lembranças na aprendizagem da escola

Verificou-se que essas idosas quando questionadas sobre o que de mais importante elas se recordam de ter aprendido nas suas escolas, 46,67% (07) afirmaram ser: ler, escrever e estudar (disciplinas); para 26,67% (04) foram as Atividades complementares (Esportes, Artes, Culinária, Práticas cívicas e Idiomas); para 20,00 % (03) a ausência de estudo e 6,66 % (01) disseram ser: Ler, escrever e estudar e Atividades complementares.

4.3.3.1 Na unidade de análise: ler, escrever e estudar

Para muitas das idosas, a educação proporcionou valoração do ser humano e cidadania. Como o caso de D. Angélica: “Eu me desasnei, aprendi a conhecer as letras, ajuntar para “suletarø Eu “assuletravaø meu nomeø! Seu entendimento era como dizer: eu me capacitei, eu sou gente, eu sou alfabetizada. Expressava uma felicidade desmedida ao dizer: “eu gosto de estudar, ou o período do Mobral foi muito bom [...] e era aquela alegria toda, poder ir para o Mobralø (informação verbal)⁹² sua compreensão era a de poder estar convivendo e participando da sociedade como todos os demais (por mais que se queira descrever com palavras, essas emoções vividas por essa idosa, não se consegue ser real). Assim, o processo da alfabetização segundo Both (2001), nada mais é que o processo de conscientização, isto é, o caminho do homem para assumir sua palavra e determinar seu destino. Assim, “educar não é apenas acabar com o analfabetismo, mas transmitir valores e informações. É criar condições para participação social de todosø (BRANDÃO; MERCADANTE, 2009, p. 86). Sem dúvida, uma alfabetização que permitisse a observação da realidade, levando o alfabetizado a ler não apenas palavras, mas a vida que o cerca (FREIRE 2007). Talvez o sentido exato desta alfabetização seja: “aprender a escrever a sua vida, como autor e como testemunha de sua história, isto é biografar-se, existenciar-se, historicizar-seø (FREIRE, 2010, p. 8).

Da mesma forma, surgem particularidades, no narrado e no entendimento de D. Prímula que vê seu pai chorar por não ter o dinheiro para arcar com seus livros. Foi tão marcante essa experiência que passados mais de 70 anos do ocorrido, quando as lembranças são revividas, os detalhes mais entendidos, de um valor nunca esquecido (olhos são umedecidos), do mesmo modo, suas aulas de geografia que estão na memória da criança lá do

⁹² Depoimento de D. Angélica, em 26/05/2015.

sertão, que pôde estudar Europa, Ásia, África, etc. e que dizia ser este o túnel através do qual abria-se o mundo. Assim, percorre-se o mundo, através do túnel que se abre para a vida e pode-se sonhar! Hoje as experiências vividas pela menina do sertão, aquele mundo que outrora era só imaginação é consolidado, a memória vivida no passado torna-se presente e real na sua vida (viagem que fez a Europa recentemente).

A memória do passado vivendo no presente de uma vida e assim, D. Prímula percebeu o valor das lágrimas e o preço dos livros...

4.3.3.2 Na unidade de análise: as atividades complementares

Nas recordações das idosas emergiram valores como a obediência, o respeito e o amor à pátria, ao se cantar o Hino Nacional e o Hino da Bandeira, e que a emoção do momento regatava no homem os valores da moral e da ética. E os cursos oferecidos permitiram que muitas delas, desenvolvessem habilidades e/ou competências para seu sustento econômico e independência financeira, além de deterem um ofício. Assim sendo, a qualidade das artes plásticas (estética), possui a finalidade de convidar a que, pelas palavras, imagens e sons, os alunos possam melhor aprender o universo de práticas de relação com a vida dentro do universo de impressões (BOTH, 2001). Portanto, a as artes (estéticas) passa a ser outro modo de transmitir os saberes do universo, entretanto, reconstruídos dentro da realidade configurada na cultura.

Em linhas gerais, constata-se pelas memórias preservadas das idosas sobre o período escolar, que tais recordações estão associadas aos aspectos dos seus interesses educacionais, aperfeiçoamento pessoal e seus objetivos de vida, como forma de movê-las e orientá-las. Conhecimento que é referendado por Both (1999, p. 94), ao dizer que: o objetivo educacional reside em pôr em relevância aos interesses, preservação e o aperfeiçoamento da vida nas suas funções biopsicossociais com vistas a qualificá-la intensiva e extensivamente durante todo seu ciclo.

Verifica-se quanto, a satisfação com a realidade da vida, o que simboliza mínimo para muitos pode representar o máximo de outros, o essencial é que todos são seres iguais.

O que mais importa é saber que, apesar de se ter percursos distintos, o término de todos tem o mesmo final.

4.3.3.3 Na unidade de análise: ausência de estudo

Ressalta-se que em algumas falas, a percepção da tristeza em todas essas entrevistadas quando falam das suas aprendizagens escolares, pelo fato de não terem estudado ou por não saberem ler. Modos distintos, tentam justificar seu problema particular, como pode ser visto: D. Margarida não teve estudo, por precisar trabalhar (cuidar de seus irmãos e depois dos filhos), motivo que não lhe foi oportunizado estudar. Todavia, o valor que dá ao estudo fez com que colocasse todos seus filhos a estudar. É importante referir, que atualmente essa idosa está sendo alfabetizada na UNATI/UFPE; D. Magnólia, entende sua falta de estudo como resultante da falta de empenho em aprender, pois lhe foi oferecido em criança esta oportunidade. Entretanto, hoje está se alfabetizando na UNATI/UFPE; D. Dália diz que a recordação mais importante da sua educação foi aprender a assinar meu nome. Na sua concepção o poder assinar o nome no cartório, e assinar o nome para votar é ser igual a qualquer cidadão. Votar é dizer que tem o mesmo direito, o mesmo valor e importância que os demais seres humanos.

Por fim, ressalta-se que a percepção da ausência de estudo, é retratada pela tristeza das entrevistadas quando falam das suas aprendizagens escolares e ao dizerem, que nada sabem. Entretanto, não se omitem em expressar pelas suas ações, a importância dada ao estudo.

Empenharam-se para que todos seus filhos estudassem, não só por saber que o estudo é importante para vida, mas por compreenderem que o estudo prepara o homem, aumenta seu conhecimento e cria novas e melhores oportunidades na vida.

Em todas as três unidades de análise, se verifica que as idosas atribuem a educação um grande valor, cada grupo com sua especificidade, entretanto, todas reconhecem a sua importância para vida. Sendo mais expressivo o valor atribuído ao Ler, escrever e estudar (disciplinas) por 07 idosas, Atividades complementares (Esportes, Artes, Culinária, Práticas cívicas e Idiomas) por 04 idosas e uma referiu essas duas unidades as coisas mais importantes trazidas na memória do seu período escolar. Enquanto 03 idosas externaram a sua tristeza por nada terem aprendido.

Assim, foi reconhecido por todas idosas a importância do estudo, sendo este o responsável por fazer o homem sair da inconsciência e ir em busca do conhecimento, em busca da sua conscientização.

Quadro 6 - Arguitiva 4 da categoria geral educação

Idosas	Categoria Geral: Educação	
	Arguitiva 4: O que é aprender?	Categoria Empírica: Conhecimento sobre aprendizagem
	Respostas	Unidades de Análise (Semântica)
Acácia	Aprender é renovação porque ficar parada não procurar nada para melhorar, você vai murchar.	Conhecimento da vida
Angélica	Aprender é bom, saber das coisas é melhor, sempre busco aprender mais e mais.	
Amarílis	Conhecimento, não é? Ter e buscar conhecimento.	
Hortênci	Aprender? Não sei lhe dizer não. Acho que é importante. Sim. Acho que é útil, é importante.	
Margarida	Aprender é força de vontade que a gente tem. Quer dizer que ãaprender é força de vontade é quererõ. Se eu hoje estou na escola, por quê? Porque estou com vontade de aprender alguma coisa e pra frente eu orientar mais alguma coisa a alguém.	
Camélia	Eu acho quanto mais à gente vive mais aprende, porque a vida é uma escola, quanto mais à gente vive, mais a gente aprende.	
Gardênia	Aprender e conhecer as coisas é muito bom. Quando quero aprender, eu aprendo e faço. Aprender é um divertimento. Tudo o que você aprende, eu acho pra minha pessoa um divertimento.	
Violeta	Aprender sempre é bom, nunca é demais. E transmitir também o que sabe é bom. Não guardar pra si. Pois é.	
Prímula	O aprender é contínuo durante toda vida é um bem necessário para se viver. Viver é um eterno aprender.	
Rosa	Olha, aprender, aprender é ficar mais atualizada, não é. Ficar mais atualizada.	
Magnólia	Eu acho que aprender é fazer parte da vida. Porque enquanto há vida, tem o que se aprender. Aprender é viver e fazer parte da vida.	
Orquídea	Dou o maior valor ao aprender nossa é demais. Eu gosto de aprender. Nada eu falo que não posso fazer, se você faz, eu também faço.	
Dália	Saber das coisas, saber entrar e sair nos cantos.	
Verônica	Eu acho que aprender pra mim é a gente saber pra quando encontrar uma pessoa que não sabe e a gente passar.	
Íris	Aprender é um meio de viver de saber das coisas e saber viver. Aprender é saber viver, precisa-se aprender para viver melhor.	

Fonte: elaborado pela autora

A partir do quadro acima, podemos captar da fala das idosas, que a aprendizagem se relaciona com o conhecimento vivenciado por cada idosa. A partir disso, emergiu a nossa categoria de análise: conhecimento da vida.

4.3.4 Lembranças do aprender: conhecimento da vida

O aprender representa um aspecto fundamental na vida desses idosos, seus relatos demonstram o grande valor dado a este atributo. Desse modo, a percepção das idosas entrevistadas, sobre o que é o aprender, só registrou na sua totalidade avaliações de aspectos positivos nas suas vidas como pode ser demonstrado.

4.3.4.1 Na unidade de análise: conhecimentos da vida

Em linhas gerais, as idosas discorrem sobre o aprender como renovação entendem que se trata de procurar melhorar o conhecimento no aspecto geral. Perder a vontade de aprender, é não mais se interessar pelas coisas da vida, é começar a morrer. Por isso, buscam o aperfeiçoar em algo de seu interesse e nos locais que ofereçam está oportunidade de aprender, de integrar, de participar e de conhecer as coisas ao seu entorno extensivo à sociedade, ou melhor, ao mundo.

Ainda elas percebem que, quanto mais vivem mais aprendem, repassando a ideia e a compreensão de que se aprende a todo o momento, em todos os lugares e este aprender é extensivo, a toda vida. O aprender oportuniza a ideia do conhecer das coisas do interesse e sob uma contextualização de prazer, de alegria ou de lazer, como se fosse um divertimento agradável e é assim que se aprender a conhecer. Após aprender a conhecer, passa a fazer o que foi aprendido (õaprendo e façoö).

Assim, o aprender está associada a evolução contínua da busca pelo saber ao longo da vida, cujo valor é elencado como elemento principal e indispensável para o viver, e conclui dizendo: ÷Viver é um eterno aprenderö (informação verbal)⁹³.

Segundo Both (2001, p. 129), ÷o aprender ou a aprendizagem significa à renovação dos estoques existenciais mediados pela interação com vistas no desenvolvimentoö, isto é mediado pela convivência entre os homens. Desse modo, as relações de interação do homem com a sociedade ou com suas redes sociais possibilita o seu aprender. Não se devendo esquecer que nos idosos: a natureza impõe suas leis, podendo a cultura ampliar suas possibilidades desde que se tenha um olhar compreensivo sobre as suas limitações.

⁹³ Depoimento concedido por D. Prímula à doutoranda, em 29/07/2015.

Nessa associação de ideias e por modos diferentes de ver sobre o aprender, percebe-se ser o homem um produto do meio no qual está inserido sofrendo influência do mesmo e refletindo o pensar não só seu, mas o pensar coletivo, o pensar desta sociedade que participa.

Dessa mesma maneira, a sua aprendizagem e o conteúdo do que aprendeu, são mediados pelo exterior (relações, ambiente, etc.), enquanto o aprender não, neste eu sou o sujeito da ação: eu aprendo quando, como e o que quero.

Segundo Cunha (apud HADDAD, 1986, p. 90), diz o aprender é um processo que se origina na pessoa: aprender é descobrir, é apropriar-se de algo, é assimilar novos valores, ideias e convicções pessoais. Portanto, por ser o homem inacabado, precisa aprender em toda oportunidade de convivência e ao longo da vida. Afirmativa que é referendada no relato de Debert (2012, p. 130), quanto ao que diz a idosa pesquisada dum asilo: "Eu estou aprendendo muito, até aqui aprendo. Todo dia aprendo alguma coisa".

Quanto ao que é o aprender, analisando-se as percepções das idosas pesquisadas, foi possível identificar os seus quatro pilares da educação e alguns de seus postulados. As quais são enumerados como segue:

- a) a vida é uma escola (local ou espaço físico de transmissão dos saberes);
- b) aprender é contínuo durante toda vida (educação permanente);
- c) aprender é conhecer as coisas (aprender a conhecer);
- d) quando quero aprender, eu aprendo e faço (aprender a fazer);
- e) aprender é viver e fazer parte da vida. (aprender a viver);
- f) aprender é renovação é o aperfeiçoar em algo de seu interesse e nos locais que ofereça esta oportunidade e integrar, participar e conhecer as coisas ao seu entorno extensivo à sociedade, ou melhor, ao mundo (aprender a ser).

Percebe-se pelas vozes das idosas, (o aprender começar pelo conhecimento de si, até o ser) que as suas concepções da educação são semelhantes à referida por Werthein e Cunha (2005, p. 24) ao dizer que a educação é antes de mais nada uma viagem ao interior do homem, cujas etapas correspondem a da maturação contínua da sua personalidade.

É importante frisar, que o nível de escolaridade das idosas que chegaram a essa compreensão sobre a educação é limitado. Fato que permite dizer que, a compreensão do mundo depende mais da sensibilidade para com ele, do que o valor exorbitado ao nível da sua formação.

Nesse sentido, atreve-se a dizer que: Na beleza da simplicidade do homem que muitas vezes se encontra a profundidade de um saber.

Por fim, a percepção das idosas entrevistadas, sobre o que é o aprender, registrou na sua totalidade aspectos construtivos e favoráveis ao viver e ao envelhecer na vida, embora, por modos distintos de entender o que seja o aprender. Atribuiu-se a essa pluralidade, pelo motivo do homem ser um ser de relações sociais, sofrer influência do meio onde está inserido, e reproduzindo o pensar desta sociedade onde se encontra. Devido, ao idoso estar inserido e interagindo em ambientes e sociedades diferentes, pode ser este o motivo das várias formas do seu entender o que é o aprender.

Quadro 7 - Argutiva 5 da categoria geral educação

Idosas	Categoria Geral: Educação	
	Argutiva 5: O que é educação?	Categoria Empírica: Compreensão sobre educação
	Respostas	Unidades de Análise (Semântica)
Acácia	Educação é a coisa mais importante que a gente tem na vida. A educação começa desde o momento que se nasce, e vai até o fim da vida. O bebe já começa a sua educação desde cedo, aprendendo a horinha de mamar, de dormir, etc. A sabedoria da mãe é passada para o bebê. Sua educação começa antes de ir para escola. A educação tem uma força muito grande na vida da gente. Não tem país que vá para frente sem educação	Compreensão do tudo da vida
Angélica	Educação é uma coisa boa, é ser educado tratar as pessoas bem.	
Amarílis	É tudo, é primordial na vida, conduz para uma boa ética e para um bom convívio.	
Hortência	É respeitar, ser honesto, que eu aprendi também isso deste cedo, pontualidade, essas coisas.	
Margarida	Educação, eu acho que é tratar bem, respeitar, não ter boca suja para o palavrão com ninguém e tratar bem. A gente entrar e sair, bom dia, boa tarde, muito obrigado. A educação é tudo, sem ela não se consegue viver.	
Camélia	A educação, eu acho que é abertura para tudo na vida, começa pela educação doméstica, logo em casa, e depois aí o estudo, que é a garantia do amanhã.	
Gardênia	Educação é muito bom. Educação é a gente saber viver no mundo, tratar bem e ser respeitada. Sua importância eu acho que a educação é tudo na minha vida.	
Violeta	Que é necessário, e todo mundo precisa. A educação é muito importante na vida e a pessoa que não tem educação não tem nada, é saber respeitar, é saber entrar e sair.	
Prímula	A educação é primordial em todos os sentidos na vida do homem. Sua importância é demasiada, é base de tudo. Tem-se a educação do berço que é a da família e a educação geral é dada pela escola, é respeitar seus professores e os outros. Saber que um país civilizado é educado.	
Rosa	É saber entrar e sair, saber falar na hora certa, e saber se comportar.	
Magnólia	Eu acho que a educação vem da mãe da gente, que criou a gente explicando o que é a vida, então com aquilo ali ela me educou.	
Orquídea	Eu acho que a educação é tudo; é o fator básico da vida.	
Dália	Eu acho que foi aquela que a minha mãe me ensinou: tratar bem, não olhar a quem. Respeitar os mais velhos pra ser respeitada sempre ela disse assim, sua importância é tudo na vida.	
Verônica	Respeitar a vontade do outro, não falar pornografia e não ter boca suja.	
Íris	Educação é a melhor coisa da vida porque sem educação ninguém é ninguém.	

Fonte: elaborado pela autora

A partir do quadro acima, verifica-se pelas lembranças preservadas na memória dessas idosas que a educação, era considerada pela sua totalidade (100%), como fator de grande importância no cotidiano das suas vidas.

Em linhas gerais, as vozes das idosas apontam ao entendimento da educação (informal e formal) como fator de grande importância por ser fundamental e necessária para se viver.

Transferindo conhecimentos na família, na escola e na sociedade de forma geral por um desenvolvimento contínuo durante toda sua existência.

Na categoria empírica compreensão sobre educação, pela semântica foi identificada a unidade de análise: compreensão do tudo da vida.

4.3.5 Lembranças da educação: compreensão do tudo da vida

Nesse ensejo, está a se buscar a mensagem, o sentido encontrado por trás das palavras quando da análise do narrado das idosas estudadas. Sobre o que é a educação, tem-se as concepções de: D. Acácia ao dizer: ãa educação é a coisa mais importante que a gente tem na vidaõ (informação verbal)⁹⁴ o seu entender é de que a educação é o máximo, a excelência da suprema grandeza ou algo de valor que não possa nem ser aquilatado. Iniciada, no nascimento e indo até o fim da vida, ou seja, é uma educação que acontece ao longo da vida, e que acompanha todo o seu percurso em que ãa sabedoria da mãe é passada para o bebê. Sua educação começa antes de ir para escolaõ (transferência de cultura, hábitos, costumes e valores, através das gerações) (informação verbal)⁹⁵.

Entendimentos, que são consistentes com os da literatura que sugere ser a educação parte na vida das pessoas desde o nascimento à morte, num continuum educativo e de acordo com seu estágio maturacional (BRANDÃO; MERCADANTE, 2009; DELORS, 1999; NERI; CACHIONI, 1999). Desse modo, está presente na vida humana desde as primeiras formas de socialização e é a partir dessas experiências inicialmente na família (diálogo entre as gerações e trocas de saberes) e posteriormente na sociedade (VITORINO; MIRANDA; WITTER, 2012) que os saberes vão sendo formados.

D. Orquídea ao dizer, ãa educação é tudo: é o fator básico da vidaõ (informação verbal)⁹⁶, entende que ela representa o tudo da dimensão do universo, da integralidade do mundo, ou seja, não existe nada maior que ela. Ela é o tudo do todo de sua compreensão. Entendimento compatível com a literatura que lembra que a educação desenvolve as características essenciais do ser humano (OLIVEIRA, 2009, p. 14), isto é, características básicas, imprescindíveis, indispensáveis, e que não podem faltar, portanto ela é a base da vida.

⁹⁴ Depoimento concedido por D. Acácia a doutoranda, em 20/05/2015.

⁹⁵ Depoimento concedido por D. Acácia a doutoranda, em 20/05/2015.

⁹⁶ Depoimento concedido por D. Orquídea a doutoranda, em 11/08/2015.

Quando D. Margarida fala: õsem a educação não se consegue viverö (informação verbal)⁹⁷, sua percepção vem reafirmar a dimensão da educação, ou seja, sem ela não há vida, portanto, ela é essencial para o viver. Afirmação que encontra-se de acordo com a literatura que diz que para saber, para fazer, para ser, para viver e conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação (OLIVEIRA, 2009, p. 16). Por isso, pergunta-se, será possível separar a educação da vida do homem? Segundo, Corttelletti e Casara (2006a), toda a vida do homem se constitui num processo educativo, que se dá durante todo tempo e em todas as dimensões da existência humana. Portanto, baseando-se nessa concepção, torna-se o homem inseparável da educação na sua vida.

D. Camélia, compreende a educação de outra forma, ao expressar que õa educação é abertura para tudo na vida, [...] e o estudo a garantia do amanhãö (informação verbal)⁹⁸, entende que a educação é o caminho, da aquisição do conhecimento, e a garantia do amanhã (a garantia do sucesso profissional). Afirmativa de acordo com outros autores, como pode ser visto por: Casara (2006, p. 8) a educação é õo caminho para o desenvolvimento do homem e da sociedadeö. Delors (2010, p. 9) que profere que õo papel essencial da educação é o desenvolvimento contínuo das pessoas e das sociedades [...] para a diminuição da pobreza, da exclusão social, das incompreensões, das opressões [...]ö. Bem como, Alencar (2002, p. 67) expressa que õa educação está voltada a formação profissional [...] e a serviço do homem no seu processo continuado de tomada de consciência e de crescimento pessoal interminávelö.

Ao referir, D. Prímula, ser a educação primordial em todos os sentidos na vida, compreende que é a base de tudo, o alicerce, a sustentação, e o direcionamento do homem.

Desse modo, pelo estudo vai sendo construído o conhecimento que tem por objetivo levar a realização plena da pessoa humana, isto é, permitir ao homem ser ele próprio, dotá-lo da capacidade de dominar e buscar o seu desenvolvimento e posteriormente, contribuir para sociedade onde vive (WERTHEIN; CUNHA, 2005, p. 24).

Assim, D. Íris ao narrar que: õeducação é a melhor coisa da vida porque sem educação ninguém é ninguémö (informação verbal)⁹⁹, seu entendimento traz, a compreensão que a educação é a grandeza maior na vida, e que sem ela, você não é nada ou inexistente como ser humano.

⁹⁷ Depoimento concedido por D. Margarida a doutoranda, em 17/06/2015.

⁹⁸ Depoimento concedido por D. Camélia a doutoranda, em 08/0/2015.

⁹⁹ Depoimento concedido por D. Íris a doutoranda, em 28/08/2015.

Por fim, para compreender integralmente o entendimento das idosas sobre o que é educação, buscou-se nas suas vozes o núcleo central de suas definições, enumerou-se de forma a facilitar sua compreensão e análise, como se demonstrado abaixo:

1. Educação é a coisa mais importante que a gente tem na vida. 1. A educação começa desde o momento que se nasce, e vai até o fim da vida. 1. sabedoria da mãe é passada para o bebê.

2. Aprender é bom. 2, aprender é importante porque a gente aprende as coisas da vida.

3. É tudo, é primordial na vida. 3.conduz para uma boa ética e para um bom convívio.

4. É respeitar, ser honesto.

5. Educação, eu acho que é tratar bem, respeitar. 5. A educação é tudo, sem ela não se consegue viver.

6. A educação, eu acho que é abertura para tudo na vida.

7. Educação é a gente saber viver no mundo. 7. educação é tudo na minha vida.

8. É necessário, e todo mundo precisa. 8. A educação é muito importante na vida e a pessoa que não tem educação não tem nada.

9. A educação é primordial em todos os sentidos na vida do homem. Sua importância é demasiada, é base de tudo.

10. É saber entrar e sair, saber falar na hora certa, e saber se comportar.

11. A educação vem da mãe da gente, que criou a gente explicando o que é a vida.

12. Eu acho que a educação é tudo; é o fator básico da vida.

13. Foi aquela que a minha mãe me ensinou: tratar bem, não olhar a quem. Respeitar os mais velhos para ser respeitada sua importância é tudo na vida.

14. Respeitar a vontade do outro.

15. Educação é a melhor coisa da vida.

15. Porque sem educação ninguém é ninguém.

Em síntese, com a utilização dos fragmentos desses entendimentos das idosas (cada qual com seu ângulo de visão), buscou-se a unificação do significado do que era a educação para elas, e assim, pode-se fazer a seguinte composição:

õA educação é importante, necessária e primordial, isto é, o fator básico da vida ao homem, e a melhor coisa. Origina-se com o nascimento e vai até o fim de forma que a sabedoria dos conhecimentos são passados de geração a geração. A educação é o caminho da vida, o norte das normas da ética para o convívio e o viver no mundo. Enfim, a educação é o

tudo da vida. Sem ela não se consegue viver, sem a educação ninguém é ninguém (inexiste vida). **Logo, a educação é vida** (informação verbal)¹⁰⁰.

Buscou-se, no refrão da música nordestina do cantor e compositor Alcymar Monteiro, o aporte para sedimentar este entender: “Ninguém é ninguém”.

“[...] Da vida não levo nada, do jeito que a vida vem. Depois de fechar os olhos ninguém é ninguém” (MONTEIRO, 2016).

Quadro 8 - Argutiva 6 da categoria geral educação

Idosas	Categoria Geral: Educação		
	Argutiva 6: A educação trouxe algum benefício para sua vida?	Categoria Empírica: Benefício pela educação	
	Respostas	Unidades de Análise (Semântica)	
Acácia	A educação trouxe grande benefício para mim, se não tivesse educação não estaria na posição que estou hoje. Ter condição de sustentar a família sem ajuda dos outros.	Perspectivas à vida (Com benefício)	
Angélica	Ela trouxe benefícios para mim, me alfabetizar, fazer física, fazer o jogo da mente que é muito bom.		
Amarílis	Com certeza, não é? Com certeza.		
Hortência	Muito.		
Margarida	Não trouxe. Não tive estudo, mas aprendi viver com toda a qualidade. Por exemplo. Se eu chego num lugar que eu não conheço o lugar, não conheço ninguém, eu piso no chão devagar, olho pras qualidade, e pergunto mais ou menos, “Tudo bem? Tudo bem”. “Ah, que setor é esse aqui, que eu estou chegando não tenho muito conhecimento”. Então, alguém vai orientar, vai informar.		Perspectivas à vida (Sem benefício)
Camélia	Trouxe muito benefício, graças a Deus, porque a gente com a educação pode caminhar mais segura.		
Gardênia	Com certeza. A educação facilita bastante à vida. Aprender é um divertimento. Tudo o que você aprende pra minha pessoa é um divertimento.		
Violeta	E como trouxe. A pessoa sem educação não é nada. E tem que ter princípios morais, também.		
Prímula	Sim. Trouxe tudo.		
Rosa	Trouxe. Eu saber ser honesta em todos os sentidos. Trouxe a autoridade dos meus pais que me orientaram muito a maneira deles e foi muito boa para mim.		
Magnólia	Trouxe sim. Eu poder estar aqui. Eu lembro quando mãe dizia: “Gente, aprenda, vá para os livros, que aprender é bom, faz você poder ter um dia melhor”.		
Orquídea	Ela trouxe benefícios a minha vida e influenciou meu envelhecimento eu saber das coisas. Bom do meu tempo para cá... as crianças de agora é que não tem educação nenhuma, antigamente todas tinham.		
Dália	Sim. Eu acho que trouxe e ajudou muito.		
Verônica	A educação me trouxe benefícios, como participar de grupos importantes na igreja (ser ministro da eucaristia). Para mim, “ser ministro da eucaristia foi tudo na minha vida”.		
Íris	Trouxe. A educação é tudo é o princípio de tudo quem não tem educação não sabe viver, não sabe se movimentar, não sabe nem falar.		

Fonte: elaborado pela autora

¹⁰⁰ Depoimento concedido pelas idosas à doutoranda.

4.3.6 Lembranças da educação: perspectivas para uma vida

Buscou-se nas lembranças das histórias de vida das idosas desta pesquisa se a educação trouxe benefício para a vida desses longevos. Quanto à questão: A educação trouxe algum benefício para sua vida? Na categoria empírica: Benefício pela educação, identificou-se pela semântica a unidade de análise Perspectivas à vida (Com benefício) e Perspectivas à vida (Sem benefício).

As lembranças conservadas na memória dessas idosas e ao serem questionadas se a educação trouxe algum benefício para sua vida, 93,33% (14) afirmaram que sim enumerando suas qualificações pessoais como benefício, e enquanto 6,67 (01) não percebeu este benefício.

4.3.6.1 Na unidade de análise: perspectivas à vida (com benefício)

Ao analisar o entendimento das idosas sobre o benefício da educação nas suas vidas tem-se: D. Acácia que na sua compreensão a educação possibilitou sua qualificação profissional, sua profissionalização e lhe permitiu estar hoje numa posição de conforto, assim como, possibilitou o provimento do necessário à sua família, sem necessitar da colaboração de outras pessoas; D. Angélica, na sua concepção a educação facilitou-lhe alcançar seu objetivo maior, a sua alfabetização, e hoje poder participar das atividades sociais como a educação física e os exercícios de estimulação da mente, frequentar a UNATI/UFPE, entre outras, e que é muito bom; D. Magnólia, tem a compreensão que a educação lhe trouxe o benefício de poder estar na UNATI/UFPE, estudar na alfabetização e já começar nos ensaios da leitura (valorizados tanto pela sua mãe) tudo isso é bom e dá condições de se ter dias melhores; D. Orquídea, no seu entender a educação beneficiou-lhe a vida pelo conhecer das coisas o que possibilitou influenciar positivamente o seu envelhecimento e D. Ísis percebe que a educação possui um grande poder de atuação, possibilitando as pessoas o saber de se comunicar, o saber de caminhar na vida e o saber da habilidade para viver bem.

Referências estas, que são consoantes com as da literatura, que expressa que a educação deve servir ao homem, deve servir para educá-lo, torna-lo melhor, desenvolver nele tudo o que tem e tudo a que tem direito? É uma prática social cujo o fim é o desenvolvimento, do que na pessoa pode ser, apreendido para a formação do sujeito, de acordo com as necessidades e exigências da sua sociedade (BRANDÃO, 2011). Do mesmo modo, a educação está no serviço do homem no seu processo continuado de tomada de consciência e de crescimento pessoal interminável (ALENCAR, 2002). Portanto, a educação é possível para

o homem, porque este é inacabado e sabe-se inacabado, por isso, busca mais e mais, uma busca permanente de si mesmo, procurando ser mais em comunhão com outras consciências e o saber se faz através de superações constantes na vida (FREIRE, 1979).

4.3.6.2 Na unidade de análise: perspectivas à vida (sem benefício)

Enquanto a D. Margarida, tem a concepção de que, por não ter frequentado escola não foi beneficiária da educação, e continua dizendo õmas aprendi viver com toda a qualidadeõ (informação verbal)¹⁰¹. Afirmação que demonstra, por ter aprendido por si própria não considerou essa aprendizagem como educação os seus conhecimentos adquiridos nas vivências do seu cotidiano (a educação informal), os quais lhe permitiu viver com qualidade Este viver com qualidade é entendido como viver, com conforto, saúde, bem-estar e satisfação com a vida.

Enfim, pelas vozes das idosas identificou-se que os benefícios enumerados por elas, relacionavam-se aos seus objetivos de vida. Entretanto, apesar de D. Margarida referir não ser beneficiária da educação, percebe-se que a mesma se beneficiou da educação informal. Desse modo foi observado que todas idosas foram beneficiárias da educação.

Estes resultados são consistentes com a literatura quando diz: õa educação existe difusa em todos os mundos sociais, entre as incontáveis práticas dos mistérios do aprenderõ (BRANDÃO, 2011, p. 10). Portanto, não existe vida humana privada ou vazia da educação e é na troca dos saberes entre os homens que vai sendo processada a educação (FREIRE, 1977). Do mesmo modo, nem a criança nem o adulto por menos letrado e por menos intelectualmente sofisticado que este seja, são um papel em branco (CACHIONI, 2003). Assim como, Freire (1977, p. 35), afirma õnão há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio. Portanto, não existe ser humano desprovido ou privado da ação da educação e todos em sociedade encontram-se trocando saberesõ.

Enfim, é importante constar que todas as idosas deste estudo, foram beneficiárias da educação.

¹⁰¹ Depoimento concedido por D. Margarida à doutoranda, em 17/06/2015.

Quadro 9 - Arguitiva 7 da categoria geral educação

Idosas	Categoria Geral: Educação	
	Arguitiva 7. Seu processo de educação teve influência ou influenciou no seu envelhecimento?	Categoria Empírica: educação como influência para o envelhecimento
	Respostas	Unidades de Análise (Semântica)
Acácia	A educação influenciou o meu envelhecimento, no momento que se conhece as coisa passa-se a aplicar e viver melhor. Minha formação educacional, o meu conhecimento foi quem me fez envelhecer bem. A gente conhece e conhecendo as nossas limitações, lógico vai agir de acordo com o aquilo que pode. Tem muita gente que quer fazer além do que pode aí não dá certo e termina tendo choque. A educação influencia sim. Desde que eu me entendo de gente eu estudo.	Conhecimento sobre a velhice
Angélica	Sim. A educação me ajudou no meu envelhecimento. Se eu tivesse possibilidade de estudar mais eu hoje seria outra pessoa.	
Amarílis	Com certeza.	
Hortênci	Sim. Talvez até por dar, conhecimentos.	
Margarida	Sim. Para mim a educação que eu tive, não foi dada pela professora, nem por pai, nem por mãe. A pouca educação que eu tive foi dada pela minha experiência vivendo a vida, foi boa, porque influenciou o meu envelhecimento e hoje graças a Deus eu estou nessa idade, não decepcionei ninguém. Não tenho leitura, mas aonde chegar eu sei tratar bem e respeitar, então eu acho que isso é tudo bom.	
Camélia	Sim, porque a educação ela sempre está presente na gente em todos os momentos e todos os tempos. O conhecimento é tudo na vida, ele acompanha o homem durante toda a sua vida.	
Gardênia	Bastante.	
Violeta	Muito.	
Prímula	Influência e influenciou muito, muito mesmo meu envelhecimento.	
Rosa	Claro que influenciou sim. Se eu tivesse estudado mais eu era alguém importante e tinha um emprego bom.	
Magnólia	Sim. Ajudou muito.	
Orquídea	Sim. Influenciou meu envelhecimento.	
Dália	Sim teve.	
Verônica	Sim. Teve demais	
Íris	Sim demais. Influenciou até demais eu conhecer as coisas. Aqui no NAI foi o início de tudo. Que no NAI encontra tudo de bom pro envelhecimento.	

Fonte: elaborado pela autora

4.3.7 Lembranças da educação: influência no envelhecimento

Na categoria geral educação, a arguitiva: Seu processo de educação influenciou o seu envelhecimento? Na categoria empírica da educação como influência para o envelhecimento, identificou pela semântica a unidade de análise conhecimento sobre a velhice.

É importante informar, que todas as quinze idosas analisadas nesse estudo (100 %), referiram que a educação influenciou e ou influenciou positivamente o seu envelhecimento. Fato que será analisado pelo seu entender:

4.3.7.1 Na unidade de análise: conhecimento sobre a velhice

Percebe-se nesta análise, que a educação foi um instrumento que auxiliou as idosas estudadas na promoção do envelhecimento saudável (segundo avaliação das idosas pesquisadas), como pode ser visto com: D. Acácia entendeu que a educação foi a responsável em proporcionar o seu conhecimento sobre o envelhecimento, e assim auxiliar na condução de fazer só o certo, bem como orientar sobre as suas limitações e sua prevenção (dos acidentes). Desta forma favoreceu a aceitação das suas limitações, do mesmo modo, que promoveu seu envelhecimento saudável; D. Margarida percebeu que com a pouca educação que teve, esta influenciou o seu envelhecimento e permitiu ela estar bem nessa idade, isto é, ter o seu bom envelhecimento; D. Isis tem a concepção, que a educação oportunizou seu conhecimento das coisas sobre a velhice e influenciou na evolução do seu envelhecimento.

As vozes das idosas demonstraram ser a educação o caminho, isto é, o fio condutor para o seu envelhecimento, a partir do seu conhecimento sobre o processo do envelhecimento e suas limitações, aplica-se as informações adquiridas e passa-se a viver melhor. Sendo estes, os conhecimentos que permitem as idosas envelhecerem bem,

Declarações que são consistentes com a literatura que sinaliza que a educação influenciou positivamente o envelhecimento, por promover ações educativas na sociedade (BOTH, 2001; BRANDÃO; MERCADANTE, 2009; CACHIONI, 2003; HADDAD, 1986), por atuar como mediadora na promoção de um envelhecimento saudável (ANDRADE, 2010; MOSQUERA; STOBÄUS, 2012; NERI; CACHIONI, 1999; SLOANA-SEALE; KOPS, 2012; VITORINO; MIRANDA; WITTER, 2012) por estar ao longo da vida de todos preparando-os para a vida (ALENCAR, 2002; HADDAD, 1986; NERI; CACHIONI, 1999; VITORINO; MIRANDA; WITTER, 2012) por ser como eixo central da vida dos idosos, principalmente, no ensinar a viver e a envelhecer (ALENCAR, 2002).

Dessa maneira, a idosa pela educação conhece seu processo de envelhecimento, tem a compreensão da sua velhice sob os mais diversos aspectos, aprende a ser velha, adaptar-se as limitações da vida e assim, passa a viver consciente com o que aprendeu a viver e a envelhecer.

É importante lembrar, que o envelhecimento ocorre em ambiente biopsicossocial entrelaçado com a educação, tendo em vista que a transmissão da cultura é uma das suas funções essenciais (VITORINO; MIRANDA; WITTER, 2012), sendo assim, a educação por fazer parte da vida age como mediadora do envelhecimento saudável.

Não se pode esquecer, que uma dessas idosas esteve na festa da inauguração da UNATI/UFPE em 1996 e que desde aquela época integrou-se a este grupo, já tendo frequentado diversos cursos e sem nunca se ter desligado do mesmo. Ela fala:

“Aqui no NAI foi o início de tudo. Que no NAI encontra tudo de bom pro envelhecimento” (informação verbal)¹⁰².

Palavras que retratam o significado e a importância que representa a UNATI/UFPE para ela e porque não dizer, para a maioria delas. Demonstra o nível de satisfação da idosa, para com esta instituição e para com a sua função de promoção da educação para todos os idosos.

Enfim, pode-se dizer que em todas idosas estudadas, a educação influencia e influenciou não só o seu envelhecimento, mas pode-se dizer, o seu envelhecimento saudável.

Envelhecimento saudável, porque todas idosas foram avaliadas e os seus diagnósticos consolidados de envelhecimentos saudáveis (Apêndice E e F).

Pode-se, portanto, afirmar que a educação influencia e influenciou o envelhecimento saudável de todas as idosas estudadas.

4.4 CATEGORIA GERAL: educação para o envelhecimento

¹⁰² Depoimento concedido por D. Íris (89 anos) à doutoranda, em 28/08/2015.

Quadro 10 - Argutiva 1 da categoria geral educação para o envelhecimento

Idoso	Categoria Geral: Educação para o Envelhecimento	
	Argutiva 1: Alguém lhe ensinou a envelhecer?	Categoria Empírica: Ensinar a Envelhecer
	Respostas	Unidades de Análise (Semântica)
Acácia	- Ensinar a envelhecer ninguém me ensinou. Eu acho que não precisa a gente envelhece e pronto. O que eu estou aprendendo sobre a velhice é com minha experiência de vida.	<p>- Envelhecer: sem ensino</p> <p>- Envelhecer com as aprendizagens: (do tempo, das experiências de vida ou da vida).</p>
Angélica	- Não. Aprendi a envelhecer com o tempo. Tinha que aprender a envelhecer, foi passando o tempo e estou nessa idade que nunca pensei chegar.	
Amarílis	- A vida.	
Hortênci	- Não. Nunca ninguém disse não	
Margarida	- Ninguém. Eu sei que a gente tem que nascer e envelhecer. A gente precisa e tem que envelhecer. Quem não envelhece morre logo é melhor envelhecer e durar mais que morrer cedo. A única pessoa que me falou em envelhecimento comigo, foi meu pai, quando um dia eu cheguei lá no sítio que ele tinha e plantava cana. Eu só ia de tempos em tempos lá (a cada dois anos), e quando eu ia passava uns três dias na sua casa, para conversar e curtir mais um pouquinho. E quando eu cheguei lá dei um cheiro nele e pai dentro do canavial, todo sem vontade de vida, já bem sambado. Eu disse: mas meu pai o senhor não tem mais condições disso, o senhor já não é aposentado? Vá aproveitar um pouquinho, é só se controlar que dá para viver. Ele disse: minha filha você não sabe o que é a velhice, quando a gente gosta de fazer as coisas quando novo, a gente envelhece fazendo, mas muitas coisas falta que a velhice toma da gente.	
Camélia	- A própria vida ensina isso tudo, e a envelhecer também.	
Gardênia	- Foi o tempo, pois perdi meus pais logo cedo e foi o mundo quem me ensinou.	
Violeta	- A vida. A vida mesmo nos ensina. Foi o tempo, o tempo ajuda a gente a envelhecer, e ter a cabeça boa também, porque se a gente vai compreendendo as coisas, a gente vai se imitando também, não é?	
Prímula	- Não.	
Rosa	- O mundo me ensinou a envelhecer, senão eu não estaria aqui hoje. Então, eu tenho que aceitar a minha velhice. Eu já tive minha mocidade e graças a Deus eu estou aqui. Tem muita gente que novo, novo, vai embora, como meu filho.	
Magnólia	- Não, só o tempo. Só o tempo se encarrega disso.	
Orquídea	- Não. Só envelhece quem quer envelhecer, pensamento positivo e não vê a velhice. Não pensar na velhice. É lógico que a gente tem ela mais não é caquética. Tem uma coisa que não gosto é este símbolo no chão do velho com a bengala eu não estaciono, eu não sou dependente.	
Dália	- Não, eu acho que a velhice a gente já traz de berço. Eu acho que ela vem de berço, porque a gente vai vivendo, vai caindo aos poucos e nem percebe.	
Verônica	- Os meus conhecimentos, hoje em dia, vêm sendo aumentado através da leitura de livros e também através da televisão nos programas da rede vida.	
Íris	- A envelhecer ninguém me ensinou, eu acho que não	

Fonte: elaborado pela autora

4.4.1 Lembranças da educação para o envelhecimento: aprendizagens (do tempo, das experiências da vida ou da vida) para um envelhecer

No quadro acima, as idosas pontuam em o tempo, as experiências de vida ou a vida como fatores que contribuíram para a compreensão sobre envelhecer. Enquanto outras referem que ninguém as ensinou a envelhecer.

Assim, é preciso informar que entre as 15 idosas, quando questionadas sobre alguém lhe ensinou a envelhecer, suas respostas foram: não ou ninguém em 60% (09) e destas quatro, logo após, atribuiu a outro elemento (o tempo, as experiências de vida ou a vida).

Por último, esses registros demonstraram que 33,33 (05) das entrevistadas referiram não ter tido ensinamentos para envelhecer, as demais 66,67% (10) relacionaram vários elementos como responsáveis pelos seus ensinamentos para o envelhecer. A transmissão dos ensinamentos sobre o envelhecer oferecidos pelo mundo, pela vida, pelo tempo etc., à essas idosas, é o que os educadores chamam de educação ao longo da vida.

4.4.1.1 Na unidade de análise: envelhecer sem ensino

As idosas que compõem esse grupo relataram que nunca ninguém as ensinou, ou ninguém me ensinou ou simplesmente não receberam ensinamentos sobre o envelhecimento. Considerando que: Ninguém ensina a envelhecer, percebe-se que mesmo considerando a informação sobre envelhecimento, a educação encontra-se presente em todos os locais, ocasiões e está disponível a todos. Alguns a percebem a atividade da educação através dos exemplos, das ações, dos silêncios, dos sofrimentos, entre outros. Entretanto não existe a escola do envelhecer, assim, a vida é uma escola e seus ensinamentos são significativos para todas as fases da vida. Entendimento, concordante com o que Freire (1979, p. 28) refere, não há seres educados e não educados. Estamos todos nos educando. Isto quer dizer, não existe ser humano isento de educação ou desprovido de conhecimento, como do mesmo modo, dos conhecimentos sobre o envelhecer. Assim, Ninguém educa ninguém, e ninguém educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão mediatizados pelo mundo (FREIRE (2010a, p. 79). Logo, os homens se educam nas relações sociais e em outros processos de difusão ou divulgação do conhecimento.

D. Margarida, ao dizer que ninguém a ensinou a envelhecer, em seguida fala: "Eu sei que a gente tem que nascer e envelhecer. A gente precisa e tem que envelhecer. Quem não

envelhece morre logo é melhor envelhecer e durar mais que morrer cedo (informação verbal)¹⁰³. Nessa sua afirmação têm-se dois pontos a se analisar:

- a) quem a informou que ela iria envelhecer, fato que confirma que idosa não está isenta do conhecimento;
- b) a sua concepção, retratando o envelhecimento como evento positivo e natural do ciclo da vida. Entendendo a velhice como uma condição fisiológica da existência humana e que faz parte da vida, como todas as outras fases que iniciam na fecundação e que vão até a morte. Entendimento concordante com a literatura que sugere que: encarar a velhice com naturalidade é uma questão de maturidade [...] se amadurecemos, a velhice passa a ser algo agradável em vários aspectos (NERI, 2015, p. 27).

Nessa mesma direção, Foucault (2011, p. 98) refere que a velhice é o momento de coroamento da vida e diz: a velhice constituirá o momento positivo, o momento de completude, o cume dessa longa prática que acompanhou o indivíduo ou a qual ele teve que submeter-se durante toda sua vida. Assim, torna-se a velhice uma meta positiva da existência a ser atingida e almejada por todos os homens.

4.4.1.2 Na unidade de análise: envelhecer com ensino

As idosas desta unidade de análise, referiram que seus conhecimentos vieram: das experiências de vida, do tempo, da vida, da família, do mundo, dos meios de comunicação e da leitura de livros.

Neri (2007a, p. 35) refere, que: as fontes de influência mediadas principalmente pela literatura, pelo cinema, pela propaganda e pela religião, que ampliam as possibilidades de aprender. Entretanto, no momento em que D. Verônica fala: meus conhecimentos vêm sendo aumentados (informação verbal)¹⁰⁴, evidencia a educação como um processo evolutivo de aquisição do conhecimento durante a vida, portanto, durante a vida da idosa, isto é, a educação ao longo da vida (BRASIL. Ministério da Educação, 2009).

É importante referir, que esse tipo de educação em que os ensinamentos vão sendo adquiridos durante o evoluir da vida, caracteriza o que os educadores chamam de educação ao longo da vida (OLIVEIRA, 2009). Assim sendo, pode-se aprender nas conversas com os

¹⁰³ Depoimento concedido por D. Margarida à doutoranda, em 17/06/2015.

¹⁰⁴ Depoimento concedido por D. Verônica à doutoranda, em 21/08/2015.

amigos, assistindo televisão, lendo livros, folheando catálogos, na Internet (nas redes de comunicação e de interação da era da tecnologia informática), entre outros. A educação ao longo da vida é aquela que vem auxiliar a complementação do inacabado presente na vida de todos os homens e das idosas desse estudo. De acordo com Freire (2000b, p. 40):

a educação tem sentido porque mulheres e homens aprenderam que é aprendendo que se fazem e se refazem, porque mulheres e homens se puderam assumir como seres capazes de saber, de saber que sabem, de saber que não sabem. De saber melhor o que já sabem, de saber o que ainda não sabem.

Desse modo, o aprender é contínuo na percurso da vida, o homem aprende e ensina, influencia e é influenciado, criando laços sem fim, e o desejo de aprender é continuamente renovado, assim, a educação surge como caminho pelo qual o homem se realiza.

Enfim, os registros das vozes das idosas demonstraram que a maioria das idosas 66,67% (10) perceberam os ensinamentos voltados para seu envelhecimento durante o transcurso da vida.

Quadro 11 - Arguitiva 2 da categoria geral educação para o envelhecimento

Continua

Idosas	Categoria Geral: Educação para o Envelhecimento	
	Arguitiva 2: Até o momento como você soube se preparar para o envelhecimento?	Categoria Empírica: Preparação para Envelhecer
	Respostas	Unidades de Análise (Semântica)
Acácia	- Até agora me preparar para o envelhecimento ninguém ensinou. Como se preparar para envelhecer eu não tive nenhuma preparação, apenas envelheci e pronto. Eu acho que envelhecer é uma virtude é uma sorte. Quantas pessoas gostariam de estar velha e morrem cedo.	<p>- Envelhecer vivendo e buscando (por si mesmo);</p> <p>- Envelhecer pelos ensinamentos (de educadores sociais ou especialistas)</p>
Angélica	- Fui me preparando depois que eu entrei no grupo da terceira idade.	
Amarílis	- Sim nos cursos e grupos que participo. Os estudos, que a gente faz e que frequenta. Tudo, isso aí e a parte social também, tudo, não é? A convivência de grupos de idosos, tudo isso favorece.	
Hortência	- Eu não soube não. Nem estava ligada e não me preocupo. Fui desbravando com o tempo.	
Margarida	- Não fui preparada para o envelhecimento, mas uma professora lá do SESC falou que a pessoa com o tempo vai sentindo a idade, ela deve ter um preparatório sobre a convivência e o modo de viver, e tem que se ir acostumando com a velhice e com a idade. Que todas as coisas vão mudando e deve se ter cuidado com a alimentação, sempre fazer seus exames ver suas taxas, para depois não acontecer o pior.	
Camélia	-Partiu da minha própria casa, porque aquilo que eu fiz há vinte, trinta anos passado não faço hoje, e se for fazer eu faço pela metade. É a estrutura da gente, o organismo da gente, aquela força que a gente tinha quando é moço, isso tudo vai decaindo, vai decaindo na gente. A gente não pode ser a pessoa de trinta anos passados. Ser ela hoje, não se pode de jeito nenhum, por mais bem que se viva, cuidado com tudo, com a saúde, mas não pode. E isso é a vida. Meus conhecimentos vieram do estado de vida que a gente vive, e também do conjunto de: amigos, família, sociedade e dos meios de comunicação. Foi o conjunto cada um contribuindo um pouquinho.	
Gardênia	- Em nome de DEUS, não tinha quem me ensinasse, aprendi foi comigo mesmo.	
Violeta	- Sim. Eu tive o seguinte, a pessoa tem que procurar saber sobre alimentação, sobre instrução física, que parar é pior. Eu parar é pior. E nisso mesmo não gosto de estar sentada. Gosto não. Tem hora que eu estou aqui lendo, aí digo, faz muito tempo que eu não me levanto. Pego uma vassoura, vou lá na frente, cutuco o jardim, sempre dando movimento pra circulação. Não ficar parada, porque, a prova é tanta que eu tenho saúde. Graças a Deus.	
Prímula	- Nunca tive informação não. O que eu sei foi por mim mesmo e pelas minhas leituras.	
Rosa	- Sabe eu não me preparei para envelhecer, o pessoal antigamente não falava em envelhecimento. Tenho uma filha a que fez curso técnico em nutrição e é ela que fala nos alimentos bons e dos cuidados para se envelhecer bem. Diz sempre a senhora se cuide, beba muita água e cuidado para não cair. Diz sempre, a senhora se cuide cuidado para não cair, deixe de noite a luz do banheiro acesa, não use tapetes em casa que é prejudicial, e comprou até sabonete líquido para quando cair no chão eu não precisar apanhar e	

Quadro 11 - Argutiva 2 da categoria geral educação para o envelhecimento

Conclusão

	assim não cair.	
Magnólia	- Sim, com certeza. Porque a gente vai de acordo com o tempo. Bem, eu me sinto preparada porque é o dia a dia da vida que ensina. A gente com a idade tem que entender que vai chegando à velhice, e não tem que se revoltar da velhice.	
Orquídea	- Nunca ninguém ensinou nada. Eu mesma aprendi a envelhecer do meu modo, ninguém me ensinou foi pelo meu modo de eu ser. A minha preparação para envelhecer começou com o exemplo da minha mãe, começou com o calor da menopausa, onda de calor e tudo mais. Tal mãe, tal filha mais eu disse nada disso. Eu não sou ela, eu sou eu e ela é ela. De fato, eu nada disso tive, foi embora assim não senti nada. Logo a gente tem que saber envelhecer.	
Dália	- Eu aprendi mesmo com o tempo, e com os idosos conversando com essa gente.	
Verônica	- Com a vida, os livros e de uma senhora com 92 anos a dona Felicidade que falou do peso da velhice.	
Íris	- Menina, ôeu aprendi mesmo foi esquecer que estou mais velha. Aprender a ser e fazer o que é dos mais novos e o velho é passadoô.	

Fonte: elaborado pela autora

4.4.2 Lembranças da educação para o envelhecimento: preparação para envelhecer

Na categoria Geral Educação para o Envelhecimento na questão: Até o momento como você soube se preparar para o envelhecimento? Surgiram pela análise semântica duas unidades de análise: Envelhecer vivendo e buscando conhecimento (por si mesmo); e Envelhecer pelos ensinamentos (de educadores sociais ou especialistas). Nesse contexto de preparar-se para envelhecer, suas lembranças estiveram ligadas a visão de uma educação voltada para dois tipos de experiências em que das 15 idosas pesquisadas: 73,33 % (11) disseram que elas mesmas se prepararam para o envelhecimento e 26,67% (04) atribuíram sua preparação para o envelhecimento, aos ensinamentos recebidos.

4.4.2.1 Na unidade de análise: envelhecer vivendo e buscando conhecimento (por si mesmo)

A percepção dessas idosas foi de que não teve quem as ensinassem e elas foram as responsáveis, as que buscaram por si mesmas os seus conhecimentos quer através das suas relações sociais, na família, na sociedade, nas conversas com outros idosos, nos meios de comunicação, entre outros ou no seu dia a dia da vida. Esse entendimento, possivelmente resulta da ocorrência simultânea dos dois processos o do envelhecimento e o da educação, isto é, ao mesmo tempo em que envelhecem estão aprendendo a envelhecer (adquirindo

conhecimentos). Desse modo, o seu processo do envelhecer obscurece a ocorrência dos ensinamentos e assim elas passam a achar que nada tem sido feito para essa sua educação.

Nessa categoria de análise, a educação das idosas vem através das suas relações sociais incorporando valores e culturas próprias dos conhecimentos passados, das experiências anteriores, uma aprendizagem espontânea as quais orientam o presente e que se chama de educação informal.

Como bem assinala Gohn (2010), a educação informal socializa os indivíduos desenvolvendo hábitos, atitudes, comportamentos, modos de pensar e de se expressar no uso da linguagem, segundo valores e crenças de grupos que se frequenta ou que se pertence desde o nascimento. Assim, percebe-se a ação da educação informal no preparo dessas idosas para o seu envelhecimento.

4.4.2.2 Na unidade de análise envelhecer pelos ensinamentos (de educadores sociais ou especialistas)

A compreensão das idosas foi de que a sua preparação para envelhecer originou-se nas orientações dos grupos e dos cursos da terceira idade, nas orientações de nutricionistas, e nas orientações de professores do SESC.

Vale destacar que em tais registros, a aprendizagem e ou educação delas vinha de outros meios educacionais que não a escola (informes oferecidos em cursos, estudos e nos grupos da terceira idade e do SESC), cuja finalidade foi abrir janelas de conhecimentos sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais e voltados a seus interesses e as necessidades dos que dele participam. A educação que ocorre, nos locais que acompanha a trajetória de vida dos grupos e indivíduos ou onde esses idosos transitam, fora das escolas, em locais informais, mas em locais onde há processos interativos intencionais, é aquela educação chamada de educação não formal (GONH, 2010). Com base nessa referência, destacar-se, o papel da educação não formal na preparação dos idosos para seu envelhecimento.

Como Brandão (2011, p. 7) refere:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, e para aprender e ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver todos os dias misturamos a vida com a educação.

No registro das entrevistadas, vê-se que a educação aparece como elemento favorecedor da preparação para o envelhecimento e que ela está intimamente relacionada à vida de todas essas idosas.

Dessa forma, tem-se tanto a educação informal como a educação não formal, ambas contribuindo na categoria empírica: preparação para envelhecer dessas idosas analisadas.

Quadro 12 - Arguitiva 3 da categoria geral educação para o envelhecimento

Idoso	Categoria Geral: Educação para o Envelhecimento	
	Arguitiva 3: No seu entender o que é qualidade de vida?	Categoria Empírica: Percepções sobre Qualidade de vida
	Respostas	Unidades de Análise (Semântica)
Acácia	- Qualidade de vida é ter saúde e disposição para trabalhar. Não é ficar numa cadeira de balanço sem querer fazer mais nada, acho isso horrível. Eu tenho minha cadeira de balanço para meu conforto para quando não tenho o que fazer. Ficar sem fazer nada, sentado se queixando da vida isso não é comigo não.	<p>- Qualidade de Vida (Saúde);</p> <p>- Qualidade de Vida (Viver Bem);</p> <p>- Qualidade de Vida (Valores Sociais);</p>
Angélica	- Qualidade de vida para mim é poder participar dessas coisas boas dos grupos de idosos e poder estar brincando.	
Amarílis	- Ter saúde e paz.	
Hortência	- Significado, primeiro é saúde, depois honestidade, se você for honesto, é muito mais fácil você viver, entendeu? Não julgar ninguém e pontualidade.	
Margarida	- Eu acho que é a pessoa viver bem com o que é seu. Não ser gananciosa e querer ter mais do que tem e não pegar o que é dos outros. Eu acho que o valor da pessoa para ter uma vida tranquila é trabalhar pra ter do seu suor, do que ganha. Eu acho que é isso.	
Camélia	- Olhe, eu acho que qualidade de vida: a gente deve sempre escolher o melhor para poder caminha e ir em frente. Se não escolher o melhor para.	
Gardênia	- Eu acredito que é a pessoa ter condições com que viver e viver bem-comportada sem prejudicar os outros.	
Violeta	- Qualidade de vida? Eu acho que é a pessoa saber, é ter também, um meio de viver melhor. Saúde. Meio de hospitais não precisar, porque hoje em dia a gente vê o pessoal sofrendo nas portas dos hospitais.	
Prímula	- Qualidade de vida se adquire, é a mesma coisa da saúde. Você procura qualificar a sua vida, trazer sempre algo positivo para você. Não guardar mágoa, ser caridosa e se doar. Dom Elder dizia o seguinte: "Que ninguém é tão rico, que não venha precisar e que ninguém é tão pobre que não tenha o que dar". Qualidade de vida é ter sempre um objetivo a perseguir na vida.	
Rosa	- Qualidade de vida é você se alimentar adequadamente bem, você saber entrar, saber sair, saber falar na hora certa, dizer não.	
Magnólia	- Eu acho que é ter paz, dormir com a cabeça fria, não ter débito, não querer as coisas sem poder. Só ter o que realmente pode ter, isso é muito importante, para não esquentar a cabeça. Eu acho que é ter a compreensão de viver com o que realmente lhe pertence.	
Orquídea	- Significado... Qualidade de vida é tudo para poder viver e envelhecer bem. Porque você pode ver, meu filho falou: mãe eu vou te dar uma cadeira de balanço. Nem vem que não quero. Eu gosto lá de ficar sentada me balançando, eu gosto é de ficar me movimentando.	
Dália	- É viver bem e ser tratada bem.	
Verônica	- Para mim qualidade de vida é educação e a formação doméstica	
Íris	- É saber viver bem, saber se movimentar, saber vestir, saber atender as pessoas, saber servir a quem precisa. Os vigias lá do prédio dizem: a dona Iris é um dez, por eu mandar uns pratinhos. Só meu genro é quem me incomoda. Já recebi um conselho que eu deveria viajar e passar uns tempos fora, aí eles iriam sentir minha falta.	

Fonte: elaborado pela autora

4.4.3 Lembranças da educação para o envelhecimento: percepções sobre qualidade de vida

Na categoria Geral Educação para o Envelhecimento na questão: No seu entender o que é a qualidade de vida? Surgiram pela análise semântica três unidades de análise: Qualidade de Vida (Saúde); Qualidade de Vida (Viver Bem); e Qualidade de Vida (Valores Sociais). Entre as 15 pesquisadas, em seis idosas 40% houve associação de unidades de análise (duas saúde com valores sociais, uma saúde com viver bem e duas viver bem com valores sociais) entre as demais 20,00% (03) disseram que qualidade de vida é saúde, em 13,33% (02) referiram que qualidade de vida é viver bem e em 33,33% (05) atribuíram que qualidade de vida são valores sociais,

4.4.3.1 Na unidade de análise: qualidade de vida (saúde)

A percepção dessas idosas foi de que o seu bem-estar era dependente da sua saúde, de ter disposição e não precisar da assistência hospitalar. Essas idosas entendem que a qualidade das suas vidas ou do seu bem-estar são dependentes da qualidade do seu estado físico, da sua natureza fisiológica (da sua saúde) e que se encontram refletidos no seu grau de liberdade nas escolhas, nas decisões do que quer fazer, isto é, que tipo de vida querem levar. Portanto, essas idosas querem ser ativas, participativas e sujeitos das suas histórias.

4.4.3.2 Na unidade de análise: qualidade de vida (viver bem)

As idosas analisadas têm a compreensão de que qualidade de vida é: a pessoa viver bem, ser bem tratada e saber viver. Verifica-se que o entendimento do viver bem pelas idosas é o de estar bem com o próximo, com as suas ligações interpessoais ou com as suas redes sociais.

As redes sociais que são o conjunto das relações sociais e as ligações interpessoais, que integram a pessoa com seu entorno social e lhe permite manter, ou melhorar o seu bem-estar material, físico e emocional (SAHB; ISSBERNER, 2012). Desse modo, as relações sociais e as ligações interpessoais constituem para essas idosas o apoio à sua qualidade de vida.

4.4.3.3 Na unidade de análise: qualidade de vida (valores sociais)

Nessa unidade a concepção das idosas sobre a qualidade de vida tem como base: relacionamento; parâmetros de formação doméstica e participação social; hábitos saudáveis, autonomia e equilíbrio emocional, o que lhe confere mais o conceito de caráter atitudinal.

É importante referir que a concepção sobre qualidade de vida das idosas estudadas foi semelhante ao estudo de Fleck, Chachamovich e Trentini (2003 apud NERI, 2011, p. 49), em que os idosos saudáveis de mais de oitenta anos definiram qualidade de vida em termos de ter saúde, espiritualidade e ter boas condições de vida.

O conceito de qualidade de vida pelas idosas estudadas, apresentou uma multiplicidade de condições indicadoras ou promotoras da qualidade de vida, sem que fosse possível estabelecer um certo grau de importância entre elas. Achado já relatado anteriormente por outros autores (LOPES, 2015; NERI, 1993, 2011; SAHB; ISSHERNER, 2012; VECCHIA et al., 2005).

A qualidade de vida, segundo a Organização Mundial de Saúde (1994 apud ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2005, p. 14) é definida como:

A percepção que o indivíduo tem de sua posição na vida dentro do contexto de sua cultura e dos sistemas de valores onde vive, e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações. É um conceito muito amplo que incorpora de uma maneira complexa a saúde física de uma pessoa, seu mundo psicológico, seu nível de dependência, suas relações sociais, suas crenças e sua relação com características proeminentes no ambiente.

Definição que fornece elementos esclarecedores para auxiliar e compreender as diversidades entre os indivíduos (de culturas, de valores sociais, de características pessoais, de objetivos, entre outras), ou seja, as diversidades das suas histórias de vida. Histórias que se refletem nas variadas formas na percepção do que seja qualidade de vida para as idosas analisadas.

Quadro 13 - Arguitiva 4 da categoria geral educação para o envelhecimento

Continua

Idoso	Categoria Geral: Educação para o Envelhecimento	
	Arguitiva 4: O que é preciso fazer para ter boa qualidade de vida?	Categoria Empírica: Elementos necessários à Qualidade de vida
	Respostas	Unidades de Análise (Semântica)
Acácia	- Para ter uma boa qualidade de vida precisa exercitar bem a cabeça, não deixar morrer o que a gente tem de bom, ler tudo que bate na frente jornal e livros.	<p>- Cuidar da saúde física e mental</p> <p>- Cuidar da saúde espiritual e das virtudes</p>
Angélica	- Deve-se não amolecer e enfrentar as coisas da vida. Se amolecer acabou-se. Cuidar da saúde. Todo mês vou ao médico geriatra.	
Amarílis	- Meu Deus, eu acho que não tenho nada a dizer não, não sei nem dizer. Boa convivência com as pessoas, saber ouvir as pessoas e fazer o que é ensinado. Eu acho isso muito importante, acho muito importante você saber ouvir o outro, porque é difícil, não é? Por isso que quando uma pessoa vem para mim, para contar alguma coisa, eu sempre escuto, porque se a pessoa vem procurar você para falar alguma coisa, é que está precisando, não é? Porque ninguém vem para outro contar algumas coisas, se não tiver precisando de um desabafo, uma pessoa para escutar, é difícil, hoje em dia as pessoas quererem escutar o outro, não é? Geralmente é assim.	
Hortência	-É essas coisas que falei, e cuidar da saúde sua para ter qualidade de vida, não?	
Margarida	- Trabalhar, se cuidar e se livrar das coisas más do mundo. Porque hoje sabe, gente boa é muito pouco. O mundo é cheio de gente, mas precisa sorte pra encontrar qualidade.	
Camélia	- Eu acho que começa pela alimentação, porque quando a gente tem uma alimentação balanceada, sadia, a gente tem uma melhor qualidade de vida. Além da alimentação, eu acho que caminhar também é muito importante, a gente tem de fazer um exercício (pode ser caminhar, pode ser natação, pode ser o que quiser), mas contanto, que seja um exercício. Tem que ir ao médico, para ele acompanhar e orientar.	
Gardênia	- Eu penso assim: é não beber, não fumar, não passar noite de sono em farra, não comer o que prejudique a vida, ter boa alimentação e fazer atividade física. Assim a gente chega lá devagar.	
Violeta	- Precisa de saúde, e alimentação boa. Procurar o médico. É isso daí. E procurar física, procurar fazer exercício, movimentar o corpo, a circulação do sangue.	
Prímula	- Procurar ter uma boa alimentação, fazer exercícios físicos e mentais, seguir as orientações dos médicos, nutricionistas e professores. Quem me ensinou isso foi à vida.	
Rosa	- Se cuidar, se alimentar bem e ter atividade física. Ter cuidado para não fazer coisas que não é bom para você. Eu tenho qualidade de vida porque eu tenho uma casa pra morar, eu não pago casa, pago minhas coisas tudo em dia, graças a Deus. Tenho a alimentação que eu quero, na medida do possível. Se eu quiser comer um queijo reino hoje eu como, se eu quiser comer verdura eu como, se eu quiser como peixe eu como, se eu quiser comer carne eu como. Eu, não ganho esse dinheiro todo, mas o que eu tenho dá pra eu viver e eu agradeço muito ele. Apesar dos pesares, apesar que isso foi pela pensão de um filho. Porque dois salários mínimos dá pra uma pessoa viver. Mas não dá pra uma pessoa viver adequadamente bem.	

Quadro 13 - Arguitiva 4 da categoria geral educação para o envelhecimento

Conclusão

Magnólia	- Eu acho que é procurar ter paz e sentir que tem paz. Não se envolver ou se preocupar com as coisas do mundo. Eu acho que ter qualidade de vida é ter boas amizades e ser feliz.	
Orquídea	- Olha é o seguinte, eu acho que a gente tem que ser regrada. Só fazer o que se pode fazer. Não é porque eu vou para academia que posso pegar muito peso acima do que posso; em casa o negócio tá alto eu não pego banco ou cadeira para subir, não vou. Eu sei que idoso não pode cair. Eu estou sabendo e não me arrisco em nada. Agente fica limitado e eu tenho cuidado comigo. Além de cuidar da alimentação, comer bem, fazer física. Se cuidar doeu aqui eu vou para o médico e nunca deixar de ler.	
Dália	- Amar as pessoas os vizinhos e conviver bem com todos.	
Verônica	- Para ter qualidade de vida precisa-se é fazer o que tem vontade e se dar ao respeito. Eu por exemplo não admito que as pessoas trabalhem sem camisa na minha casa eu não aceito isso.	
Íris	- Em primeiro lugar me cuidar, fazer física e me alimentar certo. Ser honesta, caridosa e servir as pessoas. É saber viver, não querer nada de ninguém e não ser ambiciosa.	

Fonte: elaborado pela autora

4.4.4 Lembranças da educação para o envelhecimento: elementos necessários à qualidade de vida

As memórias preservadas sobre a educação para o envelhecimento e que foram referidas como importantes para qualidade de vida, fazem parte das histórias de vida das idosas estudadas e se encontram enumeradas nas suas vivências. Estas, quando investigadas pela análise de conteúdo, na Categoria Empírica Elementos necessários para a Qualidade de vida identificou-se pela semântica, duas unidades de análise que são: Cuidar da saúde física e mental e Cuidar da saúde espiritual e das virtudes.

Em 66,67% (10) das idosas analisadas encontrou-se o cuidar da saúde física e mental, como elemento fundamental a qualidade de vida. Destas dez idosas, em 6,66 (01) o cuidar da saúde física e mental vem associado algumas qualidades (virtudes). Enquanto, em 33,33% (05) referiram que para ter qualidade de vida precisavam cuidar da saúde espiritual e das virtudes.

4.4.4.1 A unidade de análise: cuidar da saúde física e mental

A compreensão das idosas encontra-se para adoção dos hábitos saudáveis de vida. Entende ser necessária uma alimentação saudável e balanceada; fazer exercícios físicos e

mentais respeitando os seus limites; acompanhamento e avaliação dos médicos, dos nutricionistas e dos professores de atividade física.

Cuidados estes, que são os da mesma forma, recomendados no programa do Ministério da Saúde *“Brasil Saudável”* que envolve uma ação nacional para criar políticas públicas que promovam modos de viver mais saudáveis, em todas as etapas da vida e visando o envelhecimento saudável, um envelhecimento que significasse também um ganho substancial na qualidade de vida e saúde (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2005, 2015).

Os cuidados com a saúde física e mental, são achados referidos pelas idosas como importantes para se ter qualidade de vida, que foram concordantes com os resultados encontrados por outros pesquisadores da área (DOLL, 2007; LEBRÃO; DUARTE, 2007; LIMA; AYRES; LITVOC, 2006; MURTA; KARSCH, 2005; NERI, 2007a, 2007c).

Entretanto, este cuidar da saúde física e mental, que são essenciais para se ter qualidade de vida, não é conhecimento recente, datam desde a época helenística e, sobretudo na época romana, no século I e século II, em que era visto a questão da relação entre cuidado de si e a medicina, o cuidado de si e os cuidados com o corpo, o cuidado de si e a dietética. *“A dietética, como regime geral da existência do corpo e da alma”* (FOUCAULT, 2011, p. 55). *“Cuidar de si, não como ocupar-se consigo mesmo, preocupar-se consigo, cuidar de si, tendo um sentido que é preciso insistir, não meramente uma atitude do espírito, como designa, mas, uma atitude associada de exercitar-se e treinar, exercícios de ginástica”* (FOUCAULT, 2011, p. 77). Portanto, pode observar-se que esta preocupação de cuidar da saúde física e mental para ter qualidade de vida vem desde os primórdios da humanidade.

4.4.4.2 Na unidade de análise: cuidar da saúde espiritual e das virtudes

Na compreensão das idosas cuidar da saúde espiritual e das virtudes: *“é se cuidar e não se preocupar com as coisas do mundo (não se preocupar com o ter, o possuir), é a prática da boa convivência e solidariedade (saber ouvir, ser honesta, caridosa, servir, amar as pessoas, conviver bem com todos e ter boas amizades); é procurar ter paz, sentir que tem paz... e ser feliz. É saber viver.”*

Na concepção dessas idosas o valor das redes sociais e da amizade foi vista e desenvolvida como uma relação de apoio, estima e consideração espontânea existentes nas práticas de sociabilidade. Com este mesmo entender, Alves (2007, p. 130) refere: *“a intimidade e a reciprocidade implicadas nas relações de amizade favorecem a construção de uma identidade comum e estabelecimento de laços de ajuda e de conforto emocional”*.

As melhores armas para a velhice são o conhecimento e a prática das virtudes. Cultivados em qualquer idade dão frutos soberbos no término de uma existência bem vivida. Eles não somente jamais nos abandonam, mesmo no último momento da vida (CÍCERO, 1997, p. 12). Desse modo, as virtudes cultivadas ao longo da vida, produzem maravilhosos frutos que auxiliam a existência do homem e é de extrema valia, como também, a consciência de ter conduzido a vida de forma correta, associa-se a lembranças de realizações dignas e gratificantes.

Quando as idosas dizem que para ter qualidade de vida precisam ter e sentir paz, deve-se aos seus entendimentos de que ter paz é preciso ter a consciência do dever cumprido, e assim, estar em equilíbrio e harmonia com a vida. Beauvoir (1990, p. 135), esclarece: A velhice... faz nascer em nós um imenso sentimento de paz e liberação. Portanto, o cuidar das virtudes é o cuidar de si, uma obrigação permanente que deve durar toda a vida do homem.

É importante chamar atenção ao que Foucault (2011, p. 80), diz: Nunca é demasiado cedo nem demasiado tarde para ter cuidado com a própria alma. Quem disser que não é ainda ou já não é tempo de filosofar assemelha-se a quem diz que não é ainda ou já não é tempo de alcançar a felicidade.

Desse modo, ter qualidade de vida é estar com boa saúde física e mental, é estar em equilíbrio com o seu mundo interior, com o mundo do entorno, é estar em paz consigo e com os outros. Por fim: É viver!

Quadro 14 - Arguitiva 5 da categoria geral educação para o envelhecimento

Idoso	Categoria Geral: Educação para o Envelhecimento	
	Arguitiva 5: Você conseguiu com a sua formação educacional resolver os problemas da sua velhice?	Categoria Empírica: Formação como aporte a Velhice
	Respostas	Unidades de Análise (semântica)
Acácia	- Não foi só com a minha formação educacional, foi também vivendo.	- Educação (auxiliou a velhice) -Educação (não auxiliou a velhice)
Angélica	- Sim. Resolvi e consegui.	
Amarílis	- Acho que sim, está resolvendo, não é? Agora não preciso mais muita coisa.	
Hortênci	- Eu acho que sim, eu acho que sim. Eu não me sinto assim com problemas não. Não tenho essas coisas não.	
Margarida	- Eu acho que ainda não consegui tudo, porque pra o final só Deus é quem sabe. Mas até hoje, eu acho que estou preparada pra viver esses tempos, porque em primeiro lugar eu tenho meu mocambo aqui, eu tenho a minha aposentadoria que meu velho deixou e não vivo precisando de ajuda, só de Deus, mas de gente não.	
Camélia	- Sim.	
Gardênia	- Não, tenho que procurar o médico. Pra esse fim tenho que procurar o médico, pra me dar explicação desse problema e o que eu posso fazer.	
Violeta	- Sim. Talvez se eu não tivesse o princípio que eu tive, não era quem sou.	
Prímula	- Lógico que sim.	
Rosa	- Sim.	
Magnólia	- Bem, até aqui estou resolvendo, não é. Não sei se para frente, até aqui estou resolvendo.	
Orquídea	- Sim, está. A minha educação escolar facilitou e está resolvendo os problemas da minha velhice.	
Dália	- Até aqui vou conseguindo.	
Verônica	- Com a educação tenho resolvido todos meus problemas da velhice. A educação de hoje é muito diferente da de antes.	
Íris	- Tudinho. Quem sabe ler, sabe entender as coisas, sabe o que é bom ou ruim.	

Fonte: elaborado pela autora

4.4.5 Lembranças da educação para o envelhecimento: formação como aporte a velhice

Na Categoria Empírica, formação como aporte à velhice identifica-se duas unidades de análise pelas histórias de vidas das idosas; Educação (auxiliou a velhice) e Educação (não auxiliou a velhice). Tendo em 86,67% (13) das idosas a educação auxilia sua velhice e em 13,33% (02) não auxilia sua velhice.

4.4.5.1 Na unidade de análise: educação (auxiliou a velhice)

As idosas deste estudo tiveram a concepção em quase sua totalidade de que a sua formação educacional conseguiu solucionar os problemas das suas velhices.

4.4.5.2 Na unidade de análise: educação (não auxiliou a velhice)

Têm-se as vozes de:

D. Acácia. Não foi só com a sua formação educacional, mas também vivendo. No seu entendimento, sua formação educacional não foi a única a auxiliar, pois contou com a colaboração das suas vivências, ou seja, com a colaboração da educação não formal e/ou informal.

D. Gardênia, cita também que não, pois tem que procurar o médico para lhe dar explicações sobre os seus problemas de saúde. No seu entendimento a sua formação educacional teria que ter função terapêutica, e profilática através das orientações. Sendo, pois, a sua compreensão a responsável pela sua resposta.

Assim, vê-se que a educação pode ser a companheira do homem, do seu caminhar e no fazer da sua história. Uma educação que auxilia o homem a ser o sujeito da sua história e na realização de um mundo melhor e mais justo (FREIRE, 2000a).

Quadro 15 - Arguitiva 6 da categoria geral educação para o envelhecimento

Idoso	Categoria Geral: Educação para o Envelhecimento	
	Arguitiva 6: Você tem conhecimento do que seja envelhecimento bem-sucedido ou saudável?	Categoria Empírica: Envelhecimento saudável
	Respostas	Unidades de Análise
Acácia	Envelhecimento bem-sucedido é aceitar sua limitação , não ficar reclamando, porque não vai pra frente e fica marcando passo. Aceitação e fazer o que pode nada além do que pode. Aceitação do que se está acontecendo e viver, ficar velha eu gosto e não tenho nada para achar ruim.	<ul style="list-style-type: none"> - Resultado (da Saúde); - Resultado (da Aceitação dos limites e viver); - Resultado (dos Valores sociais)
Angélica	É ter saúde, alegria, sair, passear, dançar e se distrair.	
Amarílis	Aceitar as coisas, como eu estou dizendo, sempre é aceitação, de tudo, não é? Qualquer coisa é sua aceitação, porque depende desta aceitação e adaptação para a sua vida, ser boa ou ruim.	
Hortênci	Para mim é o seguinte, é você ser honesto acima de tudo, cumpridor com seus deveres, porque acumular trabalho, problema, deixa trabalho, não é? É você ser honesto, você ser responsável, ter uma vida organizada.	
Margarida	Envelhecimento bem-sucedido é ter a mente boa para saber conhecer e entender das coisas.	
Camélia	É aceitar, aquele momento que a vida lhe trouxe, é aceitar o hoje. Aceitação porque quando a gente aceita as coisas, tudo fica mais leve de se caminhar. Tem pessoas que quando chega à idade se revolta, se desespera, por não poder mais fazer aquilo que fazia. A gente tem que aceitar e caminhar naquele estado de vida, tudo tem sua etapa na vida.	
Gardênia	É o seguinte: se você tem os seus filhos, tem uma família legal, você não tem apertado no mundo. Aí tem o envelhecimento saudável. Menina, tudo é bom. Tendo agrado, dá um cheiro, um beijo no lado, o outro dá do outro, a bochechinha da gente que é enrugada, com isso acaba todas as rugas da vida.	
Violeta	É fazer o que eu faço. Procurar sempre fazer exercícios, comer em horário certo, ter minha alimentação certa, sadia. Ler. Ler é muito importante. Pessoa que lê, sempre tem a mente boa. Porque a leitura evolui muito a pessoa.	
Prímula	É ter o meu envelhecimento, e não ter medo de ser feliz. O medo de envelhecer, o medo de ser roubada e o medo de... O medo é um terrível inimigo. Você tem que ser prudente na época de hoje, mas prudência é uma coisa e medo é outra. O medo lhe enfraquece e destrói, a prudência fortalece a vida. Não tenha medo de nada, não tenha medo da vida, seja precavida e desbrave o mundo. Eu nunca tive medo de nada.	
Rosa	Sim, é se resolver, sair, procurar fazer algo e procurar se ocupar e viver.	
Magnólia	Ah! Eu mesma sinto que a minha velhice é bem-sucedida. É ter paz, ter compreensão da família, viver sem estar sendo incomodado é não tenho satisfação para dar.	
Orquídea	Acho que não existe envelhecimento bem-sucedido. Não é? Porque bem-sucedido? Eu estou bem graças a Deus, logo é bem-sucedido. Mais poderia ainda ser melhor. Né? As minhas amigas que já estão envelhecidas. Elas eu não acho que têm envelhecimento bem-sucedido, pois elas vivem reclamando. Eu não reclamo de nada.	
Dália	É ser livre e poder fazer as coisas.	
Verônica	Envelhecimento bem-sucedido é como o meu, não se entregar e não deixar ninguém mandar em você e viver.	
Íris	Sim, bem-sucedido é a pessoa envelhecer com pouca doença. Com saúde. É o envelhecimento bom e sadio depende dos cuidados que se tem com a vida e com a saúde.	

Fonte: elaborado pela autora

4.4.6 Lembranças da educação para o envelhecimento: envelhecimento saudável

Na categoria Geral Educação para o Envelhecimento e na argüitiva: Você tem conhecimento do que seja envelhecimento bem-sucedido ou saudável? Ao se expor a questão, todas as idosas analisadas, responderam de imediato o seu entendimento do que era envelhecimento bem-sucedido ou saudável. Fato que possibilitou entender que todas possuíam o conhecimento deste tipo de envelhecimento, entretanto, cada uma apresentou essa concepção de modos distintos. Assim, pela análise semântica identificou-se três unidades de análise: Resultado (da Saúde); Resultado (da Aceitação dos limites e viver); e Resultado (de Valores sociais).

Das 15 idosas pesquisadas, sete 46,67 % disseram que o Envelhecimento bem-sucedido ou saudável era Resultado (da Aceitação dos limites e viver); cinco 33,33 % das idosas atribuíram que seu Envelhecimento bem-sucedido ou saudável era Resultado (da Saúde); e três 20 % das idosas referiram que seu Envelhecimento bem-sucedido ou saudável era Resultado (de Valores sociais).

4.4.6.1 Na unidade de análise: resultado (da aceitação dos limites e viver)

As idosas pesquisadas têm o entendimento que o envelhecimento saudável: é resultado da aceitação das limitações desta fase que é a sua velhice; é a aceitação do que a vida já lhe trouxe e das alterações que estão acontecendo na sua pessoa. Entendem, que ao aceitar as mudanças na sua rotina e ao se adaptar a elas faz com que tudo fique mais fácil de caminhar desde o desbravar do mundo. Têm a concepção de que tudo tem o seu tempo, não precisam ter medo de envelhecer o que se faz necessário é aceitar o hoje, e ir viver a vida sem ter medo de ser feliz.

Achados concordantes com outros autores, que expressam que no homem a idade avançada envolve mudanças significativas, além das perdas biológicas, mudanças que incluem alterações dos papéis e posições sociais. Desse modo, tem-se necessidade de lidar e admitir as perdas podendo-se otimizar as capacidades existentes, modificar sua evolução e, até, transformá-la em conquista (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2015; DEBERT, 2012). Assim, o essencial é usar suas forças com parcimônia e adaptar seus esforços a seus próprios meios. Então não sentimos mais frustração nem fraqueza, aconselhaõ (CÍCERO, 1997, p. 29).

Envelhecimento saudável pode ser o resultado da aceitação da velhice, das limitações da vida e assim, ter-se possibilidade de transformar as suas perdas em ganhos.

4.4.6.2 Na unidade de análise: resultado (da saúde)

Na concepção dessas idosas o envelhecimento bem-sucedido encontra-se associado à manutenção da autonomia, da independência e da cognição. É o envelhecimento bom e sadio ou com pouca doença, porém com a mente boa para saber, conhecer e entender das coisas. Compreendem que o envelhecimento bem-sucedido depende dos cuidados que se tem com a vida e com a saúde, ou seja, precisa-se ter uma alimentação correta, fazer exercícios, ler e viver com alegria.

Afirmativas, que se encontram condizentes com a literatura que sugere que a manutenção da autonomia, da independência e do envolvimento ativo com a vida pessoal, são qualidades encontradas entre os idosos possuidores do envelhecimento bem-sucedido (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2015; NERI; YASSUDA, 2013). Do mesmo modo, o envelhecimento bem-sucedido é visto pela associação dos fatores: manutenção das funções físicas, cognitivas e engajamento com a vida (ROWE; KAHN, 1997). Assim, inclui as atividades físicas, a boa alimentação, o estilo de vida como estímulo da cognição e a adaptação na velhice (TATE; LAH; CUDDY, 2003 apud SLOANE-SEALE; KOPS, 2012). Todos estes trabalhos, reafirmam o entendimento das idosas pesquisadas, de que o envelhecimento bem-sucedido ou saudável é resultado da saúde.

4.4.6.3 Na unidade de análise: resultado (de valores sociais)

A concepção que as idosas têm sobre o que é envelhecimento saudável vem associada aos valores sociais, especialmente as virtudes, o apoio e a atenção familiar. Entende que foram estes os responsáveis pela elevação da sua autoestima, da sua estabilidade emocional e conseqüentemente do bem-estar das mesmas. A percepção deste Estado emocional pelas idosas foi o que fundamentou seu entendimento sobre o envelhecimento saudável.

Corroborando com esse entendimento, Neri (2011) apresenta um modelo psicológico de bem-estar subjetivo na velhice, o qual os idosos dispõem para compensar e minimizar as adversidades advindas dos desgastes da idade. Desse modo, os desgastes da idade podem ser compensados ou reduzidos pelo bem-estar psicológico, bem como pelos afetos positivos.

Dessa forma, as idosas pesquisadas deste conjunto do mesmo entender, concebem que a aceitação dos limites e viver, a saúde e os valores sociais, são os propulsores do envelhecimento saudável.

Pode-se, portanto, dizer que as idosas estudadas, entenderam e dizem que envelhecimento saudável é aquele em que o homem aceita este momento da vida e respeita as suas limitações; procurar envelhecer usando seus conhecimentos para evitar adoecer, se cuidando para ter saúde e vivendo na sociedade em comunhão com os outros, isto é, tendo paz.

Quadro 16 - Arguitiva 7 da categoria geral educação para o envelhecimento

Idoso	Categoria Geral: Educação para o Envelhecimento	
	Arguitiva 7: De onde partiu (origem) seu conhecimento sobre o processo do envelhecimento?	Categoria Empírica: Conhecimento sobre envelhecimento
	Respostas	Unidades de Análise
Acácia	- Sim da convivência com idosos e da UNATI. Eu sempre dizia que não queria ficar assim como minha mãe. Por isso eu vivo estudando na UNATI fazendo todas essas coisas para a cabeça não pifar. Nunca me preocupei com a velhice apenas estou vivendo e vejo que estou ficando velha só isso.	- Aquisição de Conhecimentos (Experiências de vida)
Angélica	-Foi quando entrei no Grupo da Terceira Idade do Hospital Geral de Areias.	- Aquisição de Conhecimentos (Processo Educativos).
Amarílis	- Vivência, e a vivência, só, vivência, porque a vivência faz você passar por isso tudo. Da vida.	
Hortência	- Não sei lhe responder não. Pouco a pouco na vida fui tendo preocupaçãozinha, já estou me preocupando mais agora.	
Margarida	- Foi a vida. Eu senti que estava envelhecendo após sessenta anos, quando começou a limitação e outras pessoas passavam pelas mesmas coisas. Nunca deixei de querer viver, a vida é boa e o envelhecimento com saúde é uma mocidade.	
Camélia	- Na vida. A vida me ensinou a viver e a própria vida me ensinou a envelhecer também.	
Gardênia	- Na natureza. Na vida e no seu dia a dia, ela ensina a gente. No mundo a gente vive pra aprender com a natureza, a maioria, das coisinhas.	
Violeta	- Ninguém me ensinou. Acho que os livros e os filhos ajudaram.	
Prímula	- Dos livros que eu estudo. Eu estudo muito e leio muito.	
Rosa	- Sobre envelhecimento eu aprendi com minha filha, também no rádio e televisão. De uns dez anos para cá a gente ouve no rádio e vê na televisão se falar em envelhecimento e começa a se interessar. Sabe o que eu sei passo para as outras pessoas, tem gente que não passa as coisas, mas o que eu sei de bom eu passo para as pessoas.	
Magnólia	- O tempo. O tempo, e nada mais. O tempo foi o único que me ensinou sobre o envelhecimento.	
Orquídea	- Eu acho que não aprendi com ninguém. Aprendi o que era envelhecimento com a vida. A vida é quem ensina tudo. O meu envelhecimento eu nunca me preocupei com ele, adoro fazer meu aniversário e tem gente que tem pavor. ðNeö? Eu não, a gente tem que saber envelhecer. Eu lembro que falava assim: a gente tem que saber envelhecer e cada um tem que saber por si mesmo como é. Quem faz a gente envelhecer é a mente, é ficar preocupada com a velhice isso vai fazer você ficar velha. Pensar em fazer coisas, tem que ter uma mente bem positiva, relaxar e fazer meditação que é muito importante.	
Dália	- Foi à vida, foi à experiência da vida.	
Verônica	- Aprendendo vendo os outros viver. Olhando o envelhecimento e assim, vendo e escolhendo, não isso eu não vou querer pra mim... Isso eu nunca vou fazer, tirei a vida assim. Nunca me preparei pra isso não, não esperava viver tanto.	
Íris	- Aprendi com o mundo mesmo, com a vida mesmo vendo eu e os outros envelhecer.	

Fonte: elaborado pela autora

4.4.7 Lembranças da educação para o envelhecimento: conhecimento sobre envelhecimento

Na categoria Geral Educação para o Envelhecimento na questão: De onde partiu (origem) seu conhecimento sobre o processo do envelhecimento? Surgiram pela análise semântica duas unidades de análise: Aquisição de Conhecimentos (Experiências de vida) e Aquisição de Conhecimentos (Processos Educativos).

Das 15 idosas pesquisadas, 10 (66,67 %) disseram que seus conhecimentos originaram dos conhecimentos de suas experiências de vida, em 33,33% (04) informam que foram os Conhecimentos através dos cursos e participações na UNATI, Grupos da Terceira Idade e Meios de Comunicação.

Nesse contexto de preparar-se para envelhecer, suas lembranças vêm ligadas a visão de uma educação voltada ao envelhecimento oriunda de dois contextos distintos o da experiência de vida e o dos cursos e grupos da terceira idade e meios de comunicação.

4.4.7.1 A unidade de análise: aquisição de conhecimentos (experiências de vida)

O entendimento dessas idosas analisadas é de que no dia a dia, aos poucos a natureza e as experiências da vida (vivências) vão ensinando a envelhecer, assim, com o tempo vendo outros idosos viver é que se escolhe como quer envelhecer.

Estes entendimentos são consistentes com a literatura que sugere que a educação faz parte da vida e os conhecimentos adquiridos evoluem com as vivências sociais, portanto, são saberes que se tornam importantes para vida humana (VITORINO; MIRANDA; WITTER, 2012). Desse modo, torna-se perceptível que essas idosas se educaram através das suas relações sociais durante sua vida, é a educação denominada pelos educadores de educação informal. A educação informal é aquela na qual os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização gerada nas relações e relacionamentos intra e extrafamiliares (GOHN, 2010).

4.4.7.2 A unidade de análise: aquisição de conhecimentos (processos educativos)

Envolveram a UNATI, Grupos da Terceira Idade e Meios de Comunicação. A compreensão dessas idosas estudadas foi de que seus conhecimentos sobre o envelhecimento se originaram nos cursos da UNATI, no Grupo da Terceira Idade do Hospital Geral de Areias, no rádio, televisão e livros.

Entendem a importância desses conhecimentos quanto a sua evolução, buscam um envelhecimento saudável por desejarem se prevenir dos desfechos negativos no seu envelhecer. Preocupação que externalizam, ao querer repassar os conhecimentos adquiridos aos outros e oportuniza-los com essas mesmas informações.

Nesse contexto, a UNATI é um espaço criado para destinado à educação permanente das pessoas idosas e para pesquisar o envelhecimento humano, somando a esse objetivo há outro a convivência entre as gerações. Por ser a universidade um espaço plural no qual convivem pessoas de gerações diferentes, assim passam, a construir conhecimento. (PACHECO, 2015). Nessa direção Gohn (2010), expressa que a educação que ocorre nas trajetórias do mundo da vida e que os processos interativos vão gerando processos educativos, com a intencionalidade de abrir a janela de conhecimento, voltados aos interesses e as necessidades dos que deles participam, é a que se denomina de educação não formal. Desse modo, permite-se ver que os conhecimentos sobre o envelhecimento originados dos processos educativos, foram beneficiários da educação não formal.

Segundo Brandão (2011, p. 10), a educação existe difusa em todos os mundos sociais, entre as incontáveis práticas dos mistérios do aprender. No registro das entrevistas dessas idosas, vê-se que a educação aparece, em todas elas, como elemento favorecedor da preparação para o envelhecimento e que ela está intimamente relacionada à vida dessas idosas. Percebe-se que cada idosa buscou o envelhecimento saudável, através de modos distintos, porém com o mesmo objetivo: aprender a viver e aprender a envelhecer.

Portanto o processo do envelhecimento dessas idosas originou-se dos conhecimentos oriundos das suas experiências de vida que até as permite escolher como querem envelhecer e, também, dos advindos dos processos educativos os quais por permitir conhecer a evolução e a prevenção do envelhecimento, favorece a todos buscar o seu envelhecimento saudável. Sendo assim, esses conhecimentos foram adquiridos por intermédio da educação informal e da educação não formal.

Quadro 17 - Arguitiva 8 da categoria geral educação para o envelhecimento

Continua

Idoso	Categoria Geral: Educação para o Envelhecimento	
	Arguitiva 8: Ao longo da sua história de vida, qual a importância que teve a sua educação para seu envelhecimento bem-sucedido ou saudável?	Categoria Empírica: Valoração da Educação para o Envelhecimento Saudável
	Respostas	Unidades de Análise
Acácia	- Sem educação não é possível se viver e envelhecer bem de jeito nenhum. Educação é primordial, agora não é educação conhecimento sabedoria não, é educação de vivencia, de comportamento, é comportamental. Porque você saber conviver com outra pessoa, respeitar o outro isso importante demais.	Atributo de muita importância,
Angélica	- A educação foi importante para eu envelhecer bem, para ter entrado no Grupo da Terceira Idade e ter aprendido muito.	
Amarílis	- Muita importância.	Atributo de importância
Hortência	- Muita. Tudo se torna mais leve, mais fácil, porque você não encontra barreiras, você não encontra dificuldades.	
Margarida	- Porque eu não tive... A minha educação é simples eu aprendi vivendo por mim mesma. Mas deu pra viver, envelhecer bem e vai dá pra viver mais na frente. Eu acho que, primeiramente foi, fé em Deus, e cuidado comigo mesma. Nunca gostei de extravagância com nada. Nem com bebedeira, nem com gente de toda qualidade, me juntar com toda qualidade de gente. Sempre fui da minha casa, e zelar pela minha saúde, graças a Deus, isso aí, eu acho que eu levo tudo.	Atributo de nenhuma importância
Camélia	- O importante é aceitar e vivenciar esse momento. A educação é muito importante na vida de toda pessoa e para essa caminhada que é o envelhecimento. Ela realmente tem que estar presente em todos os momentos da vida e quando a gente recebe e segue sua orientação tudo fica mais fácil. Assim, ela favorece se alcançar o envelhecimento bom.	
Gardênia	- A educação da escola, não tive mas tive a educação do berço. Ela foi muito importante para eu envelhecer bem e está me servindo ainda.	
Violeta	- Ah, teve. Eu acho que acima de tudo eu fui uma criança pobre, mas fui muito bem-educada. Primeiro os colégios que eu frequentava era colégios de caridade, mas colégios bons, bons professores, bons orientadores. Então, hoje em dia, eu agradeço a eles pela orientação que tive, e a minha mãe, por sinal, era uma criatura que trazia a gente sempre na linha. Procurava dar respeito, e isso para mim, foi muito importante. Hoje em dia tudo o que sou e tenho, eu agradeço ao meu passado, a minha educação.	
Prímula	- Toda. Desde a educação que vem do berço; a escolar, a da vivência diária, a da família. Todo esse conjunto foi importante para meu envelhecimento bem-sucedido.	
Rosa	- A importância da educação é tudo para mim. A educação ajudou muito o meu envelhecimento bem-sucedido. A educação que meus pais deram diz: lute pra sobreviver, o trabalho edifica o homem, procure não depender de ninguém. O que é dos outros, é dos outros, o que é da gente, é da gente, não mexa no que não é seu. Trabalhe pra ter as coisas com o seu próprio esforço.	
Magnólia	- Teve e muita. E minha mãe me orientou certo.	
Orquídea	- Eu acho que não foi bem isso. É o seguinte, a minha família ninguém envelhece rápido, não tem aquelas rugas; meu bisavô tinha 101 anos e não tinha rugas, meu pai faleceu aos 75 anos tinha muito mais cabelos pretos que brancos; minha mãe aos 75 anos, não tinha celulite, manchas da velhice e eu não tenho. Então, eu devo mais, a isso, a genética. Acho que desde pequena meu pai era daqueles que	

Quadro 17 - Arguitiva 8 da categoria geral educação para o envelhecimento

Conclusão

	dava emulsão de Scott (meu Deus que remédio), cálcio e todo mês agente tomava purgante. Eu acho mais, que foram essas coisas: a genética e os cuidados. Eles facilitaram o meu envelhecimento bem-sucedido.	
Dália	- Toda. Foi de grande importância o que aprendi na vida para eu chegar bem até aqui.	
Verônica	- Teve demais para viver e envelhecer, principalmente o respeito pelos outros e querer sempre ajudar. Foi isso que papai e mamãe, principalmente mamãe mais me ensinou.	
Íris	- Tudo. Cem por cento foi à educação.	

Fonte: elaborado pela autora

4.4.8 Lembranças da educação para o envelhecimento: valoração da educação para o envelhecimento saudável

Na análise das idosas sobre a categoria Empírica: Da valoração para o envelhecimento saudável das suas vozes surgiram três unidades de análise: Atributo de muita importância; Atributo de importância e Atributo de nenhuma importância.

Entre as idosas estudadas 93,33 % (14) referem que a educação foi importante para o envelhecimento bem-sucedido ou saudável e só 6,67% (01) das idosas refere não ter a educação importância para o seu envelhecimento saudável.

Das idosas estudadas, as que atribuíram importância a educação para o seu envelhecimento, 80,00 % (12) declaram que a educação foi atributo de muita importância para se ter um envelhecimento bem-sucedido ou saudável, e 13,33 % (02) atribuíram importância à educação para o envelhecimento bem-sucedido.

4.4.8.1 Na unidade de análise: atributo de muita importância

As idosas dessa unidade entenderam que a educação foi muito importante para seu envelhecimento pois: sem a educação não é possível viver e envelhecer bem, ela é primordial à vida; é muito importante em todos os momentos da vida; desde a educação do berço, da família, a escolar, a da convivência diária, todo esse conjunto foi muito importante porá o envelhecer bem; a sua importância é tudo, é demais para se chegar bem até aqui, ou seja, cem por cento de tudo foi a educação a responsável. Afirmativas que se encontram condizentes com a literatura que refere ser a educação propulsora da promoção de uma velhice bem-sucedida (VITORINO; MIRANDA; WITTER, 2012). Do mesmo modo, Sloane-Seale e Kops (2012) referem que a educação tem o potencial de melhorar todos os resultados referentes à

saúde. Assim sendo, interfere beneficiando seu envelhecimento e favorecendo a sua evolução saudável.

4.4.8.2 Na unidade de análise: atributo de importância

As vozes das idosas expressam a importância da educação para seu envelhecimento saudável como: a educação foi importante para ter entrado no Grupo da terceira idade e ter aprendido muito; minha educação foi simples, mas deu para viver e envelhecer bem. Referências concordantes com a literatura que sugerem que a educação voltada para saúde do homem visa a melhoria da qualidade de vida, sendo uma aliada do envelhecimento bem-sucedido (VITORINO; MIRANDA; WITTER, 2012).

4.4.8.3 Na unidade de análise: atributo de nenhuma importância

Esta idosa refere que deve o seu envelhecimento saudável a sua genética e aos cuidados de seu pai, foram eles que favoreceram o seu envelhecimento. Alegação que Brandão e Mercadante fazem referência quando dizem que o envelhecimento e a longevidade dependem de múltiplos fatores entre os quais a história genética. Portanto está não é a única responsável pelo tipo de envelhecimento. Segundo Gottlieb (2007), a genética não é determinante na evolução do envelhecimento tanto quanto os fatores ambientais, o estilo de vida e a dieta. Entende-se, portanto, que a interferência da genética sobre o envelhecimento existe, porém de forma limitada.

Procurando-se identificar o tipo de educação que mais interferiu, nesse processo de construção do conhecimento, para o envelhecimento saudável, certificou-se ter sido a educação informal a responsável que contribuiu em 64,28 % (09) da formação dessas idosas acima estudadas. Entretanto, detectou-se, também, a participação da educação formal e a educação não formal na construção do conhecimento para o envelhecimento saudável.

É importante que se deixe bem claro, constatou-se que das idosas pesquisadas 93,33 % (14) declararam que a educação foi importante para o envelhecimento bem-sucedido, e 80,00 % (12) dessas idosas exorbitam o valor da educação para seu envelhecimento saudável.

Nesse contexto, entende-se pelas vozes das idosas que o ser humano durante toda sua vida, constantemente se envolveu com os processos educativos como um fator de seu desenvolvimento. Assim como refere Werthein e Cunha (2005), a educação tem lugar em todas as idades da vida e na multiplicidade das situações e das circunstâncias da existência.

Por fim, diz que deve ser o ideal da educação, ajudar cada um se tornar cidadão desse mundo turbulento e em mudança, que nasce cada dia perante aos nossos olhos (WERTHEIN; CUNHA, 2005, p. 20). Tendo, no presente trabalho, sido constatado a significativa importância da educação para o envelhecimento saudável em idosos longevos.

Se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos esperamos, que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil de amar (FREIRE, 2010, p. 213).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: ou ponto de partida à novos começos e à novas histórias...

Educação é muito importante na vida de toda pessoa e para essa caminhada que é o envelhecimento. Ela realmente tem que estar presente em todos os momentos da vida e quando a gente recebe e segue a sua orientação, tudo fica mais fácil. Assim ela favorece se alcançar o bom envelhecimento (informação verbal)¹⁰⁵.

Lembranças e recordações de idosas, início de uma busca que possibilitou se chegar até este momento. Grandes percursos foram realizados, dificuldades superadas, conhecimentos adquiridos, sempre na procura de respostas.

Na busca desses argumentos, se percorrem-se caminhos, documentos foram construídos, percepções de vozes de quem viveu sete a oito décadas atrás são registradas. Para tanto, investiguei as histórias de vidas de idosas, utilizei a estrutura da história oral como metodologia, entrevistei quinze idosas que trouxeram na memória os indícios que se procurava. Idosas que narraram suas histórias de vida, suas lembranças da infância até a velhice, acrescentando fatos de vivências que puderam esclarecer e compreender a importância da educação para o envelhecimento saudável em idosos longevos.

Portanto, partiu-se para responder perguntas, analisando-se duas categorias a educação e a educação para o envelhecimento. Procurando-se, assim, na memória de cada uma das idosas, as lembranças que pudessem auxiliar a elucidar os aspectos acerca da sua educação para o envelhecimento. Idosas que tinham em comum a faixa etária, o envelhecimento saudável e o desejo de colaborar com suas vivências para este estudo.

Assim, comecei a pontuar algumas questões, como, por exemplo, no que diz respeito a sua infância na sua família, foi questionado se na família foi transmitida alguma informação sobre o envelhecimento. Constatou-se que na maioria das idosas, tal tipo de informação não foi passada e que seus conhecimentos sobre o assunto originaram, principalmente, das suas observações e convivência com idosos. Assim, apenas em um pequeno número de famílias, os informes sobre o envelhecimento eram oferecidos. Acredita-se, que o reduzido número de idosos na época, não despertava interesse para está abordagem.

Todavia, as idosas quando crianças conviveram com os avós e ou idosos, e este relacionamento favoreceu a aprendizagens sobre o envelhecimento. É importante referir, que a convivência entre avós e netos produziu momentos de afeto, de brincadeiras e de

¹⁰⁵ Depoimento concedido a doutoranda por D. Camélia (89 anos).

ensinamentos inesquecíveis. O que torna esses avós muito queridos e admirados por esses seus netos.

Outro aspecto apontado, sobre a infância, foi quanto ao que de maior importância você se recorda ter aprendido na escola. Suas lembranças se voltaram para dois aspectos: o ler, escrever e estudar (disciplinas) e as atividades complementares (esportes, artes, culinária, práticas cívicas e idiomas). Sendo que uma das idosas associou o ler, escrever e o estudar às atividades complementares. Contudo, três delas, expressaram um sentimento de profunda tristeza ao relatar que não tiveram a oportunidade de estudar.

Todavia, todas quinze idosas analisadas, além de reconhecerem a importância do estudo, deram a oportunidade aos seus filhos de estudar.

Ciente deste entendimento surge à necessidade de conhecer a concepção das idosas sobre o que é aprender. Os seus entendimentos, sobre o assunto, só registraram aspectos positivos quanto à aquisição dos conhecimentos à vida. Foram abordagens distintas, porém registros construtivos e favoráveis ao viver e ao envelhecer.

Do mesmo modo, procurou-se o entendimento das idosas sobre o que é a educação, verificou-se que elas consideravam ser um fator de grande importância e fundamental no cotidiano de suas vidas. Elas têm a compreensão de que a educação é indispensável à vida e sem a qual não conseguem viver. Em síntese, com a utilização desses entendimentos, buscou-se a unificação do significado do que era a educação, e assim, encontrou-se a seguinte composição:

A educação é importante, necessária e primordial, isto é, o fator básico da vida do homem, e a melhor coisa. Origina-se com o nascimento e vai até o fim, de forma que a sabedoria e os conhecimentos passam de geração a geração. A educação é o caminho da vida, o norte das normas da ética ao convívio e ao viver no mundo. Enfim, a educação é o tudo da vida. Sem ela não se consegue viver, sem a educação ninguém é ninguém (inexiste vida). **Logo, a educação é vida** (informação verbal)¹⁰⁶.

Elas entendem, também, que a educação formal e a educação informal, foram fundamentais para sua formação e necessárias para seu viver.

As idosas apontam ser a educação um fator importante a todas e que durante a sua trajetória de vida, foram beneficiárias da educação, isto é, a educação trouxe benefícios à vida de todas elas. Constatou-se, também, que a educação esteve presente durante toda sua vida e influenciou o seu envelhecimento. Sendo assim, a educação é o caminho de aquisição de

¹⁰⁶ Depoimento concedido pelas idosas à doutoranda em 2015.

conhecimento sobre o envelhecimento, sobre as suas limitações e utilizando-o passa-se a viver melhor. Esses conhecimentos é o que permite o homem adquirir o envelhecimento saudável. Assim sendo, a influência da educação é positiva para o envelhecimento.

Para tanto, a educação influencia e influenciou positivamente, todas essas idosas, a alcançarem o envelhecimento saudável.

Parte-se nesta ocasião, para a análise de conteúdo da categoria geral da educação para o envelhecimento.

De início, essas idosas referem que ninguém as ensinou a envelhecer e atribuíram que as suas aprendizagens sobre o envelhecimento, foram adquiridas no decorrer de suas vidas, nas mais variadas situações do seu evoluir.

Referem, que as preparações para o seu envelhecer vieram para a maioria das idosas, da busca individual, quer através das suas relações na família e ou na sociedade em geral, quer nos diálogos com outros idosos, ou através dos meios de comunicação. Do mesmo modo, adquiriram conhecimentos pelos ensinamentos nos grupos da terceira idade, nos grupos do SESC, e nas orientações de nutricionistas. Desse modo, verifica-se que a educação informal e a não formal, contribuíram para a preparação do envelhecimento.

Quando, se procurou conhecer as suas concepções do que é qualidade de vida, suas vozes revelaram que esse conceito está vinculado a saúde das idosas, ao viver bem e aos valores sociais. Entretanto, para ter-se qualidade de vida elas referem que se precisa cuidar da saúde física e mental, cuidar da saúde espiritual e das virtudes.

Dessa forma, para se ter qualidade de vida é preciso: ter alimentação saudável e balanceada, fazer exercícios físicos e mentais, respeitar os seus limites (resiliência), ter acompanhamento com avaliações periódicas de médicos, de nutricionistas e de preparador físico; cuidar da saúde espiritual e das virtudes, isto é, não se preocupar com as coisas do mundo (não se preocupar com o ter e o possuir), cultivar a prática da solidariedade e da boa convivência, procurar ter paz (é ter a consciência do dever cumprido), e sentir paz (é estar em harmonia e equilíbrio com a vida).

Desse modo, ter qualidade de vida é estar com boa saúde física e mental, é estar em equilíbrio com o seu mundo interior, com o mundo do entorno, é estar em paz consigo e com os outros. Por fim: É viver!

Todavia, a formação educacional dessas idosas conseguiu resolver os problemas da velhice de cada uma delas, bem como as auxiliou na resolução das suas adversidades.

Quanto à compreensão, das idosas, do que seja envelhecimento bem sucedido ou saudável, todas elas quase que de imediato apresentaram suas concepções direcionadas para

três ângulos diferentes: ser resultante da aceitação das limitações desta fase, adaptar-se a elas (resiliência) e continuar a viver, isto é, aceitar o hoje e ir viver a vida; ser resultante da saúde, ou seja, ter um envelhecimento com pouca doença e com a manutenção da autonomia, da independência, da cognição e da alegria de viver; e estar associado aos valores sociais como as virtudes, o apoio e a atenção familiar, os quais promoveram a elevação da autoestima, da estabilidade emocional e do seu bem estar. Dessa forma, os declínios da idade podem ser compensados pelo bem estar psicológicos e pelos afetos positivos.

Portanto, o envelhecimento saudável na concepção das idosas é aquele em que se aceita esta fase da vida que é a velhice, respeita-se seus limites, mantendo as funções que valoriza. Tudo isso aliado aos cuidados para não adoecer e sempre buscando ter saúde; e acompanhada de valores sociais que promovam a sua estabilidade emocional e o seu bem estar na vida.

Nas lembranças das idosas, o conhecimento sobre o processo do envelhecimento partiu das suas experiências de vida, dos ensinamentos nos grupos da UNATI, da Terceira Idade, e dos meios de comunicação.

Portanto, a vida ensina tudo: a viver, a envelhecer, e o que é o envelhecimento. Tudo ela ensina através das vivências e das experiências diárias, e até deixa você escolher como quer envelhecer. Os ensinamentos nos grupos da UNATI, nos da Terceira Idade, e nos meios de comunicação oferecem conhecimentos sobre o envelhecimento quanto aos aspectos fisiológicos da sua evolução, os efeitos negativos, bem como a sua prevenção.

Sendo assim, os ensinamentos oriundos das vivências ou experiências diárias de vida, aliados aos dos cursos e dos meios de comunicação favorecem a busca pelo envelhecimento saudável, quer por meio da educação informal e ou da não formal.

Outro ponto, analisado foi aquele que buscou na memória das idosas as lembranças e os elementos essenciais que puderam esclarecer qual a importância da educação para o seu envelhecimento saudável ao longo da sua história de vida. As lembranças das idosas, relatam na quase totalidade, que a educação se mostrou importante para que elas tivessem um envelhecimento saudável e somente uma delas, referiu não ter a educação importância para o seu envelhecimento saudável.

Achou-se recomendável, também, analisar o valor atribuído à importância da educação, visto que essas idosas, pelas suas vozes faziam tal diferenciação e assim, observa-se que elas reconhecem na educação uma inestimável importância para seu envelhecimento saudável, ou seja, superestimam a educação para este tipo de envelhecimento. Achado que teve significância estatística.

Vale destacar, que através das lembranças das idosas, foi possível identificar a educação informal, a educação formal e a educação não formal como as responsáveis pela construção dos conhecimentos que propiciaram as idosas, desenvolverem e alcançarem o seu envelhecimento saudável. Todavia, foi à educação informal a que mais contribuiu para a aquisição desses conhecimentos.

Enfim, as idosas pesquisadas referem que seus conhecimentos sobre o envelhecimento se originaram, principalmente, das observações e convivências com avós e idosos e que ninguém, especificamente, as ensinou a envelhecer. Conhecimentos, adquiridos no decorrer de suas vidas, principalmente, pela sua própria busca individual, contudo, os conhecimentos sobre o processo do envelhecimento partiram dos ensinamentos nos grupos da UNATI, nos da Terceira Idade, nos dos meios de comunicação, associados as suas experiências na vida.

Vale destacar que os ensinamentos oriundos das experiências de vida, aliadas aos cursos e aos meios de comunicação favoreceram-nas poder buscar o envelhecimento saudável.

Portanto, as idosas referem ser a educação indispensável, o fator básico da vida e que sem ela não conseguem viver, assim, pode-se dizer que educação é a vida. A educação está e esteve presente em todos os momentos das suas vidas, beneficiaram e influenciaram o seu envelhecimento de forma positiva, resolveram os problemas oriundos da sua velhice e favoreceram, as idosas alcançarem o envelhecimento saudável.

A educação informal, a educação não formal e a educação formal foram as responsáveis pela construção dos conhecimentos que propiciaram as idosas, desenvolverem e alcançarem o seu envelhecimento saudável.

Atesta-se, de forma significativa, que a educação foi muito importante para o envelhecimento saudável em idosos longevos.

Finalmente, tem-se a impressão de se estar a fazer considerações que apontam conclusões que só foram possíveis pelas lembranças de idosas. Desse modo, foi através das memórias de idosas, do resgate de fragmentos deixados pelo passado, que se construiu esta pesquisa, a partir das histórias de vida e de suas narrações se produziu esta documentação sobre a importância da educação para o envelhecimento saudável em idosos longevos.

Experiência privilegiada em, buscar respostas, aprender coisas, esquecer tantas outras, trocar valores, mudar rumos, e pensar num futuro a percorrer com outras histórias...

Momento de muita significação, na minha vida, o alcançar da realização do sonho protelado por dezenas de anos e que agora está a se realizar, o alcançar do inesperado, o

chegar ao lugar onde se está e poder dizer que: aqui não se encontra o fim, mas o ponto de partida de novos começos e de novas histórias...

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ALBERTI, V. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Departamento de História Contemporânea do Brasil, 1989.
- ALENCAR, R. S. Ensinar a viver, ensinar a envelhecer: desafios para educação de idosos. **Estud. Interdiscip. Envelhec.**, Porto Alegre, v. 4, p. 61-83, 2002. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/view/4719/2645>>. Acesso em: 21 jan. 2016.
- ALHEIT, P.; DAUSIEN, B. Processo de formação e aprendizagens ao longo da vida. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 177-197, jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v32n1/a11v32n1.pdf>>. Acesso em: 21 ago. 2016.
- ALVES, A. M. Os idosos, as redes de relações sociais e as relações familiares. In: NERI, A. L. (Org.) **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: SESC, 2007. p. 125-139.
- ANDRADE, C. D. **Poesias completas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.
- ANDRADE, E. R. **Histórias de idosos: sementes para cultivarmos uma educação para uma velhice bem sucedida**. 2010. 136 f. Tese (Doutorado em Educação) ó Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.
- ANNAN, K. Envelhecimento produtivo: trabalho de voluntariado realizado por idosos. In: ASSEMBLÉIA MUNDIAL SOBRE O ENVELHECIMENTO 2., 2002, Madrid. [Pronunciamentos]... Madrid: ONU, 2002. p. 1-3.
- ARAÚJO, G. C.; SANTOS, S. M. **História, memória e iconografia nas cartilhas de alfabetização**. Disponível em: <http://www.fae.ufmg.br/portalmineiro/conteudo/externos/4cpehemg/Textos/pdf/1b_2.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2016.
- ARCURI, I. G. Velhice: da gerontofobia ao desenvolvimento humano. In: CÔRTE, B. (Org.). **Velhice e envelhecimento: complex(idade)**. São Paulo: Vetor, 2005. p. 35-56.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE GERONTOLOGIA. **Conhecendo e entendendo a universidade aberta à terceira idade**. Disponível em: <<http://www.aterceiraidade.com/educacao-na-3a-idade/conhecendo-e-entendendo-a-universidade-aberta-a-terceira-idade/>>. Acesso em: 21 jan. 2016.
- BACELAR, R. **O lugar da avó**. Recife: Fundação Antônio dos Santos Abranches, 2002.
- BALTES, P. B.; SMITH, J. Psicologia da sabedoria: origem e desenvolvimento. In: NERI, A. L. **Psicologia do envelhecimento**. Campinas: Papyrus, 1995. p. 41-72.
- BANDEIRA, M. **Estrela da vida inteira: poesias reunidas**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1993.

BAPTISTA, A. M. H. **Tempo - Memória**. São Paulo: Arke, 2007.

BARBOSA, R. H. S. **Mulheres, reprodução e AIDS**: as tramas da ideologia na assistência à saúde de gestantes HIV+. 2001. 310 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) ó Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, Escola Nacional de Saúde Pública de São Paulo, São Paulo, 2001.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BARROS, J. J. C. **Empreendedorismo, trabalho e qualidade de vida na terceira idade**. São Paulo: Edicon, 2009.

BARROS, M. M. L. Envelhecimento, cultura e transformações sociais. In: PY, L. (Org.). **Tempo de envelhecer**: percursos e dimensões psicossociais. 2. ed. São Paulo: Ed. Nau, 2006. p. 39-58.

BASSIT, A. Z. História de mulheres: reflexões sobre a maturidade e a velhice. In: MINAYO, M. C. S.; COIMBRA, C. E. A. Jr. (Org.). **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. p. 175-189.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto**: imagem e som: um manual prático. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Tradução Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

_____. **A velhice**: a realidade incômoda. Tradução Heloysa de Lima Dantas. 2. ed. Rio de Janeiro: Difel, 1976.

_____. **A velhice**: as relações com o mundo. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BICUDO, M. A. V. **Pesquisa qualitativa**: segundo a visão fenomenológica. São Paulo: Cortez, 2011.

BOARETTO, R. C.; HEIMANN, L. S. Conselhos de representações de idosos e estratégias de participação. In: VON SIMSON, O. R. M.; NERI, A. L.; CACHIONI, M. (Org.). **As múltiplas faces da velhice no Brasil**. Campinas: Alínea, 2015. p. 105-125.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1979.

_____. _____. 15. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BOTH, A. **Educação e envelhecimento humano**. Caxias do Sul: EDUCS, 2006.

BOTH, A. **Educação gerontológica: posições e proposições**. Erechim: Ed. São Cristóvão, 2001.

_____. **Envelhecimento humano: múltiplos olhares**. Passo Fundo: UPF, 2003.

_____. **Gerontologia, educação e longevidade**. Passo Fundo: Imperial, 1999.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 183-191.

_____. Introdução a uma sociologia reflexiva. In: _____. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989. p. 19-57.

_____. **Questões de sociologia**. São Paulo: Marco Zero, 1983.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2011.

_____. (Org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BRANDÃO, V. M. A. T.; MERCADANTE, E. F. **Envelhecimento ou longevidade?** São Paulo: Paulus, 2009.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 16 out. 1996. Seção 1. p. 210-282.

BRASIL. Constituição (1824). **Constituição Política do Império do Brasil (25 de março de 1824)**. Manda observar a Constituição Política do Império, oferecida e jurada por Sua Magestade o Imperador. Rio de Janeiro, 1824. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm>. Acesso em: 10 jun. 2016.

BRASIL. Constituição (1934). Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil (de 16 de julho de 1934). Nós, os representantes do povo brasileiro, pondo a nossa confiança em Deus, reunidos em Assembléia Nacional Constituinte para organizar um regime democrático, que assegure à Nação a unidade, a liberdade, a justiça e o bem-estar social e econômico, decretamos e promulgamos a seguinte. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Rio de Janeiro, 16 jul. 1934. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao34.htm>. Acesso em: 10 jun. 2016.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 5 out. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 10 jun. 2016.

BRASIL. **Decreto nº 1.948, de 03 de julho de 1996**. Regulamenta a Lei nº 8.842, de 04 de janeiro de 1994, que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, e dá outras providências. Brasília, DF, 1996a. Disponível em: <<https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome->

instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=Decreto+n%C2%BA+1.948%2C+de+03+de+Julho+de+1996.+Regulamenta+a+Lei+n%C2%BA+8.842%2C+de+janeiro+de+1994%2C+que+disp%C3%B5e+sobre+a+Pol%C3%ADtica+Nacional+do+Idoso%2C+e+d%C3%A1+outras+provid%C3%AAs+Bras%C3%ADlia%2C+1996>. Acesso em: 20 maio 2014.

BRASIL. Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 05 jan. 1994. Seção 1, p. 77.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996b. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>>. Acesso em: 14 maio 2014.

BRASIL. **Lei nº 10.172, de 01 de janeiro de 2001**. Aprova o Plano Nacional de Educação. Brasília, DF, 2001. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/LEIS_2001/L10172.htm>. Acesso em: 07 jul. 2014.

BRASIL. **Lei nº 10.741, de 01 de outubro de 2003**. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Brasília, DF, 2003. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.741.htm>. Acesso em: 12 jul. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Salto para o futuro: educação ao longo da vida**. Brasília, DF, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional da Educação. **Parecer CNE/CEB 11/2000. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 9 jun. 2000. Seção 1e. p. 15.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Atenção à saúde da pessoa idosa e envelhecimento**. Brasília, DF, 2010. (Série Pactos pela Saúde, v. 12).

BRASIL, C. (Org.). **Viver a melhor opção: envelhecer... faz parte!** Rio de Janeiro: Quartet, 2012.

BRAYNER, F. H. A. **Educação e republicanismo: experimentos arendtianos para uma educação melhor**. Brasília, DF: Liber Livro, 2008.

BUSSE, E. W.; BLAZER, D. G. **Psiquiatria geriátrica**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

CACHIONI, M. **Quem educa os idosos?** Um estudo sobre professores de universidade da terceira idade. Campinas: Alínea, 2003.

_____. **Universidades da terceira idade: das origens à experiência brasileira**. In: NERI, A. L.; DEBERT, G. G. (Org.). **Velhice e sociedade**. Campinas: Papyrus, 1999. p. 141-178.

CALDAS, C. P.; VERAS, R. P. A saúde do idoso: a necessária abordagem multidimensional. In: TURA, L. F. R.; SILVA, A. (Org.). **O envelhecimento e representações sociais**. Rio de Janeiro: Quartet, 2012. p. 70-87.

CÂMARA, R. H. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. **Rev. Interinstitucional Psicol.**, Juiz de Fora, v. 6, n. 2, p. 179-191, jul./dez. 2013.

CAMARANO, A. A. **Novo regime demográfico: uma nova relação entre população e desenvolvimento** ? Rio de Janeiro: Ipea, 2014.

_____. (Org.). **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CAMARANO, A. A.; KANSO, S.; LEITÃO E MELLO, J. Como vive o idoso brasileiro? In: CAMARANO, A. A. (Org.). **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004. p. 25-74.

CAMARANO, A. A.; PASINATO, M. T. Introdução. In: CAMARANO, A. A. (Org.). **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004. p. 11-22.

CAMPOS, C. M. T.; MENEZES, A. K.; BOECHAT, N. S. Prevenção em geriatria. In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA. **Caminhos do envelhecer**. Rio de Janeiro: Revinter, 1994. p. 39-43.

CANCLINE, G. N. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas e interculturalidades**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2009.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

CARVALHO, R. T. **Discursos pela interculturalidade no campo curricular da educação de jovens e adultos no Brasil nos anos 1990**. Recife: Bagaço, 2004.

CASARA, M. B. Apresentação. In: BOTH, A. et al. **Educação e envelhecimento humano**. Caxias do Sul: EDUCS, 2006. p. 7-10.

CASTANHO, S. **Teoria da história e história da educação: por uma história cultural não culturalista**. Campinas: Autores Associados, 2010.

CENTRO INTERNACIONAL DE LONGEVIDADE BRASIL. **Envelhecimento ativo: um marco político em resposta à revolução da longevidade**. Rio de Janeiro, 2015.

CHACHAMOVICH, E.; TRENTINI, C.; FLECK, M. P. A. Qualidade de vida em idosos: conceituação e investigação. In: NERI, A. L. (Org.) **Qualidade de vida na velhice: enfoque multidisciplinar**. Campinas: Alínea, 2011. p. 61-82.

CHAIMOWICZ, F.; CAMARGOS, M. C. S. A saúde dos idosos no Brasil. In: BRASIL, C. (Org.) **Viver a melhor opção: envelhecer... faz parte!** Rio de Janeiro: Quartet, 2012. p. 31-54.

CHAN, M. Prefácio do relatório mundial de envelhecimento e saúde. In: ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório mundial de envelhecimento e saúde**. Genebra, 2015. Disponível em: <<http://sbgg.org.br/oms-divulga-relatorio-sobre-envelhecimento-e-saude>>. Acesso em: 10 jan. 2016. p. 3-4.

CHOPRA, D. **Corpo sem idade mente sem fronteira**: a alternativa quântica para o envelhecimento. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

CÍCERO, M. T. **Saber envelhecer e a amizade**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: DP&A, 1997.

_____. **A velhice saudável**: o sonho de Cipião. São Paulo: Escala, 2006. (Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal, 63).

CONFERÊNCIA REGIONAL INTERGOVERNAMENTAL SOBRE ENVELHECIMENTO NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE, 2., 2007, Brasília, DF. **Declaração de Brasília sobre envelhecimento**. Brasília, DF, 2007. Disponível em: <http://www.observatorionacionaldoidoso.fiocruz.br/biblioteca/_informes/11.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2012.

CONFORT, A. **A boa idade**. São Paulo: DIFEL, 1977.

CÔRTE, B.; MERCADANTE, E. F.; ARCURI, I. G. (Org.). **Envelhecimento e velhice**: um guia para a vida. São Paulo: Vetor, 2006. (Coleção Gerontologia, v.2).

_____. **Velhice e envelhecimento**: complex(idade). São Paulo: Vetor, 2005.

CORTELLETTI, I. A.; CASARA, M. B. Projeto pedagógico como fator educativo de promoção para bem - envelhecer. In: CASARA, M. B.; CORTELLETTI, I. A.; BOTH, A. **Educação e envelhecimento humano**. Caxias do Sul: EDUCS, 2006a. p. 11-20.

_____. Universidade: sua função social na promoção da velhice. In: CASARA, M. B.; CORTELLETTI, I. A.; BOTH, A. **Educação e envelhecimento humano**. Caxias do Sul: EDUCS, 2006b. p. 21-30.

COSTA, G. A. Corporeidade, atividade física e envelhecimento: desvelamentos, possibilidades e aprendizagens significativas. In: KACHAR, V. (Org.). **Longevidade um desafio para a educação**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 81-109.

DAMASCENO, B. P. Trajetória do envelhecimento cerebral. In: NERI, A. L. (Org.). **Desenvolvimento e envelhecimento**: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas. Campinas: Papyrus, 2012.

DEBERT, G. G. A reinvenção da velhice: socialização e reprivatização do envelhecimento. São Paulo: EDUSP: Fapesp, 2012.

DELGADO, L. A. N. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **Hist. Oral**, São Paulo, v. 6, p. 9-25, 2003. Disponível em: <https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/819734/mod_resource/content/1/DELGADO%2C%20

Lucilia%20E2%80%93%20Hist%C3%B3ria%20oral%20e%20narrativa.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2016.

DELORS, J. A educação ou a utopia necessária. In: UNESCO. **Educação: um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 1999. p. 11-32.

_____. _____. 4. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2010. p. 11-32.

DELORS, J.; EUFRAZIO, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez, 1999.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DISTANTE, C. Memória e identidade. **Tempo Bra.**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 77-86, out./dez. 1988.

DOLL, J. O campo interdisciplinar da gerontologia. In: PY, L. et al. **Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais**. 2. ed. Holambra, SP: [s. n.], 2006. p. 77-96.

_____. Educação cultura e lazer: perspectiva de velhice bem sucedida. In: NERI, A. L. (Org.) **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: SESC, 2007. p. 109-123.

DOURADO, L. F. **Plano nacional de educação (2011-2020): avaliação e perspectivas**. Goiânia: Ed. da UFG; Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

ELIAS, N. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000.

_____. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

ELTZ, G. D. et al. Panorama atual das universidades abertas à terceira idade no Brasil. **Rev. Kairós Gerontol.**, São Paulo, v. 17, n. 4, p. 83-94, dez. 2014. Disponível em: <https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl#q=Quantos+programas+se+tem+em+todo+o+país+em+instituições+públicas>. Acesso em: 20 mar. 2016.

EVARISTO, C. O. **Educação e ciências sociais**. Brasília, DF: Ed. da UNB, 2007.

FERREIRA, A. J.; SILVA, R. F. D. Uma leitura da educação e do ensino. In: FERREIRA, A. J. et al. (Org.). **Educação & envelhecimento**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2012. p. 31-37.

FERREIRA, M. M. Desafios e dilemas da história oral nos anos 90: o caso do Brasil. **Hist. Oral**, São Paulo, n. 1, p. 19-30, jun. 1998.

FERREIRA, M. M.; AMADO, J. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

FERREIRA, M. M.; FERNANDES, T.; ALBERTI, V. (Org.). **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Ed. da Fiocruz: Casa de Osvaldo Cruz: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**: curso dado no Collège de France (1981-1982). Tradução Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FRANÇOIS, E. A fecundidade da história oral. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 6-13.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

_____. **Educação e mudança**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000a.

_____. _____. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia da esperança**. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

_____. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000b.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

FREIRE, P. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho d'água, 1995.

FREIRE, P.; BETTO, Frei. **Essa escola chamada vida**: depoimento ao repórter Ricardo Kotscho. 6. ed. São Paulo: Ática, 1988.

FREITAS, E. V. Demografia e epidemiologia do envelhecimento. In: PY, L. et al. **Tempo de envelhecer**: percursos e dimensões psicossociais. 2. ed. Holambra, SP: [s. n.], 2006. p. 138.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **O que é história oral**. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Envelhecimento no século XXI**: celebração e desafio. New York: Estação Gráfica, 2012.

GADOTTI, M. **Educação e poder**: introdução à pedagogia do conflito. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1985.

_____. **Educação popular e educação ao longo da vida**. Disponível em: <https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Educacao_Popular_e_ELV_Gadotti.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2016.

GARRIDO, R.; MENEZES, P. R. O Brasil está envelhecendo: boas e más notícias por uma perspectiva epidemiológica. **Rev. Bras. Psiquiatria**, São Paulo, v. 24, p. 3-6, abr. 2002. Suplemento 1. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462002000500002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 23 abr. 2016.

- GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 64-89.
- GLAT, R. **Somos iguais a você: depoimentos de mulheres com deficiência mental**. Rio de Janeiro: Ed. Agir, 1989.
- GOHN, M. G. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.
- GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- GOMES, A. M. **Políticas públicas e gestão da educação**. Campinas: Mercado de Letras, 2011.
- GOMES, F. A. A. Histórico da geriatria e gerontologia. In: MENEZES, A. K. **Caminhos do envelhecer**. Rio de Janeiro: Revinter, 1994. p. 1-6.
- GOTTLIEB, M. G. V. et al. Aspectos genéticos do envelhecimento e doenças associadas: uma complexa rede de interações entre genes e ambiente. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 273-283, 2007. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/4038/403838775002.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2016.
- GUERRA, I. C. **Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: sentidos e formas de uso**. Cascais: Pincipia, 2006.
- HADDAD, E. G. M. **A ideologia da velhice**. São Paulo: Cortez, 1986.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.
- HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do espírito**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- HERÉDIA, V. B. M. A família, a educação e o envelhecimento humano: desafios para a sociedade. In: BOTH, A. et al. **Educação e envelhecimento humano**. Caxias do Sul: EDUCS, 2006. p. 109-131.
- HOWE, J. W.; KAHN, R. L. Human aging: usual and successful. **Science**, Washington, n. 237, p. 143-149, 1987.
- IBGE. **Brasil em síntese**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/brasil_em_sintese/default.htm>. Acesso em 01 jul. 2004.
- _____. **Censo demográfico de 2010**. Brasília, DF, 2011. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 25 ago. 2011.

IBGE. **Pesquisa de orçamentos familiares 2002-2003: análise da disponibilidade domiciliar de alimentos e do estado nutricional no Brasil.** Rio de Janeiro, 2004.

_____. **Pirâmides etárias 1960, 2000 e 2010.** Disponível em: <<http://s.glbimg.com/jo/g1/f/original/2012/04/30/idade4.jpg>>. Acesso em: 25 jul. 2013b.

_____. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2014.** Rio de Janeiro, 2014.

_____. **Taxa de mortalidade no Brasil de 1940-1999.** Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=Gr%C3%A1fico+1++Taxa+de+Mortalidade+no+Brasil+de+1940-1999&biw=1366&bih=662&espv=2&tbm=isch&imgil=iBBnU1EX6fxWqM%253A%253BFdKQvVRQAXNqM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Fgeoconceicao.blogspot.com%25252F2011%25252F06%25252Fexercicios-sobre-populacao.html&source=iu&pf=m&fir=iBBnU1EX6fxWqM%253A%252CFdKQvVRQAXNqM%252C_&usg=__Ak5eexLPjfw_inq25jpoHsniHk%3D&ved=0ahUKEwjY4beI0cvQAhXMIZAKHaXGBDIQyjcIJQ&ei=YT8WJitBMzDwASljZOQAw#imgrc=iBBnU1EX6fxWqM%3A>. Acesso em: 25 jul. 2013a.

_____. **Transição demográfica.** <https://pt.wikipedia.org/wiki/Transi%C3%A7%C3%A3o_demogr%C3%A1fica>. Acesso em: 25 jul. 2013c.

IBGE. Diretoria de Pesquisa. Coordenação de População e indicadores Sociais. **Projeção da população do Brasil por sexo e idade 1960-2050.** Brasília, DF, 2004.

JAMILI, J. Tratamentos alternativos e medicina antienuelhecimento. In: BRASIL, C. (Org.). **Viver a melhor opção: envelhecer... faz parte!** Rio de Janeiro: Quartet, 2012. p. 143-181.

JECKEL-NETO, E. A. Tornar-se velho ou ganhar idade: o envelhecimento biológico revisitado. In: NERI, A. L. (Org.). **Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas.** Campinas: Papirus, 2012. p. 39-52.

JORDÃO NETTO, A. Universidade aberta para a maturidade: avaliação crítica de uma avançada proposta educacional e social. In: KACHAR, V. (Org.). **Longevidade um novo desafio para a educação.** São Paulo: Cortez, 2011. p. 45-61.

JOUTARD, P. Desafios da história oral para o século XXI. In: FERREIRA, M.; FERNANDES, T.; ALBERTI, V. **História oral: desafios para o século XXI.** Rio de Janeiro: Ed. da Fiocruz: Casa de Osvaldo Cruz: Fundação Getúlio Vargas, 2000. p. 31-45.

JOUTARD, P. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. (Org.). **Usos e abusos da história oral.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 46-51.

KACHAR, V. **Longevidade um novo desafio para a educação.** São Paulo: Cortez, 2001.

KANT, I. **Sobre a pedagogia.** Piracicaba: Unimep, 1996.

KERTZMAM, O. F. **Velho é o outro!**: experiência de velhice no Núcleo de Atenção do Idoso. 2004. 150 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) ó Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, Instituto de Pesquisa em Saúde, São Paulo, 2004.

KOFI, A. **Envelhecimento produtivo**: trabalho de voluntariado realizado por idosos. Madrid, 2002. Disponível em: <<https://www.unric.org/html/portuguese/ecosoc/ageing/Idosos-Voluntarios.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

LASZKIEWICZ, C. **õDo corpo à almaõ Fotografia e memória**. 2009. Não paginado. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Fotografia) ó Universidade Anhembí, Morumbi, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/6-Coloquio-de-Moda_2010/71483_Do_corpo_a_alma_-_Fotografia_e_memoria.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2016.

LEBRÃO, M. L.; DUARTE, Y. A. O. Saúde e independência: aspirações centrais para os idosos. Como estão sendo satisfeitas? In: NERI, A. L. (Org.) **Idosos no Brasil**: vivências, desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: SESC, 2007. p. 192-207.

LE GOFF, J. **História e memória**. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1990.

LIMA, A. M. M.; AYRES, J. R. C. M.; LITVOC, J. Envelhecimento e práticas de saúde: o desafio de cuidar. In: CÔRTE, B.; MERCADANTE, E. F.; ARCURI, I. G. (Org.). **Envelhecimento e velhice**: um guia para a vida. São Paulo: Vetor, 2006. p. 49-76.

LIMA, A. M. M.; SILVA, H. S.; GALHARDONI, R. Envelhecimento bem-sucedido: trajetória de um construto e novas fronteiras. **Interface Comun. Saúde Educ.**, Botucatu, v. 12, n. 27, p. 795-807, out./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v12n27/a10v1227.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2016.

LIMA, M. A. A gestão da experiência de envelhecer em um programa para a terceira idade: a UNATI/UERJ. **Rev. UnaTI**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, 1999.

LIMA, M. P. Reformas paradigmáticas na velhice do século XXI. In: KACHAR, V. **Longevidade um novo desafio para a educação**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 15-26.

LOPES, A. Dependência, contratos sociais e qualidade de vida na velhice. In: VON SIMSON, O. R. M.; NERI, A. L.; CACHIONI, M. (Org.). **As múltiplas faces da velhice no Brasil**. Campinas: Alínea, 2015. p. 129-40.

LUCA, M. B. L. L. Identidades sociais em produção e envelhecimento. In: VON SIMSON, O. R. M.; NERI, A. L.; CACHIONI, M. (Org.). **As múltiplas faces da velhice no Brasil**. Campinas: Alínea, 2015. p. 191-213.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

_____. _____. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MATOS, J. S.; SENNA, A. K. **História oral como fonte**: problemas e métodos. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/hist/article/view/2395/1286>>. Acesso em: 20 out. 2015.

MATSUDO, S. M. M. **Envelhecimento, exercício e saúde**: guia prático de prescrição e orientação. Londrina: Midiograf, 2013.

MEIHY, J. C.; HOLANDA, F. **História oral**: como fazer como pensar. São Paulo: Contexto, 2011.

MELO, M. C. et al. A educação em saúde como agente promotor de qualidade de vida para o idoso. **Ciênc. Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 1579-1586, set./out. 2009.

MENEZES, U. T. B. A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Rev. Inst. Estud. Bras.**, São Paulo, v. 34, p. 9-24, 1992.

MERLUCI, A. Por uma sociologia reflexiva-pesquisa qualitativa e cultura. In: MEYER, D. E.; PARAISO, M. A. (Org.). **Metodologias de pesquisa pós- crítica em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 271-279.

MEYER, D. E.; PARAISO, M. A. **Metodologias de pesquisa pós- crítica em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

MINAYO, M. C. S. **Desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 7. ed. Rio de Janeiro: Hucitec, 2000.

_____. _____. 12. ed. Rio de Janeiro: Hucitec, 2010.

MINAYO, M. C. S.; COIMBRA, C. E. A. Jr. (Org.) **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

MONTEIRO, A. **Ponta de faca**. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/alcymar-monteiro/ponta-de-faca.html>>. Acesso em 20 nov. 2016.

MONTEIRO, P. P. Somos velhos porque o tempo não para. In: CÔRTE, B. (Org.). **Envelhecimento e velhice**: um guia para a vida. São Paulo: Vetor, 2006. p. 57-83. (Coleção Gerontologia, v. 2).

MONTENEGRO, A. T. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 2010.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Rev. Educ.**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: <http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html>. Acesso em: 19 jun. 2016.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução de Eloá Jacobina. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **Meus demônios**. Rio de Janeiro: BERTRAND Brasil, 2001.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora Silva e Jeanne Sawaya. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MOSQUERA, J. J. M.; STOBÄUS, C. D. O envelhecimento saudável: educação, saúde e psicologia positiva. In: FERREIRA, A. J. et al. (Org.) **Educação & envelhecimento**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2012. p. 14-22.

MURTA, N. M. G.; KARSCH, U. M. A velhice ao olhar da equipe do programa saúde da família em Diamantina, MG. In: CÔRTE, B.; MERCADANTE, E. F.; ARCURI, G. **Velhice e envelhecimento: complex(idade)**. São Paulo: Vetor, 2005. p. 281-303.

NAKAMURA, M. T.; CRIPPA G. Fontes orais e o método de análise fotográfica oral: perspectivas de atuação do profissional da informação. **Discursos Fotogr.**, Londrina, v. 6, n. 9, p. 77-101, jul./dez. 2010.

NERI, A. L. Atitudes e crenças sobre velhice: análise de conteúdo de textos do jornal "O Estado de São Paulo" entre 1995 e 2002. In: VON SIMSON, O. R. M.; NERI, A. L.; CACHIONI, M. (Org.). **As múltiplas faces da velhice no Brasil**. Campinas: Alínea, 2015. p. 13-54.

_____. Atitudes e preconceitos em relação à velhice. In: NERI, A. L. (Org.). **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: SESC, 2007a. p. 33-46.

NERI, A. L. **Envelhecer num país de jovens**: significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos. Campinas: Ed. da Unicamp, 1991.

_____. Feminização da velhice. In: NERI, A. L. (Org.). **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo: SESC, 2007b. p. 47-64.

_____. **Psicologia do envelhecimento**: temas selecionados na perspectiva de curso de vida. Campinas: Papirus, 1995.

_____. Qualidade de vida na velhice e subjetividade. In: NERI, A. L. (Org.) **Qualidade de vida na velhice**: enfoque multidisciplinar. Campinas: Alínea, 2011. p. 13-59.

_____. Qualidade de vida no adulto maduro: interpretações teóricas e evidências de pesquisa. In: NERI, A. L. **Qualidade de vida e idade madura**. Campinas: Papirus, 1993. p. 9-56.

_____. Síntese da pesquisa, idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade. In: NERI, A. L. (Org.). **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo: SESC, 2007c. p. 225-287.

NERI, A. L. (Org.). **Desenvolvimento e envelhecimento**: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas. Campinas: Papirus, 2012.

_____. (Org.). **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo: SESC, 2007d.

NERI, A. L.; CACHIONI, M. Velhice bem-sucedida e educação. In: NERI, A. L.; DEBERT, G. G. (Org.). **Velhice e sociedade**. Campinas: Papirus, 1999. p. 113-140.

NERI, A. L.; DEBERT, G. G. (Org.). **Velhice e sociedade**. Campinas: Papirus, 1999.

NERI, A. L.; YASSUDA, M. S. (Org.). **Velhice bem sucedida**: aspectos afetivos e cognitivos. 4. ed. Campinas: Papirus, 2013.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Proj. Hist.**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, E. et al. Análise de conteúdo e pesquisa na área da educação. **Rev. Dialogo Educ.**, Curitiba, v. 4, n. 9, p.11-27, maio/ago. 2003.

OLIVEIRA, G. A. M.; WITTER, C.; LIMONGELLI, A. M. A. Definições de envelhecimento saudável, bem-sucedido ou ativo. **Integração**, Brasília, DF, n. 65, p. 61-65, 2013. Disponível em: <<https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=.+INTEGRA%C3%87>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

OLIVEIRA, I. A. Educação ao longo da vida. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Salto para o futuro**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2009. p. 5-9. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012183.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2016.

OLIVEIRA, M. L. **O trabalho pedagógico dos professores do ensino fundamental no ciclo II sobre educação ambiental Recife ó PE**. 2005. 134 f. Dissertação (Mestrado em Ensino das Ciências) ó Programa de Pós-Graduação em Ensino das Ciências, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2005.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. **Formação em associativismo e desenvolvimento local no nordeste do Brasil**: a experiência de Camaragibe. 1999. 321 f. Tese (Doutorado em Educação) ó Universidade de Sherbrooke, Quebec, 1999.

OLIVEIRA, R. C. S. A pesquisa sobre o idoso no Brasil: diferentes abordagens sobre educação nas teses e dissertações (2000 a 2009). **Acta Sci.**, Maringá, v. 35, n. 1, p. 79-87, 2013.

_____. **Terceira idade**: do repensar dos limites aos sonhos possíveis. São Paulo: Paulinas, 1999.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Plano de ação internacional de Viena sobre o envelhecimento**. Viena, 1982. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/e-psico/publicas/humanizacao/prologo.html>>. Acesso em: 25 ago. 2011.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Envelhecimento ativo**: uma política de saúde. Brasília, DF: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

_____. **Relatório mundial de envelhecimento e saúde**. Genebra, 2015. Disponível em:

<<http://sbgg.org.br/oms-divulga-relatorio-sobre-envelhecimento-e-saude>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

PACHECO, J. L. Trabalho e aposentadoria. In: PY, L. et al. (Org.). **Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais**. Rio de Janeiro: NAU, 2004. p. 173-196.

_____. As universidades abertas à terceira idade. In: SIMSON, O. R. M. V.; NERI, A. L.; CACHIONI, M. (Org.). **As múltiplas faces da velhice no Brasil**. Campinas: Alínea, 2015. p. 227-255.

PAPALÉO NETTO, M. O estudo da velhice no século XX: histórico, definição de campo e termos básicos. In: FREITAS, E. V.; PY, L.; GORZONI, M. L. do (Org.). **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. p. 2-12.

PAPALÉO NETTO, M. et al. Fisiologia do envelhecimento. In: CARVALHO FILHO, E. T.; PAPALEO NETTO, M. **Geriatria: fundamentos, clínica e terapêutica**. São Paulo: Atheneu, 2006. p. 43-62.

PARAÍSO, M. A. Metodologias de pesquisas pós-crítica em educação e currículo: trajetórias e pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (Org.). **Metodologias de pesquisas pós-crítica em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 23-45.

PRADO, S. D.; SAYD, J. D. A pesquisa sobre envelhecimento humano no Brasil: grupos e linhas de pesquisa. **Ciê. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 57-68, 2004a.

PRADO, S. D.; SAYD, J. D. A pesquisa sobre envelhecimento humano no Brasil: pesquisadores, temas e tendências. **Ciê. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 763-772, 2004b.

PY, L.; SÁ, J. L. M.; PACHECO, J. L.; GOLDMAN, S. N. **Tempo de envelhecer: percursos e dimensões sociais**. Holambra, SP: Ed. Setembro, 2006.

RIBEIRO, P. C. C.; YASSUDA, M. S. Cognição, estilo de vida e qualidade de vida na velhice. In: NERI, A. L. (Org.). **Qualidade de vida na velhice: enfoque multidisciplinar**. Campinas: Alínea, 2011. p. 189-204.

ROWE, J.; KAHN, R. Successful aging. **Gerontologist.**, Washington, v. 37, n. 4, p. 433-440, 1997. Disponível em: <<http://gerontologist.oxfordjournals.org/content/37/4/433.full.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2014.

SÁ, J. L. M. Educação e envelhecimento. In: PY, L.; SÁ, J. L. M.; PACHECO, J. L.; GOLDMAN, S. N. **Tempo de envelhecer: percursos e dimensões sociais**. Holambra, SP: Ed. Setembro, 2006. p. 293-318.

_____. Gerontologia e interdisciplinaridade: fundamentos epistemológicos. In: NERI, A. L. DEBERT, G. G. (Org.). **Velhice e sociedade**. Campinas: Papirus, 1999. p. 223-232.

SAHB, S.; ISSBERNER, L. Indicadores de qualidade de vida na terceira idade: novas perspectivas para o Brasil. In: BRASIL, C. (Org.). **Viver é melhor opção: envelhecer... Faz parte!**. Rio de Janeiro: Quartet, 2012. p. 99-122.

SANTOS, C. F. Processo evolutivo entre as gerações X, Y e Baby Boomers. In: SEMINÁRIO EM ADMINISTRAÇÃO, 14., 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo: EDUSP, 2011. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/Semead/14semead/>>. Acesso em: 20 abr. 2012.

SANTOS, S. S. C. Envelhecimento: visão filosófica da antiguidade. **Rev. RENE**, Fortaleza, v. 2, p. 88-94, jul./dez. 2001.

SARAMAGO, J. **Cadernos de Lanzarote**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SAVIANI, D. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. São Paulo: Cortez, 1985.

SAWYER, O. D. et al. **Projeção populacional, por sexo e grupos quinquenais, das Unidades da Federação, Brasil, 1990-2020**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

SCHRAMM, G. M. T. A.; MERCADANTE, E. F. Avós e netos: velhice ao lado da adolescência em conflito com a lei. In: CÔRTE, B.; MERCADANTE, E. F.; ARCURI, I. G. (Org.). **Envelhecimento e velhice: um guia para a vida**. São Paulo: Vetor, 2006. p. 197-222.

SÉ, E. V. G.; QUEIROZ, N. C.; YASSUDA, M. S. O. Envelhecimento do cérebro e a memória. In: NERI, A. L.; YASSUDA, M. S. (Org.). **Velhice bem sucedida: aspectos afetivos e cognitivos**. 4. ed. Campinas: Papirus, 2013. p. 141-162.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, J. C. B. **Educação para o envelhecimento: abordagem de idosas como prevenção e promoção de saúde**. 2012. 199 f. Tese (Doutorado em Psicologia) ó Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SIMÕES, J. L. As elites Piracicabanas nas manchetes de educação durante a República Velha (1889-1930). In: SIMÕES, J. L. **Pesquisa em teoria e história da educação**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010. p. 11-22.

SIMSON, O. R. M. V.; NERI, A. L.; CACHIONI, M. (Org.). **As múltiplas faces da velhice no Brasil**. Campinas: Alínea, 2015.

SIQUEIRA, M. E. C.; MAI, R. C. Estimulando a memória em instituição de longa permanência. In: VON SIMSON, O. R. M.; NERI, A. L.; CACHIONI, M. (Org.). **As múltiplas faces da velhice no Brasil**. Campinas: Alínea, 2015. p. 165-187.

SKINNER, B. F.; VAUGHAN, M. E. **Viva bem a velhice: aprendendo a programar a sua vida**. Tradução de Anita Liberalesso Neri. São Paulo: Summus, 1985.

SLOANE- SEALE, A.; KOPS, B. Relação entre aprendizagem dos idosos e envelhecimento bem sucedido. **Fragm. Cult.**, Goiania, v. 22, n. 1, p. 25-36, jan./mar. 2012. Disponível em:

<<http://seer.ucg.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/2284/1394>>. Acesso em: 10 out. 2015.

SOARES, F. C.; SUZUKI, J. C. **Fotografia e história oral**: imagem e memória na pesquisa com comunidades tradicionais. In: ENCONTRO DE GRUPOS DE PESQUISA, 5., 2009, São Paulo. [Anais...]. Santa Maria: UFSM, 2009. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/gpet/engrup/vengrup/anais/7/Fernando%20e%20Julio%20-%20USP_2.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2016.

SOUZA, E. F. **Histórias e memórias da educação em Pernambuco**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

SOUZA, J. F. de. **A educação de jovens e adultos no Brasil e no mundo**. Recife: NUPEP, 2000.

_____. **E a educação**: ¿¿quê?? A educação na sociedade e/ou a sociedade na educação. Recife: Bagaço, 2004.

SPINDOLA, T.; SANTOS, R. S. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa (dora?). **Rev. Esc. Enferm. USP**, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 119-26, 2003.

SPIRDUSO, W. W. **Dimensões físicas do envelhecimento**. Barueri: Manole, 2005.

TAMINE, E.; MADEIRA, M. G. O idoso e o aprender. In: TURA, L. F. R.; SILVA, A. O. (Org.). **Envelhecimento e representações sociais**. Rio de Janeiro: Quartet, 2012. p. 253-267.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

THOMSON, A. Aos cinquenta anos: uma perspectiva internacional da história oral. In: FERREIRA, M.; FERNANDES, T.; ALBERTI, V. **História oral**: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Ed. da Fiocruz: Casa de Osvaldo Cruz: Fundação Getúlio Vargas, 2000. p. 46-65.

_____. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. **Proj. Hist.**, São Paulo, v. 15, p. 51-85, abr. 1997.

THOMSON, A.; FRISCH, M.; HAMILTON, P. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 65-91.

TOURTIER-BONAZZI, C. Arquivos: propostas metodológicas. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 233-45.

TRILLA, J. **La educación fuera de la escuela**: ámbitos no formales y educación social. Barcelona: Ed. Ariel, 1993.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2012.

UNESCO. **Educação**: um tesouro a descobrir: relatório para Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Tradução Guilherme de João Teixeira. Brasília, DF: CNPq: IBICIT, 2010.

UNICOVSKY, M. A. R. A educação como meio para vencer desafios impostos aos idosos. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, DF, v. 57, n. 2, p. 241-243, mar./apr. 2004.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Pró-Reitoria de Extensão e Cultura. **UNATI**. Recife. Disponível em: <https://www.ufpe.br/proexc/index.php?option=com_content&view=article&id=62&Itemid=135>. Acesso em: 23 jan. 2016.

VALENTE, J. A. Aprendizagem continuada ao longo da vida: o exemplo da terceira idade. In: KACHAR, V. **Longevidade um novo desafio para a educação**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 27-44.

VECCHIA, R. D. et al. Qualidade de vida na terceira idade: um conceito subjetivo. **Rev. Bras. Epidemiol.**, São Paulo, v. 8, n. 3, p. 246-252, 2005.

VITORINO, S. S.; MIRANDA, M. L. J.; WITTER, C. Educação e envelhecimento bem-sucedido: reflexões sobre saúde e auto cuidado. **Rev. Kairós Gerontol.**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 29-42, 2012.

VON SIMSON, O. R. M.; NERI, A. L.; CACHIONI, M. (Org.). **As múltiplas faces da velhice no Brasil**. Campinas: Alínea, 2015. p. 129-140.

WERTHEIN, J.; CUNHA, C. **Fundamentos da nova educação**. Brasília, DF: UNESCO, 2005.

WHO SCIENTIFIC GROUP ON THE EPIDEMIOLOGY OF AGING. **The uses of epidemiology inaging report of a scientific group**. Geneva: WHO, 1997. (Technical Report Series, 706).

WONG, L. L. R.; CARVALHO, J. A. O rápido processo de envelhecimento populacional do Brasil: sérios desafios para as políticas públicas. **Rev. Bras. Estud. Popul.**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 5-26, jan./jun. 2006.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Active ageing**: a policy framework. Geneva, 2002.

APÊNDICE A ó Termo de consentimento livre e esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE DOUTORADO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Para maiores de 18 anos ou emancipados - resolução 466/12)

Convidamos

o(a)Sr.(a)_____

para participar como voluntário (a) da pesquisa (título completo da pesquisa), que está sob a responsabilidade da pesquisadora nome Ana Elisabeth Souza da Rocha Carvalho, residente a Avenida Boa Viagem 3500 apto.202 Boa Viagem Recife, PE CEP 51021-080, Telefone- 081 99549999 podendo ligar (inclusive ligações a cobrar) , email-anaelizabethsrc@hotmail.com (inclusive ligações a cobrar) e está sob a orientação do Prof. Dr. José Luís Simões e coorientação do Prof. PhD. Edilson Fernandes de Souza. Este Termo de Consentimento pode conter informações que o/a senhor/a não entenda. Caso haja alguma dúvida, pergunte à pessoa que está lhe entrevistando para que o/a senhor/a esteja bem esclarecido (a) sobre sua participação na pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, caso aceite em fazer parte do estudo, rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa o (a) Sr. (a) não será penalizado (a) de forma alguma. Também garantimos que o (a) Senhor (a) tem o direito de retirar o consentimento da sua participação em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer penalidade. Os objetivos deste estudo são descrever e interpretar os significados que os participantes desta pesquisa atribuem à Educação no processo do seu envelhecimento. Sua participação neste estudo consistirá em relatar a sua história de vida e como ou se a educação contribuiu para você estar aqui agora e responder um questionário que irá abordar sobre as suas características sociais e sobre o seu processo de envelhecimento. Os riscos a que estará exposto ao participar desta pesquisa são de ordem social, emocional e psíquica, pelo desconforto e constrangimento no contar de suas vivências pessoais. Benefícios serão desenvolver sua capacidade de comunicação e expressão, exercitando a estimulação da sua

memória sobre fatos passados, fortalecendo a sua autonomia e pelas suas reflexões, ampliar seu entendimento sobre o processo de envelhecimento. Além, de promover produção de conhecimento em educação, e que pode vir a contribuir ou beneficiar outras pessoas que venham a tomar conhecimento desta pesquisa. As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa (gravações, entrevistas e fotos), ficarão armazenados na biblioteca da Universidade Federal de Pernambuco pelo período de 05 (cinco) anos, farão parte do acervo de envelhecimento humano. Assim sendo, outras pessoas podem usá-la integralmente ou em partes, ficando o controle vinculado à instituição que terá a guarda da mesma. O (a) senhor (a) não pagará nada para participar desta pesquisa. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pela pesquisadora (ressarcimento de transporte e alimentação). Fica também garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extrajudicial. Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: (Avenida da Engenharia s/n ó 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 ó e-mail: cepccs@ufpe.br).

(Assinatura do pesquisador)

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO (A)

Eu, _____, CPF _____, Identidade _____, abaixo assinado, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com o pesquisador responsável, concordo em participar do estudo Envelhecimento e educação, como voluntário (a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pela pesquisadora sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade (ou interrupção de meu acompanhamento/ assistência/tratamento).

Assinatura do participante: _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e o aceite do voluntário em participar (02 testemunhas não ligadas à equipe de pesquisadora) Nome:

Assinatura: _____

Nome:

Assinatura: _____

APÊNDICE B ó Entrevista estruturada



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE DOUTORADO

ENTREVISTA ESTRUTURADA

Dados pessoais:

Nome: _____ Religião: _____

Data de nascimento: _____ Idade: _____ Sexo: M F

Estado Civil: solteiro(a) casado(a) divorciado(a) viúvo outro
qual? _____

Local da residência: Cidade Campo Outro: qual? _____

Habitação Própria alugada Cedida outro: qual? _____

Com quem vive: Casa de idosos Sozinh Com cônjuge Família Outros
Quem? _____

Número de pessoas que convive _____

Na sua família há pessoas com mais de 60 anos Não Sim Quantos? _____ e qual a
idade deles? _____

Qual o grau de parentesco desses idosos? _____

Ocupação? Aposentada Trabalho Voluntária Outro Qual _____

Profissão: _____

Escolaridade: Inferior a 1 ano Ensino fundamental: completo incompleto

Ensino médio: completo incompleto Superior: completo incompleto

Outro? qual? _____

Fonte de renda Aposentado (a) por tempo de serviço Aposentado por invalidez
 Pensão Benefício INSS Trabalho

Nível socioeconômico: Bom Regular Deficitário

Histórico de doenças:

Sem problemas

Osteo-articular

Colesterol elevado

Hipertensão

Cardiopatias

Diabetes

Osteoporose

Outras: quais? _____

Qual o maior problema do idoso (na sua opinião)? Solidão Preconceito Violência

Saúde Financeiro Rejeição familiar Depressão Tristeza Outro _____

Há quanto tempo você participa da UnATI? _____

Quem lhe informou sobre a UnATI? _____

Quais as atividades que você participa? _____

Antes da UnATI quais as atividades que você participava? _____

Você percebeu alguma mudança (física, mental e/ ou social) após sua iniciação na(s) atividades aqui desenvolvidas? Não Sim: quais? _____

Durante sua juventude e/ ou vida adulta você realizava algum tipo de atividade física?

Não Sim Qual(is)? _____ E por quanto tempo? _____

Você faz outro(s) tipo(s) de atividade? Não Sim Qual(is)? _____

Lê jornais e ou revistas? Quais? _____ Frequência Mensal _____

Lê livros? Não Sim Qual(is) sua última leitura? _____

Assiste TV? Não Sim Qual(is) programas? _____

Acessa internet? Não Sim Qual a frequência mensal? _____

Participa de alguma atividade social? Não Sim Qual? _____

APÊNDICE C ó Entrevista semiestruturada



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE DOUTORADO

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

NOME ó

DATA DE NASCIMENTO ó

- ó Essa casa que você reside é própria?
- ó Você vive sozinha?
- ó Na sua família, tem pessoas com mais de sessenta anos?
- ó Quantas pessoas com mais de sessenta na sua família?
- ó Eu gostaria que você falasse sobre sua vida, sobre o que você considera importante na sua vida, desde a sua infância, sua juventude, sua família, fique à vontade e vá falando.
- ó Seus pais tiveram quantos filhos?
- ó Vocês conviviam com idosos ou avós?
- ó Seus avós faleceram jovens ou já idosos?
- ó Como era a relação que vocês tinham com seus avós?
- ó Sua mãe morreu com quantos anos?
- ó Seu pai faleceu com que idade?
- ó Vocês naquela época ajudavam seus pais nos trabalhos da casa e em outros trabalhos?
- ó Como era a casa sua naquela época?
- ó A sua casa tinha água encanada, luz, naquela época?
- ó Qual a conduta, quando um menino fazia trela ou desobedecia?
- ó As criança participavam das conversas quando tinha visita em casa?
- ó Como era a relação das crianças com os mais velhos (pais avós e outros)?
- ó Como foi sua infância?
- ó E a juventude, como é que foi?
- ó E de noite, o que era que vocês faziam?
- ó As festas da época como eram (Páscoa, Carnaval, São João, Natal)?
- ó Na sua família naquela época se falava na velhice?
- ó Naquela época se falou da Guerra Mundial?
- ó Na sua família, alguém foi para a guerra?

ESTUDO

- ó Com que idade você começou a estudar?
- ó Como era sua escola o Grupo?
- ó No colégio, quando se fazia alguma trela, alguma estripulia, como era?
- ó Como era a relação da professora com os alunos?

- ó Na escola, o que de mais importante você aprendeu nessa sua escola?
- ó Quantos anos você estudou na escola?
- ó Quais as boas recordações desse período?
- ó Quais as recordações ruins desse período?
- ó Quais os ensinamentos que mais recorda da sua escola?
- ó Na escola, alguma vez se falou sobre envelhecimento humano?
- ó Que horas começava a aula, e que horas acabava?
- ó Quais os obstáculos ou dificuldades que você sentiu para aprender?
- ó Você estudou depois dessa época de criança (já adulta)?
- ó Seus pais ajudavam você nos deveres e lições da escola?
- ó Você estudou depois dessa época (já adulta)?

VIDA DE ADULTO

- ó Com que idade você começou a trabalhar?
- ó Quais os seus trabalhou?
- ó Como era sua relação com as pessoas do seu trabalho?
- ó Naquela época se conversava alguma coisa sobre velhice?
- ó Como foi sua vida de adulto? Como foi o casamento? Como foi que conheceu o seu marido?
- ó Casou-se com que idade?
- ó Como foi a época de seu namoro?
- ó Como era seu marido, onde o conheceu?
- ó Quantos filhos você teve?
- ó Quais são as coisas que você mais gosta de fazer?

SITUAÇÃO ECONÔMICA E SAÚDE

- ó Qual é sua fonte de renda?
- ó Hoje em dia você ainda trabalha?
- ó No seu entendimento, como é seu padrão econômico?
- ó Você acha que tem segurança econômica?
- ó Como está a sua saúde?
- ó Você tem algum problema de saúde?
- ó Você tem tido cuidado com a sua alimentação?
- ó Quais são os cuidados que você tem?
- ó Você vai ao médico periodicamente?
- ó Você se adapta facilmente às limitações que aparecem na sua vida?
- ó Você faz atividade física atualmente?
- ó Durante sua juventude ou quando adulta jovem você fazia atividade física, esporte?
- ó Qual é o maior problema que o idoso tem?
- ó Há quanto tempo você está participando da UnATI?
- ó Quem informou a você sobre a UnATI?
- ó Qual foi o maior benefício que você teve depois que está na UNATI?
- ó Antes da UNATI, você já participava de outros programas, de outros grupos da terceira idade?
- ó Em algum desses grupos, fala-se sobre o velho, a velhice, o envelhecimento?

- ó Quais as atividades desenvolvidas por você todos os dias?
- ó Quais são as suas atividades de lazer?
- ó Você então lê o jornal e revista?
- ó Lê livro?
- ó Qual foi o último livro que você leu?
- ó Você assiste a televisão, quais seus programas favoritos?
- ó Você sabe mexer em internet?
- ó Você sabe manusear as coisas da modernidade como: celular, micro-ondas e aparelhos eletrônicos?
- ó Participa das atividades sociais?
- ó Você se sente participante da sociedade atualmente?
- ó Você se sente satisfeita com a vida?
- ó Você se sente satisfeita com a sua saúde física, mental?
- ó Você se identifica como independente, ativa, bem-humorada com autonomia?
- ó Feliz com a vida o tempo todo?
- ó Sua visão de vida é positiva ou negativa?
- ó Seus amigos falam sobre a velhice, o velho, ou envelhecimento?
- ó O que é para você aprender?
- ó O que motiva você a querer buscar aprender algo novo?
- ó Você tem alguma dificuldade para aprender hoje em dia?
- ó Alguém lhe ensinou a viver?
- ó E o que é viver?

EDUCAÇÃO PARA O ENVELHECIMENTO

- ó Alguém lhe ensinou a envelhecer?
- ó Até agora como você soube se preparar para o envelhecimento? Quais as informações que você teve e foram por quem, de onde partiu?
- ó Você aprendeu a ser idosa? Quem ensinou?
- ó Quem foi que lhe viu idosa pela 1ª vez? Você já se percebeu idosa, ou foram os outros?
- ó Alguém tem auxiliado a sua compreensão sobre a vida, e suas experiências?
- ó Qual o significado para você sobre qualidade de vida? Ou no seu entender o que é qualidade de vida?
- ó O que se precisa fazer para se ter qualidade de vida?
- ó O que é educação e qual a sua importância?
- ó A educação trouxe benefício para você?
- ó Qual o maior benefício da educação para você?
- ó Seu processo de educação teve alguma influência no seu envelhecimento?
- ó Você com sua formação educacional conseguiu resolver os problemas da sua velhice?
- ó Como você percebe o seu processo de envelhecimento? Quando você era jovem, e hoje, como idosa?
- ó Você já se percebeu como idosa?
- ó Na sua experiência, como você vive a sua idade?
- ó Quando foi e quais as primeiras mudanças que você notou no seu corpo, referente ao envelhecimento?
- ó O que foi que a velhice lhe trouxe de bom?
- ó E o que foi que a velhice te levou?
- ó O que é o envelhecimento bem-sucedido ou saudável?

- ó O que o idoso precisa conhecer para saber envelhecer? O que ele precisa saber sobre a melhor forma de envelhecer?
- ó Como você está vivenciando essa experiência agora na atualidade?
- ó O que você espera da velhice? Qual o significado para você da velhice?
- ó Qual a origem do seu conhecimento sobre o envelhecimento?
- ó Dos 40 anos até hoje de onde veio seu conhecimento sobre envelhecimento bem-sucedido ou saudável?
- ó Você pode dizer, ao longo da sua história de vida, qual a importância da educação para o seu envelhecimento bem-sucedido ou saudável?
- ó Você busca na sua vida uma ligação com o espiritual, com Deus, com a religião, com o que é sagrado?
- ó Qual é o seu projeto de vida para o futuro?
- ó Qual o conselho que você daria para um jovem de hoje (netos), sobre educação, sobre envelhecimento e sobre a vida? O que você diria para ele ser um homem de bem?
- ó E a educação?
- ó E o envelhecimento?
- ó E a vida?
- ó Quer deixar alguma mensagem para sociedade?

APÊNDICE D ó Tópico guia da história de vida



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE DOUTORADO

TÓPICO GUIA DA HISTÓRIA DE VIDA

1. O que vem a sua mente quando pensa na VIDA? Na sua vida?
2. Você pode falar sobre o tempo passado de sua vida?
3. Quem pode melhor conhecê-la? Como? Quem tem o direito e o poder de descrever o seu passado?
4. Você seria capaz de tentar construir e descrever a própria vida o seu trajeto?
5. Como você se sentia aos 40 anos? O que nesta época você sabia sobre a velhice?
6. Quando alguém falou para você sobre o envelhecimento pela 1ª vez, onde estavas e com quem estava? Qual foi seu sentimento neste momento?
7. Qual a formação ou informação que você recebeu até esta época sobre como se preparar para o envelhecimento?
8. Dos 40 anos até agora o que lhe foi informado para se ter um envelhecimento bem-sucedido? Quem foi e qual foi o meio desta sua informação?
9. Você aprendeu a ser idoso? Quem ensinou a se ver idoso? Quando e como foi sua impressão de ser visto pelos outros como idoso?
10. Você vem fazendo alguma coisa para estar bem agora? Qual foi?
11. No seu modo de ver, o que o idoso precisa conhecer para saber envelhecer? Qual a melhor forma de se envelhecer? De onde veio esse seu conhecimento?
12. Você se sente ou foi preparado para seu envelhecimento? De que forma está sendo vivenciada essa experiência na atualidade?
13. Em algum momento de sua vida você sentiu orientação de alguém ou de algum fator para promoção do seu envelhecimento bem-sucedido? Em que momento, quem foi o ou a responsável? Ou qual foi o meio que ofereceu esta informação?
14. O que você espera da velhice? Qual é o significado da velhice para você?
15. Você poderia dizer ou quer dizer algo mais sobre o envelhecimento, a velhice e o velho? O que vem em sua mente quando pensas neles?
16. Como você descreveria o envelhecimento para alguém que ainda não tenha passado por ele?
17. A seu ver o que pode promover um envelhecimento com sucesso? Quais os fatores que influenciaram o seu bom envelhecimento?
18. Ao longo da sua história de vida a educação teve alguma importância? Qual a importância que teve a educação para os seus conhecimentos e para a sua longevidade? Você pode descrever os momentos em que houve esta interferência (da

educação)? Poderia dizer algo mais sobre isso? E isso foi importante para você de que forma?

19. Que tipo de pessoa você gostaria de ser para melhor envelhecer? E qual não gostaria?
20. Na sua experiência qual foi a coisa mais importante para seu bom envelhecimento?
21. Qual o fator mais significativo para se ter uma vida longa?
22. Não entendi muito bem poderia dizer algo mais sobre isso?
23. Na análise dos seus fracassos no processo do seu envelhecer quais foram as principais razões?
24. Nós discutimos sobre diversas coisas será que há alguma coisa que não discutimos e que você queira dizer? Qual?
25. Há algo mais que você, gostaria de acrescentar sobre a educação e a educação voltada para o envelhecimento?
26. Qual seu projeto de vida para o seu futuro?

INDAGAÇÕES QUE PODEM AJUDAR NO EVOLUIR DA ENTREVISTA:

Você pode me dar mais detalhes sobre este assunto?

O que faz você se sentir assim?

O que você quer dizer com isso? Por que isso é assim?

Quando você diz o que quer dizer com isso?

E você pensa que isso é coisa boa ou ruim?

Esse é um bom exemplo você pode me dizer outros?

APÊNDICE E ó Bloco de análise do envelhecimento saudável (questões)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE DOUTORADO

BLOCO DE ANALISE DO ENVELHECIMENTO SAUDÁVEL

Questões da Categoria de Analise Envelhecimento Saudável

- 1^a) Você se sente participante da sociedade atual?
- 2^a) Você se sente satisfeita com a vida?
- 3^a) Você se sente satisfeita com sua saúde física? Sua saúde mental?
- 4^a) Você se acha independente? Com autonomia? Bem-humorada? Ativa?
- 5^a) Feliz com a vida o tempo todo?
- 6^a) E a sua visão de vida é positiva ou negativa?

APÊNDICE F ó Respostas das idosas sobre o envelhecimento saudável (arguitiva 1 da categoria geral envelhecimento saudável)

Idoso	Categoria Geral: Envelhecimento saudável
	Categoria Empírica: 1ª) Você se sente participante da sociedade atual?
Unidades de Análise	
Acácia	- Relativamente sim, porque eu não vivo isolada eu tenho convivência com vizinhos, tenho amigas, amigos que ligam para mim e eu acho ótimo. Alguns desses são relacionamentos da juventude, dos meus 18 anos.
Angélica	- Sim. Participo das atividades sociais, faço os programas dos idosos. Viajo para Carpina todos os meses e vou pagar a funerária.
Amarílis	-ó Com certeza, sim. Só participar dessas coisas eu acho que já é um bom sinal.
Hortênci	- Me sinto. O que me faz gostar mais de um clube é ter que me arrumar para sair, acho isso maravilhoso.
Margarida	- Eu acho que não.
Camélia	- Me sinto. Porque gosto de participar, gosto de saber das coisas, de me apresentar, tudo, eu gosto. Eu gosto muito de comunicação, de conversar, de falar, de rir.
Gardênia	-Sinto.
Violeta	- Não. É só com meus filhos. Às vezes, quando está aqui o mais velho, que gosta muito de andar, porque ele mora em Maceió. Aí, ele, òmamãe, vamos pro shopping.õ Aí minha menina diz pra levar um casaco, que a gente vai pro cinema. Que eu digo que não quero ir. Aí quando chega lá, aí ele, òmãe, vamos assistir um filmezinho.õ Aí eu digo, õboraõ, mas eu já estou lá, não é? Mas não ia com esse sentido não. Aí a gente vai assistir filme. E eu assisto filme lá com ele. Ele me leva também pra almoçar fora. O meu passeio é esse.
Prímula	- Sim, lá na Sagrada Ordem, nas comemorações da família e nas festividades do pessoal da ioga que frequentei.
Rosa	- Ah, por sinal, eu sou uma pessoa assim, Ana, eu não gosto de tá em lugar de gente social. De social. Eu não gosto, eu não gosto. Eu fico com um pé atrás com o Juraci, primeira vez que ela me chamou, porque lá é um povo muito simples, mas muito simples. Eu não gosto de nada... eu gosto de gente humilde. Eu só gosto de gente que tá junto, de gente humilde. Não gosto de muita gente, da alta, não gosto não, não gosto não. Eu me sinto no meu lugar. Eu acho que participo da sociedade. Participo às vezes. Quando me chamam pra algum canto.
Magnólia	- Não. Porque não, não faço parte de nada só com a família. Tenho sempre que estar fazendo uma festinha para reunir a família, sábado mesmo vai ter uma.
Orquídea	- Sim, qualquer lugar eu me sinto bem tudo só depende da gente eu não me incomodo com ninguém, vou com o que eu tenho do jeito que eu sou e não me importo com roupa nem nada. Vou com o que eu tenho e como eu sou.
Dália	- Sim. Convivo com os meus vizinhos, todo mundo é irmão, todo mundo é amigo, todo mundo aperta a mão do outro. Aqui é uma beleza
Verônica	- Não me sinto engajada na sociedade. Minha atividade é ir para igreja.
Íris	- Não me acho engajada na sociedade, porque fico muito tempo em casa. Minha atividade social é viajar para outras praias e a outros estados. Gosto mesmo quando é de avião, em média viajo cerca de quatro vezes por ano. Embora não me ache engajada na sociedade, porque fico muito tempo em casa.

APÊNDICE F - Respostas das idosas sobre o envelhecimento saudável (argutiva 2 da categoria geral envelhecimento saudável)

Idoso	Categoria Geral: Envelhecimento saudável
	Categoria Empírica: 2ª) Você se sente satisfeita com a vida?
Unidades de Análise	
Acácia	- Eu gosto de viver. A vida é boa para mim, não tenho com o que me queixar.
Angélica	- Me sinto e gosto da vida.
Amarílis	- Me sinto sim. Porque graças a Deus eu tenho saúde, posso fazer tudo pra mim isso aí, já é uma bênção e agradeço a Deus, entendeu? Eu só me levantar de manhã, e saber que estou viva, e que vou me levantar, e que vou fazer as coisas, para mim. Minha filha reclama muito, porque você faz essas coisas e eu digo: eu levanto as mãos para o céu e agradeço, pior se eu não pudesse fazer e quisesse fazer. Eu agradeço a Deus todo dia poder fazer tudo, enquanto você está achando ruim. Eu agradeço a Deus todo dia, de poder fazer. ãEu acho uma bênção uma pessoa com oitenta uns anos poder fazer todas as coisa assim, eu acho que seja uma bênção.õ
Hortênci a	- Me sinto.
Margari da	- Sim. Eu me sinto feliz com a vida, porque se eu quiser ver alguma coisa que não estou acostumada, eu digo para as meninas elas me levam. As meninas dizem vai ter tal programa a senhora quer ir e me levam.
Camélia	- Demais.
Gardêni a	- A vida é ótima, graças a Deus, com o prazer dos meus filhos e rodeada deles quero viver outros cem anos.
Violeta	- Eu sou, sou feliz porque eu tenho bons filhos que me ajudam a me sentir bem, sabe, graças a Deus tenho saúde, isso para mim é importante, e os amigos que tenho também, graças a Deus tenho sorte com minhas amigas, todos os amigos que eu faço amizade, são amigos bons, a professora mesmo agora, essa de pintura, é uma criatura ótima, é muito boa.
Prímula	- Demais, felicíssima, graças a Deus. Tive 07 sete filhos maravilhosos, 14 netos, 03 bisnetos, tudo muito bom mesmo. Deus é muito bom comigo.
Rosa	- A vida é boa. Ela me deu uns pais pobres mais muito bons. Apanhei muito, naquele tempo as crianças apanhavam hoje os filhos respondem fazem errado e dizem se você bater em mim eu ligo para polícia. Eu tenho um filho que apanhou muito se não tivessem apanhado não seria um filho obediente, um filho bom.
Magnóli a	-ó Sou satisfeita com a vida. Eu acho a vida maravilhosa, para mim eu não tenho com o que me queixar da vida. Tenho a minha família que são os filhos e todos são bons para mim sempre me convidam para sair.
Orquíde a	-Sinto satisfeita com a vida não bebo e não fumo, só vivo para família e para mim. Nossa é um carinho, meus filhos se preocupam comigo mais do que eu consigo mesma.
Dália	- Eu me sinto satisfeita com a vida.
Verônica	- Tenho muita vontade de ir para junto de Deus. Quando a gente não pode fazer mais nada (dá uma pausa longa). Apesar disso eu vivo dando graças a Deus a velhice que ele me deu. Agente olha para os lados e vê tanta gente sem lar vivendo pelas casas dos outros, perambulando às vezes sofrendo abuso da família. A velhice que ele me deu, eu só tenho que agradecer.
Íris	- Sinto-me satisfeita com a vida só me retraio das coisas do meu genro aí fico recalçada pela falta de reconhecimento dele. Estou doida para visitar meu irmão em Salvador. Não me deixam ir só e complicam minha vida. Já comprei foi coisa para dar de presente a eles a bolsa já está cheia. Só faltando a companhia para ir comigo.

APÊNDICE F - Respostas das idosas sobre o envelhecimento saudável (argutiva 3 da categoria geral envelhecimento saudável)

Idoso	Categoria Geral: Envelhecimento saudável
	Categoria Empírica: 3ª) Você se sente satisfeita com sua saúde física e mental?
Unidades de Análise	
Acácia	- A saúde mental está boa, mas a física não eu tenho artrose. Quando vou caminhar dói muito. Depois dos 20 anos começaram os problemas.
Angélica	- Sinto. Agradeço muito a Deus.
Amarílis	- Sim. A gente tem que fazer o seguinte, se eu tenho essa idade, ainda posso fazer muitas coisas e vejo certas pessoas que tem muito menos idade do que eu, não tendo condições de fazer eu só posso achar que estou bem. Eu não sou de reclamar muito da vida não, graças a Deus. Eu procuro aceitar, peço a Deus e me entrego nas mãos de Deus, sempre fui assim.
Hortênci a	- A saúde é boa. Memória, às vezes.
Margari da	- Ah, me sinto. Dou graças a Deus, todos os dias. Do jeito que eu vivo, do jeito que eu sou. Peço a Deus que me ajude, pois, os meus tempos estão terminando e peço que continue do jeito que eu estou vivendo, como pobre, mas uma pobre com conforto que mereço. Ó Sinto satisfeita com minha mente. Porque, pela minha idade, eu acho que eu não estou com muito esquecimento, não estou sentindo tontura, não estou assim, botar uma coisa aqui, voltar, não saber onde botou, não. Lembro sempre. E até hoje tá sendo tudo legal.
Camélia	- Sinto. Para minha idade, eu digo que a saúde está boa.
Gardêni a	- Vivo muito bem e satisfeita com a minha saúde, nada me interrompe.
Violeta	-Nisso, eu sou muito ativa. Eu gosto de varrer, tenho o quintal, meu quintal é todo limpinho, que eu varro tudo de manhã cedo, varro aqui em frente, varro o lixo, faço comida, varro casa, tudo, tudo, na minha casa... A única coisa que eu não faço é faxina. A pesada, eu não faço não. A mente é
Prímula	- Com tudo, sou felicíssima, graças a Deus.
Rosa	- Me sinto muito satisfeita, graça do céu. Muito, graças a Deus, porque tem gente da minha idade que nem anda mais. Anda, às vezes anda com uma bengala. Pessoa se admira de mim, 82 anos.
Magnóli a	- Muito. Estou satisfeita, estou com minha saúde física e mental.
Orquíde a	- Estou satisfeita com a minha saúde física e mental, só de ver gente com 80 anos se arrastando. Não eu, eu dirijo e meus filhos ficam bobos. Dizem: mãe você não vai conseguir renovar sua carteira e eu vou e passo. Desta vez elas me mandaram fazer até o quatro, esticar os braços, eu sou firme e não tremo. Eles dizem: ôvó você vai até cem anosö.
Dália	- A saúde da gente é regular, e o que acaba comigo é essa cabeça.
Verônica	- Minha saúde é média tem dias que eu vou a cidade e estou disposta saio e faço minha comida, faço de tudo. Dou graças a Deus pela velhice que tenho
Íris	- Sinto bem. Sinto satisfeita com minha saúde física e mental, só tenho a pressão um pouco alta. Muitas pessoas da minha idade não tem a saúde que eu tenho. Vou só para todos os cantos sem precisar de ajuda, ontem mesmo passei o dia no shopping (fui de manhã e voltei às 5 horas da tarde). Eu sei de tudo que tá se passando ou que vai se passar. Às vezes avanço um pouco, e o que fazer amanhã, faço logo hoje. Se disser vai pra tal canto, viajar eu começo a fazer a mala logo

APÊNDICE F - Respostas das idosas sobre o envelhecimento saudável (arguitiva 4 da categoria geral envelhecimento saudável)

Idoso	Categoria Geral: Envelhecimento saudável
	Categoria Empírica: 4ª) Você se acha independente, ativa, bem-humorada e com autonomia?
	Unidades de Análise
Acácia	- Eu sou independente, tenho autonomia e sou bem-humorada dá para notar. Sou ativa e quase não paro dentro de casa, vivo ôcatucandoô o jardim a toda hora; a cozinha e agora estou disputando com minha filha, que está aposentada e sem ter o que fazer.
Angélica	- Sou bem-humorada, independente, com autonomia e ativa. Não gosto de moleza, não quero ser uma velha manhosa, preguiçosa, medrosa e importuna.
Amarílis	- Tenho autonomia, só que a independência eu dependo dos outros para alguma coisa. Aliás, todo mundo depende, mas a gente com certa idade depende mais, não? Sou bem-humorada não sei se eu estou sempre bem-humorada não. Tem dia que eu não estou bem-humorada outros sim. Mas procuro sempre estar. Ativa eu acho que sim.
Hortência	- Sou. Você falou de independente, não foi? Ultimamente eu tenho saído menos, mas porque eu estou dividindo o carro com meu filho, aí sobra menos tempo para mim, e quando ele vai trabalhar eu não vou. Sou bem-humorada.
Margarida	- Eu me acho assim. Eu tenho autonomia. Sou bem-humorada, ativa e independente. Eu não sou mandona com as pessoas, mas também não quero que ninguém mande em mim e domine. O domínio é de mim, do jeito que eu posso, que eu mereço fazer pra alguém. Porque eu sempre digo assim pra meus filhos, ôaqui ninguém me grita, quem fala alto sou euô. Eu tenho um filho e ele tem 44 anos. Ele agora tá descasado, tá até em casa, mas eu digo a ele, quando chega com a cara feia ôo que você tem, que tá com a cara feia?ô Ele diz assim, ônada não, mãe, é alguma coisaô. ôCoisa, não, faz a cara bonita. Aqui só quem faz cara feia sou eu.ô Ele fica achando graça.
Camélia	- Sou independente com certeza, bem-humorada, sou ativa e gosto de ser e tenho autonomia. Gosto da vida e sou engajada na vida social. Sim, gosto.
Gardênia	- Sou ativa, bem-humorada, independente e tenho autonomia.
Violeta	-Ah, isso tudo eu sou.
Prímula	- Sou bem-humorada, ativa e independente. Tenho autonomia, me adapto facilmente a qualquer coisa, danço qualquer música e o que tocar eu estou dançando.
Rosa	- Me acho, independente demais. As menina diz assim, ôa senhora é muito autoritáriaô. A minha filha diz: a senhora é muito autoritária. Eu digo: não sou autoritária não. Eu sou pelo direito. Sou bem-humorada e ativa graças a Deus.
Magnólia	- Sim, eu me sinto ativa, independente, bem-humorada e com autonomia.
Orquídea	- Eu me auto identifico como: independente, bem-humorada, adaptada a vida, ativa, satisfeita e com autonomia.
Dália	- Eu sou ativa, tenho autonomia e sou bem-humorada.
Verônica	- Acho que sou independente e com autonomia. Faço o que dá vontade só não faço, o que não posso.
Íris	- Sou uma pessoa com independência, com autonomia, ativa, bem-humorada, facilmente me adapto as coisas novas e as limitações.

APÊNDICE F - Respostas das idosas sobre o envelhecimento saudável (arguitiva 5 da categoria geral envelhecimento saudável)

Idoso	Categoria Geral: Envelhecimento saudável
	Categoria Empírica: 5ª) Feliz com a vida o tempo todo?
	Unidades de Análise
Acácia	- Sou satisfeita com a vida e não tenho do que me queixar. Tenho saúde regular não chega a ser boa não à altura desse campeonato.
Angélica	- Sim. Eu acho que a vida é boa.
Amarílis	- Sim. Como eu lhe disse, se eu acordo de manhã, e posso realizar aquilo que eu estou pensando e que eu quero. O que eu quero mais? Eu acho que estou satisfeita. Nunca quis mais do que eu posso e eu sempre aceito.
Hortênci	-Sou.
Margarida	- Estou. Agradeço a Deus todos os dias por tudo que Ele me deu, pela paz que Ele tá me dando, pela ajuda que me deu nas horas que eu mais precisei de ajuda e, graças a Deus...
Camélia	- Demais, a vida é uma maravilha.
Gardênia	- Sou. Graças a Deus.
Violeta	- O tempo todo. Não vejo infelicidade não.
Prímula	- Satisfeitíssima com a vida.
Rosa	- Sou hoje eu sou. Antigamente eu não era. Sabe porque eu não era? Porque, deus me perdoai, eu vivia, vivia um erro. Apesar de que eu ainda me sinto culpada, por causa dessa transação com si. Não é nem casamento. Eu ainda me sinto culpada. Mas os padres diz a mim que eu não tem nada. Que Jesus esquece as coisas que a gente pede perdão a ele, ele esquece. Esquece não. Ele não esquece de nada.
Magnólia	- Demais, sou muito feliz, não tenho que me queixar, posso morrer hoje, mas morro feliz, e não tenho medo da morte.
Orquídea	- Satisfeita com a vida, e com saúde regular a boa graças a Deus.
Dália	- Eu sou. Eu gosto da minha vida.
Verônica	- Sou porque graças a Deus. Deus me deu tudo que eu pedi. Só não fiz me casar porque eu não nasci mesmo pra casar, toda vida eu fui muito ciumenta.
Íris	- Sim. Sou satisfeita com a vida. Sou de bem com a vida. O ano passado fiz plástica da pálpebra e quero fazer a completa do rosto. A minha filha não deixa por pensar que eu vou morrer

APÊNDICE F - Respostas das idosas sobre o envelhecimento saudável (arguitiva 6 da categoria geral envelhecimento saudável)

Idoso	Categoria Geral: Envelhecimento saudável
	Categoria Empírica: 6ª) Sua visão de vida é positiva ou negativa?
Unidades de Análise	
Acácia	- Tenho visão positiva da vida e não me queixo não.
Angélica	- Ela é positiva.
Amarílis	- Mais ou menos, não é? Porque não é boa, e não é ruim, é mais ou menos, todo mundo tem a fase boa e a fase ruim, isso é normal.
Hortênci	- Positiva. A vida é muito boa. É muito bom viver.
Margarida	- Acho que é positiva. É positiva porque, graças a Deus, almoço, janto e ceio, sem precisar de dizer ôvai na casa do vizinhoö. Eu tenho minha condição de vida, de viver mais ou menos. Não chega um cobrador na porta me cobrando porque fiado eu compro, mas em lugar grande, lá fora dependendo da precisão, que não precisa eles vir na minha porta, eu sei que comprei, mando pagar. Da vila todinha, não chega um cobrador na minha porta, que eu não gosto.
Camélia	- É positiva demais.
Gardênia	- Positiva. Viver é bom, doutora. É ótimo.
Violeta	- A minha é positiva
Prímula	- Lógico que é positiva até demais.
Rosa	- Positiva. Enquanto eu viver, enquanto Deus quiser.
Magnólia	- Para mim é, positiva, se eu morrer amanhã nada está errado me sinto feliz.
Orquídea	- Minha visão atual da vida positiva. Só que a situação do país é que está difícil. Porém, eu vou viver é a minha vida. Não adianta pensar o que a gente não pode fazer ou resolver. Vou deixar de dormir de ar condicionado porque está caro, eu não ligo para isso.
Dália	- Eu sou de bem com a vida e tenho visão positiva.
Verônica	- Eu acho que é sim, positiva, porque pelo menos quando eu parei de trabalhar aí eu fiquei, passei pra Igreja. Fui trabalhar. Trabalhar com os outros.
Íris	- Tenho visão positiva da vida. Para eu ser engajada na sociedade, preciso de companhia, mas não quero casar.

APÊNDICE G ó Bloco de análise de educação (questões)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE DOUTORADO
BLOCO DE ANÁLISE DA EDUCAÇÃO

Questões da Categoria de Análise Educação

- 1ª) Na sua infância vocês falavam na família alguma coisa sobre envelhecimento?
- 2ª) Vocês conviviam com idosos e ou avós?
- 3ª) O que de mais importante você se recorda ter aprendido da sua escola?
- 4ª) O que é aprender?
- 5ª) O que é educação?
- 6ª) A educação trouxe algum benefício para sua vida? Qual o maior benefício da educação para você?
- 7ª) Seu processo de educação teve influência ou influenciou no seu envelhecimento?

APÊNDICE H ó Bloco de análise da educação para o envelhecimento (questões)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE DOUTORADO

BLOCO DE ANÁLISE EDUCAÇÃO PARA O ENVELHECIMENTO

Questões da Categoria de Análise Educação para o Envelhecimento

- 1ª) Alguém lhe ensinou a envelhecer?
- 2ª) Até o momento como você soube se preparar para o envelhecimento?
- 3ª) No seu entender o que é qualidade de vida?
- 4ª) Você conseguiu com a sua formação educacional, resolver os problemas da sua velhice?
- 5ª) O que é preciso fazer para ter qualidade de vida?
- 6ª) ó Você tem conhecimento do que seja envelhecimento bem-sucedido ou saudável?
Você tem conhecimento do que seja envelhecimento bem-sucedido ou saudável?
- 7ª) De onde partiu (origem) o seu conhecimento sobre o processo do envelhecimento?
- 8ª) Ao longo da sua história de vida, qual a importância que teve a sua educação para seu envelhecimento?

ANEXO A ó Carta de anuência



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE DOUTORADO

PROIDOSO
PROTECTORIA IDOSO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

PROGRAMA DO IDOSO

CARTA DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins, que concordamos em receber a doutoranda Ana Elisabeth Souza da Rocha Carvalho, do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPE, facultando-lhes o uso das instalações da Universidade Aberta à Terceira Idade – UnATI/UFPE, Programa de Educação Permanente para Idosos, a qual sob a orientação da Prof. Dr. José Luis Simões, desenvolverá o projeto de pesquisa intitulado “Educação e Envelhecimento”.

Esta autorização está condicionada ao cumprimento do pesquisador aos requisitos da Resolução 466/12 e suas complementares, comprometendo-se a mesma a utilizar os dados pessoais dos sujeitos da pesquisa, exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.

Antes de iniciar a coleta de dados, a pesquisadora deverá apresentar a esta instituição o Parecer Consubstanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, credenciado ao Sistema CEP/CONEP e agendar previamente junto à secretaria da UnATI/UFPE, o período para coleta dos dados, respeitando-se a conveniência dos alunos regularmente inscritos nos idosos.

Recife, em 28/07/2014


Profª Ana Paula de Oliveira Marques
Coordenadora do PROIDOSO

ANEXO B 6 Fontes iconográficas (álbum de fotos antigas)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

PRIMEIRA COMUNHÃO



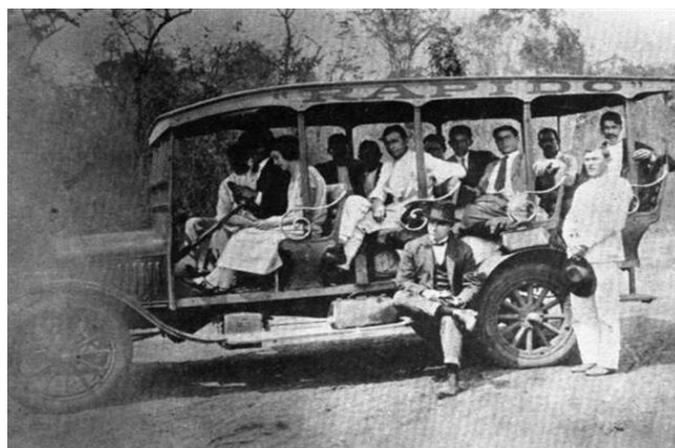
CASAMENTO



ROUPA SOCIAL



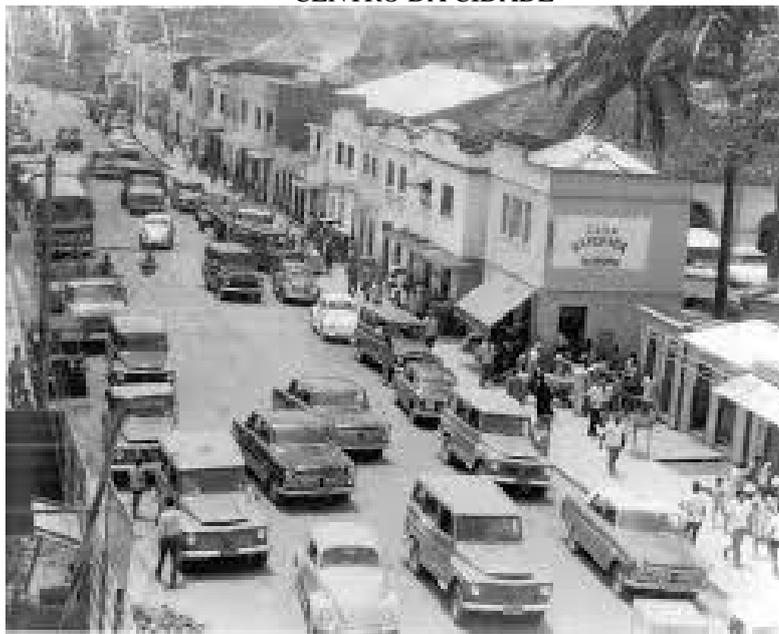
FAMÍLIA



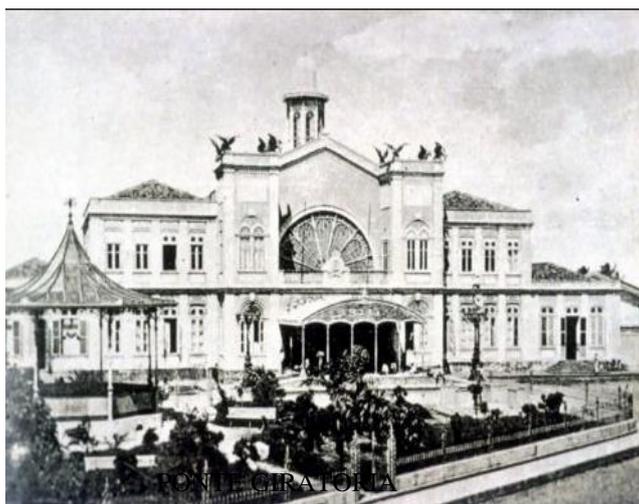
FAMÍLIA



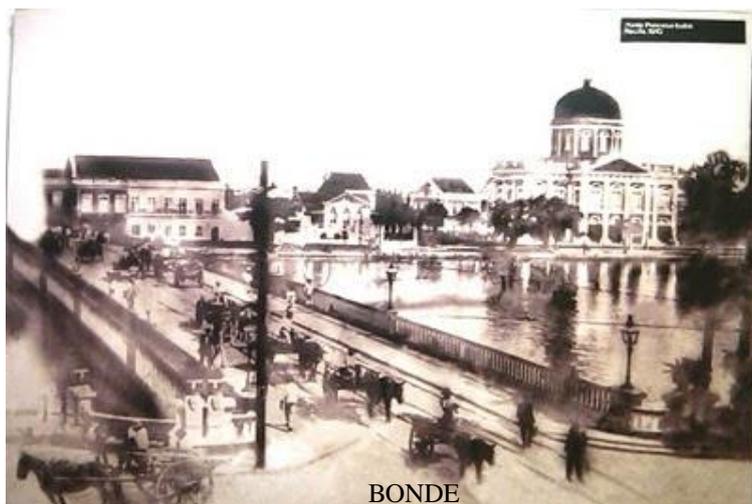
CENTRO DA CIDADE



ESTAÇÃO FERROVIÁRIA



PONTE PRINCESA ISABEL E ASSEMBLEIA LEGISLATIVA



BONDE



Carlheinz Hähmann

ÔNIBUS



CORSO NO CARNAVAL



CORETO



CAMINHONETE



VENDEDOR DE FRUTAS NA RUA DA AURORA



CASTELINHO BOA VIAGEM



CASA NAVIO



PRAIA DE BOA VIAGEM



MAIÔS ANTIGOS E PRAIA DE BOA VIAGEM



AEROPORTO DOS GUARARAPES



ZEPELIM



PONTE DA BOA VISTA - DÉCADA DE 30



PONTE VELHA



CASA DE DETENÇÃO



MARCO ZERO



SALAS DE AULA



RECORDAÇÃO ESCOLAR



CARTILHA DO ABC



FARDAMENTO INFANTIL



FARDAMENTO ESCOLAR



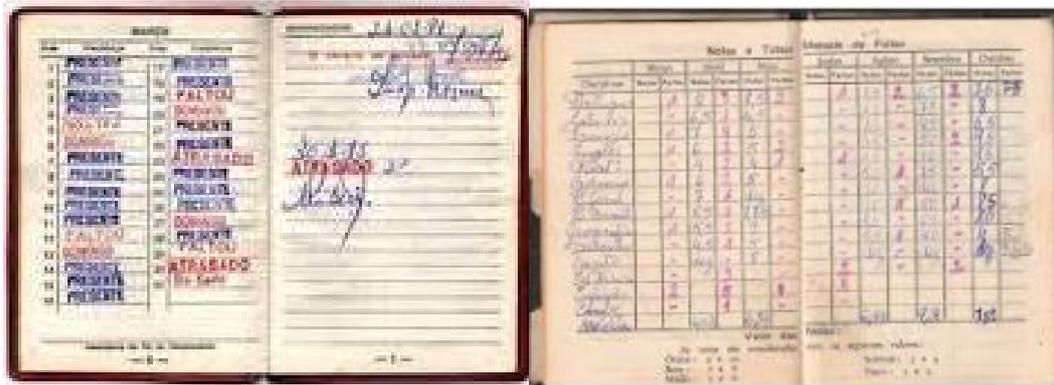
FARDAMENTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA



MATERIAL ESCOLAR



Caderneta de notas e frequência



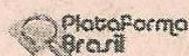
TELEFONE, MAQUINA DE CONSTURA, BONECAS, MOVEIS.



**ANEXO C 6 Encaminhamento do projeto da pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa
envolvendo Seres Humanos (CEP)**

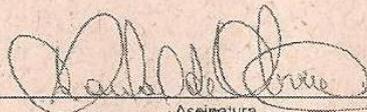


**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE DOUTORADO**



MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP

FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: EDUCAÇÃO PARA O ENVELHECIMENTO		2. Número de Participantes da Pesquisa: 15	
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 4. Ciências da Saúde, Grande Área 7. Ciências Humanas			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: ANA ELISABETH SOUZA DA ROCHA CARVALHO			
6. CPF: 091.832.484-04		7. Endereço (Rua, n.º): AV. BOA VIAGEM 3500 BOA VIAGEM APT 202 RECIFE PERNAMBUCO 51020001	
8. Nacionalidade: BRASILEIRO		9. Telefone: (81) 9954-9999	10. Outro Telefone:
		11. Email: anaelisabethsrc@hotmail.com	
12. Cargo:			
Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.			
Data: <u>11 / 08 / 2014</u>		 Assinatura	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
13. Nome: Universidade Federal de Pernambuco - UFPE		14. CNPJ: 24.134.488/0001-08	15. Unidade/Orgão: Centro de Educação
16. Telefone: (81) 2126-8588		17. Outro Telefone:	
Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.			
Responsável: <u>RAMON DE OLIVEIRA</u>		CPF: <u>184094724-99</u>	
Cargo/Função: <u>COORDENADOR</u>			
Data: <u>11 / 08 / 2015</u>		 Assinatura Ramon de Oliveira Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação SIAPÉ 2133751	
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica.			

ANEXO D ó Aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa de Humanos
(Plataforma Brasil) ó CAAE-34765514800005208



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

1/9/2014

Plataforma Brasil

Saúde
Ministério da Saúde

principal
 central de suporte
 sair

Plataforma
Brasil

ANA ELISABETH SOUZA DA ROCHA CARVALHO Pesquisador | V2.21
 Sua sessão expira em: 39min 33

Público
Pesquisador
Alterar Meus Dados

Cadastros Você está em: Pesquisador > Gerir Pesquisa

Operação realizada com sucesso.

GERIR PESQUISA

Para cadastrar um novo projeto, clique aqui: [Nova Submissão](#) Para cadastrar projetos aprovados anteriores à Plataforma Brasil, clique aqui: [Projeto anterior](#)

Projetos de Pesquisa:

Título da Pesquisa: Número CAAE:

Pesquisador Responsável: Última Modificação: Tipo de Submissão: Selecione ▾

Palavra-chave:

Situação da Pesquisa

<input checked="" type="checkbox"/> Marcar Todas	<input checked="" type="checkbox"/> Não Aprovado na CONEP	<input checked="" type="checkbox"/> Recurso Não Aprovado no CEP
<input checked="" type="checkbox"/> Aguardando para Tramitar	<input checked="" type="checkbox"/> Não Aprovado no CEP	<input checked="" type="checkbox"/> Recurso Submetido ao CEP
<input checked="" type="checkbox"/> Aprovado	<input checked="" type="checkbox"/> Pendência Documental Emitida pela CONEP	<input checked="" type="checkbox"/> Recurso Submetido à CONEP
<input checked="" type="checkbox"/> Em Apreciação Ética	<input checked="" type="checkbox"/> Pendência Documental Emitida pelo CEP	<input checked="" type="checkbox"/> Retirado
<input checked="" type="checkbox"/> Em Edição	<input checked="" type="checkbox"/> Pendência Emitida pela CONEP	<input checked="" type="checkbox"/> Retirado pelo Centro Coordenador
<input checked="" type="checkbox"/> Em Recepção e Validação Documental	<input checked="" type="checkbox"/> Pendência Emitida pelo CEP	
<input checked="" type="checkbox"/> Não Aprovado - Não Cabe Recurso		

Buscar Projeto de Pesquisa
Limpar

Projeto de Pesquisa:

Tipo	Número CAAE	Título da Pesquisa	Pesquisador Responsável	Versão	Última Modificação	Situação	Gestão da Pesquisa
P	34765514.8.0000.5208	EDUCAÇÃO PARA O ENVELHECIMENTO	ANA ELISABETH SOUZA DA ROCHA CARVALHO	1	03/09/2014	Aprovado	

Este sistema foi desenvolvido para os navegadores Internet Explorer (versão 7 ou superior),
 ou Mozilla Firefox (versão 9 ou superior).